



Fundamentos da nossa Fé

Expediente

“Fundamentos da nossa Fé”,

Primeira Edição // 2013

Publicação da
Convenção Batista Mineira

Presidente da Convenção
Pr. Aloizio Penido Bertho

Coordenadora do comitê do programa
para o Crescimento Cristão
Tania Oliveira de Araujo

Diretoria da Convenção Batista Mineira

Pr. Aloizio Penido Bertho (presidente), Pr. Marcelo Petrucci da Silva (1º vice-presidente), Pr. Tarcisio F. Guimarães (2º vice-presidente), Irmã Rosimeire Santos Rosa (3º vice-presidente), Pr. Cioli F. Rodrigues (1º secretária), Ir. André Luiz da Silva (2º Secretário) Pr. Jaelson de Oliveira Gomes (3º secretário).

Projeto Gráfico & Editoração Eletrônica
Programação Visual do Colégio Batista Mineiro

Tiragem - 10 mil exemplares

Endereço:

Rua Plombagina, 250 - Floresta
31110-090 - Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 3429-2000

E-mail: cbm@batistas-mg.org.br

Site: www.batistas-mg.org.br

Índice

Prefácio	05
Palavra da Coordenadora do Comitê do Programa Para o Crescimento Cristão	06
Lição 01 – Argumentos em Prol da Existência de Deus.....	07
Lição 02 – A Autoridade das Escrituras	10
Lição 03 – Os Atributos de Deus (1).....	13
Lição 04 – Os Atributos de Deus (2).....	16
Lição 05 – A Pessoa de Jesus Cristo	19
Lição 06 – A Obra de Jesus Cristo	22
Lição 07 – A Pessoa do Espírito Santo	25
Lição 08 – A Obra do Espírito Santo.....	28
Lição 09 – Criação do Universo e do Homem.....	31
Lição 10 – A Queda e a Depravação do Homem	34
Lição 11 – O Perdão de Pecados no Antigo Testamento e Salvação no Novo Testamento.....	37
Lição 12 – A Salvação – Bênçãos Advindas	40
Lição 13 – A Salvação – Preservação dos Santos.....	44
Lição 14 – Revisão	47
Lição 15 – A Natureza e Governo da Igreja.....	48
Lição 16 – As Ordenanças – Batismo e Ceia	53
Lição 17 – A Disciplina na Igreja.....	57
Lição 18 – Devocional – Leitura da Bíblia	61
Lição 19 – Devocional - Oração	65
Lição 20 – Testemunhas de Jeová	69
Lição 21 – Congregação Cristã no Brasil	73
Lição 22 – Os Adventistas do Sétimo Dia.....	76
Lição 23 – Neopentecostalismo	80
Lição 24 – O Catolicismo Romano.....	84
Lição 25 – Seitas Orientais – Hare Krishna.....	87
Lição 26 - Seitas Orientais – Seicho-No-Iê	90
Lição 27 – Revisão	93
Lição 28 – Doutrina dos Anjos I.....	95
Lição 29 – Doutrina dos Anjos II.....	99
Lição 30 – Doutrina dos Anjos III.....	103
Lição 31 – Escatologia – O Arrebatamento da Igreja.....	107
Lição 32 – Escatologia – A Grande Tribulação (Parte 1).....	111
Lição 33 – Escatologia – A Grande Tribulação (Parte 2).....	115
Lição 34 – Escatologia – O Milênio	119
Lição 35 – Escatologia – O Juízo Final e a Eternidade.....	123
Lição 36 – Síntese do Antigo Testamento I – Divisões Históricas e Temáticas dos Livros	125
Lição 37 – Síntese do Antigo Testamento II – O Pentateuco	131
Lição 38 – Síntese do Antigo Testamento III – Os Livros Históricos – (Parte 1).....	134
Lição 39 – Síntese do Antigo Testamento IV – Os Livros Históricos – (Parte 2)	138
Lição 40 – Revisão	142
Lição 41 – Os Livros Poéticos I.....	144
Lição 42 – Os Livros Poéticos II.....	147
Lição 43 – Os Profetas Menores I.....	150
Lição 44 – Os Profetas Menores II.....	154
Lição 45 – Os Profetas Menores III.....	158
Lição 46 – Os Evangelhos.....	161
Lição 47 – Atos dos Apóstolos.....	165
Lição 48 – Cartas Paulinas I	169
Lição 49 – Cartas Paulinas II.....	173
Lição 50 – As Epístolas Gerais	178
Lição 51 – O Livro de Apocalipse	182
Lição 52 – Revisão	188
Bibliografia Básica	191

“As palavras do Senhor são palavras puras, como prata refinada em formalha de barro, purificada sete vezes” (Salmos 12:6)

Prefácio

É com imensa alegria que a Convenção Batista Mineira coloca nas mãos das igrejas batistas do Estado de Minas Gerais este material de tão elevado nível e inestimável valor para ser estudado nas diversas escolas bíblicas durante todo o ano de 2014. Há muito necessitávamos de um material de qualidade que unificasse a compreensão dos ensinamentos bíblicos e que chegasse às igrejas com baixíssimo custo.

“Fundamentos da Fé” é uma revista para adolescentes, jovens e adultos que expõe uma completa revisão da doutrina Bíblica e Batista. Ao final dos 52 encontros que nos aguardam, esperamos alcançar maior maturidade espiritual e maior compromisso com o Autor da bendita Palavra.

Queremos oferecer a todos um estudo profundo, compreensível e fiel à Revelação que o Deus eterno faz de si mesmo nos livros Sagrados.

O autor deste estudo é o Pr. Siderval Vale Miranda, um servo do Senhor muito bem formado para o ensino bíblico, que gentilmente cedeu-nos o seu trabalho. Ele foi ovelha do Pr. Tarcísio Farias Guimarães (hoje Pastor titular da PIB Divinópolis) quando pastoreou a Igreja Batista Nova Alvorada, em Feira de Santana, Bahia. Naquela Igreja, esses estudos proporcionaram um crescimento exponencial da EBD, assim como maior maturidade no seio da Igreja.

Para obtermos sucesso nessa empreitada, precisaremos do envolvimento de todos, nos estudos regulares da Bíblia e na frequência às aulas das classes. Deveremos orar ao Senhor para que Ele mesmo capacite os professores e desperte o seu povo a querer conhecer mais da Bíblia.

Certamente, pela iluminação do Espírito Santo enquanto meditamos na Palavra de Deus, reafirmaremos os fundamentos da nossa fé, glorificando o Autor da Palavra e preservando a Igreja de Cristo dos falsos ensinamentos popularizados em nossos dias, principalmente pelos meios de comunicação de massa.

Boa leitura e feliz 2014!

Convenção Batista Mineira
Presidente Pastor Aloizio Penido

Prezados Pastores, Líderes, Educadores Cristãos, Professores e alunos,

E estudar as verdades bíblicas diante da história e da ciência é comprovar a Autoridade de Deus mediante a sua Palavra.

A revista Fundamentos visa resgatar de forma ampla nossa visão denominacional, propondo assim uma interação dos membros das Igrejas Batistas com os princípios aos quais professamos.

Com o propósito crescente de uma maior interação com as igrejas a convenção Batista Mineira propõe este material que levará o aluno a refletir sobre os fundamentos Bíblicos de nossa denominação, implementando nossa proposta educacional.

Mas, para que o trabalho educacional obtenha o êxito que se espera é necessário ter em mãos um bom conteúdo, mas também que se tenha alvos pré-estabelecidos afim de que a lição compartilhada ultrapasse a barreira do conhecimento e se transforme em pratica no viver diário do aluno, levando-o a reflexão acerca de ações que não condizem com os ensinios bíblicos.

O conhecimento precisa deixar de ser apenas acadêmico e passar a ação transformadora. Para tanto é muito importante que os professores tenham sempre em mente:

1º = que ele é um **aprendesinante*** e assim deve-se interagir com o conhecimento.

2º = que o aluno é um ser integral e que deve ser avaliado quanto às áreas: cognitiva / inteligência; social/ comunhão; emocional/sentimento; pragmático/ fazer e espiritual/ ser

3º = que importante é o que e como o aluno aprende e pratica;

4º = que aprendemos: 1,0% pelo paladar – 1,5 % tato – 3,5% olfato – 11% audição; 83% visão (A Pirâmide da aprendizagem

gem elaborada em 1946 pelo prof. Edgar Dale)

5º = que retemos: 10% do que lemos; 20% do que escutamos; 30% do que vemos; 50% do que vemos e ouvimos; 60% do ouvimos e discutimos; 70% do que vemos, ouvimos e discutimos; 90% do que vemos. Ouvimos . discutimos e fazemos. (Singhal, A.C, Bellamy, L. and McNeill, B. (1997) e Surgenor, B. and Firth, K. (2006) citam a "Pirâmide da Aprendizagem")

Portanto professores e líderes, busque a cada caminhada agir a semelhança do Mestre Jesus, partindo das coisas simples e corriqueiras da vida de seus alunos e/ou liderados, implementando ações grandiosas para se chegar a efetivação do conhecimento. Utilizem de técnicas diversas, locais variados, mudanças na forma de apresentação dos conteúdos, do espaço e das avaliações constantes.

A capacitação deve fazer parte da vida educacional do educador. Reserve tempo para a leitura da bíblia e de bons livros, grupos de estudos, participação em mini cursos e oficinas. O sucesso de sua aula se dará a medida que você experimentar as técnicas existentes aliadas a momentos de relacionamentos e trocas de experiências. Faça da sua aula um marco semanal onde o aluno se sentirá como parte do grupo, escritor de sua própria história e sujeito capaz nas mãos de Deus para realização da obra, promovendo mudança por onde passar devido o caráter de Cristo expresso em suas ações.

Tania Oliveira de Araujo

Coordenadora do comitê do programa para o Crescimento Cristão

* **Significa** levar em conta as questões internas e externas da vida do educando, permitindo-me assim tornar-me um ser "**aprendesinante**" (Fernández, Alicia - 2001).

Argumentos em Prol da Existência de Deus

Lição

01

Leituras Diárias:

Segunda – Salmos 19:1-6
Terça – Salmos 148:1-14
Quarta – Salmos 96:1-13
Quinta – Romanos 1:18-23
Sexta – Romanos 1:24-32
Sábado – Atos 14:8-18
Domingo – Salmos 14:1 e 53:1

I. A Grande Pergunta

Deus Existe?

Diante desta questão tão importante podemos responder de três maneiras:

1ª - Sim, Deus existe.

2ª - Não é possível saber se Deus Existe.

3ª - Não, Deus não existe.

Cada uma destas respostas revela uma posição decorrente da forma de encarar a questão: a primeira resposta apresentada pertence ao Teísmo e as demais, sucessivamente, ao Agnosticismo e ao Ateísmo.

Teísmo é a crença na existência de Deus.

Agnosticismo – defende que não há base suficiente para apoiarmos ou negarmos a crença na existência de Deus.

Ateísmo – pela própria formação da palavra (a = não), é a negativa do Teísmo, ou seja, afirma que Deus não existe.

II. Cristianismo – Sistema Teísta

“Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis” (Rm. 1:20)

Diante do texto lido vemos, obviamente, que o Cristianismo é um sistema Teísta. E nós, como cristãos, somos teístas, cremos absolutamente na existência de Deus.

Porém, os sistemas ateísta e agnóstico têm afetado o pensamento dos nossos contemporâneos e até mesmo têm influenciado alguns cristãos nominais(1).

Entretanto, optar por qualquer outro sistema a não ser o Teísmo Cristão é uma opção infeliz e irracional.

Não é preciso nem abrir a Bíblia para comprovar a existência de Deus. Há uma série de argumentos que aprovam o Teísmo, os quais são úteis para mostrar que não há contradição entre fé e razão, bem como servem de valiosas armas para a confrontação de idéias ateístas ou agnósticas.

III. Argumentos Racionais da Existência de Deus

Um argumento é uma prova, é um raciocínio proposto para a demonstração de uma idéia.

Muitos são os argumentos que comprovam a existência de Deus. Aprendamos os principais:

A. Argumento da Existência do Universo(2)

“Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se suas vozes, em toda a extensão da terra, e as suas palavras até ao fim do mundo. Neles põs uma tenda para o sol...” (Salmos 19:1-4)

O salmista, ao contemplar a criação (céus, terra, sol, etc), conclui que o Universo é um efeito e, sendo um efeito, possui uma causa.

Sobre este pensamento o argumento em questão está firmado; podemos exemplificar tal frase pensando na seguinte situação:

Você observa uma bola de futebol rolando no gramado de um campo. Com toda certeza pode afirmar que alguém ou alguma coisa exerceu uma força na bola e a colocou em movimento. A bola que está em movimento pode ser denominada *efeito* e a força exercida sobre a bola podemos chamar de *causa*.

Este raciocínio pode ser aplicado a toda criação: um relógio tem uma causa: o relojoeiro. Um móvel tem uma causa: o carpinteiro. Uma construção tem uma causa: o pedreiro.

E o Universo tem uma causa?

O Universo é marcado pela suntuosidade e pela infinitude. E o Universo, como tudo que há, tem uma causa. Assim sendo, qual seria a causa da existência do Universo? Um ser ilimitado em poder e sabedoria – este Universo, como tudo que nele há denuncia uma causa: **Deus**.

B. Argumento da Organização do Universo(3)

“E estava assentado em Listra certo varão leso dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, o qual nunca tinha andado. Este ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos, e vendo que tinha fé para ser curado, disse em alta voz: Levanta-te direito sobre os pés. E ele saltou e andou. E as multidões levantaram sua voz dizendo: `Fizeram-se os deuses semelhante a homens e desceram até nós...’ Ouvindo isto os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgaram os seus vestidos, e saltaram para o meio da multidão clamando: Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo, que fez o céu e a terra e o mar e tudo quanto há neles; o qual nos

tempos passados deixou andar todas as gentes em seus próprios caminhos. E, contudo, não se deixou a si mesmo sem testemunho, beneficiando-vos lá do céu, dando-vos chuvas e tempos frutíferos, enchendo de mantimento e de alegria os vossos corações” (Atos 14:8-11, 14-17)

Quando passamos a estudar as relações entre aquilo que compõe o Universo, bem como a perfeição que acompanha cada detalhe do mesmo, concluímos que tudo quando existe teve como Criador um Ser que, além de poderosíssimo (como mostrou o Argumento da Existência do Universo), é também um ser racional e inteligente – Deus é o grande arquiteto do Universo.

Podemos perceber esta organização e propósito no Universo com os seguintes exemplos:

- Afirmamos que Deus existe e que Ele é um ser inteligente, observando o movimento dos planetas em torno do Sol – este roteiro, denominado Órbita, é caracterizado pela regularidade e pela perfeição, o que impede que os mesmos venham a se chocar.

- Percebemos esta organização e propósito no Universo com os seguintes exemplos: a chuva rega a terra e fertiliza o solo, o qual, possuindo nutrientes, tendo a cooperação dos raios solares, permite a germinação da semente e o crescimento da planta que alimentará os animais e o homem.

Apenas um Ser inteligente e racional poderia criar um Universo que funciona perfeitamente e onde encontramos propósito para a existência de tudo quanto existe. O Universo é um grande relógio que funciona com uma precisão exata. O relojoeiro? Deus.

C. Argumento da Natureza Humana(4)

O salmista afirma: *“O que fez o ouvido, acaso não ouvirá? O que formou os*

olhos, será que não enxergará?” (Sl. 94:9). O que o escritor bíblico nos leva a pensar é que as características do efeito são próprias da causa. E o homem, como criatura, demonstra como é o seu Criador.

O que distingue o homem do restante da criação é que ele é racional, emocional e moral.

O homem é designado pela biologia como *animal racional* e pela arqueologia de *homo sapiens* (homem que pensa) – ele é capaz de arquitetar, considerar e planejar, enquanto os animais têm no máximo o instinto que os leva a agir desta ou daquela forma. Tal característica do homem aponta para quem o criou: Deus.

O homem é um ser emocional – ele pode, por exemplo, amar, escolher, e entristecer-se. As virtudes presentes no homem indicam que o Criador ama, decide e pode entristecer-se. O Criador tem emoções – é um ser pessoal.

O homem tem uma consciência que diz: “*farás*”, ou “*não farás*”; “*devo*”, ou “*não devo*”. Este mecanismo foi inculcado por um Ser moral que tem noção daquilo que é correto e incorreto: Deus – “*Porque quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são leis; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os*” (Rm. 2:14,15).

Estes últimos argumentos não só provam a existência de Deus, mas mostram algumas características típicas da natureza divina.

IV. Conclusão

O *Argumento da Existência do Universo* aponta para a existência de um Deus poderosíssimo.

O *Argumento da Organização do Universo* aponta para a existência de um Deus inteligente e racional.

O *Argumento da Natureza Humana* mostra que este Deus Criador é pessoal: tem sentimentos, vontade e moralidade.

Diante de tudo isto só podemos concordar com o salmista que duas vezes afirmou: “*Diz o insensato no seu coração: Não há Deus*” (Sl. 14:1 e 53:1).

Notas e Referências:

(1) *Indivíduos que se consideram cristãos, mas não tem um compromisso autêntico com Cristo e a Palavra de Deus.*

(2) *Chamado tecnicamente de Argumento Cosmológico: “Cosmos” = mundo.*

(3) *Tecnicamente chamado de Argumento Teleológico: “Telos” = propósito.*

(4) *Tecnicamente chamado de Argumento Antropológico: “Antropos” = homem.*

Avaliação:

Faça a devida correção:

- (1) Argumento da Existência do Universo (Argumento Cosmológico)
 - (2) Argumento da Organização do Universo (Argumento Teleológico)
 - (3) Argumento da Natureza Humana (Argumento Antropológico)
 - (4) Ateísmo
 - (5) Agnosticismo
 - (6) Teísmo
-
- () Crença na incapacidade de sabermos se Deus existe ou não.
 - () Raciocínio que nos permite identificar Deus como um Ser que tem vontade e emoções.
 - () Ligado ao infinito poder de Deus.
 - () Deus existe.
 - () A ordem do Universo, por exemplo, as estações do ano, leva-nos a crer na existência de um Deus inteligente e racional.
 - () Crença típica do insensato segundo o Salmo 14:1.

A Autoridade das Escrituras

Lição

02

Leituras Diárias:

Segunda – Sl. 119:1-24

Terça – Sl. 119:25-48

Quarta – Sl. 119:49-72

Quinta – Sl. 119:73-96

Sexta – Sl. 119:97-120

Sábado – Sl. 119:121-144

Domingo – Sl. 119:145-176

I. Bíblia – A Melhor Revelação

Quando estudamos na lição anterior argumentos que comprovam a existência de Deus, percebemos que este poderosíssimo Ser sempre se relacionou com a criatura humana.

Através da natureza, Deus chama a atenção do homem para alguns dos seus estupendos atributos – Poder (Sl. 19:1), criatividade (Sl. 104:24), majestade (Sl. 29:4), etc.

No entanto, a Revelação de Deus através da natureza não esclarece para o indivíduo a redenção programada pelo próprio Deus para a espécie humana e nem tampouco os Seus elevados e santos propósitos.

Através da consciência, todos os homens têm uma noção do que é certo e errado (Rm. 2:14-16) – tal capacidade foi depositada na mente humana pelo próprio Deus – desta forma, sabemos que Deus é um Ser moral. Mas tal Revelação também é insuficiente, não só pelas mesmas deficiências da revelação através da Natureza, mas também porque o próprio homem natural (aquele que “*não nasceu de novo*”) é desprovido de entendimento e percepção espirituais, o que o conduz para a elaboração de normas de comportamento contrárias ao caráter de Deus, como é o caso de

algumas sociedades que vêm com muita naturalidade a poligamia, quando o padrão divino sempre foi a monogamia (Gn. 1:18-25).

II. As Escrituras – Doadas por Deus

A palavra *Bíblia* origina-se dum vocábulo grego que significa *livros* e refere-se ao conjunto de livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento.

Há três palavras básicas que são empregadas sempre que falamos da Bíblia: **Inspirada, Inerrante e Infalível.**

Vejamos cada uma delas detalhadamente:

A. A Bíblia é Inspirada por Deus

A frase *inspirada por Deus* é presente em II Tm. 3:16 e poderia ser também traduzida por *soprada por Deus* e indica que as Escrituras não são obra humana, pelo contrário, foram elaboradas sob a supervisão do Espírito Santo. Daí podemos dizer que as Escrituras Sagradas são de autoria divina e não meramente humana – pois as palavras contidas nelas apesar de serem escritas por homens e trazendo as marcas da autoria humana, foram escritas sob influência do Espírito Santo, sendo, por isso, as palavras de Deus, a expressão

adequada e infalível de sua vontade para conosco(1).

Existe uma série de opiniões errôneas acerca da inspiração, que devemos conhecer e repudiar:

1. Inspiração Extática – Afirma que os autores bíblicos entravam em transe quando escreviam as Escrituras – algo semelhante pelo que passam os médiuns no Espiritismo. Mas I Coríntios 1:14-16 demonstra que os autores participaram pessoal e ativamente na confecção da Escritura.

2. Inspiração Mecânica – Afirma serem os autores bíblicos meros secretários do Espírito Santo, não tendo eles uma participação ativa na confecção das Escrituras. Mas quando atentamos para os escritos de autores diferentes, percebemos a personalidade diversa dos mesmos: observe o tom formal de Pedro (I Pe. 1:1) e a amabilidade de João (III Jo. 1).

3. Inspiração Parcial – Defende que apenas partes das Escrituras têm origem divina. Porém, II Tm. 3:16 salienta que **Toda Escritura** foi inspirada por Deus.

Se tais colocações quanto à inspiração não são as melhores, como definiríamos a correta? O melhor termo parece ser **Inspiração Supervisionada**, ou seja, o Espírito Santo supervisionou a seleção dos materiais a serem empregadas pelos escritores; logo, Ele preservou os autores de todos os erros e omissões(2). Leia atentamente esta passagem:

“Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (II Pe. 1:20-21).

B. A Bíblia é Inerrante

Quando nos referimos à inerrância das Escrituras, queremos dizer que elas foram preservadas de qualquer erro. Naquilo que se refere à salvação, à história ou qualquer outro tema, a Bíblia não contém erros.

Podemos averiguar esta inerrância nos textos do Antigo Testamento e do Novo Testamento:

1. Provas da Inerrância do Antigo Testamento

a. Cristo aceitou integralmente o Antigo Testamento – Muitas vezes Cristo fez referência aos escritos da *Antiga Aliança* e endossou favoravelmente tudo quanto eles afirmavam, seja com relação à doutrina ou com relação a fatos históricos. Por exemplo: A criação do homem por Deus (Mateus 19:4,5), a destruição do mundo por um dilúvio (Lc. 17:26,27), a revelação de Deus a Moisés na sarça (Mc. 12:26), Jonas no ventre do grande peixe (Mt. 12:39,40), etc.

b. A Arqueologia e a História concordam com o Antigo Testamento – À medida que os estudos históricos e arqueológicos progredem, mais os fatos bíblicos são comprovados. Por exemplo, atualmente já existem confirmações de que Belsazar (Daniel 5:1) e Dario, o Medo (Daniel 6:1), foram personagens reais.

Lendo Gênesis 14, nós encontramos o relato da *“batalha dos reis”* – tal fato foi comprovado pela Arqueologia, quando inscrições encontradas no Vale do Eufrates mostraram que realmente a batalha aconteceu e um dos reis ali narrados, Anrafel, é identificado como Hamurabi, personagem conhecido pelos estudantes de História(3).

2. Provas da Inerrância do Novo Testamento

a. Os Escritos são harmoniosos – Não há contradições no que é exposto pelos autores bíblicos. Os Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), por exemplo, são suplementares um ao outro. Podemos citar como outro exemplo de harmonia a doutrina da divindade de Cristo – testemunhada desde os Evangelhos até Apocalipse (ver Mateus 16:16, João 1:1,2, Colossenses 2:9, Hebreus 1:3, Apocalipse 19:6).

b. Os Escritos estão em harmonia com a História – Os fatos narrados nos escritos neo-testamentáticos estão em harmonia com os relatos históricos de documentos daquela época. Por exemplo, o recenseamento quando Quirino era governador da Síria (Lucas 2:2) e os atos de Herodes, o Grande (Mt. 2:16-18), têm apoio histórico(4).

C. A Bíblia é Infalível

Tal afirmação tem a ver mais com os resultados da Escritura que quanto ao seu conteúdo. Quanto ao seu conteúdo, as Escrituras são inerrantes; quanto aos resultados, são infalíveis.

E quando afirmamos serem as Escrituras infalíveis, dizemos com isso que elas não conduzem os homens ao erro. Por exemplo, se a Bíblia diz que o homem é salvo pela fé e este homem deposita sua fé em Cristo, verdadeiramente ele é salvo. Não há falha quanto aos resultados de sua salvação graças à infalibilidade das Escrituras.

III. Conclusão

É importante definirmos em algumas expressões básicas o conteúdo principal desta lição:

1. A Bíblia é a proposta divina para a necessidade que o homem tem de uma revelação direta e que trata de suas dúvidas e problemas individuais.

2. Há uma declaração essencial com a qual todos os cristãos devem concordar: **A Bíblia, tanto o Antigo Testamento, como o Novo Testamento, foi inspirada por Deus e por isso é inerrante e infalível.**

a. Inspirada – refere-se ao fato de o Espírito Santo ter supervisionado a seleção dos materiais e das palavras utilizadas pelos autores bíblicos.

b. Inerrância – refere-se ao fato de não ser encontrado na Bíblia um erro, seja de qual natureza for.

c. Infalibilidade – refere-se ao fato de a Bíblia levar o homem a realizar o correto em todos os aspectos da vida, tendo os resultados por ela previstos.

Notas e Referências:

- (1)Bancroft, *Teologia Elementar*, p.9
- (2)Thiessen, *Palestras em Teologia Sistemática*, p. tt.
- (3)Idem, p. 60
- (4)Idem p. 62.

Avaliação

1. Por que o homem não pode estar satisfeito com a revelação trazida pela natureza e pela sua própria consciência?

2. Qual dos termos abaixo melhor define a Inspiração das Escrituras? Por quê?

- () Inspiração Mecânica
- () Inspiração Parcial
- () Inspiração Supervisionada
- () Inspiração Extática

3. Complete:

A INERRÂNCIA refere-se ao _____ das Escrituras, enquanto a INFALIBILIDADE refere-se aos seus _____.

Os Atributos de Deus (1)

Lição

03

Leituras Diárias:

Segunda – Deuteronômio 6:1-9

Terça – Salmos 139:1-12

Quarta – Salmos 139: 13-24

Quinta – Salmos 102:24-27

Sexta – I Samuel 2:6-8

Sábado – Êxodo 3:11-15

Domingo – Salmos 93:1-5

I. Introdução

Todas as substâncias, coisas ou pessoas, possuem uma série de características. Por exemplo, caso fôssemos citar as características próprias do algodão, poderíamos assim relatar: O algodão é uma substância de cor branca, bastante macio, com baixa densidade, inflamável e que pode facilmente ser dividido.

Também Deus possui características próprias dele, as quais denominamos de *atributos divinos*. Podemos, então, definir atributos divinos como sendo aquilo que Deus tem revelado como sendo verdadeiro a seu próprio respeito.

A palavra atributos, utilizada no plural, é um pouco infeliz, pois, pode indicar que a personalidade divina pode ser dividida ou que um atributo é interrompido para que outro seja exercido. Mas, na verdade, é incorreto pensarmos que Deus é uma parte amor e outra justiça, ou que a bondade de Deus é interrompida para que o juízo seja exercido.

Poderíamos então dizer que os chamados "*atributos divinos*" são, na rea-

lidade, um só atributo, indivisível e único. Mas, ainda utilizamos o termo *atributos* por uma questão de compreensão.

II. Dois Tipos de Atributos – Comunicáveis e Incomunicáveis

Há várias maneiras de classificar os atributos divinos. A melhor forma que encontramos é quanto à comunicabilidade destes atributos. Ou seja, há atributos que são incomunicáveis e por isso são exclusivos de Deus, como é o caso da auto-existência, da infinitude, da imutabilidade, etc. Há os atributos comunicáveis, que são encontrados em certo nível nas criaturas inteligentes (homem e anjos) – sabedoria, amor, etc.

Vejamos primeiramente os atributos incomunicáveis e, na próxima lição, os comunicáveis.

III. Os Atributos Incomunicáveis

A. A Unidade Divina

"Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Dt. 6:4)

Contrário à proposta das demais religiões orientais, o Judaísmo renega o politeísmo (crença na existência de muitos deuses) e adverte que há apenas um Deus (monoteísmo): *“Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Deus”* (Dt. 6:4).

Obviamente que este conceito monoteísta foi trazido para o Cristianismo e encontramos provas disto nas palavras do Apóstolo Paulo: *“Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos”* (I Co. 8:6).

É importante saber que o Antigo Testamento na língua original, hebraico, traz nomes plurais para indicar a Deidade, como é o caso da palavra *ELOHIM*, encontrada duas mil e quinhentas vezes no Antigo Testamento e traduzida comumente por Deus (ver Gênesis 1:1), mas pode também ser traduzida por *deuses*. O propósito desta palavra no plural é indicar a magnitude e a grandiosidade divinas e não, obviamente, ensinar que há mais de um Deus.

B. A Infinitude Divina

A infinitude divina está relacionada com todos os demais atributos, pois, estes são todos em grau infinito ou sem fim.

Podemos entender melhor este atributo quando comparamos o homem com Deus. Por exemplo, uma pessoa pode ser muito paciente, mas sua paciência tem limites, chega certo momento em que o indivíduo não consegue conter-se e, como é dito popularmente, ele *“explode”*. O mesmo não acontece com Deus – sua paciência é infinita e pode ser demonstrada sem limites de tempo ou de situações. Prova deste caráter infinito da paciência divina vemos em Lm. 3:22: *“As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim”*.

Se formos dar uma definição de infinitude, diríamos: é a capacidade que Deus tem de estar livre de qualquer limitação.

C. A Imutabilidade Divina

“Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tg. 1:17).

Deus não sofre qualquer espécie de mudança, como Tiago nos declara. Tiago, ao utilizar duas expressões para dizer basicamente uma mesma coisa (*“sem mudança”* e *“sem sombra de variação”*), aponta para a certeza deste atributo: a imutabilidade divina.

- *Deus não muda em poder: Romanos 4:20, 21.*

- *Deus não muda em propósitos e planos: Isaías 46:10.*

- *Deus não muda em promessas: II Coríntios 1:20.*

- *Deus não muda em seus atributos: Malaquias 3:6.*

Não devemos, no entanto, confundir imutabilidade com imobilidade – como se Deus fosse uma estátua e a nada reagisse. Pelo contrário, Deus é capaz de, por exemplo, ter sentimentos: pode sentir grande empatia, como também imensa indignação.

Há, ademais, alguns textos que dão a entender estar Deus sujeito a mudanças, como é o caso de Gênesis 6:6. Há duas explicações de o porquê a Bíblia afirma que Deus *se arrependeu*:

1. Quando é dito que Deus se arrepende, o autor atribuiu a Deus uma característica humana equivalente para que pudesse retratar inteligivelmente a atitude divina.

2. O *arrepentimento divino* indica que Ele efetuou uma mudança no curso de suas ações e não que tenha cometido uma falha. Esta idéia fica clara quando em Gênesis 6:8 Deus resolve destruir aquela geração com o Dilúvio. Ou seja, Ele mudou a sua linha de ação.

D. A Auto-Existência Divina

Pensemos na seguinte situação:

A mãe prepara na cozinha o almoço e a criança desenhando na mesa começa a questioná-la:

- *Mamãe... quem fez o mundo?*

- *Deus.*

- *E quem fez Deus, mãe?*

Qual resposta você daria àquela criança?

Obviamente que ninguém criou Deus – Ele não é uma criatura, mas o Criador. Por isto falamos de auto-existência – significa dizer que Ele sempre existiu e nada foi a causa para sua existência. Aliás, Cristo afirmou que o Pai “*tem vida em si mesmo*” (Jo. 5:26).

Esta auto-existência coloca-O independente em Seu pensamento (Romanos 11:33,34), em Sua vontade (Daniel 4:35), em Seu poder (Salmos 115:3) e em Seu conselho (Salmos 33:11).

E. Onipresença, Onipotência e Onisciência Divinas

Este trio de atributos tem o prefixo “*oni*” que vem do latim e significa “*tudo*”. Assim, teríamos os seguintes significados:

- *Onipresença* – Deus está presente em todo lugar;
- *Onipotência* – Deus tem todo poder;
- *Onisciência* – Deus tem todo conhecimento ou conhece tudo.

A Onipresença encontra apoio em diversas passagens, mas a mais clara de todas é Salmos 139:7-12.

A Onipotência divina geralmente é definida como “*a capacidade de Deus poder fazer todas as coisas*”. Mas há coisas que Deus não pode fazer pois vão contra o seu próprio caráter, como, por exemplo: “*Deus não é homem, para que minta...*” (Nm. 23:19a) – Ele não pode mentir. “*Se formos infiéis, ele permanece fiel: não pode negar a si mesmo*” (II Tm. 2:13) – não pode negar a si mesmo. “*Ninguém, sendo tentado, diga: de Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta*” (Tg 1:13) – Deus a ninguém tenta, etc.

Assim, definimos Onipotência da seguinte maneira: a capacidade divina de realizar tudo que Ele decidiu fazer.

A Onisciência aponta para a capacidade divina em conhecer o passado, o presente e o futuro detalhadamente, sem quaisquer limitações de espaço. Assim, Ele sabe o que você estava fazendo neste mesmo dia há dois anos atrás. Hebreus 4:13 de-

clara: “*E não há criatura alguma encoberta diante dEle; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar*”.

IV. Conclusão

Nós somos apenas mais um indivíduo da populosa espécie humana, enquanto Deus é único.

Nós mudamos cotidianamente, enquanto Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

Nós, como criaturas, dependemos de Deus para existir. Deus é totalmente independente.

Nós somos limitados e finitos, enquanto Deus tem o atributo da infinitude.

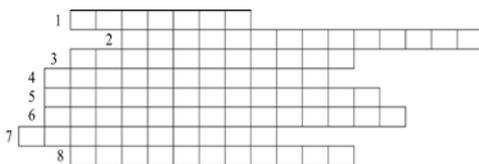
Nossa presença é limitada, nosso poder é finito, nosso conhecimento é mínimo. Deus não conhece limites, é Todo-Poderoso e conhece minuciosamente todas as coisas.

Os Atributos Incomunicáveis de Deus devem nos levar à admiração e à adoração.

Avaliação

Preencha as palavras cruzadas:

1. Atributo que está relacionado com o monoteísmo.
2. Ninguém criou Deus.
3. Deus está presente em todos os lugares.
4. Deus conhece o presente, o passado e o futuro sem limites de espaço.
5. Deus é sempre o mesmo.
6. Designação dos atributos que pertencem exclusivamente a Deus.
7. Atributo que qualifica os demais atributos.
8. Deus pode fazer tudo que decidiu fazer.



Os Atributos de Deus (2)

Leituras Diárias:

Segunda – Provérbios 8:1-12

Terça – Provérbios 8:22-36

Quarta – Romanos 8:1-4

Quinta – Salmos 11:4-7

Sexta – Romanos 3:24-26

Sábado – Hebreus 12:6

Domingo – Deuteronômio 32:9-12

I. Introdução

Enquanto os Atributos Incomunicáveis são pertencentes somente a Deus, os Atributos Comunicáveis são encontrados nas suas criaturas inteligentes, no caso, os seres angelicais e os homens. Apesar de estes atributos comunicáveis serem características compartilhadas entre o Criador e as criaturas, continua existindo um abismo entre a natureza destes atributos no divino e no humano. Por exemplo, o amor de Deus é infinito e perfeito, mas o amor do homem é finito pois ele é um ser finito e imperfeito, afinal, o homem com a “*Queda*” separou-se de Deus e teve sua personalidade deformada pelo pecado.

Mas observemos estes demais atributos de Deus no desejo de que os mesmos sejam mais e mais manifestos em nosso meio.

II. A Sabedoria de Deus

São inúmeras as passagens bíblicas que indicam ser Deus sábio. O profeta Daniel declarou entusiasticamente: “*seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque dele é a sabedoria*” (Dn. 2:20).

É importante fazermos uma diferença entre *conhecimento* e *sabedoria*. Conhecimento refere-se à capacidade de ter

informações sobre as coisas, pessoas ou sobre si mesmo – o conhecimento de Deus está ligado à Sua Onisciência. No entanto, sabedoria é a capacidade de planejar os fins perfeitos e atingir estes fins pelos melhores meios.

Vamos pensar em um exemplo para entendermos melhor o que acabamos de afirmar: Se eu sou um pintor de paredes, as informações que tenho em meu cérebro de que uma parede rugosa e esburacada não é adequada para a pintura e que uma tinta acrílica é uma boa opção para o revestimento adequado referem-se ao conhecimento. Mas o propósito de pintar porque a parede está estragada e a forma como farei referem-se à sabedoria – optar pelo fim correto da melhor maneira possível.

Deus revela sabedoria nos seus atos, os quais cooperam com um propósito final e maior: a glória do Seu nome: “*Nele, digo, no qual também fostes feitos herança, havendo sido destinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade, com o fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo*” (Ef. 1:11,12). Ver também Colossenses 1:16.

A sabedoria divina é encontrada na Criação (Sl. 19:1-7), na Providência (Rm. 8:28) e na Salvação (Ef. 3:10).

A sabedoria de Deus manifesta-se por ser Seu propósito maior em todas as coisas a glória do Seu nome e manifesta-se nos meios que Ele utilizou para tal: a Criação, a Providência, a Salvação, etc. – o melhor propósito, os melhores meios(1).

III. O Amor de Deus

I João 4:8 afirma: *“Deus é amor”* – quando observamos esta frase, percebemos a profunda ligação que há entre o Criador e o amor – entendemos que o amor não foi obtido por Deus com algum esforço, mas o amor é a estrutura do seu Ser(2).

A definição de amor e, ainda mais, amor divino, é praticamente impossível. Mas podemos compreender melhor seu significado quando observamos outros atributos divinos, os quais são manifestações ou subdivisões deste atributo maior que é o amor:

A. A Bondade Divina

Entendemos como a disposição de Deus que O move a tratar generosamente Suas criaturas. Uma outra definição ainda mais simples é: *“a bondade implica a disposição de transmitir a felicidade(3)”*.

Salmos 145:16 comprova a bondade do Senhor quando aponta para Sua atenção em suprir as necessidades de suas criaturas: *“abres a tua mão, e satisfazes os desejos de todos os viventes”*.

Somos alvo desta bondade indizível de Deus quando Ele atende nossas orações – Cristo, querendo chamar a atenção para a bondade de Deus em atender nossos pedidos, afirmou: *“Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará bens aos que Lhos pedirem?”* (Mt. 7:11).

B. A Graça de Deus

Refere-se ao amor dirigido a quem não tem direito a ele. O termo graça é utili-

zado principalmente para indicar a dívida da salvação aos homens que, como pecadores, não têm direito algum a ela: *“Pela graça sois salvos...”* (Ef. 2:8).

C. A Misericórdia de Deus

É a bondade manifestada para com aqueles que estão em miséria ou aflição. As Escrituras não só declaram que Deus é misericordioso, mas afirmam que Ele é *“rico em misericórdia”* (Ef. 2:4) e *“cheio de terna misericórdia”* (Tg. 5:11).

D. A Longanimidade de Deus

Enquanto os demais aspectos do amor divino – bondade, graça e misericórdia – referem-se a algo que o Senhor faz em benefício de suas criaturas, a longanimidade é exatamente aquilo que Ele deixa de fazer em malefício das mesmas. A longanimidade refere-se à virtude pela qual Deus tolera os rebeldes e maus, a despeito da sua prolongada desobediência – ou seja – Ele não nos concede imediatamente o castigo bem merecido pelo nosso pecado.

A longanimidade de Deus revelou-se quando Ele não trouxe logo o Dilúvio no início da história da humanidade, mas aguardou a construção da Arca de Noé para que homens e animais fossem salvos (I Pe. 3:20).

IV. A Santidade de Deus

Apocalipse 4:8 canta: *“Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, que é e que há de vir”*.

A palavra *santidade* significa *separação* e indica o abismo que há entre Deus e suas criaturas, especialmente no campo moral – indicando que, contrário ao homem, Deus está separado de qualquer impiedade ou pecado.

A principal lição que extraímos é que Deus não concorda absolutamente com o pecado humano.

V. A Justiça de Deus

A justiça divina é fruto de Sua santidade. A justiça divina é o tratamento dirigido à Sua criatura a depender de como a mesma reage aos mandamentos ditados por Deus. Se o homem obedece às leis divinas, Deus recompensa-o. Caso haja desobediência, há punição.

Temos abaixo duas passagens bíblicas que se referem à justiça: a primeira é a justiça remunerativa (para os obedientes):

"Guardarás, pois, os mandamentos, os estatutos e os preceitos que eu hoje te ordeno, para os cumprides. Sucederá, pois, que, por ouvirdes estes preceitos, e os guardardes e cumprirdes, o Senhor teu Deus te guardará o pacto e a amarará, te fará multiplicar; abençoará o fruto do teu ventre, a criação das tuas vacas, e as crias dos teus rebanhos, na terra que com juramento prometeu a teus pais te daria" (Dt. 7:11-13).

"...Quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder em chama de fogo, e tomar vingança dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus" (II Ts. 1:7,8).

VI. A Verdade de Deus

Os homens, ou por debilidade moral, ou por estarem enganados a respeito dos fatos, podem fazer afirmações mentirosas. Como também, por causa da sua incapacidade, eles podem fazer promessas que não serão cumpridas.

Deus, no entanto, por ser Onisciente e Onipotente, sempre diz a verdade e tudo o que Ele promete, cumprir-se-á.

Deus é verdadeiro em palavras e ações – Paulo afirmou categoricamente que *"Deus não pode mentir"* (Tt. 1:2). Ver ainda Êxodo 34:6, Deuteronômio 32:4, Isaías 65:16 e João 14:6.

VII. Conclusão

Os Atributos Incomunicáveis de Deus causam-nos espanto e conduzem-nos à adoração. Os Atributos Comunicá-

veis, além destas reações, deixam-nos um grande desafio: viver em nossa própria existência estas características do Criador.

Vivermos com sabedoria em todo o tempo.

Andarmos em amor, vivenciando a bondade, a graça, a misericórdia e a longanimidade de forma prática para nossos semelhantes.

Andarmos em santidade, separados do pecado deste mundo.

Sermos justos em nossos procedimentos e opiniões.

Sermos sinceros e transparentes em nossa relação com Deus e com os homens.

Notas e Referências:

(1) Berkhof, *Manual de Doutrina Cristã*, p. 63

(2) Chafer, *op. Cit.*, p. 175

(3) Dagg, *Manual de Teologia*, p.58

Avaliação

Abaixo estão relatadas algumas situações comuns a todos nós – escreva no espaço em branco o atributo divino comunicável respectivo à situação vivida:

- Quando peço não recebo de imediato o castigo porque Deus é _____.
- Fui salvo sem merecimento algum por causa da _____ divina.
- Deus garantiu a salvação para os que crêem – tenho certeza desta promessa pois Ele é _____.
- Aqueles que não foram ainda perdoados por Cristo não podem ter contato com Deus pois Ele é _____.
- Tenho que decidir se devo continuar no emprego em que estou ou se devo buscar outra ocupação. Preciso da _____ divina.
- José sofria de terrível doença, mas por causa da _____ de Deus foi curado.
- Quando violamos a santidade de Deus sofremos a _____ divina.
- Deus atendeu ao meu pedido de oração. Devo tal à _____ divina.

A pessoa de Jesus Cristo

Lição

05

Leituras Diárias:

Segunda – Hebreus 2:1-9

Terça – Hebreus 2:10-18

Quarta – Hebreus 1:1-14

Quinta – João 1:1-18

Sexta – Apocalipse 1:4-8

Sábado – Filipenses 2:1-11

Domingo – Apocalipse 19:1-16

I. Introdução

O próprio Jesus Cristo, segundo afirmam os Evangelhos, questionou dos seus seguidores o seguinte: “*Quem dizem os homens que eu sou?*” A resposta dada pelos discípulos aponta para a diversidade de posições já existentes naquela época: “*Uns dizem João Batista; outros, Elias; e ainda outros, algum dos profetas*” (Mc. 8:27,28).

A dificuldade dos homens entenderem corretamente quem é Jesus, desde o início tem sido uma constante.

Cristo foi e é categorizado por muitos como um mero profeta, um revolucionário, um político, um *hippie* fora de época, um curandeiro, um herói vencido ou alguns chegam a dizer que Ele foi um louco.

Mas, se queremos saber apropriadamente quem é Jesus Cristo, devemos perguntar não aos homens, mas às próprias Escrituras, que testificam a verdade com relação a Ele.

Atentando para o testemunho da Bíblia, vamos dividir este estudo em três etapas para que aconteça uma compreensão sistemática do assunto: 1) A Divindade de Cristo, 2) A Humanidade de Cristo e 3) O Caráter de Cristo.

II. A Divindade de Cristo

Falar da *divindade de Cristo* significa dizer que Cristo é divino, ou seja, Jesus Cristo é Deus.

Tal afirmação é maravilhosamente incrível – nenhum outro líder religioso tomou para si este direito de se dizer Deus.

Aliás, o que faz o Cristianismo singular é o próprio Deus e não meramente um homem.

Provas da divindade de Cristo:

A. Os Nomes de Deus São Atribuídos a Jesus Cristo

O nome para os judeus definia a própria pessoa. E os nomes utilizados com relação a Jesus repetidamente apontam para o fato de que Ele é divino.

1. Paulo chama Cristo de Deus bendito, em Romanos 9:5: “*O Cristo... o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente*”. O Apóstolo inspirado por Deus diz claramente que aquele homem que descende dos Patriarcas do Antigo Testamento é Deus.

2. Tomé, conhecido por sua descrença, antes de ver o Senhor ressuscitado, havia dito: “*se não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no seu lado,*

de maneira nenhuma crerei” (Jô. 20:25) – mas quando confrontado com o Cristo ressurreto, coisa capaz de acontecer se aquele homem fosse divino, Tomé exclamou, dirigindo-se a Jesus: “*Senhor meu e Deus meu*” (v. 28).

3. O escritor da Carta aos Hebreus, no capítulo primeiro, apresenta a superioridade de Jesus da seguinte forma:

Primeiro, diz que Jesus é superior aos patriarcas e aos Profetas (vv. 1 e 2).

Segundo, refere-se a Cristo como sendo maior que os anjos (vv. 5 e 6).

E, finalmente, chega onde pretendia: Cristo é o próprio Deus. Utilizando uma citação do livro de Salmos, ele testifica: “*mas do Filho (Jesus) diz: o teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos*” (Hb. 1:8).

B. Os Atributos Divinos de Jesus Cristo

Nós acabamos de estudar os atributos de Deus e durante as duas semanas passadas percebemos que há certo número deles que pertencem exclusivamente a Deus, os Atributos Incomunicáveis. Mas, percebemos pelas Escrituras que esta espécie de atributo é compartilhada por Jesus Cristo, o que demonstra ainda mais que Ele é Deus, assim como o Pai:

1. Jesus é Onipresente – Ele declarou que onde estivessem dois ou três reunidos em Seu nome ali estaria (Mateus 18:20) – e tal apenas seria possível se Ele fosse onipresente.

2. Jesus é Onipotente – A assertiva feita por Cristo a si mesmo é incrivelmente objetiva: “*eu sou o Todo-Poderoso*” (Ap. 1:8). Paulo referindo-se a este poder imensurável de Cristo afirma que Ele tem poder de “*sujeitar também a si todas as coisas*” (Fp. 3:21).

3. Jesus é Onisciente – Jesus conhecia os pensamentos dos homens, ainda quando ocultos em seus corações – Cristo não precisava de nenhuma revelação para obter este conhecimento: “*E não necessi-*

tava de que alguém testificasse do homem, porque Ele bem sabia o que havia no homem” (Jo. 2:25). É importante lembrar que conhecer os segredos humanos é atribuição única de Deus: “*Eu, o Senhor, esquadri-
nho o coração*” (Jr. 17:10).

4. Jesus é Imutável – O livro de Hebreus traz duas declarações pertinentes a este atributo divino de Jesus:

“*Jesus Cristo é o mesmo ontem e hoje e eternamente*” (13:8).

“*mas tu és o mesmo...*” (1:12).

5. Jesus é Eterno – Cristo não passou a existir por ocasião de seu nascimento, mas, porque é Deus, Ele sempre existiu. Cristo disse que antes de Abraão viver (e Abraão viveu dois mil anos antes dEle), Ele já existia (João 8:58). E é novamente Hebreus que declara que Ele existirá para sempre: “*os teus anos não acabarão*” (Hb. 1:12). Ele mesmo declarou que é o Princípio e o Fim, quando utilizou a primeira e a última letra do alfabeto grego com relação a si mesmo: “*Eu sou o Alfa e o Ômega*” (Ap. 1:8).

C. Os Cargos Divinos de Jesus Cristo

Jesus Cristo criou o Universo (João 1:3) e o Sustenta (Colossenses 1:17). Além disto, Ele perdoa pecados – ato que deixou alguns judeus descrentes escandalizados: “*E Jesus disse a ela: perdoados são os teus pecados. E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: quem é este que até perdoa pecados?*” (Lc. 7:49)

Quem é Jesus Cristo? **Ele é Deus!**

III. A Humanidade de Cristo

Se encontramos uma série de testemunhos que apontam para a deidade de Cristo, o mesmo ocorre com a humanidade. Aliás, é necessário que se diga que Cristo era totalmente humano e totalmente divino.

Cristo era uma só pessoa, mas com uma natureza humana e outra divina enquanto estava neste mundo. Podemos fazer uma comparação das duas naturezas de Cristo com o homem – Ele possui corpo e alma, igualmente Cristo possui a natureza divina e a natureza humana.

Vejamos alguns fatos que comprovam a humanidade de Cristo:

- **Cristo teve nascimento humano** – Uma série de frases há que indicam a filiação humana de Cristo, como: “*fruto do teu ventre*”, “*seu primogênito*”, “*semente de Davi*”, “*a semente de Abraão*”, “*nascido de mulher*”, etc. Mas, apesar de ser filho carnal de Maria e concebido pelo Espírito Santo, não herdou Ele o pecado (II Coríntios 5:21).

- **Cristo teve desenvolvimento humano** – “*crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria*” (Lc. 2:40).

- **Cristo sofreu limitações humanas** – Esteve cansado (João 4:6), com fome (Mt. 4:2), com sede (Jo. 19:28), dormiu (Mt. 8:24), etc.

IV. O Caráter de Cristo

Cristo foi um exemplo em tudo que fez. Abaixo há algumas características deste que são desafiadoras para o cristão:

- *Ele foi totalmente santo (I Pedro 2:22,23).*

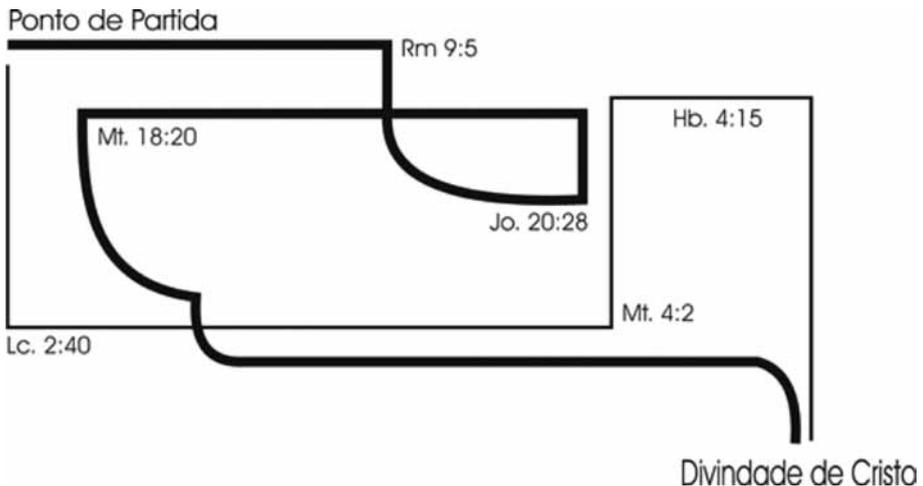
- *Ele foi humilde, mesmo sendo Deus (Fp. 2:5-8).*

- *Ele viveu uma vida de oração (Hb. 5:7).*

- *Ele foi um trabalhador incansável na Obra do Pai (Jo. 5:17).*

Avaliação

Sem consultar o texto lido, mas apenas a Bíblia, indique qual dos dois caminhos provam a divindade de Cristo:



A obra de Jesus Cristo

Lição

06

Leituras Diárias:

Segunda – Isaías 52:13 - 53:8

Terça – Isaías 52:9-12

Quarta – Isaías 42:1-13

Quinta – Lucas 23:33-49

Sexta – Lucas 23:50 – 24:12

Sábado – Lucas 24:36-53

Domingo – I Coríntios 15:12-28

I. Introdução

Você estaria disposto a deitar-se numa mesa de cirurgia e sofrer uma intervenção cirúrgica para retirar “pedra” dos rins se o cirurgião fosse um oftalmologista?

Ou você aceitaria que um jardineiro fosse seu advogado em alguma questão levada a júízo?

Obviamente que sua resposta em ambas as situações seria não. Por quê? Porque a pessoa escolhida para realizar a cirurgia não é compatível com a ocupação, o mesmo acontecendo com a pessoa indicada para ser seu representante diante de um júri.

Deve existir um perfeito casamento entre a obra a ser realizada e a pessoa escolhida para a mesma.

Quando falamos de Jesus Cristo, percebemos que existe harmonia entre a Sua Pessoa e a Sua Obra. Não poderia Ele

realizar a obra a Ele conferida se Ele não fosse quem é – perfeitamente homem e perfeitamente Deus.

Vamos estudar a Obra de Cristo e no final entendermos porque nenhum outro poderia substituí-lo.

As duas principais obras realizadas por Cristo foram a Sua Morte e a Sua Ressurreição.

II. A Morte de Jesus Cristo

É importante que a morte de Cristo seja considerada como uma obra porque ela não veio sobre Ele por algum acaso, mas foi decisão pessoal de Jesus Cristo morrer na cruz. Jesus mesmo se entregou nas mãos do Pai para que o cálice da morte fosse por Ele bebido: *“Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice, todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres”* (Mt. 26:39).

Também a morte de Cristo é uma obra porque traz benefícios para toda Criação, especialmente para o homem(1).

A importância da morte de Cristo é confirmada por uma série de fatores:

A. A Morte de Cristo já era anunciada no Antigo Testamento – Antes mesmo que Ele encarnasse(2), os profetas predisseram a morte do Senhor. Isaías profetizou: *“Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro levado ao matadouro, e como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu sua boca”* (Is. 53:7)

B. A Morte foi a principal razão da encarnação de Cristo – Na realidade Cristo foi enviado não meramente para ser exemplo, para ensinar uma filosofia de vida ou doutrina religiosa, mas, principalmente, para morrer por nós, por causa dos nossos pecados. A Epístola aos Hebreus, referindo-se ao sacrifício que foi a morte de Cristo, afirmou: *“Mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”* (Hb. 9:26).

C. A Morte de Cristo é essencial para a nossa salvação – Deus não perdoa pecados simplesmente com base no arrependimento do pecador – Deus apenas perdoa quando a pena do pecado tiver sido paga, caso contrário Deus seria injusto para com Sua própria santidade – pois a Bíblia ensina que sem derramamento de sangue não há perdão de pecados (Hb. 9:22). Na verdade, se Cristo não tivesse sido erguido naquela cruz, jamais seríamos salvos (leia João 3:14 e 15).

III. A Ressurreição de Cristo

Caso houvesse Cristo permanecido na morte, Ele não teria vencido o pior inimigo da humanidade: a própria morte. Porém, Cristo ressuscitou.

Outras pessoas haviam ressuscitado segundo a descrição das Escrituras,

como foi o caso do filho da viúva de Sarepta (I Reis 17:17-24), a filha de Jairo (Marcos 5:22-43), Lázaro (João 11) e tantos outros.

Mas a ressurreição de Cristo foi singular por dois motivos:

1. Os que haviam sido ressuscitados anteriormente, obtiveram um corpo semelhante ao que tinham antes da morte. Mas o corpo de Cristo ressuscitado é celestial, segundo relata o Apóstolo Paulo em I Coríntios 15:42-44. O corpo de Cristo é incorruptível, glorioso, poderoso e espiritual.

2. Enquanto os demais ressuscitaram pelo poder de terceiros, Cristo ressuscitou pelo seu próprio poder: *“Porque dou a minha vida para a retomar... tenho poder para a dar, e tenho poder para retomá-la”* (Jo. 10:17,28).

Porém, o mais importante da ressurreição de Cristo são os seus resultados:

1. A Ressurreição de Cristo assegura a aceitação de sua obra – A certeza de que a obra na cruz realizada por Jesus é o fato de Ele ter ressurgido dentre os mortos. Romanos 4:25 declara que Ele ressuscitou por motivo da nossa justificação.

2. Agora ressuscitado, Cristo é o nosso Sacerdote – o Sacerdote no Antigo Testamento intercedia a Deus pelo povo – requisitando dEle perdão. Cristo é o Sumo-Sacerdote (maior dos sacerdotes) e tal aconteceu graças à Sua ressurreição: *“Cristo é quem morreu, ou antes, quem ressurgiu dentre os mortos, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós”* (Rm. 8:34).

3. A Ressurreição de Cristo nos garante bênçãos(3) - temos no poder de sua ressurreição a força necessária para a vida cristã e o serviço à igreja (Ef. 1:18-20); como Deus teve poder para operar na ressurreição de Cristo, Ele o tem para suprir todas as nossas necessidades (Fp. 3:16); E, finalmente, temos a garantia de nossa própria ressurreição por causa de Sua ressurreição (Rm. 8:11).

Após ter ressurgido dentre os mortos, as Escrituras ensinam que Cristo ficou ainda quarenta dias com seus discí-

pulos ensinando a eles outras coisas sobre o Cristianismo e depois disto foi levado ao Céu – tal evento é chamado de Ascensão de Jesus (Lc. 24:50-52).

Hoje, Cristo está diante de Deus (Hb. 9:42).

IV. Cristo Tinha de Ser Deus e Homem

Voltamos à questão original: por que Cristo poderia ser o único a morrer pelos nossos pecados e ressuscitar?

E a resposta a esta pergunta relaciona-se com fato de Ele ser Deus e homem ao mesmo tempo.

A. Apenas alguém que fosse homem poderia morrer pela humanidade

– A remissão de pecados sempre exigia derramamento de sangue – obviamente que para Cristo poder oferecer a si mesmo em sacrifício era necessário que tivesse um corpo – um corpo humano – é o que nos explica Hebreu 10:5: *“Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste”*.

Além disto, Jesus tinha de ser um homem, pois, assim passaria pelas mesmas provações que todos os homens, tornando-se *Sumo-Sacerdote* apropriado (Hebreus 2:17).

B. Apenas alguém que fosse Deus poderia morrer pela humanidade

– Afinal apenas o próprio Deus poderia apresentar um sacrifício de valor infinito e prestar obediência total à Lei de Deus. Além disto, apenas sendo Deus poderia aplicar os frutos de Sua Obra àqueles que acreditassem nEle.

V. Conclusão

Por tudo isto compreendemos que nenhum outro senão Jesus Cristo, o Deus-Homem, seria capaz de morrer e ressuscitar, concedendo-nos assim a salvação eterna.

Notas e Referências:

- (1)Thiessen, op. Cit. P. 233.
- (2)Termo que indica o fato de a Segunda Pessoa da Trindade ter-se tornado homem.
- (3)Berkhof, *Telogia Sistemática*, p. 347.

Avaliação

1. Por qual motivo a morte de Cristo era necessária para nos conceder perdão?

2. Quais são as diferenças básicas da ressurreição de Cristo daquelas acontecidas com outros personagens da narração bíblica?

3. Por que o Pai não aceitaria o sacrifício de Cristo se este não fosse Deus?

A pessoa do Espírito Santo

Lição

07

Leituras Diárias:

Segunda – João 14:16-26

Terça – João 16:1-14

Quarta – Atos 1:6-8

Quinta – Atos 2:1-4, 14-21

Sexta – Atos 16:1-10

Sábado – I Pedro 4:12-14

Domingo – Romanos 8:8-11

I. Introdução

O Espírito Santo tem sido por muitos, especialmente por algumas seitas, desonrado, pois, não são dados a Ele o lugar e a adoração devidos como Deus e, ainda pior, muitos pensam que o Espírito Santo é impessoal, uma mera força, como consideram os *russelitas*, também conhecidos por *Testemunhas de Jeová*.

Através das Escrituras identificaremos o Espírito como sendo pessoal, ou seja, possuidor de inteligência, emoção, volição, auto-consciência e auto-determinação(1). E também percebemos a gritante verdade de que Ele é Deus, assim como o Pai e o Filho – é o que chamamos de Trindade: há apenas um Deus, uma substância divina, mas três pessoas: O Pai, O Filho e O Espírito Santo.

Vejamos primeiro que o Espírito Santo é uma pessoa.

II. O Espírito Santo Como Pessoa

É importante lembrar que ser uma pessoa não implica ter um corpo

com olhos, nariz, orelhas, etc. Mas, como já nos referimos, o Espírito Santo é uma pessoa porque pensa, sente, tem desejo, tem consciência e direção própria.

A palavra *espírito*, tanto no grego como no hebraico, significa exatamente *sopro, vento* – apesar disto, temos uma série de elementos que comprovam o Espírito Santo como possuidor de uma personalidade:

A. O Espírito Santo Possui Características Pessoais

Entre muitas passagens que indicam inteligência, encontramos em I Co. 2:10 a seguinte frase: “O Espírito penetra todas as coisas”. O Espírito tem, logo, capacidade de examinar, avaliar, analisar; coisa que apenas um ser racional seria capaz de fazer.

Além disto, vemos o Espírito como um ser volitivo, ou seja, que tem vontade. Paulo, referindo-se aos dons na igreja local, lembra-nos que o Espírito Santo é quem distribui tais dons “*como quer*” (I Co. 12:11).

Sentimentos são outras evidências da personalidade do Espírito Santo – O Espírito ama, fato comprovado por Romanos 15:30. Outro texto de incrível objetividade é a exortação paulina: “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef. 4:30).

B. O Espírito Santo Realiza Atos que Comprovam Personalidade

Falar é, por exemplo, uma destas ações: Em Apocalipse, ao final de todas as Sete Cartas dirigidas às Igrejas da Ásia, ocorre a frase “quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap. 2:7, 11, 17, 29, 3:6, 13, 22).

A intercessão por nossas vidas (Rm. 8:26) e Sua Consolação (Jo. 14:16) comprovam ser o Espírito uma pessoa e não uma força.

C. O Espírito Santo Recebe Tratamento Pessoal

Nas Escrituras o tratamento dirigido ao Espírito Santo é sempre aquele dirigido a uma pessoa. Is. 63:10 diz: “Porém eles foram rebeldes, contristaram o Seu Espírito Santo pelo que se lhes tornou em inimigo, e ele mesmo pelejou contra eles”.

Enfim, pelas características do Espírito Santo, pelos atos exercidos por Ele e pelo tratamento que Lhe é dirigido, fica evidente que o Espírito Santo é uma pessoa.

III. O Espírito Santo Como Deus

São as seguintes evidências bíblicas para crermos desta forma:

A. O Espírito Santo é Chamado de Deus

O Espírito Santo é denominado Deus. Verificamos tal fato quando frases no Antigo Testamento, especialmente nos escritos proféticos, atribuídos a Deus, são

citados no Novo Testamento como ditas pelo Espírito Santo.

Isaias 6:8 e 9 diz: “Depois disto ouvi a voz do **Senhor**, que dizia: ...ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis”. Em Atos 28:25 e 26 Lucas transcreve as palavras de Paulo: “bem falou o **Espírito Santo** aos vossos pais pelo Profeta Isaías, dizendo: ...ouvindo, ouvireis e de maneira nenhuma entenderéis; e, vendo, vereis, e de maneira nenhuma perceberéis”. Duas outras referências que podem ser comparadas são Jeremias 31:33, 34 e Hebreus 10:15, 16.

Na ocasião do pecado de Ananias e Safira relatado em Atos 5:3, 4, vemos Pedro referindo-se ao Espírito Santo como sendo Deus: “Disse então Pedro: Ananias, porque encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo...? Não mentiste aos homens, mas a Deus”.

B. Atributos Incomunicáveis São Atribuídos ao Espírito Santo

Eternidade – “O Sangue de Cristo, que pelo Espírito Eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus...” (Hb. 9:14).

Onipresença – “Para onde me ausentarei do Teu Espírito?” (Salmos 139:7).

Onisciência – “...porque o Espírito penetra todas as coisas...” (I Co. 2:10)

C. O Espírito Santo Está Associado ao Pai e ao Filho

Em uma série de circunstâncias percebemos a profunda relação existente entre as Pessoas da Divindade. E são singulares estes momentos: na chamada **Bênção Apostólica** (“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós”) (II Co. 13:13) e na **Grande Comissão** (“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”) (Mt. 28:19).

D. Obras Exclusivas de Deus são Realizadas pelo Espírito Santo

1. A Criação – O ato de criar é visto como possível apenas a Deus, mas o Espírito é indicado como tendo capacidade para tal: Eliú, um dos personagens do drama de Jó reconheceu isto quando afirmou: *“O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-Poderoso me dá a vida”* (Jó 33:4). A própria Criação do Universo teve na pessoa do Espírito Santo um grande colaborador: *“E o Espírito de Deus pairava sobre as águas”* (Gn. 1:2).

2. Autoria das Escrituras – O autor da Bíblia é o Espírito Santo, segundo as palavras do Apóstolo Pedro: *“Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto, homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo”* (II Pe. 1:21).

IV. Conclusão

O Espírito Santo tem uma personalidade e é divino. À luz desta verdade teológica, precisamos desenvolver com Ele um relacionamento apropriado – concedendo-lhe as devidas honras como Pessoa da Trindade – amando-O, respeitando-O, temendo-O e adorando-O, nunca permitindo que nossa mente nos leve a considerá-lo como sendo menos Deus do que o Pai e o Filho.

Notas e Referências:

(1) Bancroft, *Teologia Sistemática*, p. 170.

Avaliação

Com o uso da Bíblia, faça a devida relação entre as passagens bíblicas à esquerda com as verdades referentes às mesmas à direita:

- | | |
|------------------------|--|
| (A) Efésios 4:30 | () O Espírito Santo é autor das Escrituras. |
| (B) Apocalipse 2:17 | () O Espírito Santo é associado às demais pessoas da Trindade. |
| (C) Isaías 63:10 | () O Espírito Santo é chamado de Deus. |
| (D) Atos 5:3, 4 | () O Espírito realiza atos que comprovam sua personalidade. |
| (E) I Coríntios 2:10 | () O Espírito possui sentimentos, o que prova que é uma pessoa. |
| (F) II Coríntios 13:13 | () O Espírito possui atributos exclusivos de Deus. |
| (G) II Pedro 1:21 | () O Espírito é tratado como pessoa. |

A obra do Espírito Santo

Lição

08

Leituras Diárias:

Segunda – Isaías 11:1-4

Terça – Isaías 61:1-3

Quarta – Mateus 3:1-12

Quinta – Mateus 3:13-17

Sexta – I Coríntios 12:1-13

Sábado – Efésios 4:1-6

Domingo – Gálatas 5:16-26

I. Introdução

Nesta lição, estudaremos como o Espírito Santo atuou na história do povo de Israel no Antigo Testamento, na vida do Cristo Encarnado e, especialmente, como o Espírito Santo atua na vida da Igreja.

Alguns grupos tem dado à obra do Espírito Santo uma ênfase desequilibrada – julgando que o mesmo é apenas um servo ou instrumento para que os milagres desejados sejam realizados.

Porém, a visão equilibrada do ministério do Espírito Santo é desenvolvida quando observamos toda a Sua obra, passando pelo Pentateuco, pelos Livros Proféticos e Poéticos, chegando aos Evangelhos, Atos dos Apóstolos e estudando especialmente as Epístolas, as quais trazem o ensino apropriado para a igreja local.

À medida que desenvolvemos esta lição, percebemos o prazer da mesma, já que estaremos estudando a obra de

alguém que habita em nossos corpos: o Espírito Santo.

II. O Espírito Santo no Antigo Testamento

Quando lemos o Antigo Testamento, percebemos algumas características básicas da atuação do Espírito Santo, entre elas:

A. O Espírito Santo não convivia com todos os homens, mas apenas com alguns poucos.

É curioso que, apesar de Israel ser o Povo de Deus, o Espírito não fora derramado sobre todos, apenas sobre alguns, como Sansão (Jz. 14:6), Saul (I Sm. 10:10), Davi (I Sm. 16:13), Jefté (Jz. 11:29), mas principalmente a operação do Espírito Santo é percebida na vida dos profetas, como foi o caso do Profeta Ezequiel: “então entrou em mim o Espírito...” (Ez. 2:2).

B. A Habitação do Espírito Santo podia ser temporária.

Exclusivamente no período do Antigo Testamento, o Espírito de Deus podia entrar e abandonar um servo de Deus se este se comportasse contrariamente à vontade divina.

Davi, quando perturbado por causa da reprovação divina dirigida ao seu pecado de adultério com Bate-Seba, pediu ao Senhor que não retirasse dele o Santo Espírito de Deus (Sl. 51:11).

Mas o caso típico de *"retirada do Espírito"* é ocorrido com Saul: *"tendo-se retirado de Saul o Espírito do Senhor, da parte deste um espírito maligno o atormentava"* (I Sm. 16:14).

C. A operação e habitação do Espírito Santo no Antigo Testamento visava exclusivamente à capacitação para alguma tarefa.

Um dos requisitos para Deus determinar a necessidade de alguém ser visitado pelo Espírito era a obra no Reino de Deus que aquela pessoa deveria operar.

Foi o Espírito Santo quem capacitou os artífices que participaram da obra do Tabernáculo, como foi o caso de Bezaleel, o qual *"O Espírito de Deus o encheu de habilidade, inteligência e conhecimento, em todo artifício"* (Ex. 35:31).

Especificamente o Espírito Santo foi quem capacitou os Profetas para que eles tivessem poder para revelar a vontade de Deus ao povo de sua época. Miquéias é exemplo disto: *"quanto a mim, estou cheio do poder do Espírito do Senhor... para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado"* (Mq. 3:8).

III. O Espírito Santo no Período Terreno de Cristo

Todo empreendimento divino, seja a Criação, a Revelação, a Salvação Humana ou os planos escatológicos, tem a participação conjunta das três Pessoas da Trindade. E o ministério de Cristo não foi uma exceção – pelo contrário, o Espírito

Santo foi personagem central no período terreno do Filho.

A concepção de Cristo já foi obra do Espírito Santo. O anjo que anunciou o nascimento do Filho de Deus declarou a Maria: *"Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra, por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus"* (Lc. 1:35). Veja também Mateus 1:20.

Cristo foi cheio do Espírito Santo, o qual desceu sobre Ele em forma de pomba para que testificasse a aprovação do Pai (Lc. 3:21,22).

E a partir daí a relação Filho-Espírito no ministério cristológico continuou patente: Cristo expulsava demônios pelo poder do Espírito (Mt. 12:28); por este mesmo poder Ele venceu os ataques do Diabo (Lc. 4:1,2) e realizou o ministério de evangelização, libertação e restauração: *"O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas-novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e a restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar o ano aceitável do Senhor"* (Lc. 4:18,19 – compare com Isaías 61:1).

O sacrifício e a ressurreição de Cristo tiveram no Espírito Santo objetiva participação: *"Cristo, que pelo Espírito Eterno, se ofereceu a si mesmo, imaculado a Deus... e o Espírito ressuscitou a Jesus"* (Hb. 9:14 e Rm. 8:11).

IV. O Espírito Santo na Época da Igreja

Se a atuação do Espírito neste mundo no período do Antigo Testamento e dos Evangelhos foi preponderante, ela fica ainda mais ativa quando olhamos o período da Igreja de Cristo, inaugurado no Pentecostes pelo próprio Espírito Santo (Atos 2).

Cristo já havia profeticamente anunciado a vinda do Espírito Santo: *"eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador..."* (Jo. 14:10). E já neste verso percebemos uma das funções precípuas do Espírito: consolar. A palavra Consolador

tem uma série de significados, entre eles, advogado, exortador, alguém que fica ao lado, animador e fortalecedor. Seja como for, este título era bastante oportuno ao Espírito, levando em conta que em breve os discípulos ficariam sem o seu Mestre e precisariam de alguém igualmente divino para ficar ao lado e fortalecer.

Mas o ministério do Espírito Santo é bem mais amplo e atua tanto nos salvos como nos não-salvos.

Com relação aos ainda não-salvos, o Espírito é quem obra nestes para que sejam preparados para aceitar inteligentemente Cristo como Salvador. E esta preparação significa convencê-los do pecado, da justiça e do juízo (Jo. 16:8). O pecado refere-se à rejeição de Cristo como Messias. A justiça aponta para o caráter reto a ser desenvolvido pela obra transformadora do Espírito. E o juízo refere-se à condenação que já está promulgada contra Satanás e todos aqueles que a ele preferirem submeter-se. Enfim, com relação aos descrentes o Espírito convence-os de que renegar a Cristo, viver uma vida contrária aos mandamentos de Deus e colocar-se ao lado de Satanás, o qual já está condenado, é a pior escolha.

No momento da conversão, o indivíduo recebe o batismo do Espírito Santo (I Co. 12:13) e a partir daquele momento recebe sua eterna habitação (I Co. 6:19).

Todos os crentes foram pelo Espírito selados, indicando que agora são propriedade exclusiva e eterna de Deus, *“em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da Promessa, o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”* (Ef. 1:13,14).

Além disto, temos no Espírito Santo um companheiro constante. Entre outras coisas:

- Ele nos guia: *“pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”* (Rm. 8:14).

- Ele capacita-nos para a Obra de Deus: *“Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo”* (At. 1:8).

- Ele produz em nossas vidas as virtudes cristãs: *“Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, domínio próprio”* (Gl. 5:22).

V. Conclusão

A Terceira Pessoa da Trindade, O Espírito Santo, operou no decorrer da história de formas específicas – enquanto no Antigo Testamento sua habitação era para alguns do povo de Deus, de duração limitada e com propósito único, na época terrena de Cristo o Espírito funcionou como capacitador para Sua Obra Messiânica, e já no período da igreja, enquanto o Espírito funciona para os descrentes como promovedor da conversão dos mesmos, para os salvos Ele habita-os eternamente, selando-os para a glória eterna e desenvolvendo neles o caráter de Cristo.

Precisamos, como Templo do próprio Deus, por causa da habitação do Espírito Santo, viver na Sua dependência para não satisfazer à vontade da carne: *“Andai no Espírito e não haveis de cumprir a cobiça da carne”* (Gl. 5:16).

Avaliação

Escreva nos parênteses “V” se a frase escrita for verdadeira e “F” se a frase for falsa:

- () O Espírito Santo no Antigo Testamento não habitava todo israelita.
- () Era impossível no tempo do Antigo Testamento o Espírito Santo deixar de habitar no servo de Deus.
- () O Espírito Santo nos tempos do Antigo Testamento era atuante especialmente na vida dos Profetas.
- () O ministério de Cristo na Terra foi realizado no poder do Espírito Santo.
- () O Espírito Santo atuava no tempo do Antigo Testamento como na igreja de Cristo.
- () O nome dado por Cristo ao Espírito Santo foi: “O Consolador”.
- () Todos os crentes já receberam o batismo do Espírito Santo.

Criação do Universo e do Homem

Leituras Diárias:

Segunda – Gênesis 1:1-9

Terça – Gênesis 1:20-31

Quarta – Gênesis 2:1-17

Quinta – Gênesis 2:18-25

Sexta – Hebreus 11:1-3

Sábado – Colossenses 1:15-19

Domingo – Jó 26:1-14

I. Introdução

Hamartiologia e Soteriologia. Estas serão as duas doutrinas de imensa importância que estudaremos a seguir. A primeira significa *Doutrina do Pecado* e a outra *Doutrina da Salvação*.

Mas, antes de entendermos estas duas questões, é preciso revisarmos nossos conceitos de Criação, para que tenhamos o quadro apropriado onde se desenvolveu a trágica história da separação entre o homem e Deus, bem como o plano para restauração da humanidade.

II. A Realidade da Criação

Quando pensamos em Deus automaticamente pensamos num Criador – aliás, o que torna Deus singular é exatamente Sua capacidade criadora. Ele é Deus porque é Criador e Criador do tempo, da matéria e das almas viventes.

A Bíblia exaustivamente aponta para esta verdade. Aliás, o primeiro fato revelado nas Escrituras é a veracidade da Criação: *“No princípio criou Deus o céu e a terra”*.

E a partir daí nós encontramos uma série de versos que esclarecem um pouco mais sobre este ato único de Deus,

a Criação:

1. Ne. 9:6 – *“Só tu és Deus, tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército...”* – O autor, quando fala do exército do céu, pode referir-se à criação dos astros ou dos seres angelicais.

2. Jó 26:7 – *“Ele estende o norte sobre o vazio e faz pairar a terra sobre o nada”* – Antes mesmo que viessem ao mundo os primeiros grandes astrônomos, a Bíblia já declarou que, quando Deus criou o nosso planeta, este não foi preso a coisa alguma, antes, flutua no Universo sustentado pelo poder de Deus.

3. Hb. 11:3 – *“Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem”* – A matéria não existia e Deus a trouxe do nada apenas pelo poder da Sua palavra. Na descrição mosaica da criação sequencialmente é declarado: *“Disse Deus haja...”* – E a partir daí tudo vai paulatinamente passando a existir. A palavra latina que descreve este ato criador de Deus e que se tornou famosa é o vocábulo *fiat*. Por exemplo, quando é descrita a criação da luz é dito: *“fiat lux”* – *“haja luz”*.

Outro fato importante é observar que a Criação é uma obra conjunta da Trindade. O Pai, O Filho e o Espírito Santo trabalhavam em equipe para dar existência a todas as coisas:

1. *“Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o Senhor Deus os criou”* (Gn. 2:4) – A narração da Criação em Gênesis repousa principalmente nos ombros do Pai, que tem a responsabilidade criadora.

2. *“Sem Ele nada do que foi feito se fez”* (Jo. 1:3) – João, referindo-se ao Verbo Eterno de Deus, o Filho, mostra a participação ativa de Jesus na obra da criação. Colossenses 1:16 mostra que Ele criou *“todas as coisas”*: os céus, a terra, os anjos, enfim, o visível, e o invisível.

3. *“Envias o Teu Espírito, eles são criados”* (Sl. 104:30) – O Espírito Santo é indicado comumente como gerador de vida, como percebemos nas palavras de Eliú: *“O sopro do Todo-Poderoso me dá vida”* (Jó 33:4). Mas já em Gn. 1:2 encontramos o Espírito como participante da obra criadora: *“E o Espírito de Deus pairava sobre as águas”*.

III. As Etapas da Criação

Voltando à narração de Gênesis, percebemos uma seqüência na obra da Criação. Abaixo temos um gráfico descrevendo os passos da mesma:

VERSO	DIA	CRIAÇÃO	SEPARAÇÃO
3-5	1	Luz	Luz das trevas
6-8	2	Firmamento	Águas de cima das de baixo
9-13	3	Relva, erva e árvores	Terra dos mares
14-19	4	Luzeiros (astros)	Dia da noite
20-23	5	Peixes e monstros nos mares, aves nos céus	
24-27	6	Animais domésticos, selváticos e répteis. Homem	

Vemos que a Criação é descrita cronologicamente em dias. Há uma antiga discussão se dias aqui devem ser entendidos como tendo vinte e quatro horas ou se referem a eras ou épocas de até alguns milhares de anos. Esta última posição é comum especialmente entre aqueles que tentam coadunar a Bíblia com as teorias geológicas que datam a Terra em alguns milhões de anos. No entanto, levando em conta a falibilidade dos processos de datação geológicos e também que não é nosso interesse colocar-nos numa posição defensiva, nossa tendência é entender os *“dias da Criação”* como sendo dias literais de vinte e quatro horas. E, por outro lado, é insensatez ser categórico em algo que é questionado desde os primórdios da Igreja Cristã, mas oferecemos alguns argumentos que confirmam nossa posição de que um dia na narração da Criação em Gênesis é equivalente a vinte e quatro horas:

- As frases *“houve tarde e manhã...”* (Gn. 1:5, 8,13,19,23,31) indicam que são dias típicos.

- A palavra hebraica para dia é *YOM*, que, especialmente quando tem um número acompanhando, indica dia literal.

- No terceiro dia Deus criou árvores, ervas e relvas, e no dia subsequente criou o sol – caso o dia não fosse de vinte e quatro horas, mas de alguns meses ou anos, certamente toda vida vegetal pereceria pois todos nós sabemos que as plantas precisam da luz do sol para sobreviver.

IV. A Criação Humana

A Criação do homem no sexto dia é marcada pela singularidade. Primeiro está presente nela o impressionante conselho **"façamos o homem"**. Se Deus é um só, como entender esta declaração? Alguns acham que Deus está falando com os anjos; mas tal parece ser difícil, pois, em nenhum momento tais seres são designados como co-participantes da Criação. É mais plausível pensarmos que este verbo no plural incluía as Três pessoas da Trindade – O Pai, O Filho e o Espírito Santo colaborando na formação do homem – o que será esperado já que Deus preparava-se para fazer a **"coroa da Criação"**.

Em segundo lugar temos a expressão: **"...segundo a nossa imagem e semelhança"**. Antônio Neves de Mesquita(1) enumera os seguintes fatos que colocam o homem bem acima do resto da Criação: vontade, livre arbítrio, santidade, responsabilidade, espírito religioso, amor, domínio sobre a Criação, comunhão com Deus, etc.

Também o local onde o homem foi colocado era de destacável riqueza mineral e vegetal, o Jardim do Éden (Éden significa **"lugar agradável"**, **"deleite"**).

V. Conclusão

Quando acompanhamos através das Escrituras a descrição da obra criadora de Deus, percebemos que tudo foi sendo preparado paulatinamente para receber a criação máxima: o homem. Este foi colocado como coroa e mordomo da Criação.

No entanto, o propósito maior da Criação do Universo e do próprio homem não foi outro senão a glória de Deus: **"Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas"**.

Notas e Referências:

(1) Antônio Neves de Mesquita, *Estudo no Livro de Gênesis*, p. 09.

Avaliação

1. Enumere as etapas da Criação relacionadas de acordo com a ordem descrita no primeiro capítulo de Gênesis:

- () Criação da vida animal nos céus e na terra.
- () Criação da vida vegetal.
- () Separação das águas de cima (céus = gasoso) das de baixo.
- () Criação do homem.
- () "Fiat Lux" – Haja luz.
- () Separação de oceanos dos continentes.
- () Criação dos animais selváticos, domésticos e répteis.
- () Separação da luz das trevas.

2. Por que a Criação do homem é diferente do restante da Criação?



Lição

10

A queda e a Depravação do Homem

I. Introdução

O título desta lição engloba duas verdades no que diz respeito à condição da humanidade:

1. O Homem Caiu – Tal significa que certos privilégios concedidos por Deus foram perdidos total ou parcialmente pela humanidade: Relacionamento desimpedido com Deus, domínio sobre as demais criaturas, desconhecimento do mal (inocência) e reprodução da imagem e semelhança divinas.

2. O Homem é Depravado – Exatamente porque ele se separou daquela elevadíssima posição em que foi colocado no princípio dos tempos, hoje ele encontra-se depravado, ou seja, o homem, portador da tendência para praticar o mal e desagradar a Deus, nada pode fazer para merecer diante de Deus o favor da salvação(1).

A situação apresentada é bem diversa daquela vivida pelo homem formado pelas mãos carinhosas do Criador. Vejamos inicialmente como se chegou a este estado.

Leituras Diárias:

Segunda – Gênesis 3:1-6

Terça – Gênesis 3:7-15

Quarta – Gênesis 3:16-24

Quinta – Romanos 3:9-19

Sexta – Romanos 5:12-17

Sábado – Romanos 5:18-21

Domingo – Marcos 7:1-8, 14-23

II. O Pacto Entre Deus e Adão

No Paraíso, no Éden, Deus fez um pacto com Adão nos seguintes termos: *“De toda a árvore podes comer livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”* (Gn. 2:17).

O Pacto entre Deus e Adão foi o *Pacto da Obediência* – com aquela proibição, Deus pretendia testar o homem para ver se este iria ou não obedecê-lo.

As dificuldades trazidas caso Adão optasse pela desobediência foram expostas:

A. O nome “árvore do conhecimento do bem e do mal” indicaria se o estado do homem seria bom ou mau

– E comendo do fruto o homem obviamente enfrentaria um futuro assombroso pela frente.

B. O homem morreria. Deus asseverou a Adão que, desobedecendo, o resultado seria a morte física e espiritual. Prova disto encontramos nas palavras do Criador após o pecado: *“Porquanto és pó, e ao pó tornarás”* (3:19) e a morte espiritual é confirmada pela perda de intimidade entre a criatura e o Criador: *“chamou o Senhor Deus ao homem e perguntou-lhe: onde estás? Respondeu-lhe o homem: ouvi a tua voz no jardim e tive medo”* (3:9,10).

III. A Tentação e a Queda

Adão estava bem consciente dos resultados funestos de sua desobediência e, depois de Deus conceder-lhe uma esposa, ele teve o cuidado de passar a orientação para Eva. No entanto, quando ela é questionada por Satanás, que utiliza-se da figura de uma serpente para conduzi-la à desobediência, Eva acrescenta uma frase à orientação recebida: *“disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais”* (3:3). Não sabemos se Adão foi quem acrescentou esta orientação às palavras de Deus, buscando proteger a esposa do erro, ou se foi a própria mulher, talvez considerando que a proibição recebida não fosse razoável.

É também interessante notar que Satanás não procurou influenciar o homem diretamente, mas sua companhia. Algumas razões podem ser apontadas(2):

1. Eva não exercia a chefia do pacto e, portanto, não teria o mesmo senso de responsabilidade.

2. Eva recebeu a ordem indiretamente e não da boca do próprio Deus, logo, ela estaria mais disposta a ceder à argumentação e duvidar.

3. Eva seria o instrumento mais eficiente para alcançar o coração do homem.

Logo após ter participado da *árvore do conhecimento do bem e do mal*, ela deu o fruto a seu marido, que também comeu.

IV. Resultado do Primeiro Pecado

A primeira transgressão do homem trouxe os seguintes resultados:

A. O homem foi integralmente corrompido – Seus desejos e aspirações tenderiam para desagradar a Deus. E tal corrupção herdamos de Adão como uma terrível e inevitável doença hereditária. Paulo reconhece ser um portador deste *“vírus do pecado”* quando afirma: *“Porque eu sei que em mim, isto é, em minha carne, não habita bem algum; com efeito o querer o bem está em mim, mas o efetua-lo não está”* (Rm. 7:10).

B. O homem separou-se do relacionamento íntimo com Deus – Tal se deu pois Deus não pode conviver com o pecado: *“Separados da vida de Deus”* (Ef. 4:18).

C. O homem desenvolveu uma consciência corrompida – revelada na tentativa de cobrir sua nudez e uma consciência culpada, revelada no temor do próprio Deus (Gn. 3:10).

D. Deus tirou o homem do Paraíso – pois o Eden era símbolo da comunhão com Deus e também para que o homem não tivesse acesso à árvore da vida.

V. A Universalidade do Pecado

Como já foi feito referência, Adão não foi o único que sofreu com a desobediência, mas toda a humanidade, de todas as épocas e lugares, ficou impregnada com a depravação.

Os estudiosos, ao longo dos anos, tem discutido de que forma se dá a transmissão do pecado, mas a Bíblia não se preocupa objetivamente com esta questão, antes, tem seu maior interesse em constatar um fato vivenciado por nós cotidianamente: *“Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”* (Rm. 3:23). Nas palavras de um conceituado teólogo: *“O homem perdeu o poder racional de determinar o procedimento, rumo ao bem supremo... o homem tem, por natureza, uma irresistível inclinação para o mal. Ele não é capaz de compreender e de amar a excelência espiritual, de procurar e realizar coisas espirituais, as coisas de Deus, que pertencem à salvação”* (3).

IV. Conclusão

O homem caiu – longe está daquela *inocência original*.

O homem depravou-se – incapaz de agradar a Deus, pois, deseja agradar a si mesmo e ao pecado que nele habita.

Nada pode o homem fazer, nesta circunstância, para obter salvação e livrar-se da prisão do pecado. Mas Deus bondoso já tinha arquitetado a libertação humana e já colocava em prática o plano da salvação com as seguintes palavras: *“a descendência da mulher te ferirá a cabeça”* – não há aqui uma mera referência à repugnação sentida pelos homens com relação às cobras, mas a confirmação da promessa de que Jesus, o descendente da mulher, destruiria as obras de Satanás. Continuemos estudando nas próximas lições este maravilhoso plano da salvação.

Nota e Referências:

(1)Elwell, Walter A., *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, vol. 1, p. 412

(2)Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 234.

(3)Berkhof, *Idem*, p. 250.

Avaliação

Responda às seguintes perguntas sem consultar o texto estudado:

1. Como poderia ser chamado o Pacto entre Deus e Adão?

2. O que acrescentou Eva à proibição de Deus de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal?

3. Por que Eva foi a pessoa visada por Satanás para conseguir a Queda do Homem?

4. Cite duas conseqüências da Queda.

O Perdão de Pecados no Antigo Testamento e a Salvação no Novo Testamento

Leituras Diárias:

Segunda – Levítico 4:1-12

Terça – Levítico 4:13-21

Quarta – Levítico 4:27-35

Quinta – Levítico 4:27-35

Sexta – Hebreus 8:1-13

Sábado – Hebreus 9:1-12

Domingo – Hebreus 9:13-28

I. Introdução

O homem, separado do Criador, não foi abandonado pelo mesmo. Pelo contrário, a História da Bíblia é a História de um Deus amoroso em busca dos homens criados originalmente à sua imagem, mas separados dele por causa do pecado. Encontramos demonstração disto logo após Adão ter desobedecido e, mesmo consciente deste fato, Deus vem em busca dele: *"Mas chamou o Senhor Deus ao homem, e perguntou-lhe: Onde estás?"* (G. 3:9).

Deus veio em busca de Adão, veio em busca de Noé, veio em busca de Abraão, tentou de diversas formas soerguer Israel de sua desobediência e, finalmente, buscou toda a humanidade através da Obra de Jesus Cristo.

O plano proposto por Deus em busca do homem foi o *Plano da Redenção*. Redenção significa o livramento concedido a alguém mediante o pagamento de certo valor. E a palavra é bem ilustrada se imaginamos um mercado de escravos, onde

para ser concedida a liberdade dever-se-ia pagar certa quantia para o resgate.

Vejamos qual a forma de pagamento realizada por Deus para livrar o homem da escravidão do pecado.

II. Por que o Sacrifício de Animais no Antigo Testamento

Quem lê o Antigo Testamento, especialmente o livro de Levítico, fica surpreso com os constantes relatos de sacrifícios de animais: gado, bodes, cordeiros, pombas, etc. Alguns, menos informados, podem pensar em Deus como um Deus sanguinário que exigiu do povo do Antigo Testamento, especialmente dos israelitas, a morte de inofensivos animais. Obviamente que pecamos terrivelmente se pensamos desta forma.

Mas por que Deus exige a morte de inocentes animais no Antigo Testamento para conceder perdão aos homens?

Temos que lembrar que o resultado natural para o pecado do homem é a morte: Morte física e espiritual. Lembremos

que Deus havia dito a Adão: *“no dia em que comeres do fruto... certamente morrerás”*.

Os homens, porque são pecadores, encontram-se debaixo da mesma condenação, que pode ser automaticamente realizada por Deus, pois, o pecado já foi cometido.

Logo, para que o juízo contra o pecado não seja realizado, alguém deve tomar o lugar do homem. É dentro deste raciocínio que se tornou necessária a morte dos animais como substitutos do homem – para que não houvesse imediato juízo de Deus sobre o pecado.

Obviamente que o próprio homem não poderia morrer para obter perdão pelos seus próprios pecados. Por quê? Simplesmente porque é pecador e Deus não pode aceitar uma oferta para o perdão manchada pelo pecado.

III. Sacrifício Antes de Moisés

Percebemos, pela história bíblica, que o homem não começou a sacrificar animais para obter o perdão somente no tempo de Moisés. Muitos consideram que a instituição dos sacrifícios deu-se ainda no Jardim do Éden: *“E o Senhor Deus fez túnicas de peles para Adão e Eva, sua mulher”* (Gn. 3:21). Para obter as túnicas Deus matou os animais, ou seja, o animal ocupou o lugar que pertencia a ambos. Se realmente a instituição de sacrifícios pelo pecado começou aqui é difícil saber com certeza, mas é certo que Deus orientou o homem, mesmo antes de Moisés, da necessidade de derramar o sangue para obter perdão:

- O Senhor recebeu o sacrifício feito por Abel: *“Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e de sua gordura. Ora, atentou o Senhor para Abel e sua oferta”* (Gn. 4:4).

- Noé sacrificou ao Senhor por causa do pecado: *“Edificou um altar ao Senhor e ofereceu holocausto sobre o altar”* (Gn. 8:20).

- Jó, que viveu antes de Moisés, ofereceu sacrifícios pelos seus filhos

(Jó 1:4,5).

IV. A Instituição de Sacrifícios no Tempo de Moisés

Mas, com Moisés Deus ordena detalhadamente o roteiro a ser seguido para que o sacrifício oferecido seja satisfatório: O Livro de Levítico traz todos os detalhes para os vários sacrifícios que deveriam ser apresentados. O sacrifício pelo pecado deveria ser feito na seguinte seqüência:

1. Apresentação da vítima – Desta forma o indivíduo reconhecia que era pecador (Lv. 4:4,14).

2. A imposição da mão – Com isto o indivíduo identificava-se com o animal – ou seja – o mesmo morreria em seu lugar (Lv. 4:4,15).

3. O ato de imolar o animal – Quando o animal é morto o indivíduo está consciente de que ele mesmo deveria ser morto (Lv. 4:15).

4. A apresentação do sangue – O sangue do animal sacrificado era levado até o Santo Lugar e era aspergido sobre o altar do incenso – desta forma o pecador mostrava ao Senhor a vida que foi morta em seu próprio lugar (Lv. 4:5-7, 4:16-18).

Depois a gordura era queimada sobre o Altar (Lv. 4:8-10,19) e a carne ou seguia o mesmo fim (Lv. 4:21) ou era comida pelos sacerdotes (Lv. 6:26).

Com a instituição dos sacrifícios Deus queria apontar para a necessidade de alguém pagar pelo pecado. Na verdade, Deus estava preparando caminho para o Único que poderia morrer eficazmente pelos nossos pecados: Jesus Cristo.

V. O Sacrifício de Jesus Cristo

Os sacrifícios no Antigo Testamento visavam prefigurar os sofrimentos e a morte de Jesus Cristo. Somente Ele poderia satisfazer a justiça de Deus morrendo por todos os homens e levando sobre si todos os pecados.

Na verdade, os rituais de sacrifício eram para um tempo específico, para o

Antigo Testamento: “A primeira tenda, que é uma parábola para o tempo presente, conforme a qual se oferece tanto dons como sacrifícios... sendo somente no tocante a comida, e bebidas, e várias abluções, umas ordenanças da carne, impostas até um certo tempo de reforma” (Hb. 9:8-10).

Mas não eram aqueles sacrifícios que na verdade concediam o perdão, mas sim o sacrifício de Cristo que cobre os pecados daqueles que viveram não só no Seu tempo, mas também no futuro e no passado: “porque é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados” (Hb. 10:4).

VI. Conclusão

“Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados” – É partindo desta tese que a História de Redenção se desenvolveu.

Os animais oferecidos pelo pecado do homem apontavam o sacrifício de Cristo. Assim, não era necessariamente a morte do animal que concedia o perdão – mas a confiança do ofertante de que aquela oferta, que simbolizava Cristo, concedia o perdão.

Também hoje, o fato de Cristo ter morrido pelos homens não significa que todos são salvos como no Antigo Testamento. É necessário o arrependimento pelo pecado (reconhecer que é pecador e que seus pecados desagradam a Deus) e ter fé (acreditar que o sacrifício de Cristo foi todo capaz para conceder o perdão pelos pecados cometidos).

Avaliação

Encontre no emaranhado de letras as respostas para as questões abaixo.

1. Resultado natural do pecado para o homem? _____
2. Meio ilustrado de conseguir o perdão dos pecados no Antigo Testamento?

3. Nome de um dos personagens que ofereceu sacrifícios pelo pecado antes de Moisés?

4. Aquele que ofereceria o sacrifício definitivo por todos os homens de todas as eras?

5. Tese principal da História da Redenção: “Sem derramamento de sangue não há remissão de...”? _____

K S L E M E B V E A I O O O P U L R J J Q W E V E C E K K L N B
M E L I I I E Y U N B C S K D S I K Ç D D R V M K J U F R G T J
L P O K J N G C B G T M E D C F D E K P O O I O M J H A A A D E
K O I U U J R S E D R O R V L L O P K I K I L O O C B N N V C D
L O L K F F F R E D A R Q E J E S U S C R I S T O L P O I E W W
L O I I Q E R T F V C T I O Q E V C D K P O E I I O W E R T L L
S A C R I F I C I O D E A N I M A I S O Y R E K N B V A E I O E
K I O D E S K K Q E R R T O V B P O M M N B C D S E S S D A Q D
I O E R R T U B V N K L P E C A D O S D E W E K P O I M N D E S

A Salvação - Bênçãos Advindas

I. Introdução

Hal Lindsey, famoso escritor evangélico, dedicou todo um livro a este assunto que agora estudamos. Em *"Libertos para Viver"*, de forma viva e alegre, ele descreve toda a Doutrina da Salvação (tecnicamente chamada de *Soteriologia*), salientando principalmente os benefícios oferecidos a todo aquele que recebeu o sacrifício de Cristo através do arrependimento e da fé.

Este assunto merece, na verdade, algumas dezenas de volumes por causa de sua importância e interminável conteúdo. Mas, por enquanto, teremos de nos satisfazer com algumas *pinçeladas*, desejando que em outra oportunidade possamos mais profundamente estudar sobre estas magníficas bênçãos recebidas por ocasião de nossa salvação.

II. As Multiformes Bênçãos da Salvação

Verdadeiramente a salvação é maravilhosa, e o Apóstolo Paulo, consciente do dom indizível da salvação através de Cristo, declarou, comparando os resultados do pecado de Adão e os benefícios da obra de Cristo: *"Mas onde o pecado abundou, superabundou a graça, para que, assim como o pecado veio a reinar na morte, assim também viesse a reinar a graça pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor"* (Rm. 5:20,21).

Leituras Diárias:

Segunda – Miquéias 7:18,19

Terça – João 3:3-6

Quarta – I João 3:1-3

Quinta – Romanos 3:21-28

Sexta – Romanos 8:1-17

Sábado – Romanos 8:18-30, 33,34

Domingo – Lucas 15:25-32

Sim, o pecado não obscureceu a graça divina, antes, permitiu que a mesma fosse manifesta. Por isso, no momento da salvação, quando a graça insuperável de Cristo nos alcança, uma série de bênçãos a acompanham.

Nossos olhos carnis não percebem, mas, no momento em que um pecador arrepende-se e crê na obra de Cristo, uma série de bênçãos alcançam-no: seus pecados são propiciados, ele é perdoado, justificado, regenerado e adotado por Deus. Vejamos o que cada termo significa:

A. A Propiciação

Quando pecamos, encontramos automaticamente sob o juízo de Deus, ou seja, estamos à mercê da morte física e espiritual pois já vimos que o salário do pecado é a morte.

Por quê? Porque o pecado promove a ira de Deus já que o mesmo ofende o Seu caráter santo (Dt. 9:20). Assim, todos os

homens estão sob a ira de Deus e caminham para a condenação eterna.

O que tem a ver a propiciação de Cristo com isto?

Rm. 3:25 ensina: *“(Cristo Jesus), ao qual Deus propôs como propiciação da sua justiça por ter ele, na sua paciência, deixado de lado os delitos outrora cometidos”*. A propiciação diz respeito a ter Cristo sofrido a ira divina em lugar de toda a humanidade. E pelo texto lido aprendemos também que o sacrifício de Cristo funcionou como uma *conta bancária* na qual todos os pecados do passado e do futuro foram depositados para serem sacados por ocasião do sacrifício de Cristo. É interessante notar o brado de Cristo no momento da crucificação: *“Está consumado”* (Jo. 19:30) – indicando, entre outras coisas, que as *“dívidas de pecado”* estavam pagas.

Podemos sintetizar a Doutrina da Propiciação como o seguinte gráfico:



B. O Perdão

O perdão não significa que Deus deixou para lá nossos pecados. Pelo contrário, para nos conceder perdão o próprio Deus pagou um alto preço: *“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados, mas com o precioso sangue de Cristo”* (I Pe. 1:18,19).

O perdão obtido por ocasião da salvação implica o livramento da penalidade devida ao pecado. Nele temos, *“pelo sangue, a remissão dos pecados”* (Ef. 1:7).

E o perdão de Deus não é para alguns pecados, mas para todos:

“Para mostrar como o seu perdão é completo, Deus diz que as iniquidades são lançadas nas profundezas do mar (Mq. 7:19); não em lugar raso, onde poderiam ser descobertas pela maré vazante, mas nas profundezas do oceano, onde, mesmo que fossem procuradas, não seriam encontradas. Tal é o perdão de Deus”(1).

C. A Justificação

Paulo, citando o Antigo Testamento, afirma em Rm. 3:10: *“Não há justo, nem um sequer”*. Por este texto percebemos que o homem é um criminoso, ou seja, um violador da Lei Divina.

E neste ponto não basta ser perdoado, pois, o perdão significa a **subtração** de nossos pecados, sendo preciso a **adição** da justiça de Cristo(2). Afinal, o perdão nos livra da culpa do pecado, mas não nos restaura o favor de Deus, o qual tínhamos perdido. Há grande diferença entre um criminoso perdoado e um justo, que nenhum crime cometeu(3).

Quando sou salvo, Deus toma meus pecados e os coloca sobre Cristo (perdão), toma a justiça de Cristo e a coloca sobre mim (justificação). Como ensina o próprio

Paulo: “Aquele que não conheceu pecado (Cristo), Ele (Deus) o fez pecado por nós; para que nele (Cristo) fôssemos feitos justiça de Deus” (II Co. 5:21).

A justificação significa a transferência da Justiça de Cristo para aquele que é salvo.

D. A Regeneração

Antes da Queda, podemos ilustrar o homem da seguinte forma:



Depois da Queda nós encontramos o espírito, que permite o relacionamento com Deus, morto:



A Regeneração consiste exatamente na comunicação da vida espiritual realizada pelo Espírito Santo: “nos salvou mediante o lavar da regeneração e renovação pelo Espírito Santo” (Tt. 3:5).

A própria construção da palavra indica o seu significado: regenerar = re-gerar = “gerar de novo”.

E. A Adoção

Em termos jurídicos a adoção é o ato de uma pessoa receber o filho de outra em sua própria família, e lhe conferir os mesmos privilégios de um filho natural. E é exatamente isto que Deus faz conosco – antes de Cristo estávamos separados da família de Deus – ainda mais, a Bíblia declara veementemente que os homens naturais são:

- Filhos da desobediência: Efésios 5:6.
- Filhos da ira: Efésios 2:3.
- Filhos do Diabo: I João 3:10.

A adoção divina consiste em tomar aqueles que outrora estavam separados da Família de Deus e torná-los Seus filhos – “vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus” (I Jo. 3:1).

Veja que Deus não é apenas alguém que perdoa nossas ofensas, ou um juiz que nos declara justos, mas é um Pai que carinhosamente nos recebe como filhos amados: *“Embora um juiz possa absolver totalmente alguém que esteja sendo acusado de crime, não pode, contudo, conferir ao que foi absolvido nenhum dos privilégios que um filho tem. Mas o crente em Jesus Cristo tem o privilégio de poder considerar a Deus não apenas como juiz e justificador, mas um pai harmonioso com quem se reconcilia”* (4).

III. Conclusão

Na verdade todas as bênçãos da salvação são a própria salvação, pois, a salvação é encontrar em Cristo a propiciação pelos nossos pecados, livrando-nos da ira divina; é, mediante este mesmo sacrifício, obter o perdão e a justiça de Cristo; é ter a vida de Deus em nós, a Regeneração; e, porque fomos gerados de novo, gerados por Deus, é chamarmos Deus de Pai.

Notas e Referências:

(1) John L. Dagg, *Manual de Teologia*, p. 212.

(2) Hal Lindsey, *Libertos Para Viver*, p. 121.

(3) *Idem*, p. 213.

(4) Dagg, *op. Cit.*, p. 220.

Avaliação

Defina com suas próprias palavras o que é:

1. Propiciação

2. Perdão

3. Regeneração

4. Adoção

A salvação - preservação dos Santos

Leituras Diárias:

Segunda – João 10:22-29

Terça – Romanos 11:25-36

Quarta – Filipenses 1:3-11

Quinta – I Pedro 1:2-12

Sexta – Hebreus 7:24-8:2

Sábado – Efésios 1:12-14

Domingo – Romanos 8:31-39

I. Introdução

Tendo analisado as bênçãos companheiras da Salvação, deparamo-nos com importante pergunta: aquele que foi salvo é salvo para sempre ou há possibilidade de perder a salvação?

Veremos, através dos versículos adiante, que as Escrituras declaram que aquele que passou pelo ato da regeneração, recebendo o perdão dos pecados, sendo declarado justo e adotado por Deus, nunca e jamais perderá a Salvação.

Por isto o título da nossa lição é “A Preservação dos Santos”, indicando que os santos (salvos) serão preservados da perdição eterna sempre e eternamente. Outro título muito comum para esta doutrina é “A Perseverança dos Santos”, mas talvez não seja o melhor título, pois, pode dar a entender que é o salvo pela força que permanece salvo – mas sabemos que pela força humana nenhum homem chega à salvação e nem tampouco poderia mantê-la. Por isto, optamos por “A Preservação dos Santos”,

considerando que o autor da preservação não é o próprio homem, mas o Deus Todo-Poderoso.

II. Textos Bíblicos que Atestam a Preservação dos Santos

Vejamos alguns dos muitos textos que comprovam esta doutrina:

A. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem; eu lhes dou a vida eterna, e jamais perecerão; e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos. E ninguém pode arrebatar-las da mão de meu Pai” (Jo. 10:27-29).

O Senhor Jesus Cristo no verso vinte e oito dá três motivos para estarem os crentes (suas ovelhas) seguros quanto à salvação:

- Jesus afirma que para esses Ele concedeu vida eterna – é importante observar que esta vida eterna é desfrutada pelo salvo não quando morre, mas no momento em que é regenerado. Assim, se fosse possível o crente perder a salvação, o termo *vida eterna* utilizado por Cristo seria incorreto.

- Jesus afirma que suas criaturas jamais perecerão – caso fôssemos traduzir literalmente esta colocação de Cristo diríamos: “*não, nunca perecerão eternamente*” – verdade é que no Original temos duas negativas que fortalecem a negação de possibilidade de os crentes perecerem eternamente.

- Jesus ainda afirma que suas ovelhas não são arrebatadas de sua mão – indicando Sua proteção a todo aquele que nEle crê.

Mas é importante salientar que apenas os verdadeiramente salvos, regenerados, têm esta proteção sobrenatural. Como o próprio Cristo afirmou, os preservados são aqueles que são do Seu aprisco, ouvem-no (obedecem-no) e seguem-no. Logo, ser membro de igreja evangélica não indica necessariamente que o indivíduo seja do aprisco de Cristo.

B. “Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm. 11:29) – Apesar de o Apóstolo Paulo referir-se no contexto à nação de Israel como povo que jamais será abandonado totalmente por Deus, o princípio é extensivo a todos os demais decretos divinos, inclusive o Decreto da Salvação.

A palavra dom refere-se ao favor divino dispensado ao homem. E vocação é a chamada de Deus para o Seu Reino: A Salvação é um dom, como afirma Efésios 2:9 (“*pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus*”), como também uma vocação, pois, foi Cristo

quem nos chamou: “*Vós não me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós*” (Jo. 15:15). Já que a Salvação é um dom e uma vocação, ela é irrevogável, ou seja, é impossível perdê-la.

C. “Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus” (Fl. 1:6). A boa obra de Deus nos crentes foi iniciada através da Salvação e é desenvolvida através da santificação. Paulo declara que Deus não abandona a obra que inicia na vida dos crentes, antes, vai desenvolvê-la até o dia em que Cristo voltar. Mais uma vez é salientado o fato de ser Deus o preservador do crente no caminho da salvação.

D. “...Pelo poder de Deus sois guardados, mediante a fé, para a salvação” (I Pe. 1:5) – Pedro comprova que “*o poder e a proteção de Deus atuam tanto no sentido de preservar a salvação para os crentes como de preservá-los para a salvação*”(1).

III. Outras Provas da Preservação dos Santos

Além das passagens bíblicas diretas sobre o tema, há outras razões para se acreditar na Preservação dos Santos:

A. Cristo Intercede pelos Crentes – Cristo não só adquiriu com o preço de sua própria vida a nossa salvação, mas constantemente intercede por nós juntamente ao Pai – Hebreus 7:25.

B. Os Crentes foram Selados pelo Espírito Santo – Este evento que ocorre por ocasião da Salvação torna o crente propriedade exclusiva e inseparável de Deus – Efésios 1:13,14.

IV. Conclusão

Há uma série de textos bíblicos que atestam a segurança eterna do crente, traduzida na Doutrina da Preservação dos Santos.

Algumas passagens bíblicas quando estudadas sem maiores critérios podem conceder uma idéia contrária do que foi exposto. No entanto, percebemos que os autores bíblicos, quando se referem à pessoa separando-se da Graça de Deus, dizem respeito a meros congregados e não pessoas que passaram pela experiência da regeneração. Com referência a esses João afirma: *"Eles saíram do nosso meio, entretanto, não eram dos nossos: Porque, se tivessem sido dos nossos teriam permanecido conosco"* (I Jo. 2:19).

Notas e Referências:

(1)Enio R. Mueller, *I Pedro*, p. 80.

Avaliação

Com suas próprias palavras explique por que o melhor termo para a Doutrina estudada é "A Preservação dos Santos" do que "A Perseverança dos Santos".

Revisão

Lição

14

Leituras Diárias:

Segunda – II Timóteo 3:16,17

Terça – Salmos 19:1-6

Quarta – Hebreus 2:1-18

Quinta – Romanos 3:9-19

Sexta – João 16:1-14

Sábado – Hebreus 11:1-3

Domingo – Salmos 139:1-24

Assinale V para Verdadeiro ou F para Falso nas várias opções e confira com seu professor na próxima semana.

1. () Agnosticismo é a crença na inexistência de Deus.
2. () O Cristianismo é um Sistema Teísta.
3. () O Salmo 19 apóia o Argumento da Existência do universo (Argumento Cosmológico), que defende a existência de Deus.
4. () A Bíblia é inspirada por Deus, infalível e errante.
5. () O melhor termo para explicar a inspiração das Escrituras é Inspiração Supervisionada.
6. () Deus é um! Esta frase refere-se à Unidade de Deus.
7. () Deus foi criado antes do Universo.
8. () A Misericórdia de Deus é um Atributo Incomunicável.
9. () Uma das provas da Divindade de Cristo é que ele possui Atributos Incomunicáveis.
10. () Cristo era exclusivamente divino no tempo terreno de vida.
11. () A morte e a ressurreição de Cristo são os dois aspectos principais de Sua Obra.
12. () O Espírito Santo é um ser pessoal.
13. () O Espírito Santo deve ser adorado.
14. () O Espírito Santo habitava temporariamente no período do Antigo Testamento.
15. () O Espírito Santo no período do Novo Testamento habita temporariamente.
16. () Provavelmente um dia na Criação equivale mil anos.
17. () O Pacto entre Deus e Adão pode ser chamado de Pacto da Obediência.
18. () O pecado de Adão “contaminou” toda humanidade.
19. () Sem a morte de Cristo os sacrifícios no Antigo Testamento não teriam nenhum efeito.
20. () A Propiciação, a Justificação, o Perdão, a Regeneração e a Adoção são um longo processo.
21. () Aqueles que são salvos uma vez para sempre estão salvos.

Pergunta do Trimestre:

Por que Cristo, para fazer completamente sua obra, deveria ser Deus e homem completamente?

Natureza e Governo da Igreja

Lição

15

I. Introdução

Caso fizéssemos uma pesquisa junto ao público acerca de sua compreensão e conceito de Igreja, teríamos um número diverso de respostas, as quais revelariam idéias distorcidas e por demais distantes da definição bíblica de **Igreja**.

Na mente da maioria das pessoas, o termo Igreja significa, entre outras coisas:

- Templo ou local de culto.
- Denominação – um certo número de pessoas espalhadas em certa região (ou em todo o mundo) e sob um único nome; por exemplo: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Adventista, Igreja Presbiteriana, Igreja Batista, etc.

Com o passar dos anos, o termo **Igreja** passou a englobar uma série de significados que não correspondem ao modelo bíblico. Algumas pessoas, marcadas por frustrações com outras ou mesmo com grupos religiosos, afirmam que “*Igreja é uma empresa para enriquecer alguns líderes*”, “*Igreja é um local de fofocas*”, e assim por diante.

Mas, observemos nas Escrituras, que revelam a mente de Deus, o que se entende por **Igreja** e a forma como ela deve proceder (governo da mesma).

II. A Igreja Universal e Local

O termo **Igreja** que utilizamos deriva do Novo Testamento, o qual foi escrito em grego. E a palavra ali utilizada é *EKKLESIA*, que significa literalmente ou exata-

Leituras Diárias:

Segunda – Romanos 12:3-8

Terça – Romanos 12:9-16

Quarta – I Pedro 2:1-8

Quinta – I Timóteo 3:1-7

Sexta – I Timóteo 3:8-13

Sábado – Atos 13:1-3

Domingo – Tito 1:5-9

mente “*os chamados para fora*” e referia-se antes do Novo Testamento à assembléia de líderes de uma cidade que se reuniam às portas da mesma (as cidades naquele tempo tinham muros e portas) para resolver assuntos de interesse geral da comunidade: negócios, guerras, moral, etc. (veja exemplo dessas reuniões ou assembléias em I Reis 22:10).

A primeira vez que encontramos a palavra **Igreja** no Novo Testamento é na boca de Cristo em Mt. 16:18: “*Pois também te digo que tu és Pedro, sobre esta pedra edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*” (1).

Um conceito que podemos tirar da definição da palavra **Igreja** é que quem faz parte da igreja são aqueles chamados por Cristo para servir a Deus – “*Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós*” (Jo. 15:16a).

Agora que entendemos que igreja indica aqueles que foram chamados por Cristo e responderam positivamente a tal chamado, observemos os dois textos abaixo:

1. I Co. 12:12,13 – *“Porque assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nos foi dado beber de um só Espírito.”* Veja também Ef. 1:22.

2. At. 16:5 – *“Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia.”* Ver também Ap. 1:4.

No primeiro texto, Paulo faz referência à Igreja de Cristo como um todo, indicando que todos os que foram batizados no Espírito Santo são parte integrante da Igreja Universal. Ou seja, quem pertence à Igreja Universal é aquele que já foi regenerado e batizado com o Santo Espírito.

No segundo texto, Lucas, escritor de Atos, salienta o crescimento alcançado pelas igrejas da Ásia. Aqui há uma referência a um agrupamento local de convertidos – o que denominamos de Igreja Local.

Desta forma, há dois conceitos de Igreja no Novo Testamento – a Igreja Universal (composta por todos os que foram batizados no Espírito Santo, inclusive os que já morreram) e a Igreja Local (composta de membros que se reúnem periodicamente e que têm entre si laços de compromisso). A PIB DIV, por exemplo, é uma igreja local.

III. A Igreja – Símbolos

No Novo Testamento descobrimos uma série de símbolos utilizados com referência à igreja:

A. A Igreja como Corpo de Cristo.

“Porque como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros tem a mesma função, assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo e individualmente membros uns dos outros.” Rm. 12:4,5.

O Apóstolo dos Gentios, ensinando sobre dons, ilustra a igreja como um corpo, um organismo. E escrevendo aos coríntios, Paulo chega a identificar particularmente cada indivíduo da igreja como um órgão humano: um é o pé, outro a orelha, outro o olho, etc. (I Co. 12:14-27). O cérebro, no entanto, o Cabeça, o Líder, é apenas um: Jesus Cristo. (Cl. 1:18). Essa comparação de Paulo é por demais feliz, pois mostra que um membro da igreja é essencial ao outro e deve haver mútua cooperação. Mostra também que a igreja (local e universal) deve ficar submetida ao Senhor da Igreja: Jesus Cristo.

B. A Igreja como a Esposa de Cristo

“Porque zelo por vós com zelo de Deus, visto que tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo.” II Co. 11:2.

No Novo Testamento, o tratamento idealizado da esposa a seu marido é a submissão (Ef. 5:22) e do marido à sua esposa é o amor (Ef. 5:25). E quando Paulo faz referência à igreja como esposa de Cristo, relembra novamente a obediência da mesma para com o Cabeça, bem como aponta para a igreja como alvo do amor infinito de Cristo; a Igreja de Cristo tem o grande privilégio de vivenciar o amor do Filho de Deus: *“E havendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”* (plenamente), conforme nos é dito em Jo. 13:1.

Quando uma noiva se apresenta ao seu esposo no momento do casamento, ela faz de tudo para estar por demais bela e apreciável – igualmente a igreja deve estar pura e bela para seu esposo Cristo – *“igreja gloriosa, sem mácula nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.”* Ef. 5:27.

C. A Igreja como Templo de Deus

O templo de Jerusalém para o judeu era motivo de grande afeição, tanto é

que na oportunidade do lançamento dos alicerces do templo, quando do retorno judaico do cativeiro babilônico, muitos idosos choraram, lembrando-se da suntuosidade do Templo de Salomão: *“muitos dos sacerdotes, e levitas e chefes dos pais, já velhos, que viram a primeira casa, sobre o seu fundamento, vendo perante os seus olhos esta casa, choraram em altas vozes”* (Ed. 3:12,13).

Mas, no Novo Testamento o templo é a própria igreja de Cristo: *“Não sabeis que vós sois santuário de Deus?”* (I Co. 3:16).

E Pedro lembra-nos que cada crente, individualmente, é uma pedra que deve ser consagrada ao Senhor, para que todo o edifício (a igreja) esteja agradando a Deus: *“Vós também, quais pedras vivas, sois edificadas como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.”* (I Pe. 2:5).

Através destes símbolos aprendemos que a igreja, sendo corpo de Cristo, deve submeter-se a Ele, pois Ele é Cabeça: a igreja, sendo a esposa de Cristo, é o alvo do amor do seu marido e deve guardar-se exclusivamente para Ele; os crentes, sendo *“pedras”* que participavam na edificação da igreja, tem a responsabilidade de encher-se do Espírito Santo para que a igreja tenha uma vida agradável perante os olhos de Deus.

IV. A Igreja – Forma de Governo

Uma das convicções distintas e fundamentais dos batistas é a defesa da independência da igreja local. Isto porque vemos no Novo Testamento um modelo de igreja que é auto-governante, auto-sustentador e auto-multiplicador.

Observe os seguintes textos:

“Por esta causa te deixei em Creta (...) para que em cada cidade estabelecesses anciãos...” (Tt. 1:5). Paulo sabia da importância de cada cidade ter sua própria liderança. Assim, Tito, um enviado apostólico,

tinha obrigação de escolher estes homens – pessoas que preenchessem certos requisitos: irrepreensibilidade, hospitalidade, justiça, etc. É bom salientar que *“anciãos”* aqui é a mesma função de presbítero ou pastor – a igreja local é auto-governante. *“Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas daquelas estavam sendo esquecidas na distribuição diária.”* (At. 6:1) – Observe que na igreja de Jerusalém era feita uma coleta para suprir as necessidades da comunidade cristã, entre elas auxílio às viúvas. A igreja sustentava a si mesma. Uma igreja, para obedecer os moldes do Novo Testamento, deve encontrar nela mesma os meios financeiros para suprir suas necessidades, bem como alcançar seus alvos. A igreja local é auto-sustentadora.

“Ora, na igreja em Antioquia havia profetas e mestres... disse o Espírito Santo: separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, depois que jejuaram, oraram e lhes impondo as mãos, os despediram.” (At. 13:1-3). A igreja local de Antioquia enviou seus próprios missionários, os quais mantinham um elo íntimo de relacionamento com a igreja – observe que, depois, Paulo e Barnabé davam relatórios (At. 14:26-28). A igreja deve, ela mesma, multiplicar-se, alcançar outras terras, outros povos e não acomodar-se a meramente contribuir para as Juntas de Missões.

Assim, seguindo as orientações das Escrituras, nós, batistas, defendemos:

1. Uma igreja autônoma – nenhum outro grupo religioso, associação ou governo pode impor determinações à igreja local, no que se refere a decisões internas.

2. Uma igreja democrática – onde cada membro tem o mesmo poder de decisão, pois, cada crente é igualmente representante de Cristo como todos os de-

mais. Ver I Pe. 2:9. O propósito das assembleias administrativas é exatamente que todo membro da igreja participe em todas as decisões.

Este modelo de governo autônomo – democrático – é chamado de Congregacionalismo, ou seja, o poder de decisão recai sobre toda congregação. Este é o modelo bíblico, o modelo batista.

V. A Igreja – Oficiais

Entendemos oficiais como sendo aquele grupo de pessoas que tem uma posição de liderança devido a algum cargo que ocupa.

Com o desenvolvimento da estrutura eclesiástica, no início da igreja nós vamos encontrar dois oficiais básicos: os presbíteros e os diáconos. Tanto é que Paulo, quando escreve aos filipenses, faz referência a esses dois grupos: "*Paulo e Timóteo, a todos os santos que estão em Filipos, com os bispos e diáconos.*" (Fl. 1:1).

É bom salientar que presbítero (ou ancião), bispo e pastor são a mesma coisa, como mostra o seguinte texto:

"E de Mileto mandou a Éfeso, a chamar os anciãos da igreja... Olhai por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus." (At. 20:17,28). Assim, nas Escrituras, presbítero (ou ancião), bispo e pastor são um único ofício.

Por estas três designações dadas ao pastor extraímos três importantes princípios para o mesmo:

1. O nome **Presbítero** ou ancião (no grego, *presbíteros*) indica a maturidade exigida deste.
2. O nome **Bispo** (no grego, *episkopos*) aponta para a função de supervisor.
3. O nome **Pastor** (no grego, *poimena*) mostra a necessidade daquele que ocupa esta função em proteger, consolar e alimentar as ovelhas com a Palavra.

O diácono pode ter sua origem em Atos 6:1-7, quando ele recebe a função de cuidar de questões administrativas da comunidade. No entanto, os diáconos também lidam com questões espirituais. Afinal de contas, Estevão, um dos diáconos da igreja de Jerusalém, era envolvido com a evangelização e ensino: "*Estevão, cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo... e não podiam resistir a sabedoria e ao espírito com que falava.*" (At. 6:8,10).

A diferença básica entre estes dois oficiais da igreja é que os diáconos devem estar subordinados aos pastores.

VI. Conclusão

Poderíamos sintetizar da seguinte maneira esta lição:

1. A palavra **Igreja** indica o chamado que recebemos, e ao qual atendemos, para servir a Deus.
2. Igreja Universal é o conjunto de todos os que foram batizados com o Espírito Santo, de todos os lugares.
3. Igreja Local é um conjunto de crentes que se reúnem periodicamente em um local e que tem ente si laços de compromisso.
4. Igreja Local deve ser auto-sustentadora, auto-governante e auto-multiplicadora.
5. Os três símbolos básicos para a igreja no Novo Testamento são os de Espoça de Cristo, Corpo de Cristo e Templo de Deus.
6. A igreja possui dois tipos de oficiais básicos: os pastores e os diáconos.

Notas e Referências:

(1)Cristo não diz que Pedro é a base da igreja, mas o próprio Cristo – Pedro, como os demais apóstolos, foi uma "pedrinha", mas Cristo foi a Pedra, a Rocha: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a Principal pedra da esquina" (Ef. 2:20).

Avaliação

1. Faça a ligação da coluna à direita com a coluna da esquerda:

Presbítero	*	* Cristo
Surgimento dos diáconos	*	* Crentes de todos os lugares
Templo de Deus	*	* Pastor
Igreja Universal	*	* Cristo
Cabeça da Igreja	*	* Atos 6:1-7
A Pedra Fundamental da Igreja	*	* Igreja

2. Responda às seguintes questões:

A. Qual a diferença principal entre diácono e pastor?

B. Por que uma congregação da PIB DIV não pode ser considerada uma igreja local nos padrões neotestamentários?

As Ordenanças

Batismo e Ceia

I. Introdução

O Batismo e a Ceia são realizados em praticamente todas as igrejas chamadas “*crístãs*” – tanto os evangélicos (baptistas, congregacionais, presbiterianos, etc.) até as seitas (Igreja Adventista, Congregação Crístã, etc.) e também pela Igreja Católica Romana – todas repetem estes dois atos das mais variadas formas e com os mais diversos significados.

Muitos grupos utilizam a palavra *sacramento* para fazer referência ao Batismo e à Ceia, como é o caso dos católicos. A palavra *sacramento* dá a entender que estes atos são um meio de graça, ou seja, são necessários à salvação. Assim, os católicos preocupam-se em batizar seus filhos o mais rápido possível, caso contrário, se morrerem antes deste sacramento, não entrarão no Céu.

Obviamente que esta palavra e, logo, tal forma de pensar não é correta, pois, a salvação vem somente através da fé no sacrifício de Cristo e não por meio de um rito externo. Na verdade, não encontramos nas Escrituras as palavras *sacramento* e *ordenança*. Porém, esta última melhor sintetiza o significado e os propósitos da Ceia e do Batismo, pois, o termo *ordenança* salienta que esses dois atos simbólicos foram ordenados por Jesus Cristo. Dizemos que as ordenanças são atos simbólicos,

pois, elas ilustram verdades centrais da fé neotestamentária; entre elas: a morte e a ressurreição de Cristo(1).

Para que você tenha uma definição do que é ordenança, leia com bastante atenção a seguinte frase (mais de uma vez):

“Ordenança é um ato simbólico ordenado por Jesus Cristo para observação perpétua, até a sua volta, como testemunho das verdades centrais do evangelho (morte e ressurreição de Cristo)”(2).

II. Batismo

É bom salientar, a nível de informação, que o batismo não era algo totalmente novo nos dias de Jesus Cristo – egípcios, persas, romanos e gregos utilizaram o rito do batismo como parte de suas *purificações religiosas*. No entanto, o batismo crístão é totalmente singular, pelo grande número de significados que ele traz e por ter sido instituído por Cristo, que é Deus.

Os próprios judeus realizavam o ato de batismo – antes mesmo de Cristo iniciar seu ministério, João, seu primo, batizava:

Leituras Diárias:

Segunda – Romanos 6:1-6

Terça – Mateus 3:13-17

Quarta – Mateus 28:16-20

Quinta – Gálatas 6:14 e I Pedro 2:24

Sexta – Lucas 22:7-23

Sábado – I Coríntios 11:17-34

Domingo – I Coríntios 10:14-21

"Apareceu João batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento... e pregava dizendo: após mim vem aquele que é mais forte do que eu, ao qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das suas alparcas" (Mc. 1:4,7).

A diferença básica entre o batismo de João e o batismo de Cristo é que o primeiro visava exclusivamente judeus, pertencia ainda ao tempo do Antigo Testamento e preparava a nação de Israel para o Messias que viria. O batismo de Cristo é para todo o que crê, o Messias já veio, morreu e ressuscitou e hoje o Batismo é uma ordenança da Nova Aliança.

A. Significado do Batismo

Foi dito no início que a ordenança é um símbolo, assim, é preciso entender o que o Batismo cristão simboliza exatamente.

Paulo sintetiza em Romanos 6:3-5 o significado do Batismo: *"Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição"*.

O Batismo consiste em ser mergulhado nas águas e emergir delas.

A imersão (ser mergulhado nas águas) indica:

1. Morremos para o pecado (ver Gálatas 6:14; I Pe. 2:24) – Quando aceitamos o Senhor Jesus Cristo declaramos nosso desejo de não mais submetermo-nos ao poder do pecado: *"considerai-vos como mortos para o pecado..."* (Rm. 6:11a).

2. Identificamo-nos com a morte de Cristo – Observe novamente o verso 3 de Romanos 6: *"fomos batizados na morte (de Jesus Cristo)"*. A identificação significa afirmar que o batizando é quem deveria morrer por causa dos seus pecados.

A emersão (ser levantado das águas) indica:

1. Fomos ressuscitados para servir a Deus – *"mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus Nosso Senhor"* (Rm. 6:11b) – O ser levantado no Batismo tipifica aquilo que Deus mesmo fez em nossas vidas: Ele nos regenerou com o propósito de vivermos para Ele.

2. Identificamo-nos com a ressurreição de Cristo – Cristo ressurgiu dentre os mortos, o mesmo acontecerá conosco – o batismo é uma declaração de esperança – esperança de que nossos corpos serão levantados do sepulcro como foi o corpo de Cristo: *"Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão..."* (I Ts. 4:16).

Podemos sintetizar os significados do Batismo da seguinte maneira:

Batismo	Fato Ocorrido	Identificação
Imergir (sepultado nas águas)	Mortos para o pecado	Com a morte de Cristo
Emergir (levantando das águas)	Regenerados para servir a Deus	Com a ressurreição de Cristo

De maneira bem simplificada, podemos definir Batismo como sendo a identificação daquele que já morreu para o pecado e foi regenerado por Deus com a morte e a ressurreição de Cristo.

B. Porque o Batismo é uma ordenança

Neste ponto queremos frisar nossa atenção especificamente no aspecto de mandamento do Batismo, para que enten-

damos que o Batismo não é opcional, mas obrigatório a todo o crente(3):

1. Cristo pediu para ser batizado (Mt. 3:13-15) – Cristo requisitou ser batizado por João Batista, não para confessar seus pecados, pois Ele não os tinha (Hb. 4:15), mas simplesmente para identificar-se com a mensagem de João que pregava a vinda do Messias. Com aquele ato, Cristo queria afirmar que era Ele o Messias pregado por João e tal ficou provado, pois, o Espírito Santo desceu sobre Cristo em forma de pomba e o Deus Pai declarou: “*este é meu Filho amado, em quem me comprazo*” (Mt. 3:17).

2. Cristo ordenou aos apóstolos e aos primeiros discípulos na Grande comissão a ensinar e batizar todos os que recebessem o Evangelho (Mt. 28:19,20; ver também Mc. 16:16).

3. Os apóstolos ensinavam e praticavam o Batismo: “*Disse-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo...*” (At. 2:38).

Assim sendo, depois que o indivíduo tem plena certeza de sua salvação e tem dado mostras do arrependimento gerado por Deus em sua própria vida, não há razão para que este indivíduo não seja batizado.

C. A forma do Batismo

Nas igrejas são utilizadas duas formas de Batismo:

1. Batismo por Aspersão – Significa molhar com um pouco de água a cabeça do batizando. Esta é a prática de igrejas como a Igreja Presbiteriana, Igreja Católica, algumas Igrejas Congregacionais, etc.

2. Batismo por Imersão – Significa mergulhar totalmente o corpo do indivíduo nas águas. Esta é a prática batista.

Defendemos o Batismo por Imersão como sendo a maneira correta pelos seguintes motivos:

1. Jesus Cristo foi batizado por Imersão – O texto bíblico relata: “*E sendo batizado saiu logo da água...*” (Mt. 3:16). Ora, “*Jesus não ia entrar num rio para receber umas gotinhas de água na cabeça*” (4). Além disto, João preocupava-se em procurar um lugar para batizar onde houvesse água em abundância para realizar o batismo de Imersão: “*Ora, João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas*” (Jo. 3:23).

2. A palavra batizar significa imergir – A palavra batizar vem do grego, língua do Novo Testamento, e significa “*imergir*” ou “*mergulhar*”.

3. A Imersão simboliza corretamente a identificação com a morte, e a Emersão, a ressurreição de Cristo – É fácil pensarmos como molhar a cabeça com a água tem alguma relação simbólica com a morte e a ressurreição de Cristo: “*Na melhor das hipóteses, a aspersão é um símbolo de um símbolo*”.

III. A Ceia do Senhor

As duas principais narrações que ensinam objetivamente sobre a Ceia do Senhor (Lc. 22:7-23 e I Co. 11:17-34) trazem a obrigatoriedade de sua realização:

“*Fazei isto em memória de mim*” (Lc. 22:19, I Co. 11:24).

A. O Significado da Ceia do Senhor

O Significado da Ceia é duplo – Paulo declarou: “*Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberes o cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha*” (I Co. 11:26).

Por este texto entendemos um sentido passado e outro futuro.

Passado porque a Ceia é um Memorial – o pão e o vinho simbolizam o corpo e o sangue de Cristo. “*E a razão desta ordenança é manter viva no cristão a lembrança do sacrifício de Cristo*” (5).

É futuro porque a Ceia é uma declaração de que Jesus voltará novamente – “até que Ele venha”. Sempre que a igreja local se reúne, ela declara que Jesus virá a este mundo novamente.

B. Os participantes da Ceia do Senhor

“Porventura o cálice da bênção que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo: porque todos participamos do mesmo pão” (I Co. 10:16,17).

Quem deve participar da Ceia é aquele que está em comunhão com Cristo e em comunhão com os irmãos. Paulo ordena que o participante faça um auto-exame antes de tomar do Pão e do Vinho – “examine-se pois o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice” (I Co. 11:28).

Assim, tendo um bom relacionamento com o Dono da Ceia (Cristo) e com os demais participantes (A Igreja de Cristo), podemos comungar com alegria do Pão e do Vinho (ver Jo. 3:5-7).

IV. Conclusão

Ceia e Batismo – estas são as únicas ordenanças que encontramos para a Igreja – ambas povoadas de profunda e singela simbologia.

Ambas tem um sentido memorial e escatológico (futuro).

A Ceia, como memorial, lembra o Corpo de Cristo que foi moído na Cruz para

conceder-nos salvação e, escatologicamente, aponta para o retorno do Cordeiro de Deus em tempo breve.

O Batismo, como memorial, aponta para nossa morte para o pecado e nossa disposição em sermos servos de Deus. O Batismo tem um significado escatológico, pois, aponta para nossa ressurreição futura, à semelhança da ressurreição de Cristo.

As Ordenanças são oportunidades de lembrar as obras de Deus em Cristo e em nós, e é momento de ratificar nossa esperança no retorno do Senhor Jesus Cristo.

Notas e Referências:

- (1) Landers, John, *Teologia dos Princípios Batistas*, p.104.
- (2) *Idem*, p. 105.
- (3) Thiessen, p. 303.
- (4) Landers, p. 107.
- (5) Thiessen, p. 307.

Avaliação

Complete as seguintes frases:

1. O texto que melhor sintetiza o significado do batismo é: _____.
2. No batismo somos identificados como a _____ e a _____ de Cristo.
3. A forma que melhor ilustra o significado do batismo é a _____.
4. O motivo da Ceia é manter viva na mente do cristão a lembrança do _____.
5. Quem deve participar da Ceia é quem está em comunhão com _____ e com _____.

Disciplina na Igreja

Lição

17

I. Introdução

Disciplina não é uma palavra popular, talvez porque seja sinônimo de castigo, represália, punição e coisas semelhantes.

Mas no Novo Testamento não é assim. A palavra disciplina está relacionada com o termo *discípulos*, e poderíamos defini-la inicialmente como sendo tudo aquilo que é feito pela igreja local para que os seus congregados sejam discípulos autênticos do Senhor Jesus Cristo.

Shedd dá-nos a seguinte ilustração:

“A palavra disciplina pinta o quadro dum mestre seguido por seus discípulos que prestam atenção muito séria às suas palavras, mas almejam imitá-lo também. Tudo que o seu Senhor é, eles procuram ser” (1).

Logo, devemos desassociar de nossas mentes disciplina de exclusão da igreja e de perda de privilégios como membro, se bem que tais procedimentos podem ser empregados para que os crentes sejam mais parecidos com Seu Mestre.

Disciplina é um todo – envolve ensino, exortação, advertência, repreensão, correção, etc. Desta forma, disciplina é todo método que informa e corrige os conceitos errados que os discípulos imaginam caracterizar seu mestre.

Desta forma, quando estou num estudo bíblico, estou recebendo disciplina, quando um irmão chama-me ao lado e adverte-me sobre certa falha no meu comportamento, estou sendo disciplinado, e assim por diante.

Leitura Diárias:

Segunda – Gálatas 5:16-26

Terça – Mateus 18:15-17

Quarta – Mateus 18:18-22

Quinta – II Coríntios 2:1-13

Sexta – Efésios 6:1-10

Sábado – Mateus 7:1-5

Domingo – I Timóteo 5:17-25

II. Propósito na Disciplina

A disciplina bíblica tem dois propósitos principais:

1. O primeiro refere-se ao próprio Corpo de Cristo – A disciplina visa remover do seio da igreja a corrupção do pecado. Paulo escreveu: *“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, que andeis de modo digno da vocação com que fostes chamados”* (Ef. 4:1).

Neste verso tão expressivo da Epístola aos Efésios há a preocupação de Paulo com o “andar” dos crentes, especificamente com o “andar” da igreja local como um todo (observe que a carta é escrita a toda igreja). E o “andar”, que indica a prática de vida, o comportamento, deve ser digno – ou seja – de acordo com nossa posição, pois, somos a Igreja de Cristo, a morada de Deus (Ef. 2:22), templo do Senhor (v. 21), santos (v. 19), membros da família de Deus (v. 19), amados de Deus (v. 4), etc.

Enfim, é incompatível o pecado no seio da igreja, já que ela possui tamanhos privilégios e tão elevada posição. A

disciplina almeja apresentar ao Senhor da Igreja uma igreja santa e pura - afinal, para tal Cristo morreu - *"Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, a fim de a santificar..."* (Ef. 5:25,26).

A disciplina dentro do Corpo de Cristo traz grande benefício para os crentes que ainda estão com saúde. Paulo, quando admoesta os crentes de Corinto a expulsarem do seu meio aquele irmão, que mantinha relações com sua madrasta, afirmou: *"Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Expurgai o fermento velho, para que sejais massa nova..."* O Apóstolo compara o pecado ao fermento. O fermento leveda a massa, o pecado não tratado corrompe toda a igreja, mas quando o pecador é devidamente disciplinado os demais estarão menos predispostos à desobediência: *"Quanto aos que vivem em pecado, repreende-os na presença de todos para que também os demais temam"* (I Tm. 5:20)¹.

2. O segundo propósito refere-se ao membro que está doente. A disciplina bíblica nunca visa simplesmente prejudicar ou castigar aquele que a merece. Pelo contrário, quando observamos as Escrituras Sagradas, vemos que a aplicação da disciplina por parte da igreja local almeja restaurar o irmão em desobediência.

Observe estes textos abaixo e os comentários que os acompanham:

- *"Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir terá ganho teu irmão"* (Mt. 18:15) - O alvo é ganhar o irmão e ganhá-lo para a comunhão - comunhão com o ofendido, com a igreja e com o próprio Deus.

- *"E fazei veredas para os vossos pés, para que o que é manco não se desvie, antes seja curado"* O manco é o doente espiritualmente, e o propósito é que ele seja restaurado. O pecado é visto como uma doença. Infelizmente um irmão doente é por muitos tratado como alvo do preconceito de todos. O doente deve ser amparado e não discriminado. A igreja, como agência de cura, deve tratar o enfermo espiritual

visando sua restauração.

- *"Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor"* (II Co. 2:8). Certo irmão, que não sabemos exatamente quem era, estava entristecido por causa do pecado que havia cometido e mostrava-se arrependido. Paulo orienta que ele deve ser tratado com amor. Na verdade, um irmão enfermo espiritualmente deve merecer nossa solicitude e amor mais do que qualquer outro, caso contrário ele será *"devalorado por excessiva tristeza"* (2:7).

Enfim, a disciplina na igreja tem como objetivo restaurar o enfermo espiritual, reconduzindo-o à comunhão com a igreja de Cristo e com o próprio Cristo.

III. Quando Disciplinar

Entendidos os propósitos da disciplina, é preciso entender em quais circunstância a disciplina deve ser aplicada.

Pelo que já foi exposto, compreendemos que um irmão deve ser alvo de disciplina quando seu comportamento estiver desagradando a Deus e/ou prejudicando o bem-estar espiritual do Corpo de Cristo. Na verdade, o hábito de pecar deve ser tratado com a disciplina:

Alguns dos pecados que devem ser disciplinados são²:

A. Procedimento Vergonhoso

Tudo o que traz vergonha para a igreja, como agência de Deus, é motivo de disciplina. Entre outras coisas:

1. Impureza - E aqui referimo-nos a adultério (traição do cônjuge - Ex. 20:14), fornicação (relacionamentos sexuais pré-conjugais - Hb. 13:4), homossexualismo, etc.

2. Avareza - O amor ao dinheiro é condenável (I Tm. 6:10).

3. Idolatria (Mt. 22:37) - E entenda-se idolatria não apenas como culto a um ídolo de pedra ou madeira, mas é quando alguém ou algo ocupa o lugar que pertence a Deus.

4. Maledicência – É um mal terrível que deve ser extirpado do nosso meio – a conhecida fofoca. Salomão escreveu: *“Pleiteia a tua causa com o próximo mesmo; e não reveles o segredo de outrem”* (Pv. 25:9). Veja também Pv. 6:16-19.

5. Bebedice – I Co. 6:10; 10:23,24.

6. Roubo – I Co. 5:11; Ef. 4:28.

B. Doutrinas Erradas

A preocupação por parte dos apóstolos com aqueles que estão no meio da igreja, mas que não concordam com a sã doutrina, é especial. Paulo afirmou: *“se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras do Nosso Senhor Jesus Cristo, e com o ensino segundo a piedade (...) aparta-te dos tais”* (I Tm. 6:1-5).

C. Atitudes Rebeldes com Relação ao Pecado

Lendo Mt. 18:15-17 percebemos que este comportamento é o que Cristo trata com maior dureza. Uma das piores coisas que existe é alguém que se diga irmão, mas não reconhece sua desobediência quando é confrontado com ela.

IV. Quem Deve Disciplinar

A disciplina é responsabilidade da igreja local – e aqui há duas categorias de disciplina – aquela realizada pessoalmente e a realizada coletivamente.

A. A Disciplina Pessoal

É aquela aplicada por um membro da igreja a um irmão em desobediência. O crente, quando vê a falha na vida do irmão, não deve correr e apresentar o caso para fulano e nem sicrano, mas deve ele mesmo ir até o irmão e repreendê-lo. Observe algumas atitudes esperadas daquele que se propõe a disciplinar o irmão:

1. *“E por que vês o argueiro no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está*

no teu olho? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho; e então verás bem para tirar o argueiro do olho do teu irmão” (Mt. 7:3,5) – **O disciplinador deve ser irrepreensível** – A palavra argueiro indica uma pequena lasca de madeira e trave era a tora na qual eram edificadas as casas. O Senhor Jesus utiliza desta ilustração para referir-se a uma prática humana bastante comum: estar pronto a acusar os outros pelas suas falhas, mas indisposto a atentar para suas próprias falhas. Não podemos ser instrumentos de disciplina na vida dum irmão carente de admoestação se não estivermos irrepreensíveis, ou seja, sem poder ser acusado em qualquer área em nossa vida.

2. *“Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só”* (Mt. 18:15) – **O disciplinador deve ser discreto** – É fundamental a discrição quando a disciplina pessoal vai ser aplicada. A idéia do verso é *“chamar o irmão ao lado”* – longe dos olhos e dos ouvidos de terceiros.

3. *“Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em algum delito, vós que sois espirituais corrigi o tal com espírito de mansidão”* (Gl. 6:1). **O disciplinador deve ser espiritual** – Aquele que disciplina deve evidenciar o fruto do Espírito para estar em condições de advertir: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gl. 5:22-23).

4. **O disciplinador deve dirigir-se com espírito de mansidão** – Apesar de a mansidão ser uma característica de quem tem o fruto do Espírito Santo – ressaltamos a necessidade da mansidão mais uma vez – o disciplinador não pode ir até o irmão enfermo espiritualmente com um ar de juiz ou superior, mas deve demonstrar mansidão nas palavras e atitudes no momento da disciplina. Afinal, dificilmente levaremos nosso irmão ao arrependimento se formos admoestá-lo com um espírito de arrogância e superioridade. É interessante perceber que a palavra mansidão também poderia ser traduzida por submissão – indicando a atitude de colocar-se sob e não

sobre o irmão no momento de corrigí-lo. O fato de estarmos disciplinando o irmão não nos dá o direito de desobedecermos o mandamento de sujeitarmo-nos uns aos outros (leia Ef. 5:21).

B. A Disciplina Coletiva

Lendo Mt.18:15-17 vemos que, apenas se o primeiro passo (repreender particularmente o desobediente) e o segundo passo (tomar outras testemunhas) falharem, o negócio deve ser levado à igreja.

Quando tal é feito, a igreja tem três alternativas:

1. Repreensão pública – “Aos que vivem em pecado, repreende-os publicamente” (I Tm. 5:20).

2. Suspensão temporária – Isto pode envolver perda de cargos que ocupa, vetada participação direta nos cultos e atividades da igreja, e/ou recomendação para não participar da Ceia do Senhor (leia I Co. 5:11 e 11:27-30).

3. Desligamento – Eliminação da pessoa do rol de membros. Esta decisão só deve ser tomada se o indivíduo mostrar-se resoluto e permanecer no pecado – o que indica que, provavelmente, não é crente – Mt. 18:17.

A exclusão parece colocar o indivíduo à mercê do Diabo: “...seja entregue a Satanás...” (I Co. 5:5a).

V. Conclusão

Disciplina não é sinônimo de exclusão.

Disciplina é toda providência tomada para tornar o indivíduo mais semelhante ao seu mestre: Jesus Cristo.

A disciplina é responsabilidade de cada crente – quando vejo o pecado na vida de meu irmão, estou pecando se não sigo o mandamento de corrigí-lo.

Todos devem ser disciplinados quando se mostrarem repreensíveis – desde o pastor até qualquer outro membro da igreja.

Torne-se um disciplinador idôneo – sendo irrepreensível, espiritual e manso – sem estas características, suas admoestações nada mais serão do que mais problemas no seio da igreja.

Notas e Referências:

(1)Shedd, Russell, P. *Disciplina na igreja*, p. 15.

Avaliação

1. O que é disciplina?

2. Qual é o propósito básico em qualquer disciplina?

3. Você é responsável pela disciplina na igreja? Por quê?

4. Quais as atitudes de um disciplinador exigidas pelas Escrituras?

5. Quando um membro de igreja deve ser desligado?

Devocional - Leitura da Bíblia

Lição

18

I. Introdução

Há duas práticas primárias, mas imensamente valiosas, que devem fazer parte do nosso momento a sós com Deus, que podem ser chamadas de *devocional* ou *hora silenciosa*: o estudo das Escrituras e a oração.

O momento devocional é oportunidade de contato direto com Deus – necessário ouvir de Deus e conversar com Ele. Ouço através da Palavra, donde extraio os princípios que Ele quer para minha vida. E falo através da oração.

Em pesquisa feita pela Junta de Mocidade da Convenção Batista Brasileira em 1989, percebeu-se que a maior dificuldade dos jovens é exatamente separar tempo para ouvir a Deus falar com Ele (34 de cada 100 jovens disseram ser esta sua maior dificuldade).

Há uma série de motivos para tal negligência, entre elas, o não saber como orar e nem como ler (entender) a Bíblia. Assim, muitos acabam não se desenvolvendo apropriadamente na prática devocional porque não sabem como realizá-la.

Vejamos neste primeiro estudo algumas diretrizes para a leitura e a compreensão apropriadas das Escrituras, e no próximo aprenderemos sobre a prática da oração.

II. Primeiro Passo: Pedir a Iluminação do Espírito Santo.

II Co. 4:4 afirma: *“O deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos”.*

Leituras Diárias:

Segunda – Isaías 40:1-8

Terça – Deuteronômio 8:1-3

Quarta – Ezequiel 2:8-3:3

Quinta – Provérbios 6:23

Sexta – Hebreus 4:12

Sábado – Romanos 15:1-4

Domingo – João 5:39

O deus deste século, obviamente, refere-se a Satanás – seu ministério consiste em impedir que os homens compreendam a verdade de Deus.

Se por um lado Satanás cega, o Espírito Santo ilumina. Jesus mesmo declarou: *“quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade”* (Jo. 16:13).

O Espírito Santo realiza na vida do homem o ministério de iluminação, ou seja, dá-nos a correta compreensão das coisas espirituais, dentre elas a Bíblia.

Afinal, o Espírito Santo foi o autor da Bíblia, como nos afirma Pedro: *“Porque a profecia nunca foi produzida por vontade humana, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo”* (I Pe. 1:20). Profecia refere-se a toda verdade das Escrituras. E porque o Espírito Santo é o autor, Ele é o melhor intérprete das Escrituras.

Em resumo: precisamos da iluminação do Espírito Santo para compreendermos as Escrituras e sabermos como elas devem ser aplicadas às nossas vidas. A razão porque em muitas circunstâncias a Palavra nos é incompreensível deve-se exata-

mente ao fato de não nos colocarmos sob a iluminação do Espírito Santo. E podemos fazer isto quando preliminarmente oramos e pedimos sua direção para o entendimento da Bíblia.

Este é o primeiro passo no momento do estudo particular das Escrituras: orar pedindo a Deus a iluminação do Espírito Santo.

III. Segundo Passo: Observação

Depois que estamos mergulhados num ambiente de oração e comunhão com o Autor da Palavra, a providência seguinte é familiarizar-se com a própria Palavra. Observação consiste exatamente em examinar completa e cuidadosamente o texto lido, permitindo que a mente fique alerta e concentrada naquilo que se propõe a estudar.

No início do processo de observação é preciso ler várias vezes a passagem bíblica.

Vamos tornar nosso estudo mais interessante fazendo juntos todo este processo. Leia 3 vezes a passagem abaixo:

"E eu, irmãos, não vos pude falar como as espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis. Porque ainda sois carnis. Pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnis? Pois quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura

de Deus e edifício de Deus" (I Co. 3:1-9).

Depois de lermos a Bíblia algumas perguntas importantes devem ser feitas:

1. **Quem?** (Quais os personagens do texto?)
2. **O quê?** (Qual o papel desempenhado por cada um dos personagens?)
3. **Onde?** (Qual o local do acontecimento?)
4. **Quando?** (Qual a ocasião em que o ocorrido aconteceu? – possível, incluir data)
5. **Por quê?** (Qual o propósito de o autor ter escrito o que escreveu?)

Agora, apliquemos estas perguntas ao texto lido:

1. **Quem?** Paulo, irmãos em Corinto, Apolo, o Senhor.
2. **O Quê?** Paulo – escreveu aos coríntios advertindo-os de suas dissensões, deu alimento espiritual aos mesmos, plantou a semente do Evangelho, é cooperador de Deus.
3. **Onde?** Na cidade de Corinto.
4. **Quando?** Entre 50 e 56 depois de Cristo.
5. **Por quê?** Repreender os irmãos de Corinto pela formação de partido no seio da igreja.

IV. Terceiro Passo: Interpretação

Agora que entendemos apropriadamente a passagem bíblica, tendo-a em nossas mentes, passemos à interpretação.

Interpretar é simplesmente perguntar ao texto o seguinte: **"O que o texto significa?"** Nesta parte do estudo da Bíblia, você procura explicar o sentido que essas palavras tinham para o escritor quando ele as comunicou às pessoas do seu tempo.

Para que tenhamos uma interpretação correta de alguma passagem, torna-se necessário tentarmos definir o *sentido* ou *propósito* do texto **em uma única frase**.

Poderíamos definir o sentido de I Co. 3:1-9 com a seguinte frase:

"Paulo admoesta os irmãos de Corinto a que terminem os partidos em torno de uma pessoa dentro da igreja, pois, cada líder não passa de mero instrumento de Deus".

O bom é que a interpretação da passagem seja objetiva e não passe de vinte ou trinta palavras, e o conteúdo seja o mais claro possível.

Poderíamos ainda sintetizar a interpretação da passagem com um número menor de palavras:

"Os Crentes de Corinto são exortados a terminarem as divisões pois os seus líderes não passavam de instrumentos de Deus".

V. Quarto Passo: Aplicação

Qualquer estudo pessoal da Bíblia que pare na observação ou na interpretação ainda não alcançou o propósito da própria Escritura (II Tm. 3:16,17).

É preciso aplicar à vida as Escrituras – aquilo que Esdras fazia: *"Porque Esdras tinha preparado o seu coração para buscar e para cumprir a lei do Senhor..."* (Ed. 7:10).

Aplicação da Bíblia não é aplicar os ensinamentos da Palavra à vida dos outros, mas na nossa vida individualmente. Enfim, uma definição de Aplicação é a seguinte:

Aplicação é quando transformo conceitos bíblicos em prática na minha própria vida.

Na verdade, a iluminação, a observação e a interpretação são apenas degraus para chegar-se ao topo da escada: **A Aplicação:**



Mas surge a pergunta: O que fazer para aplicar um princípio bíblico?

1. Defina e entenda o princípio que extraímos de I Co. 3:1-9? É errado ter "partidos" na igreja de Cristo.

2. Leve o princípio a tornar-se prático.

a. Evite frases: *"não devemos ter partidos na igreja"*

b. Use o verbo na primeira pessoa do singular: ***"eu não devo fazer parte de grupos (panelinhas) na igreja"***.

3. Leve o princípio a ser formulado de forma mais objetiva. Faça a seguinte pergunta a si mesmo:

De que modo desobedeci este princípio?

Poderíamos aqui criar uma situação hipotética para I Co. 3:1-9:

"Na oportunidade da votação para saber se a cor da tinta a ser aplicada nas paredes do templo deveria ser amarelo ou verde, optei por amarelo porque José, que é do meu grupo na igreja, assim propôs".

4. Transforme seu princípio em ação, dando-lhe forma diretiva. Por exemplo:

"Na próxima decisão que envolva interesse da igreja, vou orar a Deus silenciosamente para pedir que Ele me mostre qual proposta devo apoiar e não serei guiado pela minha consideração a alguém em particular".

VI. Conclusão

Este processo pode ajudá-lo para o estudo diário das Escrituras:

1. *Peça em oração a iluminação do Espírito Santo;*
2. *Leia a Bíblia várias vezes;*
3. *Responda as perguntas básicas do processo de observação;*
4. *Depois que estiver a mente “mergulhada” na passagem, defina o sentido da passagem em apenas uma frase (fase de Interpretação);*
5. *Defina um princípio com base na passagem (fase de Aplicação);*
6. *Transforme o princípio bíblico em prática na sua vida.*

Avaliação

Aplique os princípios aprendidos nesta lição no seguinte texto:

“E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Bestaida. E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura. E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos lugares e aldeias ao redor, se agasalhem, e achem o que comer; porque aqui estamos em lugar deserto. Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes; salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo. Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse então aos seus discípulos; fazei-os assentar, em ranchos de cinqüenta em cinqüenta. E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos. E, tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, abençoou-os e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da multidão. E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços” (Lc. 9:10-17).

1. Ore pedindo a Iluminação do Espírito Santo.
2. Leia o texto no mínimo três vezes.
3. Responda às seguintes questões:

- Quem?

- O Quê?

- Onde?

- Quando?

- Por quê?

4. Faça a interpretação do texto em vinte a trinta palavras:

5. Aplique-o à sua vida:

Devocional - Oração

Lição

19

I. Introdução

Estive presente em certa reunião quando uma missionária idosa, reconhecidamente uma mulher de oração, estava sendo entrevistada. Depois de muitas perguntas feitas pela entrevistadora e pelo público, um jovem pediu a palavra e afirmou que tinha grande desejo de ter uma vida de oração, mas não tinha tempo para tal. A senhora deu um pequeno sorriso e perguntou-lhe: "Você tem tempo para comer?". O rapaz, surpreso com a questão, respondeu: "Sim, claro que sim". "E para dormir?", perguntou novamente a senhora. "Sim, tenho". E ela respondeu mais ou menos com as seguintes palavras: "Deixe de comer ou de dormir e vá orar".

Esta resposta da missionária possui um pouco de ironia, mas transparece incrível verdade: A oração é prioritária em nossas vidas e qualquer esforço ou sacrifício justificará sua prática.

Encontramo-nos com dois terríveis problemas quando nos propomos a estudar o assunto agora em pauta:

1. Oração se aprende fazendo e não lendo livros.
2. O material nas Escrituras sobre oração é abundante e resumí-lo em um único estudo é até lamentável.

Entretanto, não podemos deixar de lado valioso tema quando nos propomos a estudar sobre Revisão Doutrinária.

E já que temos de escolher um texto para nosso estudo, optemos pelas

Leituras Diárias:

Segunda – Mateus 6:5-8

Terça – Mateus 6:9-13

Quarta – Lucas 11:1-4

Quinta – Mateus 7:7-11

Sexta – I Timóteo 2:1-8

Sábado – II Crônicas 7:12-16

Domingo – I Tessalonicenses 5:17

orientações de Cristo para a prática da oração no Sermão do Monte (Mt. 6:5-13).

O texto que ora estudamos no afã de extrair princípios e diretrizes para a prática da oração faz parte do conhecido *Sermão do Monte*, que se constitui numa espécie de resumo de um período de ensinamentos que Jesus transmitiu de uma só vez, no qual há a síntese do padrão de valores e de comportamento daquele que é filho de Deus e cidadão do Reino dos Céus.

II. Estudo em Mateus 6:5-8

"E quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu pai, que vê secretamente, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não vos assemelheis pois a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes" (Mt. 6:5-8).

Podemos extrair dois princípios deste texto para a prática da oração:

A. *Eu devo orar não para ser visto pelos homens, mas para ser ouvido por Deus.*

O Senhor Jesus salienta logo de início: *“não sejais como os hipócritas”*.

O vocábulo hipócrita tem sua origem no mundo do teatro e refere-se às máscaras que os atores no início utilizavam para simbolizar um certo personagem – podia ser uma máscara alegre ou triste, a depender exclusivamente da ocasião.

Não devemos ser hipócritas, *“mascarados”*, que se utilizam de uma aparência piedosa ou religiosa apenas porque a circunstância nos obriga. No contexto, o Senhor refere-se diretamente aos fariseus que tinham o costume de fazer *“espetáculos religiosos”*.

Estes homens faziam questão de orar em pé nas sinagogas e nas ruas.

Sinagogas eram casas de reunião de judeus e elas nasceram da necessidade de se ter um local de culto após o cativeiro babilônico, que separou os judeus do Templo de Jerusalém.

Talvez aqueles que *“gostam de orar em pé na sinagoga”* refira-se aos homens que sempre buscavam para si a honra de abrir e fechar uma reunião da sinagoga, oportunidade na qual ficavam em pé diante de toda a congregação.

Seria semelhante àqueles indivíduos que numa reunião de culto público são sempre os primeiros a erguer a voz em oração quando é concedida a oportunidade, mas não fazem com sinceridade diante de Deus. Assim procedem para que sua *mascara de piedoso* fique exposta aos demais e ele seja reconhecido como espiritual.

O mais escandaloso das práticas farisaicas era o costume de orar em pé nas ruas. E se nós consideramos as ruas de nossa cidade movimentadas, especialmen-

te no centro da mesma, nem se fala das ruas judaicas do tempo neotestamentário, como era o caso de Jerusalém.

As ruas eram uma verdadeira confusão e tão estreitas que os transeuntes chegavam a se chocar nos dias mais movimentados. Somemos a isso animais de cargas que com seus balidos e mugidos enchiam as ruas, roubavam o pouco espaço e ainda faziam muito barulho. Além disto, havia os comerciantes que com seus produtos espalhados por todos os lados competiam os fregueses no grito. Na verdade, as ruas da cidade mais pareciam uma feira livre. E em toda esta confusão os fariseus paravam em algum canto nas ruas ou praças e começavam a orar.

Contrário a esta prática, Cristo ordena buscarmos o secreto no momento da oração. Ou seja, a oração é um relacionamento para ser vivido entre o indivíduo e Deus, é uma relação pessoal e não um meio de sensacionalismo (um jeito de *“aparecer”*). O quarto simboliza o entendimento de que o anseio de quem ora não é conquistar o reconhecimento público, mas falar aos ouvidos de Deus.

B. *Eu devo orar crendo na resposta divina*

Se Cristo nos orienta nos versos 5 e 6 para não repetirmos a prática de oração dos fariseus, nos versos 7 e 8 Ele faz uma condenação da maneira de orar própria dos gentios da época.

Os pagãos utilizavam *“vãs repetições”*, ou seja, multiplicavam rezas e rezas, ladainhas e ladainhas para seus deuses, pois, acreditavam que eles podiam estar muito ocupados para atender qualquer mortal. Os deuses pagãos eram cheios de características e vícios humanos: os deuses tinham paixões, encolerizavam-se, sentiam ciúmes, tinham rivalidades entre si, comiam, bebiam, dormiam, etc. (*“E sucedeu que ao meio dia Elias zombava deles, e dizia: Clamais em altas vozes, porque ele é*

um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; porventura dorme, e des-pertará” – I Re. 18:27).

Então, para que a divindade fosse incomodada, o pedinte multiplicava suas rezas.

Nosso Deus, no entanto, não se distrai e nem dorme (*“eis que não dormitará e nem dormirá aquele que guarda a Israel” - Sl. 121:4).*

Cristo ainda nos informa que Deus conhece nossas necessidades antes mesmo que façamos os pedidos a Ele. Nesta altura, deve surgir uma questão em mente: porque devo orar se Ele conhece aquilo que vou pedir?

É verdade que o Senhor, como Deus Onisciente, não precisa ser informado de nossas necessidades. No entanto, Ele é Pai e como Pai aprecia que seus filhos venham com verdadeira confiança expor suas necessidades. Este tipo de comunicação torna mais profunda a nossa relação com Deus.

Desta forma, na esfera da oração, nossa intimidade e nossa dependência de Deus aumentam. Além disto, quando oramos, analisamos, refletimos e declaramos nossas limitações ao Pai. Foi João Wesley, grande homem de Deus, que afirmou:

“Assim, o fim de vossa oração não é informar a Deus... mas informar a vós mesmos, fixar mais profundamente em vossos corações o sentido de vossa necessidade e o sentido de vossa contínua dependência da-quele que é o único capaz de suprir todas as vossas faltas”(1).

Podemos dizer que há quatro propósitos básicos para a prática da oração:

1. Propósito Relacional – quando oramos nosso relacionamento com o Pai se estreita.

2. Propósito Confessional – afirma nossa dependência de Deus.

3. Propósito Sensitivo – tornamo-nos atentos para aquilo que Deus nos quer conceder mediante nossas orações.

4. Propósito Instrumental – nossas orações são instrumentos que Deus deseja utilizar para chegar a algum propósito. Por exemplo: a salvação de um ente querido.

III. Mateus 6:9-13

“Portanto, vos orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores; e não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém”

Este é o conhecido *Pai Nosso* e através desta oração, desta oração modelo, temos uma série de orientações para nossa prática de oração:

A. A oração é centralizada na glória de Deus (vv. 9-10).

Cristo começa sua oração com uma expressão de reconhecimento da grandiosidade divina e de adoração: *“Pai Nosso, que estás nos Céus”* – Cristo reconhece que Deus está acima de tudo e de todos – sua habitação é celestial, a dos homens é terrena.

Observe que Deus e sua glória são o centro das atenções logo no início da Oração do Senhor. Cristo pede que o nome do Pai seja santificado, o Reino seja estabelecido e a vontade de Deus seja realizada.

Obviamente que o nome de Deus já é santo. Cristo ora para que o caráter santo de Deus seja reconhecido dentre os homens. Num mundo marcado pela negação de Deus através dos valores e comportamento, e das blasfêmias humanas, devemos orar e agir para que Deus seja respeitado pela humanidade.

Os dois outros pedidos de Cristo:

estabelecimento do Reino e realização da vontade divina, estão relacionados entre si e são interdependentes. Afinal, o estabelecimento do Reino de Deus tem a ver com a obediência dos homens ao próprio Deus. Cristo não faz referência ao Reino Escatológico, ao Milênio, mas refere-se ao Reino presente na vida dos homens através da desobediência ao Evangelho.

B. A oração é sensível às nossas necessidades (vv. 11-13).

Se por um lado Cristo ensina-nos a orar com a cabeça no Céu, Ele não retira os pés do chão.

Cristo ensina-nos a colocar nossas necessidades diante de Deus.

A expressão *“dá-nos o pão nosso de cada dia”* poderia ser traduzida por *“dá-nos o pão necessário para sobrevivermos”*. Encontramos o mesmo pedido em Provérbios 30:8: *“não me des nem a pobreza, nem a riqueza, dá-me o pão que me é necessário”*.

Pão não se refere simplesmente àquele produto que adquirimos na padaria, mas refere-se a tudo aquilo que é primário em nossas vidas – sejam necessidades mentais, necessidades emocionais ou espirituais.

Mas nem só de *pão* viverá o homem! Cristo ensina-nos a orar pedindo perdão pelos nossos pecados, e requerendo proteção contra as tentações do Diabo.

IV. Conclusão

Neste estudo aprendemos certos ingredientes e princípios fundamentais para a prática da oração:

1. Minha intenção na oração é ser ouvido e atentado por Deus, e não impressionar aqueles que me escutam ou me vêem orando.

2. Oração exige confiança na resposta divina – ainda mais porque sabemos que Deus bem conhece minhas necessidades.

3. Apesar de Deus conhecer minhas necessidades, sou estimulado à prática da oração, pois, ela estreitará ainda mais meu relacionamento com Deus, confirmando definitivamente minha dependência dele.

4. A oração não é ocasião de expor necessidades pessoais e carências de terceiros, prioritariamente é oportunidade para adoração da Pessoa de Deus.

Notas e Referências:

(1) Wesley, Sermões pelo Reverendo João Wesley, 1:551.

Avaliação

Ore, a partir desta segunda-feira até sábado, no mínimo cinco minutos diários, colocando em prática os princípios aprendidos nesta lição.

Testemunhas de Jeová

Lição

20

I. Introdução

O lema básico dos *Testemunhas de Jeová*, segundo eles mesmos, é o seguinte: “*Leia, creia, venda os livros de Russell e Rutheford, fale de Deus como Jeová, e de todas as igrejas como Anticristos – faça isso e será salvo*”(1).

Os *Testemunhas de Jeová* julgam-se o único grupo religioso que verdadeiramente agrada a Deus, e todos aqueles que não adotam sua literatura e suas idéias pertencem à religião do Anticristo.

Os *Testemunhas de Jeová* possuem ainda outros nomes: *Sociedade de Folhetos da Torre de Vigia*, *Sociedade de Bíblias e Tratados da Torre de Vigia (título oficial)*, *Sociedade do Novo Mundo* e *Russelitas*.

II. Histórico

O nome *russelitas* origina-se do fundador desta seita, um dito “*pastor*” Charles Taze Russell, que nunca estudou num Seminário ou Instituto Bíblico; na verdade, ele abandonou a escola com apenas 14 anos!

Várias vezes Russell foi levado aos tribunais americanos, algumas vezes por exatamente utilizar o título “*pastor*” sem direito a ele, outras vezes por opor-se às instituições do país, como, por exemplo, ao serviço militar, e em outras circunstâncias foi levado ao banco dos réus pela própria esposa por causa de seus maus procedimentos – ao ponto dela, não suportando seus maus-tratos, seu regime autoritário

Leituras Diárias:

Segunda – Filipenses 2:7-11

Terça – Efésios 3:14-16

Quarta – Atos 16:6-11

Quinta – João 3:3-6

Sexta – Lucas 16:19-31

Sábado – Mateus 24:42-44

Domingo – Lucas 17:10-16

dentro de casa e seus muitos casos amorosos, abandoná-lo e, posteriormente, divorciou-se dele(2).

Em 1872 Russell começou a fazer estudos bíblicos e conseguiu reunir em torno de si um pequeno grupo de discípulos. Alguns anos depois, Russell começou a realizar publicações particulares, que eram lidas e aceitas por seus seguidores. Em 1884 o russelismo tornou-se pessoa jurídica.

Após a morte de Russell, assumiu a presidência da seita um advogado, Joseph F. Rutheford (1862-1942). “*Várias reinterpretações de doutrina e das Escrituras marcaram sua administração. Rutheford tornou-se o novo oráculo da mensagem de Deus para esta era, e os escritos e interpretações de Russell foram com freqüência rejeitados e negligenciados por não serem coerentes com a nova corrente de pensamentos*”(3).

Nathan H. Knorr (1905-1977) foi o substituto de Rutheford – sob sua direção os T.J. cresceram em todos os sentidos – crescimento organizacional, numérico, “*evangelismo*” e nas áreas de publicações e constituições. O quarto presidente dos T.J. foi Frederick W. Franz (1885-?).

III. Suas Doutrinas e a Refutação Bíblica

A. A negligência da Bíblia

Os T.J. utilizam a Bíblia dentro das suas pastas, mas a Bíblia não é a única regra de fé e prática deles – os escritos da sociedade da Torre de Vigia, especialmente os escritos de Russell e Rutheford são, na prática, o que determina a fé e a prática dos Testemunhas de Jeová.

Em muitas ocasiões os líderes dos T.J. negaram o direito da pessoa, individualmente, ler e interpretar as Escrituras:

“Jeová não dá a indivíduos interpretação (das Escrituras). Precisamos de um guia, e este é o servo fiel e discreto. Precisamos reconhecer a fonte da nossa instrução. Temos que ser como um asno, humildes, e ficarmos na manjedoura; assim não receberemos nenhum veneno”. (Palavras de um dos membros do Corpo Governante em 29 de maio de 1980).

“Alguns estão dizendo que basta ler a Bíblia exclusivamente, de modo pessoal ou em grupos pequenos em casa. Porém, ainda que pareça estranho, por meio de tal leitura da Bíblia muitos têm retornado às doutrinas apóstatas...” (A Sentinela, publicação T.J., 15/08/1981, pp. 28,29).

Os T.J. estão cheios de erros doutrinários exatamente porque não é a Bíblia a base para sua fé.

Paulo afirma que as Escrituras nos fazem sábios para a salvação (leia II Tm. 3:15). A negligência do que as Escrituras afirmam é o caminho mais curto para a perdição.

B. A volta de Cristo

Os T.J. várias vezes predisseram a volta de Cristo. Obviamente Cristo não voltou nas datas previstas e novas datas eram então estabelecidas:

1897 – *“Nosso Senhor, o Rei Nomeado, já está presente, desde outubro de 1874”* (A Batalha do Armagedom, vol. IV, p. 621).

1916 – *“Os mil anos do reinado de Cristo começaram em 1873”* (Studies In The Scriptures, vol II, p. II).

1966 – *“Os seis mil anos desde a criação do homem terminarão em 1975 e o sétimo período de 1.000 anos da história humana começará no outono de 1975”* (Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus, p. 28-29).

1968 – *“Faltam apenas cerca de 90 meses antes de se completarem os 6.000 anos da existência do homem na terra. A maioria do povo vivendo hoje provavelmente sobreviverá ao surgimento do Armagedom”* (Kingdom Ministry – Ministério do Reino, 3:1968).

Todas as citações (aliás, por demais contraditórias), são de livros editados pelos T.J. Com elas, eles se mostraram terríveis violadores da vontade divina quando começaram a determinar datas para o retorno de Cristo:

“Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor” (Mt. 24:42). Veja também Mt. 24:23-27.

Os profetas dos T.J. foram mentirosos quando determinaram datas para eventos futuros. A própria revista *Desperta!* reconheceu isto:

“De fato, tem havido aqueles que em tempos passados predisseram o fim do mundo, até mesmo anunciando data específica... Porém nada aconteceu. O Fim não chegou. Faltava nas pessoas que o fizeram as verdades de Deus e a evidência de que Ele os estava guiando e usando” (Desperta!, 8/10/1968, p. 23). Leia ainda Deuteronômio 18:20.

C. Jesus Cristo

Jesus Cristo, segundo eles, foi um mero profeta, apenas mais uma das “Testemunhas de Jeová”, mas não é divino. A Bíblia deixa claro, no entanto, não só a divindade de Cristo, mas claramente chama-O de Deus: *“de quem são os patriarcas; e de quem o Cristo descende segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito*

eternamente" (Rm. 9:5). Veja ainda João 1:1; Ap. 1:8; Isaías 9:6 e revise o material sobre A Pessoa de Jesus Cristo.

D. O Espírito Santo

Para os T.J. o Espírito Santo é uma força ativa, ou seja, não possui personalidade.

Mas, em uma série de oportunidades, como já vimos em lição anterior, o Espírito Santo é apontado como detentor de atitudes pessoais:

1. Ele pensa (Ef. 1:17), tem emoções (Ef. 4:30) e vontade (I Co. 12:11).

2. Ele realiza atos que uma força não poderia fazer: Ele ensina (Jo. 14:26), guia (Rm. 8:4), convence (Jo. 16:7,8), etc.

Não só o Espírito Santo é um ser pessoal, mas também é divino (veja At. 5:3,4 e releia a lição 7 na parte sobre "a divindade do Espírito Santo").

E. A Salvação

Os evangélicos crêem que, através do sacrifício de Cristo, temos a salvação eterna. Os russelitas acreditam que Cristo, quando morreu pelos pecados, conquistou-nos uma "segunda chance", segundo Russell escreveu: "a morte de Cristo não confere nem garante a vida ou bênção eterna a ninguém; o que garante a todos é uma nova oportunidade ou prova para a vida eterna"(4). Na verdade, a Salvação é muito mais uma questão de obediência: "cada um por si tenha oportunidade para provar, **pela obediência ou pela desobediência, sua dignidade da vida eterna**"(5).

Mas, qualquer tentativa humana de conquistar a salvação é vã: "porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef. 2:8,9). Veja também Atos 16:31.

F. O Inferno

Para os T.J. o Inferno não existe – foi o que declarou o próprio Russell: "É tão

patente que o Inferno da Bíblia é o túmulo ou sepultura comum da humanidade..."(6). Mas o Inferno existe e é lugar de castigo eterno: "Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder" (II Ts. 1:8,9)

G. Transfusão de Sangue

Os T.J. são radicalmente contrários à Transfusão de Sangue com base em textos como Lv. 3:17: "estatuto perpétuo, pelas vossas gerações, em todas as vossas habitações será isto: nenhuma gordura nem sangue algum comereis". Mas este texto era apenas dirigido aos israelitas pelos seguintes motivos:

1. O sangue, que permite a vida e representa a própria existência, deveria ser derramado na terra como mera devolução a Deus da vida que a Ele pertencia. Na verdade, o sangue derramado sobre o altar simbolizava a vida do próprio pecador que deveria morrer por sua desobediência. Não comer do sangue era um memorial a Israel de que a vida pertence a Deus. (veja Lv. 17:11 e Dt. 12:24).

2. A Lei foi dada ainda durante o êxodo israelita. E nesta circunstância a possibilidade de uma doença dizimar todo o povo era grande. Segundo o hematologista Romeu Ibrahim de Carvalho, a proibição de não comer sangue está relacionada a princípios higiênicos: "...no caso do sangue, há facilidade na transmissão de certas doenças, como a hepatite..."(7).

No Antigo Testamento, o sangue não passava de representação da própria vida. Quando dou ou recebo sangue não estou doando meu "espírito" ou recebendo parte do "espírito" de terceiro. Ora, se um homem perdeu uma perna, não tem agora menos alma nem perdeu parte da sua vida(8):

IV. Conclusão

Os T.J. são, na realidade, prisioneiros de uma mentira dita muitas vezes, que acabou tornando-se uma aparente “verdade”.

Para finalizar, transcrevo cinco sugestões apresentadas por José Raimundo Gomes da Silva, que nos ajudam quando somos confrontados pelos Testemunhas de Jeová(9):

1. Não discuta acerca da crença deles (se você não tem base bíblica).

2. Comece a falar com autoridade e segurança.

3. Mostre que são pecadores, como os demais.

4. Fale do perdão e da salvação em Jesus Cristo. 5. Faça o apelo para que creiam em Cristo e o aceitem como seu Salvador Pessoal.

Notas e Referências:

(1) *Tácito da Gama Leite Filho, Seitas Proféticas, vol I, p. 78.*

(2) *Cabral J., Religiões e Heresias, p. 176.*

(3) *Instituto de Pesquisas Cristãs.*

(4) *Van Baalen, J. K., O Caos das Seitas, p. 192.*

(5) *Ibidem*

(6) *Leite Filho, op. Cit, p. 84.*

(7) *Idem, p. 86.*

(8) *Van Baalen, op. Cit., p. 191.*

(9) *Leite Filho, op. Cit., p. 87.*

Avaliação

1. Coloque em ordem cronológica o nome dos quatro dirigentes principais dos Testemunhas de Jeová:

() Joseph T. Rutheford

() Frederick W. Franz

() Charles Taze Russell

() Nathan H. Knorr.

2. Descreva a crença dos T.J. com relação aos três pontos abaixo e refute suas idéias com um verso bíblico.

Espírito Santo

Cristo

Salvação

Congregação Cristã no Brasil

Lição

21

I. Introdução

Logo de início precisamos fazer uma distinção entre Congregação Cristã no Brasil e Igreja Congregacional, pois, os nomes semelhantes podem trazer alguma confusão. A primeira é uma seita, que crê ser a única comunidade cristã certa na face da Terra e a segunda é uma igreja evangélica com doutrinas praticamente idênticas às batistas.

A seita não admite a propagação de suas crenças através do rádio, nem pela televisão, nem mesmo através de cultos ao ar livre, mesmo assim, possui mais de 500.000 adeptos no Brasil(1).

II. Histórico

A seita começou com um imigrante italiano chegado ao Brasil no início de 1910, chamado Luigi Francescon.

Logo no início o movimento ficou limitado aos imigrantes, mas paulatinamente foi alcançando brasileiros e, assim, cresceu mais rapidamente.

São Paulo é hoje o maior reduto desta seita, possui um quarto de todas as comunidades juntas. A seita, talvez por causa da origem entre a classe de proletariados, atinge a maioria das pessoas simples, operários e iletrados.

III. Doutrinas e Refutação Bíblica

Vejamos algumas convicções que esta seita possui, bem como a refutação bíblica paras as mesmas:

Leituras Diárias:

Segunda – Atos 20:17-28

Terça – Efésios 4:11-16

Quarta – I Timóteo 5:17-25

Quinta – Gênesis 14:18-20

Sexta – Malaquias 3:7-10

Sábado – Mateus 23:16-23

Domingo – Lucas 12:13-21

A. Pastores

A Congregação Cristã não reconhece o pastor como um ofício estabelecido no Novo Testamento. Eles afirmam que deve existir apenas anciãos e diáconos. Eles não assalariam seus líderes, os quais não estudam, pois, é consenso no pensamento da seita que o Espírito Santo coloca na boca do pregador as palavras certas, com base em Mt. 10:19,20.

Mas a Bíblia ensina diferente.

1. Vimos em lição anterior que ancião, bispo e pastor apontam para uma mesma função e não três tipos de oficiais da igreja local. E o texto que aponta estas funções como sendo apenas uma é Atos 20:17,18,28: *“De Mileto mandou a Éfeso chamar os **anciãos** da igreja e tendo eles chegado, disse-lhes: ...Cuidai pois de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu **bispos**, para **apascen-tar-des** (pastor) a igreja de Deus...”*.

2. Deus constituiu alguns como pastores. *“E ele concedeu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como **pastores** e mes-tres”* (Ef. 4:11).

3. Não só o Novo Testamento comprova a existência da função de pastor, mas faz uma referência direta ao sustento financeiro, ensinando que aqueles que se dedicam especialmente ao estudo devem ser alvo de justas gratificações:

“Os anciãos (ou pastores) que governam bem, sejam tidos por dignos de duplicada honra, especialmente os que labutam na pregação e no ensino. Porque diz a Escritura: não atarás a boca ao boi quando debulha. E: Digno é o trabalhador do seu salário” (II Tm. 5:17,18).

É consenso geral, especialmente com base no contexto deste verso acima citado, que Paulo refere-se ao honorário pastoral, como apoia Champlin: *“A honra aqui referida... provavelmente se refere à remuneração financeira” (2).*

B. O Dízimo

A Congregação Cristã no Brasil condena a prática do dízimo e a restringe à Lei do Antigo Testamento, não tendo nenhuma validade para os crentes de hoje.

No entanto:

1. O Dízimo é anterior à Lei – aconteceu quando Melquisedeque recebeu dízimos de Abraão (**Gn. 14:18-20**).

2. Cristo confirmou a importância do dízimo por ser ele confirmação de nossa compreensão de que todas as coisas pertencem a Deus:

*“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes omitido o que há de ser mais importante da lei, a saber, a justiça, a misericórdia e a fé; **estas coisas, porém, devíeis fazer, sem omitir aquelas**” (Mt. 23:23).* Cristo mostra que o dízimo, a justiça, a misericórdia e a fé devem ser desenvolvidos por cada um de nós.

C. Uso do Véu Pelas Mulheres na Igreja

Na Congregação Cristã a mulher deve utilizar véu no momento do culto.

Eles se baseiam nas palavras de Paulo sobre o uso de véu na igreja de Corinto por parte das mulheres. Mas, *“a exortação em I Co. 11:4-10 é circunstancial, por causa das prostitutas que viviam em Corinto e que cortavam o cabelo... O importante é a decência com que a mulher se apresenta na igreja e na sociedade, e não o comprimento do cabelo” (3).*

D. O Ósculo Santo

Entre os congregacionalistas, ou *“glórias”*, como eles mesmos se denominam, há o ósculo santo: o cumprimento de um homem beijar outro homem e uma mulher beijar outra mulher.

Eles utilizam textos como I Ts. 5:26: *“Saudai a todos irmãos com ósculo santo”*. Mas, esquecem-se que este era um costume da época, bastante comum entre os orientais, como é entre nós o aperto de mão ou o abraço. O costume primitivo, no entanto, não era beijar na face, como eles fazem hoje, mas sim na testa ou na palma da mão e não havia distinção entre as pessoas de sexo diferente.

Obviamente que o ósculo santo dos congregacionais é censurável hoje: *“uma saudação dessa natureza, isto é, um beijo dado entre os membros da igreja, indistintamente, na cultura acidental de hoje, não é bem visto. Um aperto de mão substitui naturalmente a saudação com ósculo santo” (4).*

Os Adventistas do Sétimo Dia

Lição

22

Leituras Diárias:

Segunda – Hebreus 8:6-13

Terça – Mateus 7:19-24

Quarta – Lucas 16:19-31

Quinta – Apocalipse 14:6-11

Sexta – Isaías 53:1-6

Sábado – Hebreus 9:23-28

Domingo – I Tessalonicenses 4:13-5:11

I. Introdução

Daniel escreveu as seguintes palavras entre as suas profecias:

"Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão relativamente ao holocausto contínuo e à transgressão assoladora, e à entrega do santuário e do exército, para serem pisados? Ele me respondeu: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado" (Dn. 8:13,14).

Em 1831 Guilherme Muller tomou este texto de Daniel e determinou qual seria a data da segunda vinda de Jesus Cristo: Muller chegou à conclusão de que os 2.300 dias de Daniel eram 2.300 anos, que contados a partir de 457 A. C., quando Esdras subiu a Jerusalém, vindo da Babilônia(1), daria o ano de 1843, ou mais precisamente, Cristo voltaria aos dez dias do mês de dezembro de 1843 (10/12/1843).

Foi este o início do movimento que hoje é chamado de Igreja Adventista do Sétimo Dia.

II. Histórico

Guilherme Muller já havia sido batista, mas deixou-se enganar por suas conclusões apressadas. Muller depois marcou a volta de Cristo para 1844, mas Cristo não voltou. Muller, frustrado, saiu do movimen-

to e pelo que parece retornou à comunhão de sua igreja. No entanto, o grupo não foi dissolvido com a saída do seu líder. Hiram Edson reinterpretou a profecia de Muller e afirmou que o santuário, para onde Cristo retornaria em 1843, não era a Terra, mas sim o Céu – um *santuário celestial*, e Cristo não foi visto quando retornou nesta data, pois, o *santuário celestial* é invisível.

Além de Hiram, destacou-se Ellen White, que se tornou a profetisa e a papi-sa do movimento, a qual afirmou ter uma *visão* para que fosse guardado o sábado como dia de descanso. Daí o nome do movimento: *Adventista do Sétimo Dia*. O *Advento* relaciona-se com a volta de Cristo e o *Sétimo Dia*, indica o Sábado.

Os primeiros dias dos adventistas foram marcados por uma série de doutrinas ridículas que hoje eles tentam esconder e esquecer: A doutrina da "*porta fechada*" (em 22 de outubro de 1844 a porta da salvação se fechara para toda a humanidade, exceto para os adventistas); consideravam que plantar árvores era negar a fé; estudar não era necessário, pois, Cristo estava voltando muito em breve; era errado escolher um nome de igreja, pois, seria imitar a Babilônia; a moda para as mulheres, ditada pela Sra. Ellen White, era uma saia curta por cima das calças compridas(2), etc.

Vamos conhecer as doutrinas atuais da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a refutação bíblica para as mesmas.

III. Suas Doutrinas e a Refutação Bíblica

A. A Guarda do Sábado

Os adventistas, de fato, defendem a guarda do Sábado, ou seja, não trabalhar no sábado, muito mais por causa das vi-

sões de Ellen White do que por textos da Antiga Aliança, apesar de muitos adventistas não saberem disso.

No entanto, a guarda do Sábado não é obrigação dos cristãos, pelos seguintes motivos:

1. O Sábado era um pacto exclusivo da Aliança de Deus com os israelitas: *“disse mais o Senhor a Moisés: Falarás também aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis os meus sábados; porquanto isso é um sinal entre mim e vós pelas vossas gerações...”* (Ex. 31:12,13).

Em resposta a isto, os adventistas afirmam que somos *“o Israel espiritual”*. No entanto, eles guardam o sábado como os israelitas faziam, mas não observam outros ingredientes da lei: a festa da páscoa (Ex. 32:14), os festivais sagrados (Lv. 23:21), a festa dos tabernáculos (Lv. 23:41), a circuncisão (Gn. 17:12,13), etc.

2. Os adventistas salientam por demais que a ordem para guardar o Sábado encontra-se nos Dez Mandamentos (Ex. 20), no entanto, todos os outros nove Mandamentos vemos confirmados no Novo Testamento para serem por nós obedecidos, menos, exatamente, o Sábado. Veja a lista de versos abaixo(3):

Mandamento	Antigo Testamento	Novo Testamento
Primeiro	Êxodo 20:2,3	I Coríntios 8:4-6
Segundo	vv. 5,6	I João 5:21
Terceiro	v. 7	Tiago 5:21
Quarto (Sábado)	v. 8-11	???
Quinto	v. 13	Efésios 6:1-3
Sexto	v. 13	Romanos 13:9
Sétimo	v. 14	I Coríntios 6:9,10
Oitavo	v. 15	Efésios 4:28
Nono	v. 16	Colossenses 3:9
Décimo	v. 17	Efésios 5:3

3. Parte da Lei de Moisés, chamada de Lei Cerimonial, era obrigação exclusiva dos judeus, que tinham como propósito principal apontar para o Messias que viria, foi cumprida através da morte de Cristo, e os cristãos não precisam, por isso, cumpri-la: *“Ninguém, pois, vos julgue por causa da comida e da bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isto tem sido sombra das coisas que haviam de vir...”* (Cl. 2:16,17). Veja ainda Rm. 10:4.

B. O Aniquilamento dos Ímpios

O adventismo afirma: *“o ensino positivo da Sagrada Escritura é que o pecado e os pecadores serão exterminados por não mais existirem”*(4).

Segundo este raciocínio, quando Deus for condenar os ímpios por ocasião do Julgamento do Grande Trono Branco, eles deixarão de existir: *“...Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E todo aquele que não foi achado no livro da vida, foi lançado no lago de fogo”* (Ap. 20:14,15).

Os adventistas entendem a *“morte eterna”* ou *“segunda morte”* como sendo a inexistência ou aniquilamento da alma. Mas eles esquecem que morte não é sinônimo de aniquilamento ou inexistência, mas morte sempre significou separação:

- **Morte Física** – Separação do espírito do corpo;

- **Morte espiritual** – Separação eterna do espírito da comunhão com Deus.

Além disto, Cristo mostrou que os ímpios irão sofrer eternamente e não deixarão existir:

"Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos... E irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mt. 25:41,46).

C. Satanás, Participante com Cristo na Redenção da Humanidade

Lendo Levítico 16:15,20-22 vemos a descrição de como se daria o sacrifício pelo pecado do povo. Um primeiro bode seria morto como oferta pelo pecado e um segundo bode receberia a imposição das mãos do sacerdote, recebendo, ilustrativamente, os pecados do povo. Depois, este segundo bode seria enviado para o deserto "carregando" os pecados de todo o povo.

Os adventistas, então, identificam o bode imolado com Jesus Cristo e o bode enviado com Satanás. Dizendo, com isto, que nossos pecados foram lançados sobre o Diabo. Na verdade, Satanás, é identificado como co-participante da obra redentora de Cristo.

Obviamente é um grande erro pensar deste modo.

A interpretação correta deste texto é que ambos os bodes de Levítico 16 representam ênfases da obra expiatória de Cristo: o bode imolado representa a expiação dos pecados, e o bode enviado representa a remoção completa dos pecados(5).

Isaías confirma que Cristo carregou nossos pecados e não o Diabo: *"Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados*

como ovelhas, cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós" (Is. 53:5,6).

D. Os Escritos de Ellen White

Como toda seita, os adventistas possuem outros escritos que recebem a mesma importância das Escrituras, apesar de eles não admitirem tal fato.

Mas, a verdade é que *"os adventistas atribuem aos escritos da Sra. White o valor de profecias, revelações divinas. As visões dessa senhora ocorriam quando ela sofria ataques. Seu próprio médico, o chefe do Hospital Adventista de Battlegreek, em 1869, declarou: As visões da Sra. White são perturbações mentais, oriundas de anomalias no cérebro e no sistema nervoso"(6).*

A Bíblia nos orienta a negligenciarmos palavras de pessoas que dizem ter outros ensinamentos que estão na realidade em oposição às Escrituras:

"Estou maravilhado de que tão depressa estejais desertando daquele que vos chamou na Graça de Cristo, para outro Evangelho, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo" (Gl. 1:6,7).

IV. Conclusão

O Adventismo, que se apresenta tão simpático e tão voltado para as necessidades sociais, na verdade é uma seita.

Crêem que a guarda do Sábado está ligada à Salvação, e com isto anulam a obra de Cristo, que tudo fez para nos conceder salvação eterna. Os adventistas constituem-se nos fariseus modernos, à semelhança daqueles primeiros que cobraram de Cristo a guarda do Sábado.

Infelizmente, o iniciador do movimento foi um batista que, sem base doutrinária e teológica, deixou-se levar por conclusões apressadas e errôneas. Tal fato serve de grande lição para nós – para que não sejamos instrumentos do Diabo na fundação ou consolidação de novas mentiras.

Pelo contrário, devemos nos unir ainda mais ao que temos aprendido e à nossa igreja:

“Não abandonando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hb. 10:25).

Notas e Referências:

(1) Leite Filho, op. cit., p. 31.

(2) Idem p. 33.

(3) J. Cabral, op. cit., p. 173.

(4) Van Baalan, op. cit., p. 151.

(5) Idem, p. 38.

(6) Idem, p. 41.

Avaliação

Complete as seguintes Frases:

1. O iniciador do movimento adventista foi _____

2. A profetiza e papisa do movimento foi _____

3. Um sinal exclusivo do pacto entre Deus e o povo de Israel foi _____

4. A segunda morte ou a morte eterna significa _____

5. O único participante da redenção humana foi _____

Neopentecostalismo

Leituras Diárias

Segunda – Atos 2:1-4

Terça – João 16:1-4

Quarta – Atos 8:14-17

Quinta – Atos 11:1-8

Sexta – Atos 19:1-7

Sábado – I Coríntios 12:1-13

Domingo – Efésios 4:1-16

Lição

23

I. Introdução

Antes de mais nada, torna-se necessário termos em mente uma distinção entre os carismáticos e os neopentecostais (derivados dos pentecostais).

Os neopentecostais são aqueles que originam-se das denominações que nasceram com o próprio movimento pentecostal. Entre elas: Igreja Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular e Pentecostal Unida. Os carismáticos, ou renovados, são aqueles originados das chamadas *igrejas históricas* (Igrejas Episcopal, Luterana, Metodista, Batista, Presbiteriana, Congregacional, etc.), que aceitam a doutrina pentecostal. Dentre as igrejas carismáticas podemos citar: Igrejas filiadas à Convenção Batista Nacional, Igreja Metodista Wesleyana, Igreja Presbiteriana Renovada, e assim por diante.

Os defensores do neopentecostalismo fazem de tudo para tornar o crente evangélico em um partidário da chamada "*experiência pentecostal*".

O título neopentecostal surge da identificação que os grupos defendem ter com o *batismo no Espírito Santo e o falar em línguas*, fatos acontecidos em Atos, capítulo 2.

Estudaremos a história deste movimento que tem trazido tantas dúvidas, divisões e confusão nas igrejas evangélicas do nosso tempo.

II. História

O movimento neopentecostal tem sua origem intensamente associada com os negros americanos no início do século XX.

No Brasil o movimento pentecostal começou principalmente com a fundação da Igreja Assembléia de Deus, organizada por dois operários suecos: Daniel Berg e Gunnar Viangren, os quais chegaram no Brasil em 1910 e tiveram uma revelação que deveriam ser missionários no Pará. Naquele Estado, arroximaram-se da Primeira Igreja Batista de Belém e no sótão do seu templo começaram reuniões de oração e despertamento espiritual dos irmãos.

Entre 1920 e 1930 os pentecostais do Pará começaram a estabelecer igrejas no Sul e Sudeste do país, e, por fim, em todo o Brasil, sendo que as maiores igrejas hoje são a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã no Brasil e O Evangelho Quadrangular.

As idéias das igrejas pentecostais e neopentecostais começaram a ser introduzidas nas *igrejas históricas* especialmente a partir da década de sessenta – o que trouxe o surgimento de divisões e a criação de novas denominações, como aquelas citadas anteriormente.

Observemos agora quais os principais erros doutrinários desses grupos.

III. Erros Doutrinários e Refutação Bíblica

A. Entendimento Incorreto do Significado do Batismo no Espírito Santo

Uma das convicções mais propagadas pelos renovados é o batismo no Espírito Santo como sendo uma experiência separada e diferente da conversão. Na verdade, entendem a vida cristã como sendo composta de duas fases: a primeira é a conversão, a segunda fase é o batismo no Espírito Santo, também chamado de *segunda bênção*.

Eles entendem que um indivíduo quando aceitou Jesus Cristo como Salvador ainda não recebeu o Espírito Santo.

Este conceito nasce especialmente de certos textos bíblicos presentes no livro de Atos dos Apóstolos, os quais estudaremos e daremos as devidas explicações. Leiamos inicialmente os principais:

At. 21:1-4: *“E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo...”*

At. 8:14-17: *“Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a Palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles, para que recebessem o Espírito Santo. (porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo”.*

At. 19:1-7: *“E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores chegou a Éfeso; e, achando ali alguns discípulos. Disse-lhes: Recebestes vos já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. Perguntou-lhes então: Em que sois batizados então? E eles disseram: No batismo de João. Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo. E os que ouviram*

foram batizados em nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam. E estes eram, ao todo, uns doze varões”.

Todos estes textos trazem uma seqüência por demais excêntrica e servem de base para a crença neopentecostal de que primeiro ocorre a conversão e só depois de certo tempo é que ocorre o batismo no Espírito Santo.

1. Em Atos 2 lemos que os apóstolos e os demais discípulos do Senhor, alcançados durante o período terreno de Cristo, sendo já convertidos, apenas receberam o Espírito Santo naquele exato momento da Festa de Pentecostes na cidade de Jerusalém. Por que o intervalo entre a conversão e o batismo no Espírito Santo?

a) Os apóstolos não tinham ainda recebido a habitação definitiva e majestosa do Espírito Santo, pois, o mesmo apenas poderia vir e cumprir plenamente suas funções depois da Ascensão do Senhor Jesus Cristo: *“Todavia digo-vos a verdade, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós: mas se eu for, vo-lo enviarei”* (Jo. 16:7).

b) O Batismo no Espírito Santo era o início de uma nova era. Também por isto Deus reservou para um dado momento este evento tão singular, e acompanhado por tantos sinais prodigiosos: o som vindo do céu, línguas de fogo, a capacidade de falar línguas estrangeiras, etc. A partir daquele instante, o Espírito Santo, restrito a poucas pessoas, estaria pronto para habitar em todos os corações: *“E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito”* (Joel 2:28, 29).

Por estes dois motivos entendemos que a singularidade do momento é que trouxe uma distância cronológica tão grande entre a conversão e o batismo no Espírito Santo.

2. Atos 8, que também é um texto utilizado como prova do pensamento neopentecostal de que o batismo no Espírito Santo é uma experiência separada da conversão, constitui-se numa exceção. Vamos observar alguns fatos importantíssimos:

a) Já é conhecida nossa rivalidade de que existia entre judeus e samaritanos. Aliás, quando os samaritanos começaram a crer no Evangelho, os Apóstolos (que eram judeus assim como era judia a igreja até aquele momento), enviaram Pedro e João para saberem o que estava acontecendo.

b) Os samaritanos, quando questionados pelos dois Apóstolos sobre sua fé, afirmaram terem descido às águas batismais, mas ainda não tinham recebido o Espírito Santo. E somente depois que os Apóstolos impuseram as mãos é que eles foram batizados com o Espírito Santo.

Por que a coisa aconteceu desta maneira? Por que a vinda do Espírito sobre aqueles homens não foi imediata?

Ora, a inimizade entre judeus e samaritanos poderia trazer dúvidas aos judeus se os samaritanos, até então alheios às alianças com Deus, receberam de fato o Espírito Santo. Mas, caso alguma dúvida fosse levantada por membros da igreja de Jerusalém, Pedro e João diriam: eles receberam o mesmo Espírito Santo que nós recebemos no início.

Além de tudo isto, os gentios (samaritanos) apenas receberam o Espírito Santo com a imposição das mãos dos Apóstolos enviados de Jerusalém. Tal acontecimento serviu como ilustração da submissão devida aos Apóstolos e também identificou a igreja judia com a gentia que estava nascendo; faziam elas parte de um único corpo, um só organismo.

3. Por fim, o texto de Atos 19 – Paulo perguntou àqueles homens de Éfeso: *“Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?”*. Eles responderam: *“Nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo”*. Estes homens ainda não eram convertidos, mas eram seguidores dos ensinamentos de João Batista. Eles não haviam recebido a pregação das Boas Novas da morte e ressurreição de Cristo.

Depois que Paulo explicou-lhes sobre Cristo é que eles receberam o Espírito Santo.

Irmãos, defendemos a firme convicção de que o batismo no Espírito Santo é algo que acontece no mesmo momento da conversão. Estes textos, que mostram um intervalo entre a conversão e o batismo no Espírito Santo, são situações únicas, singulares e históricas, por isto, não podem ser tomadas como padrão.

As Epístolas, que trazem normas, e não narrativas, ensinam-nos que todos os crentes são batizados no Espírito Santo: *“pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”* (1 Co. 12:13). Veja ainda Gl. 3:2-5; Tito 3:4-7.

B. Má Compreensão e Utilização de Certos Dons

Um dom é uma capacidade entregue por Deus ao crente para que este possa ajudar a igreja a crescer espiritualmente.

Um dom, é importante que se diga, é entregue soberanamente pelo Espírito e não depende da vontade, nem de qualquer esforço que o homem possa fazer: *“mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas (os dons), repartindo particularmente a cada um como quer”* (1 Co. 12:11).

Os neopentecostais, no entanto, falham neste ponto, pois, pensam que usando de meios humanos, alcançarão certos dons, principalmente o chamado *“dom de línguas”*. Existem livros que até ensinam como *“falar em línguas”*.

Sobre este assunto é importante certos esclarecimentos:

1. Lendo as narrativas da manifestação de línguas no Novo Testamento, percebemos que as línguas faladas não são, de forma alguma, dons desconexos, como crêem os neopentecostais, mas sim línguas estrangeiras e compreensíveis: *“e todos foram cheios do Espírito Santo, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem... e em Jerusalém estavam habitando judeus,*

O Catolicismo Romano

Lição

24

Leituras Diárias:

Segunda – Gálatas 1:1-9

Terça – I Timóteo 2:1-7

Quarta – Salmos 32:1-5

Quinta – Romanos 3:21-26

Sexta – Efésios 2:1-10

Sábado – Romanos 4:1-25

Domingo – Romanos 5:1-11

I. Introdução

Creio que, dentre os assuntos estudados com o tema *Seitas e Heresias*, o Catolicismo é o mais conhecido de todos nós. A maioria de nós já entrou num templo católico para assistir a uma missa acompanhada de nossos pais ou mesmo sozinhos.

Mesmo assim, torna-se necessário conhecermos as bases bíblicas com as quais podemos apontar para erros doutrinários desta religião, por isso, se faz necessário o presente estudo.

O Catolicismo Romano pode ser considerado como uma religião tão *falsa* e *nociva* como as seitas, pois, possui erros seríssimos.

II. Histórico

Após o Dia de Pentecostes, como relatado em Atos 2, os cristãos passaram a pregar o Evangelho em larga escala, primeiramente aos judeus e depois aos gentios. Até aí as igrejas respeitavam as orientações dos apóstolos, mas não reconheciam líder algum sobre eles que tivesse a incumbência de representar a Cristo, quer espiritual, quer administrativamente.

Muitas perseguições sobrevieram aos cristãos, começando por Nero (54 a 68 D.C.), Imperador romano. Em 311 D. C. apareceu o Edito de Tolerância, publicado por Galério e que trazia certa liberdade religiosa para os cristãos. Em 323 D. C., Constan-

tino tornou-se o novo Imperador e graças a ele a posição do Cristianismo foi radicalmente modificada. Inicialmente, Constantino deu igualmente de direito a todas as religiões, depois passou a fazer ofertas valiosas à Igreja, construindo templos cristãos, isentando as organizações eclesiásticas de impostos e até mesmo sustentando os clérigos (líderes das igrejas).

Podemos dizer que foi nessa época que nasceu o Catolicismo Romano. Foi considerado a religião oficial do Império, recebendo a designação de *católica* (isto é, universal). Isto, numa última análise, resultou numa tragédia, pois, muitos somente entraram na igreja porque era esta apoiada e bajulada pelo governo. A fé tornou-se debilitada. Começou a haver uma série de abusos como a simonia (venda de cargos eclesiásticos) e o nepotismo (favoritismo de cargos eclesiásticos a parentes). A indiferença com a Palavra de Deus era visível.

O culto aos santos e a veneração aos mártires e a outros homens e mulheres famosos, passaram a ter plena aceitação. Foram criados rituais, que eram um misto de cerimônias pagãs, herdadas das diversas religiões, com as cerimônias sacerdotais do Antigo Testamento.

Os líderes da Igreja Católica eram os Bispos e a palavra papa era usada para designá-los. O Bispo de Roma passou a exercer sobre os demais influência e isso pelo fato de ele pertencer à antiga capital do mundo. Assim, a palavra Papa passou a ser reservada ao bispo de Roma. O primeiro Bispo de Roma que sustentou e defendeu sua autoridade, exercendo o direito de impor as suas ordens aos bispos de toda parte, foi Leão I (440-461 D. C.), que pode ser considerado o primeiro Papa do Catolicismo Romano(1).

III. Doutrinas e Refutação Bíblica

Vejamos alguns conceitos doutrinários incorretos da crença católica:

A. A Base dos Principais Dogmas Católicos

As doutrinas da Igreja Católica são fundamentadas nas tradições(2) de alguns escritos dos Pais da Igreja (primeiros líderes da Igreja Cristã), de livros apócrifos e dos ditames infalíveis dos *Papas*. Todas estas fontes estão no mesmo pé de igualdade da Bíblia, e possuem a mesma autoridade dela.

Nenhum fundamento citado acima, a não ser a Bíblia, serve de base para a doutrina, pois, esses outros fundamentos possuem erros gravíssimos, quando confrontados com a Bíblia, como veremos adiante: *“Estou admirado de que tão depressa estejais desertando daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho, o qual não é outro; senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo”* (Gl. 1:6,7).

B. A Mediação dos Santos

Para os católicos, os seus santos, que são venerados e adorados, são mediadores dos homens com o Pai Celestial. Isso é antibíblico, pois, o Apóstolo Paulo escreveu a Timóteo afirmando: *“...um só Mediador entre Deus e os homens: Cristo Jesus, homem”* (I Tm. 2:5). Não observamos em qualquer lugar da Bíblia que os mortos poderiam fazer alguma coisa pelos que vivem.

C. A Confissão Auricular

A Igreja Católica ensina a confissão de pecados ao sacerdote (ao padre), a fim de serem os católicos perdoados por Deus, mas isto é tradição do Catolicismo que contraria a Bíblia, a qual ensina que

apenas Deus pode perdoar pecados: *“confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado”* (Sl. 32:5). Aqui observa-se o pecado sendo diretamente confessado a Deus, pois, temos acesso direto a Ele por meio do nosso mediador, Jesus Cristo.

D. O Conceito de Fé

O Catolicismo Romano concebe fé como um mero assentimento intelectual à verdade: quem apenas concebe mentalmente os ensinamentos da Igreja Católica, mesmo sem saber o que significa, já pode ser considerado como cristão. Entretanto, a fé é mais rica e mais completa se inclui o elemento conhecimento. Mas, este assentimento à verdade, com ou sem conhecimento, só se torna verdadeira fé salvadora quando opera o amor na prática das boas obras.

Para nós, os cristãos, o objetivo da fé não é o ensino da Igreja Católica, mas, segundo o que a Bíblia revela, os seus vários conceitos. Tampouco concebemos fé cega, antes, estudamos, questionamos e entendemos a doutrina na qual estamos crendo.

A fé salvadora do Catolicismo é contrária à Bíblia, pois, em última análise, é salvação por meio de boas obras. Leia Efésios 2:8,9.

E. O Purgatório

A Igreja Católica ensina que existe um lugar chamado *Purgatório*, aonde vão parar as almas de todos os que partem desta vida. Ali tem que pugar as manchas ou pecados veniais (pecados leves, perdoáveis), que lhes tenham ficado desta vida terrena, antes de poderem entrar no Céu(3). Eles firmam esta doutrina na passagem de II Macabeus 12:39-45, livro apócrifo, ou seja, não inspirado.

Em primeiro lugar, ela é antibíblica porque é baseada num livro não inspirado. Em segundo lugar, o único meio de purificação de pecados é através do sangue de Cristo, derramado no Calvário. Assim, lemos: “*sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus*” (Rm. 3:25) “...e sem derramamento de sangue não há remissão de pecados” (Hb. 9:22).

F. Oração Pelos Mortos

Nenhuma passagem do Antigo Testamento ou do Novo Testamento orienta ou deixa submetida tal prática. Mas é também em II Macabeus que encontramos um pequeno texto que fala sobre esta prática pagã (II Mac. 12:44). A Bíblia declara que “*aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo*” (Hb. 9:27).

G. A Infallibilidade Papal

Até o Concílio Vaticano I da Igreja Católica (1869-70 D. C.), a infalibilidade papal não era dogma, mas a partir daí foi oficializada como dogma. Dessa forma, tudo que o *Papa* disser em pronunciamento aos fiéis (*Ex-Cathedra*) em se tratando de teologia e ética, é considerado verdadeiro e infalível. A base para fixarem tal dogma é que, segundo a tradição, o *pontífice romano* recebeu autoridade apostólica e, como Apóstolo, o que ele afirma é verdadeiro.

Nós não podemos concordar com este fato porque a Bíblia não mostra que haja sucessão apostólica, antes, o ofício dos Apóstolos é incomunicável.

IV. Conclusão

Ao estudarmos acerca do Catolicismo Apostólico Romano, verificamos que de apostólico não tem nada, pois, se fosse apostólico não entraria em contradição com a Bíblia.

Os principais ensinamentos da Igreja Católica estão arraigados quase todos sobre tradições humanas. Na verdade, o Catolicismo é uma descentralização do verdadeiro Cristianismo como praticado pelos Apóstolos, alicerçado em doutrinas falsas e dogmas destituídos do verdadeiro Espírito de Cristo.

Um erro básico e notório da Igreja Católica foi o fato de não depositar toda sua base de fé na Bíblia e se expor a ela, mas em opiniões meramente humanas. Isto serve de alerta para todos nós que cremos somente na Bíblia como regra de fé. Que todos os nossos pensamentos e entendimento estejam alicerçados na Bíblia e não naquilo que as pessoas acham.

Notas e Referências:

- (1) J. Cabral, *Religiões Seitas e Heresias*, p. 76.
 (2) *Tradições – são verdades religiosas que, segundo a Igreja Católica, foram entregues pelos Apóstolos e passadas de geração para geração.*
 (3) J. Cabral, *op. cit.*, pp. 82 e 83.

Avaliação

1. Enumere corretamente a coluna da direita de acordo com a da esquerda.

- | | |
|---------------------------|--|
| (1) Tradição | () Outros livros que não são inspirados |
| (2) Infallibilidade papal | () Lugar de pagar pecados |
| (3) Purgatório | () Santos que intercedem por nós |
| (4) Livros Apócrifos | () Verdades religiosas passadas dos Apóstolos de uma geração para outra |
| (5) Mediação dos Santos | () O que o Papa fala é infalível |
| (6) Confissão Auricular | () Confissão dos pecados ao Padre |

2. Como você combateria a Doutrina do Purgatório?

3. Por que a Confissão Auricular é incorreta?

Seitas Orientais

Hare Krishna

Lição

25

I. Introdução

Dentre as seitas orientais existentes, duas são as mais conhecidas no nosso meio: *Hare Krishna* e *Seicho-No-Iê*.

Os motivos do seu crescimento no Ocidente, a ponto de ganhar seguidores em maior número do que no próprio Oriente, de onde se originaram, é o apelo aos sentimentos e às emoções encontrado no sincretismo religioso, na experiência com liberdade de dogmas, no ambiente caloroso e fraternal e na procura de transcendência (compreensão do sentido último da vida além da morte)(1).

Tais motivos enganam e prendem as pessoas desinformadas e ignorantes ao que a Bíblia mostra como verdade. Portanto, é relevante que nós, os crentes, nos inteiremos dos sutis enganos destas seitas para refutá-las em tempo oportuno.

Estudaremos estas duas seitas separadamente. Trataremos primeiramente de *Hare Krishna* e depois *Seicho-No-Iê*.

II. Histórico

O movimento *Hare Krishna* é uma sociedade de âmbito mundial(2). Tem sua origem, conforme afirmam seus adeptos, nos saberes da religião védica (conjunto de textos sagrados e hinos referentes ao louvor, formas sacrificiais, encantamentos e receitas mágicas)(3). Esta religião chegou à Índia com os invasores arianos (da raça dos Arias) e se misturou com inúmeras crenças indianas. Nesta religião observa-se, dentre

Leituras Diárias:

Segunda – Colossenses 1:15-17

Terça – Colossenses 2:6-8

Quarta – Deuteronômio 30:15-30

Quinta – I Timóteo 4:1-5

Sexta – II Pedro 2:1-3

Sábado – Judas 3-6

Domingo – João 2:22-26

os comentários dos seus livros, um poema épico onde um de seus personagens é Krishna, considerado como um semideus, uma das principais encarnações do Vishnu, grande Deus do Induísmo. Krishna aparece como a personificação do Absoluto, exaltando um amor místico e é representado pela figura de um menino rodeado de flores com vestes coloridas, tocando uma flauta e demonstrando felicidade.

Este movimento foi trazido para o Ocidente em 1965, por Abhay Charan Bhaktive Danta Swami Prabhupaba, em Nova Iorque, onde foi aberto o primeiro templo, bem como em São Francisco. Em 1967 alcançou Boston e Montreal, e em 1968 instalou-se em Londres e daí se espalhou por outras partes do mundo.

Atualmente o H. K. conta com mais de 100 sedes no mundo inteiro. Existe no Brasil desde 1975 e já conta com mais de 150 líderes (que são chamados de monges) e com centros estabelecidos nas principais capitais do país. Este movimento chegou no Brasil através de devotos norte-americanos que vieram do Havaí e visitaram diversas partes do Brasil.

III. Doutrinas e Refutação Bíblica

Dentre as crenças deste grupo, enumeramos sete principais:

A. Panteísmo – Este constitui-se num dos erros mais sérios do H. K. Identifica tudo criado como Deus. Uma flor, um pedaço de madeira, uma cadeira, etc. O homem é uma parcela da divindade. É claro que tais asseverações são absurdas. A Bíblia mostra claramente a doutrina de Deus como criador e sustentador de todas as coisas (Colossenses 1:16,17); Ele está acima de todas as coisas criadas. O que podemos vislumbrar nas coisas criadas não é a Pessoa de Deus, mas seus atributos que O manifestam, a quem devemos render graças. Assim, quando olhamos para o Universo criado, entendemos que somente um Deus poderosíssimo poderia ter criado, o Deus Onipotente. Deus é criador e não parte da criação.

B. Salvação – A salvação para este grupo é ocasionada por esforço próprio, pela constante repetição do mahamantra: *“Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna, Krishna, Hare / Hare Rama, Hare Rama, Hare Rama, Rama, Rama, Hare, Hare”*, pelo desapego às coisas materiais, pelo abandono da sociedade, pelo sacrifício e renúncia de tudo que é considerado normal pelo ser humano. Todavia, nenhuma forma de esforço próprio apresentado anteriormente pode se constituir em meio de salvação. A Bíblia é clara com relação à salvação do homem: *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie”* (Ef. 2:8,9). Não é o esforço humano que salva, mas a graça de Deus.

C. Reencarnação – Eles crêem na reencarnação, ou seja, após a morte o espírito vem a este mundo novamente num outro corpo. Esta possibilidade de reencarnação vai de encontro ao que a Bíblia apresenta, pois ela diz: *“e assim como está ordenado aos homens morrerem uma só vez e depois disto segue-se o juízo”* (Hb. 9:27).

A tese da reencarnação tem como implicação o desprezo pelo corpo, como também desprezo pelo progresso e pela civilização. Como afirma Tácito: *“nesse desprezo encontramos vestígio de insanidade, ausência de adaptação ao mundo em que vivemos”*(4).

D. O Bhagava-gita – este é o livro texto principal, além de outros. A Bíblia é considerada pelos componentes desta seita como ultrapassada. Obviamente tal posição com relação às Escrituras é lamentável. Paulo mesmo advertiu: *“Tu porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que fostes inteirado, sabendo de quem o tens aprendido... Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda a boa obra”* (II Tm. 3:14,16,17).

E. A Lavagem Cerebral – Essa lavagem é efetuada através da repetição, falta de sono suficiente, falta de alimentação adequada. O propósito deste trabalho é tornar o indivíduo incapaz de avaliar o grande erro que é esta doutrina tão nefasta. A Bíblia, pelo contrário, entende que o raciocínio humano deve estar em plena saúde, sendo capaz de usar seu senso crítico em busca da verdade. Se Deus quisesse

se criar um ser programado, Ele teria feito, mas criou um homem com liberdade para pensar e escolher racionalmente entre o certo e o errado. Assim, lemos em Dt. 30:19: *“... pus diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida...”*.

F. Jesus Cristo – Para eles, Cristo está no mesmo nível que Buda e Maomé. Todos eles foram apenas reformadores religiosos, segundo esta seita. Mas sabemos que isto é mentira. Ele não veio com a finalidade de reformar a estrutura religiosa, fazer uma melhoria nos conceitos religiosos, mas veio para ser o Salvador do mundo. Quando Ele nasceu, seu alvo era morrer na cruz para a salvação daqueles que cressem: *“para isto eu vim”* (Jo. 12:17). Jesus Cristo veio para mudar e não simplesmente reformar. Ele deu a sua vida para mudar o destino da humanidade, para mudar o interior do homem.

IV. Conclusão

As crenças desta seita são por vezes absurdas, mas muitas pessoas tem sido enganadas por elas. Como cristãos, conhecedores das verdades, propaguemos **a Verdade** àqueles que não conhecem ao Senhor Jesus Cristo, desmanchando os enganos satânicos desta seita.

Notas e Referências:

(1) *Tácito, op. cit., p. 10.*

(2) *Idem, p. 20.*

(3) *Dicionário Aurélio, p. 1445.*

(4) *Tácito, op. cit., p. 25.*

Avaliação

1. Como é representado Hare Krishna?

2. O que é Panteísmo e por que ele é errado?

Seitas Orientais - Seicho-No-Iê

Lição

26

Leituras Diárias:

Segunda – Romanos 7:15-25

Terça – Efésios 6:10-20

Quarta – Atos 21:4,5

Quinta – Romanos 8:12-17

Sexta – Mateus 20:16,17

Sábado – I João 4:1-6

Domingo – I João 2:18-21

I. Introdução

Esta outra seita é também bastante maléfica. É uma mistura mal feita de Xintoísmo¹, Budismo e Cristianismo. Afirma ser a harmonia de todas as coisas do universo e a reunião de todas as religiões.

Seus ensinamentos são falsos e sua missão que diz ser a transmissão da verdade única, iluminando e vivificando todas as religiões e completando os ensinamentos de Cristo², é uma grande aberração.

II. Histórico

O movimento Seicho-No-Iê foi iniciado por Taniguchi Masaharu, nascido a 22 de Novembro de 1893, na vila de Karasuhara, município de Kope, no Japão. Ele gostava muito de ler. Mas começou a sentir desgosto pela vida e a maldizer a sociedade. Depois de terminar a escola secundária, inscreveu-se na faculdade de literatura inglesa da Universidade Waseda, em Tóquio – alimentava-se então de idéias pessimistas sobre a vida, e procurava uma explicação lógica do mundo e do homem. Depositava confiança no estudo teórico das ciências psíquicas, que exerciam atração sobre ele, nas quais acreditava que poderiam salvar espiritualmente o homem e a sociedade.

Quando a Primeira Guerra Mundial estava no auge, Taniguchi descobriu uma sutra budista, tirando dela o ensinamento fundamental: “não existe matéria, como não existe doença: quem criou tudo isso foi o coração... Segue-se disso que a doença pode ser curada com o coração...”. Este fundamento foi mais tarde complementado de uma outra seita que não subjugava o homem sob o pecado.

Em dezembro de 1922 Taniguchi partiu para Tóquio e lá estabeleceu os fundamentos de sua filosofia através do livro *Teologia do Movimento Seicho-No-Iê*. Em 1923, escreveu o livro *Crítica a Deus*, tendo Judas, o traidor de Cristo, como o herói.

O emblema central do grupo é formado pelo Sol, dentro do qual se vê a lua, a cruz suástica, demonstrando a síntese que realizou das grandes religiões.

A seita conta com mais de três milhões de adeptos. Possui mais de cinqüenta filiais estrangeiras; três mil estações de propaganda e mais de mil catequistas. Este movimento chegou ao Brasil em 1936 com os imigrantes japoneses. Hoje, igrejas Seicho-No-Iê estão espalhadas em todo Brasil e possuem cerca de 4000 mil adeptos.

III. Doutrinas e Refutação Bíblica

A. Deus – AMENOMINAKAN-NUSHI – é o Deus absoluto segundo este grupo, e que as demais religiões o conhecem por diversos nomes, mas na realidade, todas as crenças e todos os deuses levam a ele. Assim se nós, cristãos, dissermos que só há um Deus, eles dizem que é justamente o citado acima, que para nós tem outro nome. Mas, isto é sutileza. Em primeiro lugar, porque este nome não se encontra

entre os nomes de Deus na Bíblia; em segundo lugar, porque eles consideram os outros deuses como sendo também deus – cooperando com a idolatria. Na verdade, este não é o Deus da Bíblia, mas é uma farsa para propagar o Ecumenismo: *“Porque eu sou Deus, e não há outro”* (Is. 45:5,6)

B. O Cristianismo – O fundador desta seita afirma que sua religião é superior ao Cristianismo porque opera maiores milagres do que Cristo. Sente-se com autoridade para interpretar as palavras de Cristo segundo as suas próprias convicções³.

Não existem provas concretas a nosso dispor para, pelo menos, sabermos dos seus milagres. Se houvesse algum tipo de milagre (que até Satanás pode operar), seria presunção querer comparar e se colocar em superioridade a Cristo, por meio de quem foi operado o milagre da salvação eterna. Tal presunção é ilusória, mas o milagre operado em cada cristão é real e seguro.

C. O Mal – Para a seita Seicho-No-lê o mal não existe; é pura ilusão da mente humana. O pecado também não existe, é mera ilusão. Afirmam que os males não tem existência real; nada mais são que simples imaginação. A infelicidade, a doença, a depressão econômica apagam-se quando são firmemente negados, porque estas coisas nada mais são do que ilusões falsamente criadas pelas mentes humanas.

Esta doutrina é antibíblica, pois, o mal existe e provamos dele, bem como provamos do pecado. Malaquias profetizou que há um julgamento para os que praticam o mal (Ml. 3). Paulo nos ensina que a nossa luta é contra o pecado e contra as imposições mundanas que querem dominar nossa vida – Leia Rm. 7:15-25 e Ef. 6:11.

Em nenhuma parte da Bíblia somos orientados a negar o mal. Biblicamente, o mal só vai ser banido da face da Terra nos fins dos tempos, como nos revela o Apóstolo João: *“Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem*

haverá mais pranto, nem dor; porque as primeiras coisas são passadas... Eis que faço novas todas as coisas...” (Ap. 21:4,5).

D. O Homem – Para esta seita, todos os homens são filhos de Deus e são bons. Em primeiro lugar, a Bíblia faz distinção entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo. Filhos de Deus são aqueles que foram adotados por Deus ao passarem pelo novo nascimento, quando creram no Senhor Jesus Cristo. Tanto Paulo como João nos ensinam dessa forma: *“...mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”* (Rm 8:15,16). *“Mas a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”* (Jo. 1:12).

Filhos do Diabo, por sua vez, são todos aqueles que fazem parte do grupo da desobediência como é visto em Ef. 2:2: *“nos quais outrora andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência”*. Por desobedientes entendemos que são aqueles que não aceitaram a justiça de Deus em Jesus Cristo, que refutaram o único meio de se alcançar salvação. Em Lucas 16, lemos a Parábola que faz distinção entre os filhos do Reino e os filhos do Diabo. Em I João, a pessoa caracterizada pela indiferença ao pecado é filha do Diabo (I João 3:10). Concluímos, portanto, que aqueles que tem a Cristo como Salvador são filhos de Deus, e aqueles que não O tem como tal são filhos do Diabo e, portanto, aquilo que a seita Seicho-No-lê diz é errado.

Além disto, o homem não é bom. Jesus falou que só há um que é bom: Deus (Mt. 19:17). Se observarmos o texto de Romanos 3:9-18, veremos nitidamente mais uma vez que o homem não é bom; se o homem fosse bom, a situação social do mundo não estaria do jeito que está. Os sociólogos estão desiludidos e não sabem encontrar a resposta para tantos problemas entre os homens.

E. A Bíblia – Com relação à Bíblia, a seita Seicho-No-Îê não dá qualquer relevância a ela. A regra de fé e prática deles são os escritos de Taniguchi.

Sem a Bíblia como base, obviamente que esta seita está longe de Deus, que se revela através dela: *“Errais não conhecendo as Escrituras e nem o poder de Deus”* (Mt. 22:29)

IV. Conclusão

A Seicho-No-Îê é uma seita oriental humanista, que pensa no aqui e agora e não num reino escatológico no céu; enfatiza o poder de cada pessoa em determinar a sua própria vida e a sua felicidade. Esta seita, como tantas outras, é nociva e só faz afastar as pessoas de Deus.

Notas e Referências:

(1) *Xintoísmo vem da palavra “shinto”, que quer dizer “caminho dos deuses”. É fundamentalmente um conjunto de costumes e rituais, possuindo um complexo de divindades.*

(2) *J. Cabral, Religiões, Seitas e Heresias,*

(3) *Assim, interpretaram o conceito de Salvação como sendo algo ligado ao bem-estar meramente material, J. Cabral, op. cit., p. 217.*

(4) *Tácito, op. cit., p. 50.*

Avaliação

1. Se um adepto da seita Seicho-No-Îê quisesse convencer você de que esta seita é superior ao Cristianismo, como você responderia?

2. Por que nem todos são filhos de Deus?

3. Quando o mal será exterminado?

Revisão

Leitura Diárias:

Segunda – Atos 2

Terça – Lucas 22:7-23

Quarta – Mateus 18:15-22

Quinta – II Crônicas 7:12-16

Sexta – I Coríntios 12:1-3

Sábado – Efésios 2:1-10

Domingo – II Timóteo 3:16-17

1. Assinale V quando for verdadeiro e F quando for falso para as afirmações abaixo e justifique a sua resposta na linha em branco.

A. () A Igreja Universal é o conjunto de crentes que se reúne periodicamente num local e possuem um laço de compromisso entre eles.

B. () A forma de governo das igrejas batistas é o presbiterianismo.

C. () Os títulos Presbítero, Pastor e Bispo designam uma única função.

D. () O Batismo e a Ceia são dois sacramentos ordenados por Cristo.

Lição

27

E. () Na Ceia da Igreja Batista um crente de outra denominação evangélica não pode participar.

F. () Disciplina não é sinônimo de exclusão.

G. () A Seita Testemunhas de Jeová consideram O Espírito Santo como uma mera força ativa.

H. () Os Adventistas do Sétimo Dias crêem que não deve existir pastores em seu meio.

I. () Apenas uma vez no Novo Testamento encontramos a obrigação de guardar o Sábado.

Doutrina dos Anjos I

Lição

28

Leituras Diárias:

Segunda – Colossenses 1:16

Terça – Hebreus 1:14

Quarta – Gênesis 19:1-2

Quinta – Daniel 9:20-27

Sexta – II Samuel 14:20

Sábado – Salmos 99:1 e 148:2

Domingo – Isaías 6:1-3

I. Introdução

Por que estudaríamos sobre anjos?

Esta é uma pergunta justa pois a Angelologia (estudo dos Anjos) “parece” ter pouca importância prática para os crentes.

No entanto, é um grande engano esta idéia. Se bem que se este assunto fosse de importância meramente teórica, seu estudo seria plenamente justificável já que há farto material sobre ele nas Escrituras. E o que foi revelado deve ser investigado! Mas não é só isso...

Muitos dos acontecimentos no mundo e em nossas vidas tem uma participação direta dos seres angelicais – seres imperceptíveis por serem normalmente invisíveis aos olhos humanos, mas grande cooperadores das mudanças em vários momentos e em muitos lugares.

Aprendamos quem são os anjos, bem como qual o seu papel na história dos homens e do mundo.

II. Anjos – Mensageiros

Os anjos são seres que sempre povoaram as crenças religiosas de muitos povos – não foram apenas os judeus e os cristãos que narraram a intervenção destes na humanidade.

Os persas, povo que viveu na Ásia há cerca de três mil anos, possuíam muitos relatos fantásticos sobre a atuação dos anjos. Os babilônios associavam os anjos com os seus deuses. A mitologia grega defendia uma inúmera quantidade de semideuses e gênios.

Enfim, todos os povos tinham alguma informação sobre estes seres – obviamente que muitas de suas crenças ou eram meras fantasias ou eram verdades parciais, distorcidas pelo homem ou pelo Inimigo da Verdade.

Nas Escrituras encontramos uma teologia substanciosa sobre os Anjos.

A palavra anjo (“*angelos*” no Novo Testamento grego; “*mal’ak*” no Antigo Testamento hebraico), significa “*mensageiro*”, “*enviado*”. Esta designação aponta para uma das funções precípuas dos anjos: servirem de comunicadores da vontade divina, bem como executores desta mesma vontade.

III. Características Gerais

A. Os Anjos São Criaturas

O ministério que cerca a existência dos anjos não deve obscurecer a verdade deles terem sido criados por Deus. Assim como os homens, os anjos foram formados pela mão criadora do Senhor, porém, são habitantes de uma existência radicalmente diversa da nossa.

Paulo declara que tudo o que existe, inclusive o que está no Céu (habitação dos anjos), foi por Deus criado: *“Porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra – as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades, tudo foi criado por Ele e para Ele”* (Cl. 1:16).

B. Os Anjos São Seres Espirituais e Incorpóreos

Os anjos tem corpo ou não? Esta questão foi motivo para intermináveis debates na época da Igreja Medieval. No entanto, a Bíblia muitas vezes afirma serem os anjos espirituais e, logo, sem um corpo material:

- *“Pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestiais”* (Ef. 6:12) – Observe que a luta do filho de Deus não é contra homens (*“carne e sangue”*), mas contra os anjos caídos (*“as hostes espirituais da iniquidade”*) – que não passam de espíritos.

- *“Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que não herdar a salvação?”* (Hb. 1:14). Neste texto os anjos são diretamente classificados como seres espirituais.

Apesar destas passagens muito claramente apontarem para o fato dos anjos serem espíritos, algumas justas questões podem ser levantadas:

- **A Bíblia não narra situações onde os anjos aparecem visivelmente e possuindo um corpo semelhante ao nosso?** Ló, por exemplo, recebeu a visita de dois anjos que tinham corpos humanos: *“À tarde chegaram os dois anjos a Sodoma. Ló estava sentado à porta de Sodoma e, vendo-os, levantou-se para os receber”* (Gn. 19:1) – (veja ainda Ez. 9:2 e Gn. 18:2). A explicação para estas passagens é que, apesar de serem espirituais, os anjos podem adquirir formas ou materializar-se temporariamente. O próprio Deus, sendo Espírito, fez isto algumas vezes (Is. 6:1; Jr. 1:9).

- **A Bíblia não conta que os anjos possuem asas?** – Porém podemos entender as associações entre anjos e asas, pois, sempre foram seres velozes. E que forma poderia ser melhor na época bíblica para representar velocidade, senão a menção de asas? Além disto, o ar é habitação dos espíritos e a forma de mover-se no ar é voando. *“Sim, enquanto estava eu ainda falando na oração, o varão Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princípio, veio voando rapidamente...”* (Dn. 9:21).

C. Os Anjos São Seres Pessoais

Novamente é preciso lembrar que não devemos associar corpo físico com personalidade. A personalidade independente de um *“corpo material”*. Personalidade indica volição, sentimento e raciocínio.

Aos anjos, por exemplo, é atribuída grande capacidade intelectual. Davi foi comparado a um anjo: *“Sábio porém é meu senhor, conforme a sabedoria do anjo de Deus, para entender tudo o que há na terra”* (II Sm. 14:20).

Além disto, os anjos cultuam a Deus (Sl. 148:2), contemplam a face divina (Mt. 18:10), são obedientes a Deus (Sl. 103:20; Ef. 1:21), etc.

D. Os Anjos São Seres Numerosos e Organizados

Muitas vezes, os anjos são comparados a um exército por seu grande número e incrível organização. O próprio Cristo fez referência a *"legiões de anjos"* – *"legião"* era conjunto de 3.000 a 6.000 legionários romanos: *"Acaso pensas que não posso rogar a meu pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?"* (Mt. 26:53).

Hebreus 12:22 fala das miríades de anjos, ou seja, o número incalculável que há destes seres. É importante salientar que o número de anjos é sempre constante, não aumenta e nem diminui, pois, eles não podem se multiplicar (Mt. 22:30).

Além de numerosos, os anjos demonstram uma enorme organização, uma verdadeira hierarquia com postos bem definidos:

- **Querubins** – Suas funções envolvem a guarda da santidade divina, e a revelação do poder e da majestade de Deus: *"O Senhor reina, tremam os povos; ele está entronizado sobre os querubins, estremeça a terra"* (Sl. 99:1). Veja ainda Is. 31:16 e Ex. 25:18.

- **Serafins** – Berkhof faz a seguinte colocação com respeito aos serafins: *"são mencionados como servidores em torno do Trono do Rei Celestial, cantam louvores a Ele e estão prontos a fazer o que Ele manda... Ao passo que aqueles defendem a santidade de Deus, estes atendem ao propósito da reconciliação, e assim preparam os homens para aproximar-se apropriadamente de Deus"*(1).

- **Principados, potestades, tronos e domínios** – A Bíblia faz referência a

diferentes classes de anjos, os quais ocupam lugares de autoridade no mundo angélico (veja Ef. 1:10; 1:21; Cl. 1:10 e 2:10).

- **Gabriel e Miguel** – Estes anjos são citados nominalmente nas Escrituras. O primeiro significa *"quem é como Deus?"* e o segundo significa *"poderoso"*.

Gabriel parece ter como função básica a transmissão de revelações divinas – foi ele quem trouxe a mensagem de Deus para Daniel (Dn. 9:21) e revelou a vinda do Messias através de Maria (Lc. 1:26).

Miguel aparece como líder das batalhas de Jeová contra os inimigos de Israel e contra os poderes malignos do mundo espiritual(2).

Miguel é citado como defensor do povo israelita (Dn. 12:11). *"Será ele quem, como chefe dos exércitos do Céu, participará de uma batalha vitoriosa no Céu contra Satanás e os seus anjos"*(3).

E. O Serviço dos Anjos

Quando falamos dos anjos podemos classificar suas obras em dois tipos: o ministério no Céu e o ministério na Terra.

1. Ministério Celestial dos Anjos

O leitor da Bíblia consegue facilmente identificar esta importante tarefa celestial dos anjos: a adoração incessante de Deus. Observe com atenção os seguintes textos:

- João declara que *"as criaturas viventes"*, que são anjos: *"Não tem descanso nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos, aquele que era e que é e que há de vir"* (Ap. 4:8). Observe que o louvor é incessante e incansável por causa da majestosa glória de Deus.

- Também na revelação a Isaías nós lemos: *"Clamavam uns aos outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus,*

o *Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir*" (Is. 6:3).

Veja ainda Jó 38:7; Sl. 102:20 e Ap. 5:11.

2. O Ministério Terrestre dos Anjos

Desde que o homem caiu, Deus tem enviado seus anjos (*"emissários"*) para divulgar entre os homens o Seu caminho e dirigir a humanidade para a Redenção. Um momento representativo e importantíssimo do ministério angelical na promulgação da vontade redentora de Deus, foi quando o anjo Gabriel anunciou o nascimento do Salvador a Maria: *"eis que conceberás e darás à Luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus"* (Lc. 1:31).

Além disto, os anjos na Terra veem pelos crentes, os herdeiros da salvação: *"Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que não de herdar a salvação?"* (Hb. 1:14). E, como exemplo deste serviço dos anjos em favor dos santos, temos os muitos livramentos de Deus na vida dos Apóstolos por ocasião das prisões e perseguições (At. 8:26; 10:3 e 27).

IV. Conclusão

Homens e Anjos são os únicos seres pessoais criados por Deus e que podem manifestar apropriadamente os Atributos Comunicáveis do Ser Divino.

Os anjos de Deus (pois existem os *"anjos caídos"*, como veremos nas próximas lições), são diferentes de nós, pois, não cometem pecado, habitam a esfera celestial, são espíritos e são mais poderosos e inteligentes do que nós.

Seja como for, no entanto, tanto homens como anjos são convocados pe-

las Escrituras a adorarem o Pai Espiritual, Todo-Poderoso, Onisciente e Santíssimo:

"Louvai ao Senhor todos os seus anjos; louvai-o todas as suas hostes!... Louvai-o reis da terra e todos os povos; príncipes e todos os juízes da terra, mancebos e donzelas, velhos e crianças" (Sl. 148:2,11,12).

Notas e Referências:

(1) *Louis Berkhof, Teologia Sistemática, p. 146.*

(2) *Idem, p. 147.*

(3) *Lewis Sperry Chafer, Teologia Sistemática, p. 347.*

Avaliação

1. Determine três características distintas entre os anjos e os homens.

2. Determine três características semelhantes entre os anjos e os homens.

Doutrina dos Anjos II

Lição

29

Leituras Diárias:

Segunda – Ezequiel 28:1-10

Terça – Ezequiel 28:11-13

Quarta – Isaías 14:3-11

Quinta – Isaías 14:12-23

Sexta – Efésios 6:10-20

Sábado – Ap. 12:7-10 e I Ts. 4:16,17

Domingo – Efésios 4:27

I. Introdução

Como existem anjos bons, cuja função é a adoração a Deus e serviço aos escolhidos pela graça divina, também há anjos maus, conhecidos como demônios ou maus espíritos. E neste estudo, buscaremos na Bíblia a origem destes seres que se opõem a Deus e a tudo que é santo.

Mas, porque estudar Satanologia (Doutrina bíblica que envolve Satanás e seus anjos)? Dr. Aníbal Pereira dá uma razão bastante simples:

“Chamam-no capeta, tinhoso, coisa-ruim, mofino, pedrobolho, rabudo, maligno, arrenegado, cão, gadelha, labrego, malvado, zaparelho, beijudo, sarnento, demo, bode, cafute, sujo, maldito, excomungado, cafuço, capiroto, canhoto, porco, não-sei-que-diga, dianho, cambito... Chama-o a Bíblia de Satanás, Diabo, demônio, Belzebu, Dragão e Espírito Imundo. Jesus Cristo chama-o de ‘Pai da Mentira’ e ‘O Príncipe deste Mundo’. Tem-no Paulo na conta de ‘deus deste século’. Esses são os seus nomes, os seus apelidos e os seus títulos. Importa conhecer o nosso adversário ‘para que não mais sejam vencidos por Satanás; porque não ignoramos seus ardis’ (II Co. 2:10,11). Se o ignoramos, como enfrentaremos seus ataques?”(1).

Enfim, a igreja de Cristo deve estudar Satanologia para que compreenda melhor quem é e como trabalha o seu Inimigo número um.

II. A Origem de Satanás e dos Demônios

A. A Queda dos Anjos

Obviamente que todos os seres que existem foram por Deus criados. Os anjos que hoje são maus foram obra de Deus. Deus, no entanto, não os fez originalmente maus ou corrompidos. Afinal, após a criação, Deus compreendeu que tudo quanto Ele fez era bom: *“E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom”* (Gn. 1:31).

Houve momento, entretanto, que alguns anjos caíram e deixaram de ser servos de Deus, constituindo-se inimigos dos planos divinos. Há várias vezes em que a Bíblia cita a queda destes seres:

– “Mas se Deus não poupou a anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno, e os entregou aos abismos da escuridão, reservando-os para o juízo” (II Pe. 2:4).

– “Aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele os tem reservado em prisões eternas na escuridão para o juízo do grande dia” (Judas 6).

Por um motivo que a Bíblia não deixa completamente claro, parte dos an-

jos criados por Deus, em dado momento da história caíram. Mas, apesar de não termos a exata informação porque os anjos deixaram sua habitação (morada) e principado (posição), é razoável pensarmos que eles seguiram Satanás, que os liderou na desobediência, já que hoje é ele quem os lidera.

B. A Queda de Satanás

Satanás, o chefe dos anjos caídos, tem sua origem e posição inicial narrados em dois textos proféticos: Ez. 28:11-19 e Is. 14:12-17. Estes textos são repletos de duplos sentidos, pois, não é só Satanás quem é descrito neles, mas igualmente o Rei de Tiro e o Rei de Babilônia, respectivamente.

Em Ez. 28:11-19 podemos entender qual a posição de Satanás antes de sua queda:

1. Satanás Antes da Queda

O texto concede a Lúcifer (nome principal de Satanás antes da queda) uma série de elogios:

“Sinete da Perfeição”

“Cheio de sabedoria e formosura”

“Tu eras querubim da guarda, ungido, e te estabeleci; permanecia no monte santo de Deus...”

Os querubins, como já vimos, tem como função guardar a santidade divina. Assim, Satanás estava em contato íntimo com a pureza e a santidade divinas. Além disto, ele servia junto ao trono de Deus (significado de *“permanecer no monte santo de Deus”*).

“Perfeito eras nos teus caminhos”

O caráter de Satanás era reto. Deus não o havia feito com defeitos ou problemas morais de quaisquer níveis.

Mas, Deus faz criaturas com a possibilidade de escolher a obediência ou a desobediência.

2. A Queda de Satanás – o pecado básico de Satanás foi querer ser Deus.

Isaías mostra que Satanás não se contentou em permanecer no estado e na função que possuía, que já eram elevadíssimos, mas ele buscou subir acima da esfera para a qual foi criado e acima do propósito que lhe foi atribuído(2). Suas declarações que comprovam este fato foram as seguintes:

“Eu subirei ao céu” – Deus habita numa esfera de existência inacessível às criaturas, o que a Bíblia chama de Luz Inacessível (II Co. 12:1-4; Ef. 1:20,21) e os judeus chamavam de Terceiro Céu. Satanás estava disposto a alcançar a habitação que somente pertencia a Deus.

“Acima das estrelas porei o meu trono” – É interessante que Satanás era guardador do Trono de Deus. Mas ele não queria mais tal posição – ele queria um trono para si mesmo, para que pudesse ser honrado e adorado.

“No monte da congregação me assentarei” – Monte significa local de governo divino. E congregação refere-se a Israel. Ou seja, Satanás tem o propósito de guiar o povo de Deus.

“Subirei acima das altas nuvens” – Nuvens referem-se nas Escrituras à presença divina(3). Satanás afirma com isto que vai colocar-se acima do próprio Deus.

“Serei semelhante ao Altíssimo” – Satanás sempre teve o interesse de *“apossentar Deus”*, tomar o seu lugar.

Chafer resume estas intenções satânicas da seguinte forma: *“O pecado de Satanás pode portanto ser resumido como um propósito de garantir: 1) a mais alta posição celestial; 2) direitos reais no céu e na terra; 3) reconhecimento messiânico; 4) a glória que pertence a Deus somente; e 5) uma semelhança com o Altíssimo, ‘que possui os céus e a terra’”* (4).

3. Quando Aconteceu a Queda de Satanás

A Bíblia não revela, objetivamente, o momento da queda de Satanás. Mas, certo é que foi antes da queda do homem, já que a serpente influenciou na desobediência humana (veja Ez. 28:13 e Gn. 3:1).

Alguns entendem que Gn. 1:1,2 mostra duas criações. A primeira foi prejudicada por Satanás quando caiu, daí Deus ter colocado em ordem “o caos”, nascendo então o Universo tal qual conhecemos hoje. Graficamente teríamos o seguinte esquema:

Primeira Criação Satanás - Segunda Criação

Gn. 1:1

Queda (caos) Gn. 1:2 e seguintes

III. Características de Satanás

Se não temos informações precisas sobre o momento em que o anjo Lúcifer(5) tornou-se Satanás(6), a Bíblia deixa informações muito claras sobre seu caráter, capacidade e posições:

A. Satanás é Astucioso

Satanás é um verdadeiro general estrategista, que planeja inteligentemente seus ataques contra os filhos de Deus e contra a Igreja. Paulo advertiu sobre suas ciladas: *“Revesti-vos de toda armadura de Deus para poderdes estar firmes contra as ciladas do Diabo”* (Ef. 6:11).

B. Satanás é Poderoso

“Porque não de surgir falsos Cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios...” (Mt. 24:24).

Obviamente, quem capacitará os enganadores para realizar estes “sinais e prodígios” não será outro senão Satanás. Satanás é imensamente poderoso, mas é

importante salientar que a possibilidade de sua atuação está limitada pelo próprio Deus, como percebemos na história de Jó: *“então Satanás respondeu ao Senhor: Pele por pele! Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Estende agora a mão e toca-lhe nos ossos e na carne, e ele blasfemarà de ti na tua face! Disse pois o Senhor a Satanás: Eis que ele está no teu poder; somente poupa-lhe a vida”* (Jó 2:4-6).

C. Satanás é Enganador

Não foi à toa que Cristo o chamou de Pai da Mentira (Jo. 8:44) – ele é o ser que utiliza-se do engano para chegar onde deseja chegar. Ele mente através das palavras, e até mesmo é capaz de mostrar-se bondoso e amigo do bem para envolver os homens no engano: *“E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz”* (II Co. 11:14).

D. Satanás é Príncipe da Potestade do Ar e Príncipe deste Mundo

O primeiro título refere-se ao domínio que Satanás tem sobre as hostes espirituais que estão opostas a Deus (veja Ef. 2:2). Satanás possui agentes em todo o mundo e são estes agentes que o deixam informado de todas as coisas. Alguns, equivocadamente, entendem que Satanás é onisciente, esquecendo que Onisciente é um Atributo Incomunicável. Satanás é, pelo contrário, bem informado.

O segundo título indica seu domínio sobre os corações que ainda não estão submissos a Deus (Jo. 14:30). Além de apontar, conseqüentemente, para o domínio exercido por Satanás sobre a vida social, política e comercial.

IV. Conclusão

Satanás, antes anjo do Senhor, por causa de sua avareza e inveja, caiu de sua posição e colocou-se como inimigo de Deus. Muitos anjos seguiram-no.

Hoje, Satanás e seus anjos lutam para desestabilizar a Obra de Deus.

As características destes “*seres caídos*” são totalmente adversas às características de Deus – Satanás e seus anjos são **O Mal Personificado**. Mentira, enganos, capacidades aplicadas para o mal... revelam seu interior corrompido.

Necessitamos fazer uma reflexão: nosso comportamento aponta para o Pai Celestial, sinônimo de todo o Bem, ou há algo de nosso procedimento que imita o *Adversário*, Pai de Todo o Mal?

Notas e Referências:

(1)Dr. Aníbal Pereira Reis, *O Diabo*, p. 9.

(2)Chafer, *Teologia Sistemática*, p. 368.

(3)*Idem*, p. 369.

(4)*Ibidem*.

(5)“*Portador da Luz*”

(6)“*O Adversário*”

Avaliação

1. O que significa o nome Satanás? Por que ele tem este nome?

2. Qual o estado moral dos anjos caídos no momento em que Deus os criou? Mostre base bíblica.

3. Qual foi o pecado de Satanás?

4. Quais as características de Satanás (com base bíblica)?

Doutrina dos Anjos III

Lição

30

Leituras Diárias:

Segunda – Colossenses 1:16

Terça – Hebreus 1:1-14

Quarta – Gênesis 19:1,2

Quinta – Daniel 9:20-27

Sexta – II Samuel 14:20

Sábado – Salmos 99:1 e 148:2

Domingo – Isaías 6:1-3

I. Introdução

Já percebemos, pelos estudos anteriores, que Satanás e seus anjos buscam trabalhar neste mundo das maneiras mais diversas, buscando controlar de forma integral os homens, aprisionando-os no engano.

Uma destas formas é através da prisão das seitas, que tentam cegar os olhos dos homens para que eles não entendam a vontade de Deus para suas vidas: *“nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”* (II Co. 4:4).

Uma facção destas seitas que sofre a influência direta destas hostes espirituais da maldade são as chamadas *“seitas espíritas”*: O Alto Espiritismo (linha filosófica iniciada por Allan Kardec, de origem européia) e o Baixo Espiritismo (manifestações espirituais nacionais: Umbanda, Candomblé, etc.).

Entendamos um pouco mais destas concepções espíritas que são resultado do engano semeado pelo Diabo.

II. O Alto Espiritismo

A. Histórico

18 de abril de 1857 é considerado o dia da fundação do Espiritismo, pois,

nesta data foi lançado *“O Livro dos Espíritos”* por Hippolyte Leon Denizard Rivail, que passou a se chamar Allan Kardec, nome de uma das suas encarnações anteriores, segundo ele mesmo.

Allan Kardec não foi, no entanto, o primeiro a tratar do Espiritismo. Na verdade, ele viveu numa época em que havia em toda Europa um número excepcional de sessões – reuniões em que os espíritos se comunicam com os viventes.

Esta *febre* começou graças às irmãs Fox, Margareth e Katie, as quais tiveram primeiros contatos com o Além quando foram morar em uma casa considerada mal-assombrada: *“Começaram a ouvir ruídos, golpes nas paredes, os móveis se quebraram e se moviam sozinhos... Descobriu-se mais tarde que naquela casa tinha sido assassinado um homem e que seus restos mortais estavam escondidos na adega, por baixo do assoalho”*(1).

As irmãs Fox, então, tornaram-se grandes propagadores da *“comunicação com os mortos”*. No entanto, alguns anos depois, antes de morrerem na miséria e

no alcoolismo, chegaram a desmentir seus poderes mediúnicos.

Mesmo assim, muitos outros propagadores da religião espírita foram colaboradores de sua divulgação. Kardec é o mais destacado, por ter conseguido sintetizar os muitos conceitos e as diversas ideias que se multiplicavam naquela época. Segundo ele mesmo, O Livro dos Espíritos trata-se de uma coletânea de respostas a mais de mil perguntas que teriam sido respondidas por “*espíritos superiores*” (2).

No Brasil, o livro mais utilizado pelos espíritas Kardecistas é “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”.

O Espiritismo coloca-se como a “*terceira revelação*” – a primeira foi através de Moisés, a segunda de Cristo, e a terceira através dos espíritos.

B. Erros Doutrinários e Refutação Bíblica

Observemos alguns conceitos incorretos do Espiritismo com relação a questões principais da Fé:

1. **Deus** – Para o Espiritismo Deus existe, mas está muito longe e só se manifesta através dos espíritos, o que eles chamam de “*guias*”. O Espiritismo propõe um Deus distante e coloca o homem numa impossibilidade total de ter contato com seu Criador. Contrário a isto, a Bíblia declara que Deus está pronto para, pessoalmente, aproximar-se e ajudar o homem: “*Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para que não possa ouvir*” (Is. 59:1). Se há uma coisa que pode colocar Deus distante de nós é nossa desobediência (leia Is. 59:2).

2. **Jesus Cristo** – O Espiritismo menospreza Jesus Cristo, pois, não reconhece que Ele é divino, o próprio Deus.

Um destes “*espíritos de luz*” reve-

lou a seguinte mentira sobre o assunto: “*Cristo foi um homem bom, mas não poderia ter sido divino, exceto no sentido, talvez, em que todos nós somos divinos*” (3). Entre muitas das dezenas de passagens que comprovam a divindade de Cristo e a Trindade, citamos apenas uma: “*Eu e o Pai somos um*” (Jo. 10:30).

Na terrível opinião do Espiritismo, Cristo não passa de um espírito que alcançou incrível desenvolvimento espiritual. Mas, Cristo é imutável: “*Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente*” (Hb. 13:8).

3. **Espírito Santo** – O espiritismo afirma ser ele mesmo “*O Consolador prometido por Jesus*”, o Espírito Santo (4). Esta é uma aberração – o Espírito Santo é uma pessoa divina (Mt. 28:19), veio após a ascensão de Cristo (At. 2) e sempre habitou na Igreja (I Co. 12:13).

4. **A Reencarnação** – Kardec definiu a reencarnação como “*nascer, morrer, renascer ainda e progredir, sem cessar, tal é a lei*” (5).

Ou seja, os seres estão em processo de crescimento contínuo, espiritualmente falando. Segundo suas crenças, há quatro níveis espirituais que devemos galgar nestas reencarnações constantes: imperfeitos, bons, superiores e puros.

A reencarnação anula a cruz de Cristo, pois, qual valor tem a morte de Cristo se nesta vida vamos reencarnar? Não há salvação e nem perdição nestes termos, mas apenas transição. A Bíblia informa ter o homem apenas uma vida e uma única morte: “*Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disto o juízo*” (Hb. 9:27). Veja ainda Jo. 1:14 e Fp. 2:6-8.

5. **A Comunicação com os mortos** – Este procedimento tão divulgado pelo Espiritismo encontra oposição clara nas Escrituras: “*Não vos voltareis para os que consultam os mortos*” (Lv. 19:31). Veja

ainda Dt. 18:9-14; I Sm. 28:3-7; II Cr. 33:6; Gl. 5:19-21.

III. O Baixo Espiritismo

Há três ramos principais presentes na cultura brasileira, que poderiam ser considerados do Baixo Espiritismo: A Umbanda, o Candomblé e a Quimbanda.

O Candomblé é a religião originalmente trazida pelos negros africanos. A Umbanda é uma mistura dos cultos mágicos africanos, mesclados com as práticas católicas e indígenas. A Quimbanda é a “*magia negra*” da Umbanda, que é considerada ‘magia branca’.

A. Histórico

Abordaremos principalmente a Umbanda, que tem sido considerada uma religião originada em solo brasileiro e que tem conquistado terreno entre os nossos patrícios.

Obviamente que suas origens estão vinculadas à chegada do negro ao Brasil, bem como à miscigenação cultural que aconteceu em nosso país.

Mas, seu nascimento é oficialmente datado no início do nosso século: “*Zélio de Moraes é o nome que aparece como líder proeminente em 1920. Paralítico, sem cura pelo tratamento médico, apelou para o Kardecismo. Lá, recebeu a revelação para organizar uma religião verdadeiramente brasileira que incluísse os espíritos dos caboclos e dos pretos velhos. Recebeu a visita do Caboclo das Sete Encruzilhadas e organizou o Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade. Outros centros foram organizados e a nova religião se propagou no Rio de Janeiro*” (6).

A partir daí sua divulgação espalhou-se por todo o país, mas o Rio continua sendo importante aglomerado de centros de umbanda, cerca de 32.000(7).

B. Doutrina e Refutação Bíblica

Diferentemente do Alto Espiritismo, o Baixo não possui uma estrutura doutrinária bem definida, mas considera uma série de opiniões que já foram defendidas pelo Alto Espiritismo e refutadas biblicamente, como reencarnação e comunicação com os mortos.

Um erro peculiar do Baixo Espiritismo é a adoração dos vários demônios que se manifestam nos terreiros da Umbanda. Estes espíritos são divididos em três grupos principais: Orixás e Exus (os primeiros são os deuses, os outros são espíritos opressores); pretos velhos (espíritos de africanos) e caboclos (espíritos de índios).

Segundo os umbandistas, os Orixás devem ser adorados e servidos pelo médium (também chamado de “*cavalo*”). A estes Orixás são feitas oferendas, banhos de purificação e a preparação do ambiente (casa ou terreiro) com incenso e perfumes(8).

Mas o próprio Cristo, citando as Escrituras, ensinou que estes demônios, e nem qualquer outro ser, devem ser adorados: “*Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás*” (Lc. 4:8).

Eles tem rituais que passam desde as oferendas de alimentos e bebidas aos demônios até à mutilação do próprio corpo. O escritor J. Cabral dá uma lista de algumas advertências bíblicas que cabem bem quando falamos sobre Baixo Espiritismo(9):

1. Não cultuar os astros nem forças celestes: Dt. 4:19.
2. Não conservar material dessas religiões falsas: Dt. 13:17.
3. Não mutilar o corpo: Dt. 18:9-12.
4. Não praticar a feitiçaria: Dt. 18:9-12
5. Não praticar o espiritismo sob qualquer forma: Dt. 32:17,20,21,39; II Cr. 33:6.

Escatologia

O Arrebatamento da Igreja

Lição

31

Leituras Diárias:

Segunda – I Tessalonicenses 4:13-18

Terça – II Pedro 3:1-10

Quarta – II Pedro 3:11-18

Quinta – I Coríntios 15:1-9

Sexta – I Coríntios 15:20-50

Sábado – I Coríntios 15:51-58

Domingo – João 14:1-4

I. Introdução

- **De onde vim?**
- **O que sou?**
- **Para onde vou?**

Estas questões são fundamentais para qualquer um. São questões que dizem respeito à origem, à existência e ao destino.

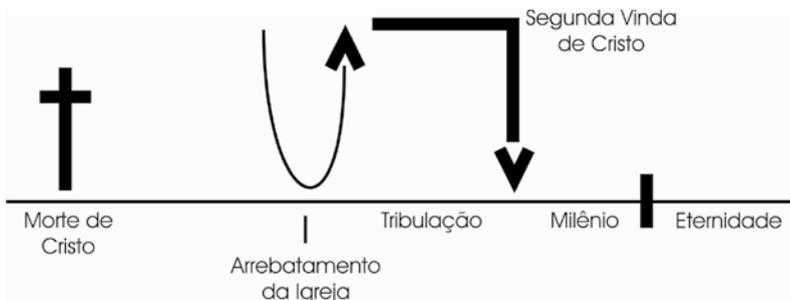
Para compreendermos apropriadamente sobre nós mesmos como crentes em Jesus e participantes da sua Igreja querida, devemos aplicar estas perguntas à própria Igreja:

- **O que é a Igreja?**
- **De onde veio a Igreja?**
- **Para onde vai a Igreja?**

As duas primeiras questões já foram respondidas em lições anteriores, quando então descobrimos que a Igreja é uma organização espiritual composta de todos quantos já foram regenerados pelo Espírito Santo. E também que a origem da igreja encontra-se vinculada com o plano eterno de Deus, sendo seu nascimento uma obra exclusivamente Sua.

Agora encontramos-nos com a última questão: Para onde vai a Igreja? Esta é uma pergunta de incrível importância pois o plano eterno de Deus para a Igreja está envolvido profundamente com o futuro de toda humanidade, e não só isso, com o destino de todas as coisas.

Este é um mês de oportunidade ímpar – é a chance de estudarmos sobre Escatologia, que é *A Doutrina das Últimas Coisas*. Mas antes de irmos adiante é preciso atentar para o gráfico escatológico abaixo:



Por este gráfico podemos identificar cinco passos básicos quanto ao esquema escatológico programado por Deus:

1. Arrebatamento da Igreja;
2. Tribulação;
3. Vinda de Cristo;
4. Milênio;
5. Eternidade.

Começemos trabalhando com o primeiro ponto que é o Arrebatamento da Igreja.

II. Significado de Arrebatamento da Igreja

O texto principal que ensina sobre o Arrebatamento é I Ts. 4:15-17: *“Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”*.

Na verdade, é apenas neste texto, em todo o Novo Testamento, que aparece o substantivo arrebatado, que significa basicamente raptado, ou ainda, levado de repente.

Algumas observações podem ser feitas com base no texto anterior:

1. **Durante o Arrebatamento Cristo não descenderá à Terra.** Antes, será a Igreja arrebatada que o encontrará nos ares: *“nós seremos arrebatados para o encontro do Senhor entre nuvens”*.

2. **No momento do Arrebatamento acontecerá a primeira ressurreição** – A Bíblia fala de basicamente duas ressurreições: a primeira, da qual participarão integrantes da Igreja, e a segunda ressurreição, da qual participarão os que serão julgados e condenados no Julgamento

do Grande Trono Branco: *“E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiram a terra e o céu; e não foi achado lugar para eles. O mar entregou os mortos que nele haviam; e foram julgados, cada um segundo as suas obras”* (Ap. 20:11,13). Percebam que esta primeira ressurreição está programada para acontecer imediatamente antes do Arrebatamento, a qual trará para seus participantes a oportunidade de estar com Cristo para sempre com corpos transformados. A segunda acontecerá depois do Milênio e os que ressurgirem nesta oportunidade sofrerão a condenação por negarem o Filho de Deus. Por isto que a Bíblia salienta: *“Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição...”* (Ap. 20:6a).

3. **Toda a Igreja participará do Arrebatamento.** Como conseqüência natural do que foi dito antes, não apenas os vivos participantes da Igreja Universal serão arrebatados, mas também os que já morreram.

Assim, caso Cristo viesse hoje, nós seríamos arrebatados juntamente com Pedro, João, Paulo e todos os crentes em Cristo do passado.

Poderíamos sintetizar o significado de *Arrebatamento da Igreja* com as seguintes palavras:

Arrebatamento é o ato futuro de Deus em instantaneamente tirar da face da terra a Igreja de todos os lugares e de todas as épocas para estar eternamente com Cristo.

III. O Momento do Arrebatamento

A Igreja sempre aguardou o momento de encontrar-se com Cristo novamente. Afinal, Ele prometeu claramente isto: *“E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também”* (Jo. 14:3).

Alguns, pela demora do cumprimento da promessa do Senhor Jesus, co-

locaram-se até em dúvida: “*dizendo: onde está a promessa de sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação*” (II Pe. 3:4). E é o próprio Pedro que afirma veementemente: “*O Dia do Senhor virá...*” (II Pe. 3:10a).

Quanto ao momento para o Arrebatamento da Igreja duas coisas devem ser salientadas:

1. Apenas Deus Conhece Este Momento

O retorno de Cristo para levar sua Igreja é iminente, ou seja, pode acontecer a qualquer momento, pode ser agora, como pode ser daqui a alguns séculos. Muitos são os textos que mostram este fato e que apontam Deus como o único real conhecedor deste momento tão desejado:

- Os anjos, no momento da ascensão de Cristo, homologaram a certeza da sua volta, mas nada disseram sobre a data do acontecimento: “*Varões galileus, porque estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir*” (At. 1:11).

- Paulo associou o Arrebatamento da Igreja com a garantia de termos corpos transformados, coisa a acontecer repentinamente: “*Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados*” (I Co. 15:52).

- O próprio Cristo, no seu período terreno de existência, salientou ser este evento futuro conhecido exclusivamente pelo Pai: “*Porém daquele dia e hora ninguém sabe... unicamente meu Pai*” (Mt. 24:36).

O momento de nosso Arrebatamento é um mistério total. Qualquer tentativa de determinar datas é certeza de fracasso. Também tentar adivinhar se a vinda de Cristo para levar a Igreja vai durar um ano ou mil anos através do fato A ou B é

desnecessário. A orientação dos Apóstolos é que devemos esperar o Senhor mesmo e não os sinais que precedem o arrebatamento(1):

- “*Aguardando a bem-aventurada esperança, e o aparecimento da glória do Grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo*” (Tt. 2:13).

- “*Lembra-te pois do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei*” (Ap. 3:3).

2. O Arrebatamento está Vinculado ao Fato de a Igreja estar Completa

Deus sabe quem vai aceitar o Evangelho ou não. É quando o número dos eleitos estiver completo que então Ele levará a sua Igreja. Isto é o que ensina claramente Pedro: “*O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a tem por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se*” (II Pe. 3:9).

Se Cristo ainda não levou a sua Igreja é porque ela está incompleta. Não sabemos quantos faltam, mas sabemos que este número completar-se-á.

Enfim, é-nos desconhecido o momento do Arrebatamento, pois, tal conhecimento pertence exclusivamente a Deus, mas sabemos que quando a Igreja estiver completa ela será raptada da face da Terra.

IV. Conclusão

Deus tem um plano para o futuro do Mundo. Este plano passará a ser executado no exato momento em que a Igreja de Cristo for arrebatada.

Se comparássemos o plano escatológico de Deus com um jogo de dominó enfileirado, diríamos que o **Arrebatamento** é a primeira peça.

Quando Deus vai tocar a primeira peça, não temos o menor conhecimento.

Apenas Ele sabe! Mas sabemos que, certamente, isto acontecerá quando toda a Igreja estiver completa, ou seja, quando todos os que aceitarão o Evangelho o fizerem realmente.

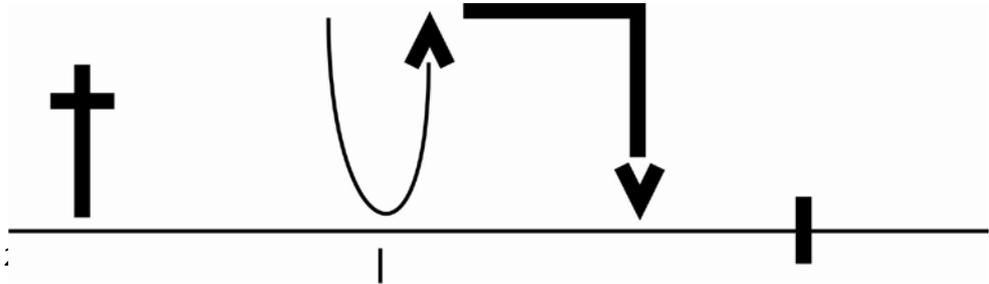
Ainda utilizando outra ilustração: O Arrebatamento da Igreja é um grande ônibus que partirá para o céu quando a lotação estiver completa.

Notas e Referências:

(1) J. Dwgtht Pentecost, *Eventos Del Porvenir*, p. 157.

Avaliação

1. Sem olhar a lição, tente completar o gráfico abaixo:



a. No arrebatamento da Igreja _____ não pisará na Terra.

b. No arrebatamento acontecerá a _____ ressurreição.

c. No arrebatamento os _____ e os _____ serão transformados.

d. Quando _____ dos pertencentes à _____ estiver completo, dar-se-á o arrebatamento.

e. A volta de Cristo nos ares para levar a Igreja é _____.

f. A sequência dos acontecimentos escatológicos principais é:

g. Escatologia é o estudo da Doutrina das _____ coisas.

Escatologia

A Grande Tribulação

(Parte I)

Lição

32

Leituras Diárias:

Segunda – I Coríntios 4:1-5

Terça – II Coríntios 5:1-10

Quarta – Romanos 14:1-12

Quinta – Isaías 26:20,21

Sexta – Apocalipse 19:1-10

Sábado – I Tessalonicenses 2:19,20

Domingo – II Timóteo 4:7,8

I. Introdução

Após o Arrebatamento acontecerá o que a Bíblia chama de Grande Tribulação.

O período da Grande Tribulação pode ser visto a partir de dois ângulos: o que vai acontecer no Céu com a Igreja e o que vai acontecer na Terra com os que ficaram.

Neste primeiro momento vamos descobrir o que vai acontecer com a Igreja. E este estudo tem a ver com cada um de nós diretamente, individualmente, pois, nós seremos participantes ativos nestes eventos. Enquanto aqueles que ficarem na Terra participarão daquele momento que a Bíblia classifica como um tempo de angústia, assolação, ira e castigo (Is. 26:20,21; Daniel 12:1 e Joel 1:15), nós, os crentes, participaremos do Julgamento da Igreja e das Bodas do Cordeiro.

II. O Julgamento da Igreja

O Julgamento da Igreja não envolve, obviamente, a possibilidade de condenação, mas tem como propósito compensar cada filho de Deus de acordo com o que tenha feito através do seu corpo. Por isso este julgamento é também chamado de "O Julgamento das Obras".

A. Ocasião do Julgamento das Obras

O Julgamento das Obras dos crentes dar-se-á em tempo determinado e específico, como nos aponta I Co. 4:5: "*Nada julgueis até que venha o Senhor*". Quando então os mortos em Cristo tiverem ressuscitado e estiverem diante do Senhor, junto com a Igreja arrebatada, aí então se dará este Julgamento. Julgamento este que estará limitado pelo Arrebatamento e pela Batalha de Armagedon, quando Cristo virá para estabelecer o Milênio.

O local de julgamento obviamente dar-se-á a nível celestial – na existência espiritual e celestial. De alguma forma nos encontraremos com o Senhor "*nos ares*" (I Ts. 4:17), onde teremos o Julgamento de nossas obras.

B. Participantes do Julgamento das Obras

Paulo, escrevendo em sua carta aos coríntios define quais serão os participantes deste juízo: "*Porque importa que*

todos nós compareçamos perante o Tribunal de Cristo” (II Co. 5:10).

E devemos perceber que ele se refere aqui a crentes, pessoas nascidas de novo. Prova de que é assim é o que nos esclarece através do segundo versículo do mesmo capítulo: *“E por isso neste tabernáculo gememos, esperando ser revestidos de nossa habitação celestial”.*

Outra prova evidente é o que ele fala sobre os participantes do Tribunal de Cristo: *“outorgando-nos o penhor do Espírito”.* Em todos os versos Paulo lida com o pronome pessoal na primeira pessoa do plural (Nós).

C. **O Juiz do Julgamento das Obras**

II Co. 5:10 mesmo explica-nos quem é o Juiz. Ora, se o Tribunal pertence a Cristo, este será o Juiz. Deus deu, por ocasião da Glorificação do Seu Filho, toda a autoridade para que Ele seja Juiz.

Em Rm. 14:10 vemos Paulo afirmando que todos havemos de comparecer perante o Tribunal de Deus. Estes textos não caem em discordância. Pelo contrário, complementam-se. Pois o Cristo exaltado à direita de Deus tem todo o direito de ser o Juiz.

D. **A Base Para o Julgamento**

Obviamente não falamos aqui de um julgamento para a condenação. Não é o julgamento dos crentes, mas o julgamento das obras dos crentes.

A base para o julgamento será exatamente as obras. Obviamente que a salvação é pela fé, mas a Bíblia nos estimula a fazermos boas obras, obras que levem os homens a glorificar a Deus. Obras foram

preparadas de antemão para que nelas andássemos como resultado natural de nossa fé. E Tiago é enfático ao declarar que a fé sem obras é morta (Tg. 2:17).

A Bíblia diz que haverá obras feitas por nós que permanecerão, serão levadas em conta, enquanto outras se desfarão. Bancroft sintetiza bem esta idéia ao declarar:

“O exame determinará ‘qual seja a obra de cada um’, se boa ou má, se de ouro, prata, pedras preciosas ou de madeira, feno, palha, se merece recompensa ou perda. O simbolismo da obra que permanece, sem dúvida, representa aquilo que é feito para a glória de Deus, em conexão com o propósito redentor de Cristo e sob a orientação e no poder do Espírito Santo, ao passo que a obra que se queima simboliza aquilo que tiver sido feito mediante a mera sabedoria e energia terrenas, por meios e métodos terrenos, tendo em vista alvos e finalidades terrenos”(1).

E. **Resultados do Julgamento**

Aqueles que tiveram obras que permaneçam, receberão galardão. A palavra galardão *“pode ser concebida como recompensa de Deus à ação de um cristão”(2).* Galardão é uma recompensa dada por Deus. Não sabemos como exatamente será esta recompensa.

A Bíblia fala ainda em galardão como sendo coroas (reais ou em sentido figurado?). Seja como for, apresenta pelo menos as seguintes coroas:

- *Coroa da Vida – para os fiéis (Tg. 1:12) e para os mártires (Ap. 2:10).*

- *Coroa da Glória – para os pastores fiéis (I Pe. 5:4).*

- *Coroa da Justiça – para aqueles que amam sua vinda (II Tm. 4:7,8).*

- *Coroa da Alegria – Para os Ganhadores de almas (I Ts. 2:19,20).*

Quanto àqueles que não tiverem galardão *“serão salvos como que pelo fogo”*. Isto era um provérbio da época que indicava alguém que passou de um grande perigo. Não significa de forma alguma purgatório, como defendem alguns.

III. As Bodas do Cordeiro

Após o Julgamento das obras dos crentes, Cristo os conduzirá para as *Bodas do Cordeiro, a sala do banquete*.

A. **Significado de Bodas do Cordeiro**

Cristo nas Escrituras é identificado como o Noivo, enquanto a Igreja é a Esposa: *“Cristo é a cabeça da Igreja... Cristo amou a Igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”* (Ef. 5:23,25,27).

Era costume judaico acontecer uma grande e longa festa por ocasião de um casamento. Quando a Igreja juntar-se com Cristo acontecerá a mesma coisa: será dada uma grande festa chamada *“As Bodas do Cordeiro”*. As Bodas são, portanto, a festa e o casamento de Cristo com a Igreja.

B. **O Lugar das Bodas do Cordeiro**

Momentos das Bodas do Cordeiro são citados em Ap. 19, donde podemos destacar:

“regozijemos-nos e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as Bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou” (v. 7).

“E disse-me: Escreve: bem-aventurado aqueles que são chamados à Ceia das Bodas do Cordeiro” (v. 9).

“E saiu uma voz do trono, que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós os que o temeis, assim pequenos como grandes” (v. 5).

C. **Os Participantes das Bodas do Cordeiro**

O Casamento envolve, obviamente, duas pessoas: o noivo e a noiva. Das Bodas do Cordeiro participarão Cristo e a Igreja, o noivo e a esposa.

A nação israelita e os salvos do Antigo Testamento não participarão deste evento pois ainda não terão ressuscitado. Daniel posiciona a ressurreição dos salvos do Antigo Testamento após a Grande Tribulação: *“e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo... E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para a vergonha eterna”* (Dn. 12:1,2).

Desta forma, o evento das Bodas do Cordeiro é oportunidade de confraternização da Igreja com Cristo.

IV. Conclusão

Que eventos estupendos esperam-nos após o Arrebatamento!

Todos os que receberam a habitação do Espírito Santo participarão do Julgamento das Obras e das Bodas do Cordeiro, eventos que acontecerão no Céu.

Você está pronto para participar das Bodas do Cordeiro? Verdaderamente você já tem as vestes reais, quais sejam, a salvação em Cristo, que o possibilitará participar deste maravilhoso evento?

Lembre do que disse Cristo à Igreja de Laodicéia, caso você tenha dúvidas:

“Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te

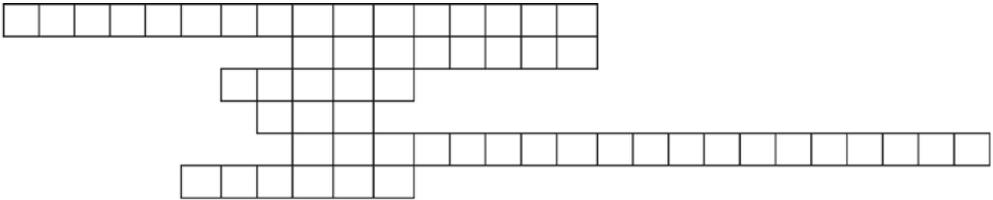
enriqueças; e vestidos brancos, para que te visitas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio para que vejas” (Ap. 3:18). A verdadeira riqueza é a celestial, a boa roupa é aquela que nos deixa puros e o colírio é a retirada da cegueira que Satanás tenta por em nossos olhos.

Notas e Referências:

- (1)Emery H. Bancroft, *Teologia Elementar*, p. 361.
- (2)Culin Brown, *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 4:47.

Avaliação

Complete as palavras cruzadas



1. Período que seguirá o Arrebatamento da Igreja
2. Dado aos que fazem obras para a glória de Deus
3. Representação das recompensas dos crentes
4. Local onde a igreja estará durante a Tribulação
5. Primeiro acontecimento que envolverá a Igreja no período Tribulacional
6. Quem não participará das Bodas do Cordeiro

Escatologia

A Grande Tribulação

(Parte 2)

Lição

33

Leituras Diárias:

Segunda – Daniel 9:21-27

Terça – Lucas 19:28-44

Quarta – João 5:43

Quinta – Apocalipse 7:8-17

Sexta – Apocalipse 11:1-14

Sábado – Apocalipse 13:11-18

Domingo – Apocalipse 19:11-21

I. Introdução

Seria necessário todo um trimestre para estudarmos profundamente o que vai acontecer na Terra durante os Sete Anos de Tribulação pois há inúmeros detalhes e acontecimentos que cercarão esta época. Entretanto, pela natureza do nosso estudo, veremos os seguintes itens deste período na Terra que está limitado pelo Arrebatamento da Igreja (obviamente a igreja não passará pela Grande Tribulação – veja I Ts. 5:9) e pelo Reino Milenar de Cristo: A duração da Grande Tribulação e principais acontecimentos da Grande Tribulação.

Antes de qualquer coisa é bom entendermos que não há melhor termo para classificar este período de dor para a Terra senão Grande Tribulação. Afinal de contas, os escritos bíblicos utilizaram-se de palavras sombrias para classificar esta época(1):

1. A Tribulação será tempo de ira – “E diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondi-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro” (Ap. 6:16).

2. A Tribulação será tempo de Julgamento – “Quem não te temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só Tu és Santo; por isso todas as nações virão, e se prostrarão diante de Ti, porque os teus juízos são manifestos” (Ap. 15:4).

3. A Tribulação será tempo de provação – “Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra” (Ap. 3:10).

4. A Tribulação será tempo de destruição – “Ah! Aquele dia!” Porque o dia do Senhor está perto, e virá como uma assolação do Todo-Poderoso” (Jl. 1:15).

5. A Tribulação será tempo de Trevas – “Dia de Trevas e de tristeza; dia de nuvens e de trevas espessas...” (Jl. 2:2).

Este tempo de Tribulação será tão catastrófico que a Bíblia chega a afirmar que se Deus não abreviasse aquele tempo, todos pereceriam.

II. Duração da Grande Tribulação

Leia com atenção as palavras do Profeta Daniel:

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas... E depois... será tirado o Messias, e não será mais, e o povo do príncipe que há de vir, destruirá a cidade e o

santuário... E Ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares..." (Dn. 9:25-27).

Daniel refere-se a duas etapas principais dos acontecimentos que para ele seriam futuros:

A primeira etapa está entre a "saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém" e "a retirada do Messias".

a) Preliminarmente lembremos que um ano profético possui 360 dias(2).

b) A "saída da ordem" para restaurar Jerusalém foi dada no 1º dia do mês de Nisã, no vigésimo ano do rei Artaxexes (Ne. 2:1-8), ou seja, no dia 14 de março de 445 A.C.

c) O reconhecimento de Cristo como Messias, como Príncipe de Israel, aconteceu quando Ele entrou em Jerusalém montado em um jumentinho: "E quando já chegava perto da descida do monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, regozijando-se, começou a dar louvores a Deus em alta voz, dizendo: Bendito o Rei que vem em nome do Senhor; paz no céu e glória nas alturas" (Lc. 19:37,38). Isto aconteceu no dia 6 de abril de 32 D.C.

d) Assim, entre a saída da ordem e o reconhecimento de Cristo como Messias temos 172.880 dias, que equivale a 483 anos proféticos.

e) Já que Daniel equivale estas 69 semanas aos 483 anos, cada dia das 69 semanas é um ano.

Entre a 69ª semana e a 70ª semana existe o que chamamos de "Lacuna profética", que é exatamente o período da Igreja.

A segunda etapa é a 70ª semana, a semana da Tribulação, que terá, então, sete anos, e começará quando "o príncipe que há de vir" (o Anticristo), fizer um concerto com Israel. A Tribulação é dividida em duas partes de três anos e meio, os últimos três anos e meio começarão quando o Anticristo voltar-se declaradamente contra Israel.

Paul Guiley resume o período da Grande Tribulação da seguinte forma:

"Podemos afirmar que entre o arrebatamento da Igreja e a Segunda Vinda do Senhor Jesus haverá um período de 7 anos, durante o qual Satanás fará um esforço supremo para estabelecer o seu reino sobre a Terra, com o Seu Rei, o Anticristo, assentado sobre o Trono. Este período será tempo da maior manifestação da ira de Deus contra o pecado e contra os pecadores impenitentes e rebeldes. Durante os últimos três anos e meio o Anticristo desenvolverá a maior perseguição contra o povo de Israel, sendo esta perseguição parte integral do esforço diabólico para estabelecer um reino satânico que procura a exclusão do Reino de Deus. Os Sete Anos de Tribulação terminarão, porém, com a derrota completa dos planos e esforços de Satanás, e o Reino de Deus será estabelecido sobre o mundo inteiro"(3).

III. Principais Acontecimentos da Grande Tribulação

De maneira bem simplificada, poderíamos enumerar os seguintes acontecimentos do Período Tribulacional(4):

1. Sabemos que o Templo de Jerusalém está destruído atualmente. Mas Israel, antes do Período Tribulacional, reconstruirá o Templo e voltará a oferecer sacrifícios: "E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara: e chegou o anjo e disse: Levanta-te, e mede o Templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. E deixa o átrio que está fora do Templo e não meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses" (Ap. 11:1,2).

2. Os israelitas aceitarão um pacto com o Anticristo, que será por ele quebrado depois dos primeiros três anos e meio – "Eu vim em nome do Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis... E ele firmará um concerto com

muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares..." (Jo. 5:43 e Dn. 9:27).

3. Surgirão duas testemunhas que profetizarão contra os inimigos de Deus. Pelas capacidades que elas demonstram alguns as tem identificado com Elias e Moisés: "estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e tem poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda a sorte de pragas, todas quantas vezes quizerem" (Ap. 11:6). Estas testemunhas serão mortas e sua morte trará grande alegria às nações, pois, eram motivo de grande incômodo: "E os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra" (Ap. 11:10).

4. Tendo impedido o culto a Deus no santuário, o Anticristo colocará lá sua imagem e exigirá adoração: "o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (II Ts. 2:3,4).

5. Acontecerá uma perseguição declarada a Israel, o que a Bíblia chama de "Tempo de Angústia de Jacó": "Ah! Porque aquele dia é tão grande que, não houve outro semelhante! E é tempo de angústia para Jacó..." (Jr. 30:7). Israel tem sofrido ao longo dos séculos – com os assírios, os romanos, os nazistas... mas nada se compara com a perseguição do Anticristo.

6. Não só judeus serão perseguidos, mas também todos os que se negarem a adorar Satanás: "E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta" (Ap. 13:15). É importante salientar que Satanás manifestar-se-á de três modos: o Anticristo, o Falso Profeta e a Besta com o propósito de tentar imitar a Trindade Divina.

7. As nações reúnem-se para destruir Jerusalém: "Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém..." (Zc. 14:2).

8. O Senhor virá em socorro de Israel na Batalha chamada Armagedon – "E acontecerá, naquele dia, que procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém" (Zc. 12:9). Apocalipse narra esta batalha da seguinte forma: "E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército... E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saíra da boca do que estava assentado sobre o cavalo e todas as aves se fartaram das suas carnes" (Ap. 19:19-21).

IV. Conclusão

A Tribulação acontecerá após o Arrebatamento da Igreja – afinal, a Igreja não passará pela Ira de Deus, antes estará nos Céus.

O período Tribulacional será inaugurado com O Pacto de Israel com o líder mundial da época: o Anticristo.

Satanás, no entanto, levantar-se-á contra o Povo de Deus.

Quando então o Inimigo sentir-se devidamente seguro, ele empreenderá, junto com as outras nações, a última ofensiva contra Israel, que será protegido por Cristo e aqueles que com Ele vierem para a Batalha do Armagedon.

Notas e Referências:

(1) Apostila de Daniel Reis, p. 61.

(2) Para discussão do assunto veja Alva J. McClain, *As Setentas Semanas de Daniel*, pp. 18, 19.

(3) Paul Guiley, *O Plano das Épocas*, p. 249.

(4) Haroldo B. Allison, *Doutrina das Últimas Coisas*, pp. 63, 64.

Avaliação

Enumere os principais acontecimentos do período da Grande Tribulação:

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

6. _____

7. _____

8. _____

Escatologia

O Milênio

Lição

34

Leituras Diárias:

Segunda – Ezequiel 20:33-38

Terça – Malaquias 3:1-6

Quarta – Mateus 25:31-46

Quinta – Apocalipse 20:1-6

Sexta – Sofonias 3:1-20

Sábado – Oséias 2:14-23

Domingo – Isaías 2:1-5

I. Antecedentes

Dois Julgamentos precederão o Milênio, quais sejam:

A. O Julgamento de Israel

Ezequiel escreveu: *“E vos tirarei dentre os povos, e vos congregarei das terras nas quais andastes espalhados, com mão forte e com braço estendido... e vos levarei ao deserto dos povos; e ali entrarei em juízo convosco cara a cara”* (Ez. 20:34,35).

Deus levantará um fórum para o julgamento do povo de Israel:

1. Ocasão do Julgamento – O Julgamento acontecerá após a Grande Tribulação. Israel será julgado na própria terra. Não será como a Igreja, que será julgada numa esfera celestial. O local deste juízo não é bem certo, entretanto, um famoso teólogo, Pentecost, referindo-se à passagem de Ez. 20:34,35, diz o seguinte:

“Segundo esta referência, parece que o juízo acontecerá nas fronteiras da terra (de Israel) como quando veio o juízo divino sobre os israelitas em Cades-Barnéia, tempo no qual não se permitiu que os rebeldes en-

trassem na terra prometida” (1). Assim, o julgamento deve acontecer em algum lugar nas fronteiras das terras de Israel.

2. A Base Para o Julgamento – Malaquias parece determinar uma base imediata para estes juízos: *“Chegar-me-ei a vós outros para juízo; serei testemunha velloz contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que defraudam o salário do jornaleiro e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos”* (Ml. 3:5).

“As ações de cada um claramente revelarão a condição espiritual do coração neste Juízo, que há de separar os salvos dos não salvos” (2).

3. Resultados do Julgamento – Ezequiel aponta o resultado daqueles que não forem aprovados no julgamento dos judeus. Segundo a Bíblia, estes *“não entrarão na terra de Israel”* (Ez. 20:38). Eles não herdarão as promessas do Senhor dadas a Abraão, Isaque e Jacó.

Entretanto, os que forem aprovados neste julgamento participarão do Reino Milenar, o qual o Senhor reserva para os seus justos. Esta promessa era esperada e desejada pelos santos do Antigo Testamento, como narra o livro aos Hebreus: *“Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra”* (Hb. 11:13). E ainda: *“Mas agora aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade”* (Hb. 11:16).

B. O Julgamento das Nações

Após a Tribulação também se dará o Julgamento das Nações; quando as Nações que permanecerem após a Batalha do Armagedon entrarão em juízo.

No Evangelho de Mateus encontramos ensinamentos sobre este Julgamento:

“Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com Ele, então se assentará no trono de sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas” (Mt. 25:31,32).

Qual será a base para este julgamento? Há grande divergência neste ponto. Alguns defendem um julgamento a nível nacional e outros a nível individual. Alguns defendem que a base será a forma como trataram os judeus crentes na época da Tribulação e outros como cada nação tratou a nação judaica.

Toda dificuldade tem como chave a expressão *“Um destes meus pequeninos irmãos”*.

Pois bem, se a solução está na expressão *“Um destes meus pequeninos irmãos”*, averiguemos outras passagens que trazem esta expressão:

1. **Mt. 10:42:** *“E quem der a beber ainda que seja um copo de água fria a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá seu galardão”*.

2. **Mt. 18:5:** *“E quem receber uma criança, tal como esta em meu nome, a mim me recebe”*.

3. **Mc. 9:41:** *“Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão”*.

Logo, os textos claramente mostram que *“Um destes meus pequeninos irmãos”* são discípulos de Cristo.

A melhor opção é evidente: o julgamento será individual e baseado na for-

ma como receberam estes judeus convertidos na época da Tribulação, os quais trarão a pregação do Evangelho. Assim, os que receberem esta mensagem entrarão no Milênio e os demais irão para o Fogo Eterno.

II. Data e Duração do Milênio

Quando acabar a Tribulação, com a vitória do Cavaleiro chamado *Fiel e Verdadeiro*(3) e se seguir o Julgamento de Israel e das Nações que sobreviverem àquela batalha, aí então o Reino Milenar será estabelecido.

Temos muitas passagens no Antigo Testamento que falam sobre o Reino Terrestre, nenhum deles determina o tempo. Apenas em Apocalipse o tempo é determinado: **Mil Anos** (Ap. 20:6).

III. Participantes do Milênio

Israel

A primeira realidade para Israel no Milênio é que não mais seus componentes encontrar-se-ão espalhados. Em todo o Antigo Testamento há garantia de que isto não mais acontecerá. Muitas passagens mostram tal, entre elas: *“E os plantarei na sua terra, não serão mais arrancados da sua terra que Ihes dei, diz o Senhor teu Deus”* (Am. 9:15). Veja ainda Os. 12:9; Sf. 3:20; Zc. 10:10.

A promessa dada a Davi de um reino poderoso acontecerá no Milênio, donde o Rei será o próprio Cristo, o filho de Davi.

Nações

Aquelas nações que receberam o testemunho dos Israelitas evangelistas (os 144.000) na época da Tribulação e aceitaram a pregação entrarão no Milênio:

“Os aspectos universais do pacto de Deus com Abraão, que prometia bênção universal, se realizará nesta era. Os gentios serão introduzidos para que tenham relação com o Rei... os gentios serão servos de Israel durante esta era... as nações que usurparam

a autoridade sobre Israel em tempos passados se encontrarão sujeitas a seu reino... Os gentios que estiverem no Milênio terão experimentado a conversão antes da admissão no mesmo" (4).

A Igreja

Apocalipse 20:6 (*"Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos"*) garante que os participantes da Primeira Ressurreição entrarão no Milênio (ressurreição da qual participarão os integrantes da Igreja), tendo as seguintes funções: reinar e ser sacerdote de Deus e de Cristo. Não temos detalhes destas atividade, mas obviamente serão posições de responsabilidade e privilegiado.

IV. O Milênio, Reino de Justiça e Paz

Não haverá impunidade ou qualquer tipo de corrupção no Reino que o próprio Cristo vai dirigir. A justiça será triunfante, pois, tal característica é atributo do Senhor.

No Milênio toda injustiça será automaticamente punida. Os ímpios serão uma minoria tão diminuta que o conhecimento do Senhor cobrirá a terra como as águas enchem os mares.

Não haverá entre as nações guerra ou desavença. Pelo contrário, seus esforços serão conduzidos para a produção e para o bem-estar de todos, como diz Is. 2:4: *"Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações; estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra"*.

V. Conclusão

O Reino Milenar e Terrenal não é um mero acaso escatológico. Sua existência e execução vão cumprir propósitos específicos de Deus.

O Reino vem, principalmente, cumprir as promessas feitas por Deus ao longo do Antigo Testamento à semente de Abraão.

Tal Reino será estabelecido pelo próprio Deus e não será fruto de esforço humano, coisa que seria impossível aos homens. Deus trará seu reino cataclismaticamente e reinará com mãos de ferro.

Aqueles que têm vínculos com Deus (Israel, Igreja e convertidos na Tribulação, enfim, salvos), entrarão no Reino.

A mensagem do Reino é um refrigerio para todos os filhos de Deus e é a garantia de um mundo melhor, justo e perfeito sobre a Terra.

A Teocracia (Governo de Deus) é o único sistema de governo perfeito e completo – no presente século, na presente era, não acharemos um governo completo, apenas aquele onde o Filho de Deus reinará será integralmente justo e coerente.

Notas e Referências:

- (1) J. Dwight Pentecost, *Eventos del Porvenir*, p. 315.
- (2) *Idem*, p. 316.
- (3) Ap. 19:11-21.
- (4) *Pentecost, op. cit.*, p. 385.

Avaliação

Coloque V se for Verdadeiro e F se for Falso.

1. () Israel será julgado no Céu.
2. () Os que forem absolvidos no Julgamento de Israel participarão das Bodas do Cordeiro.
3. () No Julgamento das Nações participarão todos os que estiverem vivos naquela época, menos os israelitas.
4. () A base para o Julgamento das Nações será as boas obras.
5. () Do Milênio participarão apenas o Remanescente de Israel e aqueles aprovados no Julgamento das Nações.
6. () O Milênio é um período com duração difícil de determinar.
7. () O Milênio será garantido pelo esforço da Igreja em evangelizar.

Escatologia

O Juízo Final e a Eternidade

Lição

35

Leituras Diárias:

Segunda – Apocalipse 20:7-15

Terça – Apocalipse 21:1-8

Quarta – Apocalipse 21:9-21

Quinta – Apocalipse 21:22-27

Sexta – Apocalipse 22:1-5

Sábado – Apocalipse 22:6-15

Domingo – Apocalipse 22:16-21

I. Introdução

O Milênio ainda não é o fim!

A Bíblia ensina que o Milênio acabará com uma última rebelião. Observe o que ensina Apocalipse:

“E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto de sua prisão” (Ap. 20:7). Sabemos que o período milenar de paz e justiça apenas será possível graças à ausência do Inimigo de Deus. E isto será providenciado durante todo esse período. No entanto, Satanás ainda será liberto no final do Milênio.

O motivo por que Deus libertará Satanás não fica claro. Apesar disso, aprendemos, em estudo anterior, que algumas pessoas que ficarem vivas após a Tribulação entrarão para o Milênio. Os corpos destas não serão transformados como terão sido os dos integrantes da Igreja, assim, poderão multiplicar-se, ter filhos.

E são estas novas gerações que se rebelarão contra o governo de Deus, dando ouvidos aos enganos de Satanás: *“E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra... para as ajuntar em batalha”* (Ap. 20:8).

Assim, o propósito de Deus em permitir que Satanás faça um levante contra seu reinado é identificar aquelas pessoas pertencentes às gerações posteriores à Tribulação e que ainda não tenham convertido seus corações à Verdade.

Os insurgidos tentarão conquistar a capital do Império Milenar, Jerusalém: *“E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada...”* (Ap. 20:9a). Mas Deus trará o devido juízo sobre eles: *“mas desceu fogo do céu, e os devorou, e o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre”* (Ap. 20:9b, 10).

Deus então levantará o Último Juízo antes de reconstruir os céus e a terra: O Juízo Final.

II. O juízo Final

A. Réus do Julgamento

Ap. 20:12 e 13 mostra quem será julgado nesta ocasião: *“E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida: e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas no livro, segundo as suas obras, e deu o mar os mortos que nele havia e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras”* (Ap. 20:12,13)

Ao lermos precipitadamente estes versos poderíamos imaginar que todos os

mortos participarão deste evento. Entretanto, como já vimos anteriormente, todos os salvos já terão ressuscitado, seja a Igreja (I Ts. 4:16,17), sejam os salvos do Antigo Testamento (Ez. 20:36), sejam os salvos do período tribulacional (Ap. 20:4).

Logo, os participantes seriam os *"mortos no mar que estavam no além"*. E estes mortos seriam todos não-crentes, não convertidos, ímpios. Como expressa Ap. 20:5: *"Os restantes dos mortos não reviveram até que completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição"*. Logo, a primeira ressurreição é a dos justos e a segunda, a dos ímpios, destes que participarão do Juízo Final.

B. O Juiz do Julgamento

João não identifica quem é o Juiz, aquele que está assentado no *Grande Trono Branco*. No entanto, observamos outras citações em Apocalipse, como é o caso do verso 13, do quinto capítulo que diz: *"Então ouvi que toda criatura que está no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: 'Àquele que estava sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor e a honra e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos'"* (Ap. 5:13). Logo, um é o que está no Trono e o outro é o Cordeiro. O primeiro é Deus, o segundo é Cristo. Logo, o juiz é o próprio Deus.

C. A Base para o Julgamento

Existirão duas fontes de acusação. E estas fontes estarão em dois livros.

O primeiro constará de todas as faltas cometidas pelos homens e o segundo conterà os nomes daqueles que estiverem inscritos no Livro da Vida.

Entretanto, a abertura dos livros não apresenta uma ínfima possibilidade de salvação. Pelo contrário, o objetivo de serem abertos estes livros são simplesmente comprovar a culpabilidade dos réus. Aque-

le que não foi achado no Livro da Vida, ou seja, não aceitou a salvação em Cristo, sofrerá a condenação: *"E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo"* (Ap. 20:15).

O Livro das Obras tem o propósito de deixar patente a todos que o indivíduo havia cometido pecados e, logo, colocou-se debaixo da condenação divina: *"Mas segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus; o qual recompensará cada um segundo as suas obras"* (Rm. 2:5,6).

George Laad faz uma observação importante:

"Ninguém é salvo por suas obras, mas há outra possibilidade: O Livro da Vida. Neste estão os nomes dos justos que creram em Cristo. A idéia de um livro com os nomes dos justos remonta ao Antigo Testamento (Ex. 32:32,33; Dn. 12:1), e aparece em diversas vezes no Novo Testamento (Lc. 10:20; Fp. 4:3, etc)"(1).

D. Resultados do Julgamento

Neste Julgamento não temos duas opções. Porém, há um só caminho: a perdição eterna, *"ser lançado no lago"*. Como diz Pentecost:

"A segunda vinda de Cristo é um evento conclusivo no programa de Deus. É conclusivo no trato com o mal, pois Satanás será amarrado e a justiça será manifesta. É conclusivo com o programa dos juízos, pois todo inimigo de Deus será julgado"(2).

III. A Eternidade

Não temos todos os detalhes que gostaríamos com relação à Eternidade – sabemos, no entanto, que será uma esfera de existência totalmente diversa desta com a qual hoje estamos acostumados: ausência do pecado, ausência da morte e ausência de Satanás.

O capítulo 21 de Apocalipse nos concede algumas *pistas* sobre o Estado Eterno:

Novos Céus e Nova Terra

A nova estrutura será radicalmente modificada: *“E vi novo céu, e uma nova terra...”* (Ap. 21:1). Deus vai empreender uma Nova Criação que atingirá todo o Universo. João ilustra este Universo pelo ambiente no qual vivemos – a Terra; e pelo ambiente que nos cerca – o Céu. Assim como Deus no princípio criou os céus e a terra (Gn. 1:1), Ele, no fim desta existência, formará novo Céu e nova Terra.

Relacionamento Íntimo com Deus

Na Eternidade a intimidade futura entre Deus e os habitantes do Novo Universo é percebida pelos pronomes possessivos no verso três: *“E eis aqui o Tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará; e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e Ele será o seu Deus”*. (Ap. 21:3).

O pecado é o que separa o Criador das criaturas – na Eternidade, com ausência do mesmo, não haverá lugar para distância espiritual.

A Nova Jerusalém

Jerusalém sempre foi identificada com o Reino de Deus e com Sua presença.

A Nova Jerusalém é descrita nos versículos posteriores, onde aprendemos sobre a glória da cidade (v. 11), sua construção (vv. 12-14), suas medias (vv. 15-17) e os materiais que fazem parte de sua construção (vv. 18-21). Mas, o mais interessante é a observação a seguir: *“E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro”* (Ap. 21:22).

A Jerusalém terrena foi chamada de cidade santa por causa do Templo, onde se ofereciam sacrifícios a Deus. A Jerusalém celestial será santa porque não se ouvirá nela mais os balidos e mugidos dos animais oferecidos para sacrifício, mas se ouvirá os cantos de júbilo daqueles que foram salvos pelo sacrifício único e perfeito de Cristo.

IV. Conclusão

O Juízo Final é o prenúncio da Eternidade. O Juízo de Deus recairá sobre os que mantiveram seus corações distantes dEle.

Depois virá a Cidade Santa e Celestial da qual participaremos, livres de toda angústia e preocupação que hoje nos cercam: *“E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas”* (Ap. 21:4).

Aguardemos ansiosamente o fim de todas as coisas, conscientes de que este fim é o começo da perfeita relação com Deus.

Diante de tudo isto, falemos como João:

***“Amém. Ora vem Senhor Jesus!”
Maranata!***

Notas e Referências:

(1)George Laad, *Apocalipse*, p. 203.

(2)*Pentecost, op., p. 316.*

Avaliação

Durante esta semana, todos os dias, adore a Deus por aquilo que Ele tem programado para o futuro, pelo seu plano escatológico.

Síntese do Antigo Testamento I Divisões Históricas e Temáticas dos Livros

Lição

36

Leituras Diárias:

Segunda – II Timóteo 3:10-15

Terça – Deuteronômio 11:1-9 e Josué 1:8,9

Quarta – Salmos 119:9-18

Quinta – Salmos 119:105-117

Sexta – Isaías 55:1-11 e Mateus 4:4

Sábado – Lucas 24:36-45

Domingo – Apocalipse 22:8-21

dos períodos vétero e neotestamentários, bem como determinar o tema principal de cada livro da Bíblia. A memorização destes temas dar-se-á de maneira dinâmica – associando cada livro da Bíblia com um gesto e uma frase-chave. Assim, nas lições posteriores você deve se esforçar para entender os gestos e memorizar a frase-chave de cada livro(1).

I. Introdução

Você quer conhecer a Bíblia?

Obviamente que sim!

Para compreendermos bem as Escrituras, uma coisa é fundamental: possuir uma visão panorâmica da mesma. Ou seja, ser capaz de olhar de cima e posicionar os livros bíblicos dentro de um período histórico, bem como determinar o conteúdo principal de cada um deles.

Apesar do conhecimento bíblico depender desta visão panorâmica da Bíblia, esta capacidade é por demais rara entre os evangélicos. Conhecemos versos bíblicos memorizados, mas não somos capazes de posicionar historicamente o livro do qual extraímos o verso citado.

É sentindo a necessidade desta visão panorâmica que estudaremos nestes dois meses a Síntese do Antigo e do Novo Testamentos.

Sendo uma visão panorâmica da Bíblia, nosso propósito é que você seja capaz de saber os principais acontecimentos

II. Divisão dos Livros

A Bíblia possui duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. A palavra testamento tem a ver com herança e aliança. A primeira parte da Bíblia foi a herança e o pacto entre Deus e Israel, como vemos em Ex. 34:27: “Disse mais o Senhor a Moisés: *Escreve estas palavras: porque conforme ao teor destas palavras tenho feito **concerto contigo e com Israel***”. A segunda parte da Bíblia é aliança e herança de Cristo com os salvos, que foram selados com seu próprio sangue: “*Este cálice é o Novo Testamento do meu sangue, que é derramado por vós*” (Lc. 22:20).

A Primeira Aliança, ou Antigo Testamento, possui 39 livros, que, pela sua natureza e tema, podem ser divididos em quatro partes principais:

A. O Pentateuco

Os primeiros livros da Bíblia, escritos por Moisés, constituem-se na base para

o edifício bíblico. Ou seja, toda a Bíblia, de uma forma direta, tem como base Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Vamos dar alguns exemplos desta importância do Pentateuco para todo o restante da Bíblia, principalmente para o Novo Testamento:

1. Paulo refere-se ao pecado humano com as seguintes palavras em Rm. 5:12: *“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isto que todos pecaram”* (Rm. 5:12). Paulo baseia-se na narrativa da desobediência de Adão no primeiro livro da Bíblia para montar toda a sua Teologia sobre o pecado: *“E vendo a mulher que aquela árvore era boa para comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos...”* (Gn. 3:6,7).

2. Outro exemplo da importância do Pentateuco como alicerce do edifício bíblico é o conceito de Expição dos pecados através do sacrifício de Cristo, conceito originado da estrutura de sacrifícios do Livro de Levítico. Compare os dois textos a seguir para perceber esta ligação”

- *“E isto vos será por estatuto perpétuo... porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos: e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor”* (Lv. 16:29,30).

- *“E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados. Mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à direita de Deus”* (Hb. 10:11,12).

B. Os Livros Históricos

Esta é a segunda divisão principal do Antigo Testamento. É bom salientar que o Pentateuco não deixa de ser histórico. Mas os classificados desta forma são posteriores ao Pentateuco: Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

C. Os Livros Poéticos

Os livros desta seção possuem duas questões primordiais:

1. **A Adoração devida a Deus:** *“Louvai ao Senhor porque é bom cantar louvores ao nosso Deus; pois isso é agradável, e decoroso é o louvor”* (Sl. 147:1).

2. **A Sabedoria como o caminho da bem-aventurança:** *“Feliz é o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire entendimento”* (Pv. 2:13).

Os livros que compõem esta divisão são: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.

D. Os Livros Proféticos

Os Profetas, ao contrário do que se pensa, não foram homens que em seus escritos fizeram predições apenas. Ele foram, antes de qualquer coisa, exortadores do povo de Deus e das nações da época para que estes andassem em conformidade com os mandamentos divinos, como nos ensina II Reis 17:15: *“Todavia o Senhor advertiu a Israel e a Judá, pelo ministério de todos os profetas e de todos os videntes, dizendo: Voltai de vossos maus caminhos, e guardai os meus mandamentos e os meus estatutos, conforme toda a lei que ordenei a vossos pais e que vos envie pelo ministério de meus servos, os profetas”* (II Reis 17:13).

Mas, obviamente, os Profetas foram usados por Deus para apontar os caminhos futuros da humanidade. Como exemplo citamos a vinda de João Batista, profetizada por Isaías: *“Eis a voz do que clama: Preparai no deserto o caminho do Senhor; endireitai no ermo uma estrada para nosso Deus”* (Is. 40:3).

Os Profetas são divididos em Profetas Maiores e Profetas Menores. Esta divisão advém do tamanho do material escrito por cada um.

1. **Profetas Maiores:** Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel.

2. **Profetas Menores:** Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

III. Seqüência Cronológica

Para melhor entendermos as Escrituras, é necessário relacionarmos os livros bíblicos com a época de origem de cada um.

Poderíamos dividir o período veterotestamentário em dez momentos principais:

1. **Origens** – diz respeito à criação do Universo e do homem.

2. **Patriarcas** – é o momento dos Pais da nação israelita: Abraão, Isaque, Jacó, etc.

3. **Êxodo** – é o momento da saída do povo israelita do cativeiro egípcio até a chegada em Canaã.

4. **Conquista** – momento de lutas pela posse de Canaã.

5. **Juízes** – momento anterior à monarquia, onde homens serviam como árbitros e libertadores do povo israelita.

6. **Reino Unido** – momento monárquico anterior à divisão de Israel.

7. **Reino Dividido** – Após o rei Salomão, Israel divide-se em Reino do Norte (Israel) e Reino do Sul (Judá).

8. **Reino Cativo** – período em que Israel é levado para a Assíria e, posteriormente, Judá é levado para a Babilônia.

9. **Retorno** – volta dos judeus exilados para Canaã.

10. **Silêncio** – período de quatrocentos anos depois de Malaquias até João Batista.

Entendida esta divisão, podemos montar o seguinte gráfico que relaciona os livros bíblicos com as etapas da história israelita:

ANO A.C.	PERÍODO	LIVROS HISTÓRICOS/PENTATEUCO	SUPLEMENTOS HISTÓRICOS	POÉTICOS	PROFÉTICOS
1847	ORIGENS	GÊNESIS		JÓ	
	PATRIARCAS				
1447	ÊXODO	ÊXODO / NÚMEROS	LEVITICO DEUTERONÔMIO.		
1407	CONQUISTA	JOSUÉ			
1400	JUÍZES	JUÍZES	RUTE		
1050	REINO UNIDO	I SAMUEL	I CRÔNICAS	SALMOS	
		II SAMUEL		PROVERBIOS ECLESÍASTES CANTARES	
930	REINO DIVIDIDO	I REIS	II CRÔNICAS		HABACUQUE, OBADIAS ISAÍAS, JONAS, JEREMIAS JOEL, AMÓS, MIQUEIAS NAUM, SOFONIAS OSÉIAS
722	REINO CATIVO	II REIS			EZEQUIEL DANIEL LAMENTAÇÕES
536	RETORNO	ESDRAS	ESTER		AGEU, ZACARIAS
444	SILÊNCIO	NEEMIAS			MALAQUIAS

IV. Conclusão

Em resumo:

Temos 39 livros no Antigo Testamento.

- 5 livros do Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

- 12 livros Históricos: Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

- 5 livros Poéticos: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.

- 17 livros Proféticos: Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Notas e Referências:

(1) Este método foi desenvolvido pelo professor David Merkh, do Seminário Bíblico Palavra da Vida, nas apostilas "Síntese do Velho Testamento" e "Síntese do Novo Testamento".

Avaliação

Usando a numeração a seguir, classifique os livros bíblicos citados abaixo:

(1) Pentateuco

- () Jó
- () Números
- () Oséias
- () Habacuque
- () Provérbios
- () Lamentações

(2) Históricos

- () I Samuel
- () Cantares
- () Ester
- () II Crônicas
- () Obadias
- () Ezequiel

(3) Poéticos

- () Neemias
- () Ezequiel
- () Jeremias
- () Gênesis
- () I Reis
- () Rute

(4) Proféticos

Síntese do Antigo Testamento II O Pentateuco

Lição

37

Leituras Diárias:

Segunda – Gênesis 12:1-3

Terça – Êxodo 19:4-6

Quarta – Levítico 20:7,8

Quinta – Números 14:22,23

Sexta – Deuteronômio 6:4,5

Sábado – Deuteronômio 30:19,20

Domingo – Deuteronômio 34:1-12

I. Introdução

A. Natureza do Pentateuco

Os cinco primeiros livros da Bíblia tem muito em comum. Principalmente por terem sido escritos num mesmo período e por um único autor.

Este título, *Pentateuco*, remonta ao século III A.C. e significa “o livro em cinco volumes” (1). Na verdade, os judeus viam Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio como sendo basicamente um só volume, ao qual chamavam de A Lei de Moisés: “Esforçai-vos, pois, para guardar e cumprir tudo quanto está escrito no livro da lei de Moisés...” (Josué 23:6).

B. Autoria do Pentateuco

Como já tivemos informação, o autor do Pentateuco é Moisés. É verdade que nos cinco livros não se encontra um versículo que claramente atribui a Moisés sua autoria. No entanto, todos os que vieram posteriormente, personagens bíblicos, profetas e o próprio Cristo, afirmam ser ele o autor:

1. Esdras, quando narra o retorno à prática dos sacrifícios, sendo sua forma de ministração presente principalmen-

te em Levítico, aponta para Moisés como autor destas determinações: “Então se levantou Josué, filho de Jozadaque... e edificaram o altar do Deus de Israel, para oferecerem sobre ele holocausto, como está escrito na Lei de Moisés, homem de Deus” (Ed. 3:2).

2. Paulo chega a relacionar tão intimamente Moisés com a Lei, o Pentateuco, que escreveu: “E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles” (II Co. 3:15).

3. Cristo fez referência a diferentes afirmações presentes nos livros do Pentateuco e invocou Moisés como seu autor. Veja alguns exemplos:

- Levítico e as Leis de Purificação: “...Disse-lhe Jesus: Olha, não contes isto a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote, e apresenta a oferta que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho” (Mt. 8:4). Veja o texto de Levítico 8:4.

- Deuteronômio e a Lei do Divórcio: “Disse-lhes ele: pela dureza de vossos corações Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas não foi assim desde o princípio” (Mt. 19:8). Veja o texto de Dt. 24:1.

- Cristo relacionou toda a Lei com Moisés: “São estas as palavras que vos falei; estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc. 24:44). E ainda: “Porque, se vós crêsseis em Moisés, creíeis em mim; porque de mim escreveu ele” (Jo. 5:46).

Apesar de todos estes fatos que comprovam a autoria mosaica do Pentateuco, ainda alguns questionam este fato. E uma das dúvidas que levantaram é como entender que Moisés relatou sua própria morte em Deuteronômio 34. Este texto, obviamente, foi escrito por outra pessoa e o

seu autor talvez seja o continuador da obra de Moisés, o próprio Josué, como ensina o Talmude, o livro dos rabinos. Mas, o fato de uma única parte ter sido completada por Josué não leva a descrédito a autoria mosaica de todo o restante do Pentateuco.

C. Data do Pentateuco

A data provável de autoria do Pentateuco fica entre 1550 – 1445 A.C.

II. Os Livros

A. Gênesis

Gênesis significa *princípio, começo*. E não poderia ter melhor título, pois, este livro poderia ser dividido de acordo com as origens que ele narra(2):

1. *O começo do mundo* – Gn. 1:1-25.
2. *O começo da raça humana* – Gn. 1:26; 2:25.
3. *O começo do pecado no mundo* – Gn. 3:1-7.
4. *O começo da promessa da redenção* – Gn. 3:8-15.
5. *O começo da vida familiar e da civilização humana* – Gn 4:1; 9:29.
6. *O começo das nações* – Gn. 10, 11.
7. *O começo da raça hebraica* – Gn. 12-50.

Gênesis cobre um período maior do que os outros livros da Bíblia – em seus cinqüenta capítulos, narra pelo menos dois mil anos de história – desde a criação do mundo até a entrada de Israel no Egito.

A frase chave de Gênesis é: “começos”.

O símbolo de Gênesis é: “Mão formando um globo”.

B. Êxodo

Êxodo, que significa *saída*, narra como os israelitas escaparam do Egito,

quatrocentos anos depois de José e sua família terem se estabelecido ali: *“José, pois, estabeleceu a seu pai e seus irmãos, dando-lhes possessão na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramessés”* (Gn. 47:11).

Em Êxodo, Israel deixa de ser uma família e torna-se uma nação: *“Mas quanto mais os egípcios afligiam o povo de Israel...”* (Êx. 1:12).

Êxodo tem como principal personagem Moisés, que funciona como libertador escolhido de Deus para conduzir o povo do Egito a Canaã.

As duas principais divisões em Êxodo são:

1. A fuga do Egito (Êx. 1-8);
2. O recebimento da Lei (Êx. 19-40).

A frase chave de Êxodo é “Saindo do Egito”.

O Símbolo é “Dedos ‘andando’ na palma”.

C. Levítico

O livro tem este nome, pois, trata com os serviços do santuário administrado pelos levitas, uma tribo israelita separada especialmente para o trabalho religioso: *“Este será o cargo dos levitas: da idade de vinte e cinco anos para cima entrarão para se ocuparem no serviço na tenda da revelação”* (Nm. 8:24).

Um dos principais assuntos de Levítico é o das ofertas, que se classificam da seguinte forma:

1. **Holocausto** – Este era o sacrifício mais praticado em Israel – o animal imolado era totalmente consumido pelo fogo do altar. Este sacrifício significava dedicação ao Senhor (Lv. 1:1-17; 6:8-13).

2. **Oblação** – Também uma oferta que simboliza dedicação a Deus. Porém, a diferença é que não eram animais oferecidos em sacrifício, mas vegetais (2:1-16 e 6:14-23).

3. **Sacrifício de Paz** – Neste sacrifício, parte do animal era comido pelo ofertante e seus convidados. Era uma ofer-

ta voluntária que simbolizava a comunhão entre Deus e os homens (3:1-7; 7:11-34; 19:5-8; 22:21-25).

4. Sacrifício pelo pecado – Esta oferta servia para expiar pecados cometidos por ignorância e erro (4:5; 5:13; 6:24-30).

5. Sacrifício pela culpa – “*Conquanto esta oferta seja muito semelhante ao sacrifício pelo pecado, era oferecida em caso de violação dos direitos de Deus ou do próximo, tais como: descuido do dízimo, pecados relacionados com a propriedade alheia e furto*”(3).

A ênfase em todo livro é purificação e santidade (“*Sereis santos porque eu sou santo*” – Lv. 11:44).

A frase chave é “Leis para ficar santo”.

O Símbolo é “Lavando o corpo com as mãos”.

D. Números

Números tem este nome porque encontramos neste livro dois censos – o primeiro, no capítulo 1, quando foi feita uma lista dos que haviam saído do Egito. O segundo, no capítulo 26, que registra os que haviam nascido durante a peregrinação no deserto(4).

Números descreve um período de, aproximadamente, 38 anos, contados a partir do Sinai (Nm. 1:11 e 10:11,12), somando o período de peregrinação no deserto até a chegada nas fronteiras da terra prometida. Em todo o período de peregrinação narrado por Moisés, o que fica mais patente é a murmuração do povo israelita: “*Depois disse o Senhor a Moisés e Arão: Até quando sofrerei esta má congregação, que murmura contra mim? Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel, que eles fazem contra mim*” (Nm. 14:26,27). A desobediência foi tão gritante que a mesma levou Deus a proibir a entrada da geração que havia saído do Egito na Terra Prometida: “*Neste deserto cairão os vossos cadáveres; nenhum*

de todos vós que fostes contados, segundo toda vossa conta, de vinte anos para cima, que contra mim murmurastes, certamente nenhum de vós entrará na terra a respeito da qual vos jurei que vos faria habitar nela, salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num” (Nm. 14:30).

A frase chave de Números é “Dando voltas no deserto”.

O Símbolo é “Dedos circulando a palma”.

E. Deuteronômio

O nome Deuteronômio significa “*segunda entrega da Lei*” ou, ainda, “*repetição da Lei*”.

A geração que peregrinara no deserto estaria toda morta no final deste período. Moisés, então, nos últimos meses de sua vida, reprise para a nova geração que possuiria a terra, os grandes eventos que cercaram os últimos quarenta anos, inclusive a travessia milagrosa do Mar Vermelho.

A esperança de Moisés é que a nova geração, tendo contado com as experiências dos seus antecessores, com seus erros e acertos, desenvolvesse fidelidade a Deus e a seus mandamentos. Por isso, um versículo chave é Dt. 11:26-28: “*Vede que hoje eu ponho diante de vós a bênção e a maldição; a bênção, se obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu hoje vos ordeno; porém a maldição, se não obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, mas vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguirdes outros deuses que nunca conhecestes*”.

A frase chave de Deuteronômio é “Lembrem-se da Aliança”.

O Símbolo é “Dedo apontando a frente”.

Notas e Referências:

(1) *O Pentateuco*, Paul Hoff, p. 160.

(2) *Estudo Panorâmico da Bíblia*, Henrietta C. Mears, p. 21.

(3) Hoff, op. cit., p. 163.

(4) *Guia Conciso da Bíblia*, Ryrie, p. 74 e 75.

Síntese do Antigo Testamento III Os Livros Históricos (Parte 1)

Lição

38

Leituras Diárias:

Segunda – Josué 3:1-17

Terça – Josué 12:1-24

Quarta – Josué 13:1-33

Quinta – Juízes 2:6-23

Sexta – I Samuel 8:1-22

Sábado – I Samuel 16:1-13

Domingo – Rute 3:8-4:22

I. Introdução

Os Livros Históricos da Bíblia preocupam-se principalmente com a narração da vida israelita por quase mil anos – começa com Josué narrando a conquista da terra de Canaã, e termina com Neemias reconstruindo os muros da capital israelita, Jerusalém.

No entanto, o que se destaca na narração bíblica da história de Israel é a intervenção direta de Deus. Antes de serem uma mera montagem cronológica de acontecimentos, estes livros mostram que Deus é quem controla a História.

Davi, em sua oração, sintetizou a compreensão de Deus como controlador de tudo e de todos: *“Tua é, ó Senhor, a grandeza, e o poder e a glória, e a vitória e a majestade, porque teu é tudo quanto há no céu e na terra; teu é, ó Senhor, o reino, e tu te exaltaste como chefe sobre todos. Tanto riquezas como honra vêm de ti, tu dominas sobre tudo, e na tua mão há força e poder; na tua mão está o engrandecer, e tu te exaltaste como chefe sobre todos”* (I Cr. 29:11,12).

Samuel J. Schultz, apropriadamente, fez a seguinte referência à história veterotestamentária:

“Através das bênçãos e infortúnios de Israel, Deus, o criador do Universo e do homem, determinou o curso a ser tomado pelo seu povo escolhido no cenário internacional das culturas antigas. Deus não é apenas o Deus de Israel, mas também o governador supremo que controla as atividades de todas as nações, em consequência, o Antigo Testamento de fato registra eventos naturais, mas entrelaçados nessa história figuram as atividades sobrenaturais de Deus” (1).

II. Os Livros

A. Josué

O livro leva o nome daquele que é a principal personagem da história nele narrado – Josué.

Josué é o continuador da obra de Moisés – enquanto este tira o povo do Egito, é Josué quem o introduz na terra de Canaã.

O livro de Josué possui duas divisões principais. A primeira narra as conquistas e a segunda conta a divisão das terras conquistadas entre as tribos.

A conquista da terra de Canaã pode ainda ser dividida nos seguintes lances:

- *Preparação* (cap. 1, 2)

- *A travessia do Jordão* (3, 4).

- *Conquista de Jericó* (5, 6), *do Sul* (7-10) e *do Norte* (11).

- *No capítulo 12 encontramos um resumo destas conquistas.*

Nos demais capítulos do livro de Josué, é narrada a distribuição da terra entre as tribos israelitas, conforme está mapeado logo abaixo:



A frase chave do livro é “Vitória!”.
O Símbolo é: “Punho lançado”.

B. Juízes

O livro recebe este nome porque foi a época em que Israel viveu sob a orientação de algumas pessoas de diversas tribos, que exerceram funções judiciais e orientaram os exércitos de Israel contra os inimigos.

O autor de Juízes, que talvez seja Samuel, mostra os altos e baixos espirituais do povo de Israel. O conteúdo do livro pode ser assim sintetizado: “Quando o Senhor lhes levantava juízes, o Senhor era com o juiz, e os livrava da mão dos seus inimigos... porém, sucedia que, falecendo o juiz, tornavam e se corrompiam mais do que seus pais, andando após outros deuses, servindo-os, e encurvando-se a eles” (Jz. 2:18,19).

Podemos, com a divisão feita por Mears(2), montar o seguinte gráfico:

Opressão	Capítulos	Pecado	Punição	Juiz
Primeira	3:7-11	Idolatria	8 anos	Otniel
Segunda	3:12-31	Imoralidade e idolatria	18 anos	Eúde e Sangar
Terceira	4 e 5	Desvio de Deus	20 anos	Débora e Baraque
Quarta	6 – 8:32	Desvio de Deus	Midianitas por 7 anos	Gideão
Quinta	8:33; 10:5	Desvio de Deus	Guerra Civil	Tola e Jair
Sexta	10:6-12	Idolatria intensa	Filisteus e Amonitas por 18 anos	Jefté e sucessores
Sétima	13 – 16	Desvio de Deus	Filisteus por 40 anos	Sansão

A frase chave do livro é: “Ciclos de falha”.

O Símbolo é: “Dedo traçando espiral no ar”.

C. I Samuel

O período narrado por I Samuel é um período de transição entre a época dos Juízes e a monarquia em Israel. Tanto é que Samuel é o último dos juízes, o primeiro dos profetas e o fundador da monarquia(3).

Nos capítulos 1 a 7 é narrada a carreira de Samuel, mostrando como ele livrou Israel do jugo filisteu.

Nos capítulos 8 a 15 é narrado o início da monarquia, que se iniciou por causa da insistência do próprio povo: *“E disseram-lhe: eis que já estás velho, e tens filhos que não andam pelos teus caminhos: constitue-nos pois agora um rei sobre nós, para que ele nos julgue, como o tem todas as nações”* (I Sm. 8:5). O escolhido por Deus foi Saul, no entanto, os defeitos e a desobediência de Saul, narrados nos capítulos 13 e 15, levaram Deus a repudiá-lo e determinar que Davi seria o novo rei sobre Israel.

Os capítulos 16 a 31 narram a unção de Davi e a perseguição travada por Saul, tentando várias vezes matá-lo. Davi só foi assumir de fato a posição de rei quando Saul suicidou-se: *“Então disse Saul ao seu pagem de armas: Arranca a tua espada, e atravessa-me com ela, para que porventura não venha estes incircuncisos, e me atravessem e escarneçam de mim. Porém o seu pagem de armas não quis, porque temia muito; então Saul tomou a espada, e se lançou sobre ela”* (I Sm. 31:4).

D. II Samuel

II Samuel dedica-se a narrar o reinado de Davi. Segundo a opinião de Ryrie, os vinte e quatro capítulos do livro podem ser assim divididos(4):

“Os capítulos 1-10 contam como Davi consolidou seu reino. Ele a princípio rei-

nou apenas sobre a parte sul do reino, Judá, enquanto o general Abner instalava como rei Isbosete, filho de Saul, sobre a região norte de Israel. Mas Abner e Isbosete foram finalmente assassinados (capítulo 3,4), e Davi tornou-se rei sobre todo o povo. Ele capturou e fortificou Jerusalém, levando para lá a arca (capítulo 5,6) e prosperaram política, econômica e espiritualmente”.

“Os capítulos 11-14 detalham os terríveis pecados de adultério (com Bate-Seba) e homicídio (do marido dela, Urias) cometidos por Davi. O castigo de Deus inclui a morte da criança que nasceu dessa união pecaminosa, o estupro de Tamar por Amnon, um dos filhos de Davi, e a morte de Amnon por Absalão”.

“Os capítulos 15-24 contam os demais problemas de Davi: Absalão rebelou-se contra o pai, sendo morto por ordem de Davi; houve uma guerra civil no reino (capítulo 20) e Deus enviou uma praga que matou setenta mil israelitas por causa de um outro pecado de Davi (capítulo 24)”.

A frase chave de I e II Samuel é: “O Reino estabelecido”.

O Símbolo é: “Corda colocada na cabeça”.

E. Rute

Este é um complemento histórico. Os acontecimentos aqui narrados aconteceram no período de juízes: *“E sucedeu que, nos dias em que os juízes julgavam...”* (Rt. 1:1).

Rute era moabita, uma gentia. Seu marido, filho de Noemi. O período era de fome em Israel e, mesmo tendo perdido o marido, Rute decide não voltar para seu povo, mas ficar com o povo de Jeová (Rt. 1:16).

Nas sociedades antigas, as viúvas não tinham nenhuma proteção, por isso, Deus determinou que o parente mais próximo do marido morto deveria casar com a viúva e cuidar dela – este parente era chamado de resgatador. O livro narra, então,

como Boaz tornou-se resgatador de Rute.

O final do livro vai mostrar que Rute e Boaz são os bisavós de Davi (Rt. 4:17), que, por sua vez, é antecessor de Jesus (Mt. 1:5,6).

A frase chave de Rute é: “Amor fiel”.

O Símbolo é: “Abraçando a si mesmo”.

III. Conclusão

Os livros que estudamos nesta lição mostram desde a conquista de Canaã até o final do segundo reinado em Israel, um período de aproximadamente 400 anos.

A lição que fica patente neste período é que, de maneira geral, quando estamos em obediência a Deus, há vitória e proteção; quando há rebeldia e desobediência, vêm juízo e opressão.

Notas e Referências:

(1) Samuel J. Schultz, *A História de Israel*, p.5.

(2) Henrietta C. Mears, *Estudo Panorâmico da Bíblia*, pp. 90,91.

(3) Mears, *op. cit.*, p. 101.

(4) Ryrie, *Guia Conciso da Bíblia*, pp. 82,83.

Avaliação

Tente, em apenas uma frase, sintetizar o conteúdo dos livros que agora estudamos:

Josué

Juízes

I Samuel

II Samuel

Rute

Síntese do Antigo Testamento IV Os Livros Históricos (Parte 2)

Lição

39

Leituras Diárias:

Segunda – I Reis 11:11

Terça – II Reis 23:27

Quarta – I Crônicas 17:11-14

Quinta – II Crônicas 17:11-13

Sexta – Esdras 1:3

Sábado – Neemias 8:9

Domingo – Ester 4:13

I. Introdução

A continuação de nosso estudo sobre os *Livros Históricos* vai ser agora direcionada para o período que se inicia com a morte de Davi e a ascensão de seu filho, Salomão, como o novo rei sobre Israel, e vai até o retorno de Judá do cativeiro da Babilônia e a edificação dos muros de Jerusalém.

É bom salientar que este foi um período de intensa atividade profética – no entanto, deixaremos esta questão para ser analisada posteriormente.

Nesta segunda parte do estudo dos livros históricos é bom ainda esclarecer que nós encontramos alguns livros chamados *suplementares*, como é o caso de I e II Crônicas, que tratam dos mesmos acontecimentos narrados em I Samuel, I Reis e II Reis. O livro de Ester trata de acontecimentos ocorridos no período do cativeiro babilônico.

II. Os Livros Principais

A. I e II Reis

No original hebraico, no qual foram escritos os livros do Antigo Testamen-

to, I e II Reis formavam um único volume. Mas, quando estes livros foram traduzidos para o grego (a tradução dos livros do Antigo Testamento para o grego é chamada Septuaginta), eles foram divididos pelos tradutores, pois, o grego exigia mais espaço do que o hebraico, e os rolos em que eram escritos os livros eram de tamanho limitado, não comportando volumes extremamente grandes(1). O mesmo aconteceu com I e II Samuel, que perfaziam um só volume, e com I e II Crônicas, que eram também um só livro.

Podemos apresentar um único esboço de I e II Reis, considerando-os como um único volume(2):

I. O Reinado de Salomão – I Reis

1-11.

- A. *Ascensão de Salomão ao Trono* – I Reis 1-4
- B. *A Construção do Templo* – I Reis 5-8
- C. *A Grandeza e o Pecado de Salomão* – I Reis 9-11

II. O Reino Dividido – I Reis 12 – II Reis 17:14

- A. *A Ruptura do Reino* – I Reis 12:1-33
- B. *Reinados em Judá e Israel* – I Reis 12:1 – II Reis 16:20
- C. *O Fim do Reino do Norte* – II Reis 17:1-41

III. O Reino de Judá – II Reis 18-25

- A. *O Reinado de Ezequias* – II Reis 18-20
- B. *O Reinado de Manassés* – II Reis 21
- C. *O Reinado de Josias* – II Reis 22-23
- D. *A Queda de Judá* – II Reis 24-25

O reinado de Salomão é considerado um período áureo dentro da história

de Israel, tanto é que após a morte de Davi e a ascensão de Salomão ao trono, encontramos a seguinte afirmação: *“E Salomão se assentou no trono de Davi, seu pai, e o reino se fortificou sobremaneira”* (I Reis 2:12).

Algo que se destacou na vida de Salomão foi a sua opção pela sabedoria, quando questionado por Deus qual benefício gostaria de alcançar: *“Dá, pois, a teu servo um coração entendido para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal...”* (I Reis 3:9).

A maior realização deste período foi a construção do Templo em Jerusalém – e, apesar de Davi ter reunido quase todo o material, Salomão levou sete anos e meio para levantá-lo, usando mais de cem mil trabalhadores.

Apesar da sabedoria demonstrada no início do seu reinado, Salomão deixou-se influenciar por mulheres de outras nações que acabaram corrompendo seu coração: *“Tinha ele setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração”* (I Reis 17:3).

Por causa da desobediência de Salomão, Deus, como juízo, trouxe a divisão do reino em dois outros reinos: o do Norte (composto de dez tribos) e o do Sul (composto por Judá e Benjamin).

O acontecimento que culminou com a divisão do Reino foi a atitude opressora que Roboão, filho de Salomão, teve diante dos súditos: *“Meu pai agravou o vosso jugo, porém eu ainda o aumentarei; meu pai vos castigou com açoites, porém eu vos castigarei com escorpiões”* (I Re. 12:14).

Jeroboão, oficial do exército de Salomão, tornou-se o primeiro rei do Reino do Norte, enquanto Roboão permaneceu como rei do Reino do Sul.

“Foram dezenove reis desde Jeroboão até Oséias em Israel... Judá, ou reino do Sul, tinha a capital religiosa da nação e o templo como centro de adoração de Jeová, e sendo o mais espiritual, foi um pouco mais fiel à verdadeira adoração, teve vinte reis, desde Roboão até Zedequias”.

O Reino do Norte, por causa de sua idolatria, foi levado cativo pelas forças do exército assírio; os israelitas perderam-se em miscigenações e nunca mais retornaram. Judá, anos depois, caiu em mãos babilônicas, mas, depois de um período de setenta anos, o povo retornou à sua própria terra(3).

A frase chave de I e II Reis é: “O Reino dividido/cativo”.

O Símbolo é: “Mãos separadas, pulsos unidos”.

B. Esdras

O livro narra o retorno de dois grupos de judeus do cativeiro babilônico para Judá – o primeiro sob a liderança de Zorobabel (capítulos 1-6), quando retornaram cerca de 50.000 judeus durante o reinado de Ciro (538-530 A.C.), enquanto o segundo foi liderado por Esdras, que conduziu sete mil judeus durante o período de reinado de Artaxerxes (464-423 A.C.).

O primeiro grupo que voltou lançou os fundamentos de um novo templo em Jerusalém (Ed. 3:7-13). Quando Esdras chegou a Jerusalém, oitenta anos mais tarde, encontrou os judeus em péssimas condições espirituais, a ponto de até os sacerdotes terem se casado com mulheres pagãs: *“Pois tomaram das suas filhas para si e para seus filhos; de maneira que a raça santa se tem misturado com os povos de outras terras; e até os oficiais e magistrados foram os primeiros nesta transgressão”* (Ed. 9:2).

A principal tarefa de Esdras foi levar o povo ao arrependimento.

A frase chave de Esdras é: “Construindo o Templo”.

O Símbolo é: “Ponha tijolos até a torre”.

C. Neemias

Neemias era copeiro do Rei Artaxerxes I (464-423 a.c.). Neemias conseguiu junto ao rei permissão para retornar a Jerusalém e reedificar seus muros: *“Eu disse*

ainda ao rei: se for do agrado do rei, dêem-se-me cartas para os governadores além do rio, para que me permitam passar até que eu chegue a Judá; como também uma carta para Asafe, guarda da floresta do rei, a fim de que me dê madeira para as vigas das portas do castelo que pertence à casa, e para o muro da cidade, e para a casa que eu houver de ocupar. E o rei mas deu, graças à mão benéfica do meu Deus sobre mim” (Ne. 2:7,8).

Mesmo diante da oposição de muitos inimigos (capítulos 4 e 6), Neemias conseguir fortificar a cidade de Jerusalém num prazo de apenas 52 dias: *“Acabou-se, pois, o muro aos 25 do mês de elul, em cinqüenta e dois dias. Quando todos os nossos inimigos souberam disso, todos os povos que havia em redor de nós temeram, e abateram-se muito em seu próprio conceito; pois perceberam que fizemos esta obra com o auxílio do nosso Deus” (Ne. 6:15,16).*

Os últimos capítulos do livro (capítulos 8-13) são empregados para descrever os efeitos positivos causados na vida do povo graças à leitura da Lei de Moisés (8:1-12), como a celebração da Festa dos Tabernáculos (8:13-18), arrependimento e confissão de pecados (capítulos 9-11), restauração da vida cultural (capítulo 12) e a observância do Sábado (13:15-22).

A frase chave é: “Construindo o muro”.

O Símbolo é: “Tijolos lado a lado”.

III. Os Livros Suplementares

A. Ester

Os acontecimentos narrados neste livro aconteceram num período de dez anos, no reinado do rei Assuero (485-465 a.c.) – momento anterior à época em que Zorobabel levou o primeiro grupo de judeus de volta a Canaã.

O livro mostra como a rainha Ester, judia, casada com o rei Assuero, conseguiu

livrar o seu povo da destruição. Ryrie sintetiza a história da seguinte forma(4):

“Assuero deu ordens à rainha Vasti que comparecesse a um banquete, mas ela recusou. Não querendo que um movimento de libertação da mulher tivesse início em seu reino, ele se divorciou dela (capítulo 1) e mandou fazer um concurso de beleza para achar uma rainha substituta. Ester ganhou o concurso (capítulo 2).

Entra a seguir o vilão, Hamã, que fez o rei assinar um decreto para destruir todos os judeus do reino (capítulo 3)

Depois vem Mordecai, primo de Ester, que aconselhou-a sobre como aproximar-se do rei do modo certo para que ele poupasse a vida de seus conterrâneos judeus e se livrasse de Hamã (capítulos 4-7). Leia como o rei e Mordecai conseguiram cancelar o decreto real, a fim de os israelitas poderem defender-se de seus atacantes (capítulos 8-10)”

A frase chave do livro é: “A providência de Deus”.

O Símbolo é: “Mãos formando copo”.

B. I e II Crônicas

Estes livros narram basicamente a mesma história de II Samuel, I e II Reis, no entanto, eles tem uma ênfase particular: o Templo de Israel. Tanto é que podemos dividir estes dois livros da seguinte maneira(5):

I. Davi: Preparação para o Templo (I Cr. 1-29)

A. Registros Genealógicos (1-10)

B. Reinado de Davi (11-29)

II. Salomão: Construção do Templo (II Cr. 1-9)

III. Judá: Destruição do Templo (II Cr. 10-36)

A. Os Reis de Judá (10-36)

B. Cativo Babilônico e Restauração (36).

A frase chave de I e II Crônicas é: “Judá e o Templo”.

O Símbolo é: “Pulsos unidos, mãos formando torre de igreja”.

Notas e Referências:

(1) Mears, op. cit., p. 121.

(2) J. B. Tidwell, *Visão Panorâmica da Bíblia*, p. 77.

(3) Tidwell, op. cit., p. 76.

(4) Ryrie, op. cit., p. 91.

(5) David Merh, *Apostila de Síntese do Antigo Testamento*, s/p.

Avaliação

1. Por que os livros de I e II Samuel, no original hebraico, perfaziam um só volume e, atualmente, são dois? Quais outros livros tem esta mesma característica?

2. Qual a maior realização do período de Salomão?

3. Qual acontecimento levou à divisão do Reino?

4. Como se chamou o Reino do Norte e o Reino do Sul?

5. Israel foi levado cativo por quem? E Judá?

6. Quais foram as realizações principais das seguintes personagens:

Esdras

Neemias

Zorobabel

Ester

Revisão

Lição

40

Leituras Diárias:

Segunda – Hebreus 1:14

Terça – Isaías 14:3-23

Quarta – I Tessalonicenses 4:13-18

Quinta – Daniel 9:21-27

Sexta – Apocalipse 22:16-21

Sábado – II Crônicas 17:11-14

Domingo – Deuteronômio 6:4,5

1. Relacione as personagens com o período histórico:

- | | | |
|--------------------|--------------|---------------|
| (1) Origens | () Josué | () Davi |
| (2) Patriarcas | () Arão | () Esdras |
| (3) Êxodo | () Débora | () Abraão |
| (4) Conquista | () Daniel | () Caim |
| (5) Juízes | () Jeroboão | () Zorobabel |
| (6) Reino Unido | () Sansão | () Ester |
| (7) Reino Dividido | () Rute | () Eva |
| (8) Reino Cativo | () Isaque | () Moisés |
| (9) Retorno | () Calebe | () Salomão |

2. Responda:

a. O que significa a palavra “anjo”?

b. Como entender o fato de que os anjos são seres pessoais e não tem corpo?

c. Qual foi o motivo central da queda de Satanás?

d. Quando, provavelmente, aconteceu a queda de Satanás?

e. Quais são as duas divisões principais do Espiritismo? O que poderia ser dito com relação a cada divisão?

3. Escolha uma das três alternativas de cada item.

- a. O Arrebatamento da Igreja acontecerá:
 Antes da Grande Tribulação
 Durante a Grande Tribulação
 Depois da Grande Tribulação
- b. O Julgamento da Igreja será para:
 Determinar quem será salvo
 Determinar o galardão de cada crente
 Determinar a intensidade do castigo dos crentes
- c. Quem participará das Bodas do Cordeiro:
 O Povo de Israel
 Os salvos do período da Tribulação
 A Igreja de Cristo
- d. Com relação ao Milênio:
 Terá uma duração de mil anos
 Já estamos vivendo hoje
 Será um período de tempo indeterminado

4. Assinale V se for verdadeiro e F se for falso:

1. I e II Crônicas no original hebraico perfaziam um só volume.
2. O tema de Juízes é “vitória”.
3. Os anjos possuem corpos materiais.
4. A Umbanda é uma das vertentes do Baixo Espiritismo.
5. No Milênio quem reinará será o Anti-Cristo.
6. Zorobabel conduziu a primeira leva de judeus de volta para Jerusalém após o cativeiro babilônico.
7. Roboão foi o primeiro rei do Reino do Norte, Israel.
8. A Igreja atravessará a Grande Tribulação.

Os Livros Poéticos

Lição

41

Leituras Diárias:

Segunda – Jó 1:1-2:13

Terça – Jó 12:1-25

Quarta – Jó 32:1-22 e 37:23.24

Quinta – Jó 38:1-18

Sexta – Jó 42:1-17

Sábado – Salmos 90

Domingo – Salmos 31

I. Introdução

A poesia, especialmente na forma de cânticos, sempre alcançou importante posição na literatura e na vida dos hebreus(1). Isto tanto é verdade que eles se tornaram famosos em todo o mundo antigo: os babilônios, quando levaram os judeus cativos para a Babilônia, chegaram a insistir para que esses entoassem alguns cânticos: *“Às margens dos rios da Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros que lá havia pendurávamos as nossas harpas, pois aqueles que nos levaram cativos, nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: Entoai-nos algum dos cânticos de Sião”* (Sl. 137:1-3).

A poesia hebraica é rica e cheia de figuras de linguagem – a sua grandiosidade é tamanha que alguns chegaram a questionar se tão belos versos poderiam ter sido escritos em épocas tão antigas, no entanto, através de estudos minuciosos, inclusive arqueológicos, ficou comprovada a antiguidade dos versos hebraicos.

Como já foi citado anteriormente, os livros poéticos possuem duas preocupações principais: o louvor a Deus e o ensino da verdadeira sabedoria.

Veremos nesta primeira lição os livros de Jó e Salmos, e na próxima investigaremos Provérbios, Eclesiastes e Cantares.

II. O livro de Jó

A. Data e Autoria do Livro

O nome “Jó” pode ter dois sentidos principais. O primeiro é *perseguido* ou *provado*, se olharmos para a origem hebraica do homem. A segunda possibilidade é traduzirmos por *arrepender, voltar para trás*, se consideramos a origem árabe da palavra. Podemos optar pela segunda possibilidade, considerando que o pano de fundo da história é mais árabe do que hebraica.

A data dos eventos descritos no livro é anterior a Moisés. Provavelmente, estes eventos aconteceram no período patriarcal, ainda na época em que Abraão viveu. Os motivos para crer desta forma são os seguintes:

1. A organização das famílias é patriarcal, semelhante à época abraâmica;
2. Não era ainda seguida a Lei de Moisés, pois, quem oferecia sacrifícios pelos pecados não era um sacerdote, mas o pai da família: *“Decorrido o turno de seus banquetes, chamavam Jó a seus filhos e os santificava; levantando-se de madrugada, e oferecia holocaustos segundo o número deles”* (Jó 1:5).

3. A moeda utilizada no período de Jó é a mesma do período patriarcal (veja Jó 42:11 e Gn. 33:19 – em ambas as ocasiões é utilizada a expressão hebraica *“qesitah”*).

O autor do livro é por demais incerto. O Talmude, importante livro judeu, indica ser Moisés responsável pela autoria. Seja como for, fato é que Jó deve ter sido escrito antes do estabelecimento da Lei e da formação do Estado de Israel, já que

o autor não fez qualquer menção a estes eventos centrais da história hebraica.

B. Tema de Jó

Jó traz uma questão tão antiga quanto o próprio livro: por que o justo sofre?

Esta pergunta é que se pretende responder no decorrer do livro. Jó, um homem reto para com seus semelhantes e para com Deus, sofre inúmeras adversidades e pergunta “*por quê?*” – “*O meu rosto está todo afogueado de chorar, e sobre as minhas pálpebras está a sombra da morte, embora não haja violência nas minhas mãos e seja pura a minha oração*” (Jó 16:16,17).

O livro vai responder esta questão de três maneiras básicas: “1) *Deus merece nosso amor à parte das bênçãos que concede;* 2) *Deus pode permitir o sofrimento como meio de purificar e fortalecer a alma em piedade;* 3) *Os pensamentos e os caminhos de Deus são movidos por considerações vastas demais para a mente fraca do homem compreender*” (2).

C. A Narrativa de Jó

A história de Jó pode ser assim enumerada:

1. O drama começa no Céu e em seguida Jó perde tudo o que um homem valoriza: riqueza, família e saúde.

2. O livro passa a narrar os debates entre Jó e seus amigos Elifaz, Bildade e Zofar, que acusam-no de pecador. Eliú, o mais jovem (Jó 32:6-16), fala com sabedoria e mostra que Deus é soberano em conceder aos homens bonança ou tribulação: “*Acaso deve ele recompensar-te segundo o que tu queres? Acaso deve ele dizer-te: escolhe tu e não eu?*” (Jó 34:33).

3. Na última parte é Deus quem fala corrigindo as opiniões deturpadas de Jó e de seus três amigos. E, finalmente, Deus, diante do coração quebrantado de Jó, abençoa-o enormemente: “*Assim abençoou o Senhor o último estado de Jó mais do que o primeiro*” (Jó 42:12).

A frase chave de Jó: “Por que sofre o justo?”

O Símbolo de Jó: “Raspar a pele”.

III. Salmos

A palavra *Salmos* significa *louvores* ou *hinos*. Dos 150 Salmos, cerca de cinquenta não revelam seu autor. Os demais possuem diversos autores: Moisés (Sl. 90), Davi (vários), Asafe (Sl. 50,73-83), os descendentes de Coré (Sl. 42,44-49, 87,88), Salomão (Sl. 72, 127); um de Hemã (Sl. 88), um de Etã (Sl. 89)(3). Davi é o que mais escreveu, fazendo um total de 73 Salmos.

O livro de Salmos era, na verdade, o saltério judaico – que anuncia os hinos de adoração a Deus – alguns, escritos por devoções individuais, outros, com o propósito específico de serem usados na adoração no Templo, como é o caso dos Salmos que, na introdução, possuem a frase “*Ao mestre de Canto*”, como acontece com os Salmos 4 e 5.

O livro de Salmos foi dividido pelos judeus em cinco partes, sendo que cada parte corresponde a uma época ou a um propósito específico(4):

Livro I – “*Os Salmos Davídicos*” (1-41) – A grande maioria é de autoria do rei Davi.

Livro II – “*Os Salmos Históricos*” (42-72) – Atribuídos a diversos autores, estão cheios de fatos históricos da vida da nação de Israel.

Livro III – “*Os Salmos de Ritualismos ou Litúrgicos*” (73-89) – A maioria deles é atribuída a Asafe e foi utilizada especialmente para a adoração do povo israelita.

Livro IV – “*Salmos Pré-Exílicos*” (90-106) – Refletem o sentimento e a história antes do Cativoiro.

Livro V – “*Salmos do Cativoiro e do Retorno*” (107-150) – Assuntos relacionados com o cativoiro babilônico e com o retorno a Jerusalém.

IV. Conclusão

Jó e Salmos são belíssimas demonstrações da poesia hebraica. O primeiro livro narra um drama através do qual a pergunta “*Por que o justo sofre?*” é respondida. Salmos, como Hinário Judaico, tem como propósito fundamental o louvor e a exaltação da pessoa divina.

Notas e Referências:

(1) *O Novo Dicionário da Bíblia*, vol III, p. 1299.

(2) Gleason L. Archer Jr., *Merece Confiança o Antigo Testamento?*, pp. 517,518.

(3) *Idem*, p. 500.

(4) J. B. Tidwell, *Visão Panorâmica da Bíblia*, p. 96.

Avaliação

Assinale V se a afirmação for verdadeira e F se for falsa:

1. () O período provável em que Jó viveu foi a época dos juízes de Israel.
2. () O Talmude indica Moisés como o autor do livro de Jó.
3. () O justo sofre, segundo o ensino do livro de Jó, por causa dos seus pecados antigos.
4. () Eliú, dentre os amigos de Jó, é quem fala com maior sabedoria durante a narrativa.
5. () O autor do maior número de Salmos foi Davi.
6. () Não existe no livro de Salmos qualquer menção ao cativo babilônico, pois, ele foi completo em época bem anterior.

Como o livro de Jó responde à questão: “Por que o justo sofre?”

Os Livros Poéticos II

Leituras Diárias:

Segunda – Provérbios 1:1-9

Terça – Provérbios 1:20-33

Quarta – Provérbios 16:1-19

Quinta – Eclesiastes 6:1-12

Sexta – Eclesiastes 11:9-12:4

Sábado – Cantares 1:1-17

Domingo – Cantares 4:1-16

Lição

42

I. Introdução

Provérbios, Eclesiastes e Cantares são os outros livros classificados como *poéticos*. Cada um deles possui diferentes temas e propósitos, mas possuem algo em comum: são de autoria do rei Salomão.

Salomão, até o momento em que não se deixou levar pela influência das mulheres de outros povos, com as quais se casou, foi um homem extraordinariamente sábio: *“Deu também Deus a Salomão sabedoria, grandíssimo entendimento e larga inteligência como a areia que está na praia do mar”* (I Re. 4:29).

No próprio livro de Provérbios, encontramos a orientação de ter sido ele escrito por Salomão: *“Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel”* (Pv. 1:1). Mas Agur e Lemuel também contribuíram com os últimos capítulos (cap. 30, 31). Em Eclesiastes, não há uma declaração peremptória de ter sido escrito por Salomão, mas o autor apresenta-se como sendo filho de Davi (1:1), rico e sábio (1:16, 2:7) – características que apontam para Salomão(1). Cantares, já no primeiro versículo, declara ter sido escrito por Salomão: *“Cântico dos cânticos de Salomão”* (veja I Reis 4:32).

II. Provérbios

Provérbios mostra como deve o

homem que teme a Deus comportar-se no dia a dia, em praticamente todas as áreas da vida. Provérbios mostra a religião prática; Davison definiu brilhantemente o cerne deste livro: *“Para os escritores de Provérbios, religião significa bom senso, religião significa domínio dos negócios, religião significa força e virilidade e sucesso, religião significa um intelecto bem equipado que emprega os melhores meios para atingir os mais altos ideais”*(2).

É difícil determinarmos uma estrutura para um livro tão eclético como Provérbios, mas, de maneira geral, ele possui três tipos de pessoas a quem seus ditos são dirigidos(3):

1. Conselhos para os jovens – Pv. 1:1-10

2. Conselhos para todos os homens – Pv. 11-20

3. Conselhos para reis e governantes – Pv. 21-30

O último capítulo (Pv. 31) fala especificamente das características de uma mulher sábia.

Todo o livro possui a seguinte direção: o caminho para o sucesso é a prudência.

Alguns temas são destacados em Provérbios(4):

- *Adulterio* – 2:1-22; 5:1-23; 7:1-27;

- *Más companhias* - 4:10-18;

- *Advertência contra o ser fiador* - 6:1-5;

- *Boas palavras* – 15:1-4;

- *Dinheiro* – 28:11-28;

A frase chave do livro é: “Sabedoria”.

O Símbolo é: “Mão no queixo”.

III. Eclesiastes

Observe os seguintes textos de Eclesiastes:

“O que é torto não se pode endireitar; o que falta não se pode enumerar” (1:15).

“Não há nada melhor para o homem do que comer e beber, e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho” (2:24).

“Pois o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos brutos; uma e a mesma coisa lhes sucede; como morre um, assim morre o outro; todos têm o mesmo fôlego; e o homem não têm vantagem sobre os brutos” (3:19).

“Exalte, pois, a alegria, porquanto ao homem nenhuma coisa melhor tem de baixo do sol do que comer, beber e alegrar-se” (8:15).

Estes versos, como muitos outros, são carregados de uma atmosfera desalentadora e mórbida – apontando ao homem como única saída o apego às coisas materiais e efêmeras, sem quaisquer aspirações eternas e espirituais.

Eclesiastes, para que bem o entendamos, deve ser visto como o registro de Deus dos argumentos humanos(5) – a fim de que o homem perceba como é sem sentido a vida sem o Criador – fonte da verdadeira alegria. Archer sintetiza o propósito do livro com as seguintes palavras: *“O propósito de Eclesiastes era convencer os homens da inutilidade de qualquer ponto de vista acerca do mundo que não se levanta acima do horizonte do próprio homem” (6).*

Salomão ensina que o homem não encontra a felicidade definitiva em nenhum outra coisa, senão em Deus:

- Não adianta procurar a felicidade na ciência (1:4-11), na filosofia (1:12-18), na bebida (2:13), nas riquezas ou na música (2:5-8).

Por isso, a conclusão de Eclesiastes é no sentido de que o homem deve voltar seus olhos exclusivamente para Deus; as outras coisas não passam de vaidades: *“Este é o fim do discurso; tudo já foi ouvido: teme a Deus e guarda os seus mandamentos;*

porque isto é o dever do homem”.

A frase chave do livro é: “O significado da vida”.

O Símbolo do livro é: “Mãos no ar em sinal de desespero”.

IV. Cantares de Salomão

“Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho... a sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a sua mão direita me abraçe” (cap. 1:2; 2:26).

Cantares mostra o relacionamento de duas pessoas: Salomão e uma moça da cidade de Suném, que ficava a sudeste do Lago da Galiléia. A descrição do relacionamento deste casal é aqui colocado de forma apaixonada e poética. Cantares tem sido interpretado de duas maneiras básicas:

1. **Alegoricamente** – Esta linha de interpretação identifica Salomão com o Senhor (com Cristo, segundo os cristãos), e a sulamita com Israel (ou com a Igreja)(7). Desta forma, os acontecimentos descritos no livro indicam simplesmente o amor entre Deus e seu povo, enquanto que o relacionamento carnal do casal não tem uma real importância.

2. **Literalmente** – Esta linha de pensamento entende que o cântico refere-se a uma declaração de amor entre um homem e uma mulher, a qual estimula os cônjuges a um relacionamento constante e apaixonado. Esta parece ser a melhor opção, quando consideramos que Salomão narra um evento real e, além disso, não há nenhuma indicação de ser o descrito no livro uma ilustração do relacionamento de Deus com o seu povo – quando tal acontece, Deus faz questão de deixar isto bem claro, como quando Ele se utilizou do relacionamento de Oséias e sua esposa para ilustrar sua relação com o povo de Israel

(veja Oséias, cap. 1).

Cantares, às vezes é um monólogo, às vezes um diálogo, onde o amor entre o homem e a mulher é exaltado e homenageado. Observe um esboço de Cantares que transcrevemos do Comentário Bíblico Moody(8):

1. A afeição mútua entre o esposo e a esposa (1:1-2:7);

2. A esposa fala de seu esposo. Seu primeiro sonho com ele (2:8-3:5);

3. O cortejo nupcial. O segundo sonho da esposa. Sua conversa com as filhas de Jerusalém (3:6-6:3).

4. O esposo continua louvando a beleza da esposa (6:4-8:4).

5. Expressões finais de amor mútuo (8:5-14).

A frase chave do livro é: “Amor no casamento”.

O Símbolo do livro é: “Colocar aliança na mão”.

V. Conclusão

Estas três obras de Salomão alargam grandemente o alcance temático das Escrituras:

Em Provérbios, é tratado o comportamento daquele que teme a Deus e sabe do benefício de obedecê-lo.

Em Eclesiastes, o homem é colocado diante da fatal verdade: não é possível viver neste mundo sem Deus, pois, as alegrias tornam-se passageiras e sem sentido.

Em Cantares, o amor conjugal é estimulado a ser vivido num ambiente de íntimo relacionamento físico.

Notas e Referências:

(1)Ryrie, *Guia Conciso da Bíblia*, p. 178.

(2)Citado por J. B. Tidwell, em *Visão Panorâmica da Bíblia*, p. 97.

(3)Mears, *op. cit.*, p. 178.

(4)Ryrie, *op. cit.*, p. 96.

(5)Mears, *op. cit.*, p. 182.

(6)Gleason, L. Archer Jr., *Merece Confiança o Antigo Testamento?*, p. 542.

(7)Archer, *op. cit.*, p. 512.

(8)Comentário Bíblico Moody, vol. 2, p. 498.

Avaliação

Escolha Provérbios, Eclesiastes ou Cantares, e em dez linhas escreva como o livro escolhido pode ser importante para a vida da igreja e para sua própria vida.

Os Profetas Menores I

Lição

43

Leituras Diárias:

Segunda – II Crônicas 26:1-15

Terça – Oséias 1:1-11

Quarta – Oséias 3:1-5

Quinta – Joel 2:12-17

Sexta – Joel 2:12-17

Sábado – Amós 4:1-13

Domingo – Amós 9:1-15

I. Introdução

Os Profetas no período do Antigo Testamento recebiam diferentes designações, através das quais podemos identificar suas funções para com o povo de Israel e a função de seus escritos para as gerações subseqüentes, inclusive para nós hoje:

- O profeta do Antigo Testamento é chamado de "NÂBI", que significa exatamente "profeta" ou "pessoa chamada". Este nome indica que o profeta não é um profissional que se nomeia a si próprio, mas é convocado por Deus e recebe o encargo de proclamar publicamente a mensagem divina aos homens (veja Jr. 1:5).

- Uma segunda denominação para os profetas era "ISH ELOHIM", "homem de Deus" – tal nome indicava ser o profeta alguém dedicado a Deus e que gozava de comunhão com Ele – assim sendo, a mensagem que proclamava era entregue pelo próprio Deus: "Tu, pois, cinge os teus lombos, e levanta-te e dize-lhes tudo quanto eu te ordenar" (Jr. 1:17).

- A última palavra é "HOZEH" ou "RO'EH", que significa "vidente". Assim, o profeta era capaz de compreender e discernir o futuro, predizendo eventos que ocorreriam mais tarde(1).

Assim, os livros proféticos trazem predições, como também a mensagem de

Deus que visa advertir os homens de seus pecados, fazendo-os voltar à obediência.

Os livros proféticos são divididos em Profetas Maiores e Profetas Menores. Estas designações indicam a quantidade de material escrito por cada um deles. Nós estudaremos agora os Profetas Menores, num total de doze, sendo eles: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

II. Oséias

A. Época

Oséias viveu após a divisão do Reino de Israel em dois: O Reino do Norte ou Reino de Israel, e o Reino do Sul ou Reino de Judá. Ele viveu no Reino do Norte, numa época de grande prosperidade.

O reinado de Uzias caracterizou-se por sucessivas vitórias em diversas guerras, várias construções, fortificações e desenvolvimento agrícola(2): "A fama de Uzias voou até muito longe; porque foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou poderoso" (veja II Cr. 26). Os reis que vieram depois de Uzias também prosperaram. Foi no reinado de Jeroboão II, quando Israel estendeu seu domínio, que Oséias profetizou.

Este espírito triunfalista por parte do povo de Israel, fê-lo confiar em sua própria força e separar-se de Deus, chegando a um grande declínio moral e espiritual. O Israel do tempo de Oséias repetiu para com Deus o que descreve um antigo ditado: "Mas, engordando-se o meu amado deucoices" (Dt. 32:15).

B. Tema do Livro

O tema de Oséias é “O amor indesejável de Deus apesar da infidelidade de Israel”.

Aliás, Deus utilizou-se não só a mensagem de Oséias para falar de seu amor para Israel, mas utilizou-se da própria vida familiar do profeta para esta finalidade.

1. O Livro começa com uma ordem divina a Oséias: “*vai, toma por esposa uma mulher de prostituições...*” (Os. 1:2). Obviamente que Gômer, esposa de Oséias, não era ainda prostituta nesta ocasião, mas Deus via nela o potencial e conhecia o futuro para utilizar esta expressão “*mulher de prostituição*”. Oséias deu a esta mulher seu nome, sua reputação, seu lar, assim como Deus fez com Israel.

2. Gômer começa a se prostituir, ilustrando as abominações do povo de Deus; dando para Oséias três filhos, sendo que pelo menos dois deles são filhos das prostituições:

- “*E tornou ela a conceber, e deu à luz uma filha. E o Senhor disse a Oséias: Põe-lhe o nome de Lo-Ruama (desfavorecida)*” (1:6).

- “*Depois de haver desmamado a Lo-Ruama, concebeu e deu à luz um filho. E o Senhor disse: Põe-lhe o nome Lo-Ami (Não-Meu-Povo)*” (1:8,9).

3. Gômer chegou a sair de casa e morar com outro homem e, obviamente, a envolver-se com algo muito comum naquela época: a *prostituição cultural*, ou seja, orgias sexuais como forma de adoração a outros deuses. Gômer chegou a tornar-se escrava, e quando ela estava “*no fundo do poço*”, Deus mandou Oséias recebê-la novamente, querendo com isto ilustrar a dis-

posição divina em receber Israel, mesmo que ele tivesse se envolvido com outros amantes: “*Compadecer-me-ei de Lo-Ruama, e a Lo-Ami direi: Tu és meu povo; e ele dirá Tu és o meu Deus. Disse-me o Senhor: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles se desviem para outros deuses*” (2:23; 3:1).

O restante do livro é utilizado para:

- Indicar os vários pecados do povo, dos sacerdotes, dos dirigentes políticos, etc. (4:1-8:14);

- Prometer castigos, os quais seriam o cativeiro assírio e a perda de identidade nacional: “*Também tremendo, virão como um passarinho os do Egito, e como uma pomba os da terra da Assíria*” (11:11);

- Chamada ao arrependimento: “*Volta, ó Israel, para o Senhor teu Deus*” (14:1);

- Promessa futura de restauração (Os. 14) – coisa que se concretizará verdadeiramente no Milênio.

A frase chave: “O amor de Deus”.

O Símbolo: “Abraçando a si mesmo”.

III. Joel

A. Ocasião

O nome Joel significa “O Senhor é Deus”. O livro que leva o nome deste profeta provavelmente é o mais antigo dos livros proféticos. Joel foi contemporâneo de Eliseu e viveu antes de Oséias.

Enquanto Oséias e Eliseu viveram no Reino do Norte, em Israel, Joel viveu e realizou seu ministério no Reino do Sul, em Judá, durante o reinado de Joás. Joás havia sido coroado com sete anos (II Re. 11:4) e tornou-se necessário um período de regência, onde os anciãos e sacerdotes

cuidaram do Poder Executivo – foi um período de grande influência do tio de Joás, Jeoiada (II Re. 11:1-20).

B. Tema do Livro

Basicamente o que Joel trata de transmitir ao povo de Judá é a necessidade de um avivamento espiritual, que o conduziria a um relacionamento com Deus mais profundo e mais excelente: *“E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes; convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em benignidade, e se arrepende do mal”* (Jl. 2:13).

O livro de Joel trata, basicamente, dos fatos passados na vida dos judeus e de fatos que ainda aconteceriam. Assim, podemos formular o seguinte gráfico:

1. História (cap. 1)

- a) *O Ataque dos Gafanhotos* (1:1-12).
- b) *O Dia da Seca* (1:13-20).

Nessa primeira divisão, Joel faz referência à destruição causada pelos gafanhotos e pela seca às plantações – o que trouxe fome e miséria: *“A semente mirrou debaixo dos seus torrões; os celeiros estão desolados, os armazéns arruinados; porque falharam os cereais”* (1:17). Joel, várias vezes faz referência ao Dia do Senhor, que seria ocasião em que Deus interferiria na vida do seu povo, trazendo juízo e, posteriormente, abundância. Os judeus haviam experimentado um pouco do Dia do Senhor através das pragas.

2. Futuro (cap. 2 e 3)

- a) *O Dia do Senhor – Próximo* (2).
- b) *O Dia do Senhor – Distante* (3).

O capítulo 2 usa a ilustração dos gafanhotos para mostrar a invasão de um exército nas terras judaicas e israelitas – fazendo menção às invasões assíria e babilônica.

O capítulo 3 refere-se à última etapa do Dia do Senhor – reservado para um período bem distante que ainda hoje não chegou – é o período da Tribulação (3:1 em diante), o qual será seguido do Milênio (3:17-21).

A frase chave: “O Dia do Senhor”.

O Símbolo: “Dedos ‘comendo’ gafanhotos”.

IV. Amós

A. Ocasião

Amós nasceu em Tecoá, vinte quilômetros distante de Jerusalém. Ele era muito humilde, tendo como profissão ser boiadeiro: *“Mas o Senhor me tirou de após o gado, e o Senhor me disse: Vai, profetiza ao meu povo Israel”* (7:15).

Amós profetizou quando Jeroboão II reinava em Israel. Era uma época de otimismo militar e político para os israelitas. Os inimigos de Israel (Egito, Assíria e Babilônia) estavam inoperantes e quietos – tal situação enchia o povo de Deus de auto-suficiência e desprezo pela proteção divina.

É nesta situação que um simples vaqueiro corajosamente se levanta e adverte o povo dos perigos iminentes por causa da independência excessiva: *“Ouvi esta palavra que o Senhor fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós tenho conhecido; portanto eu vos punirei por todas as vossas iniquidades”* (3:1,2).

B. Tema

Amós não se detém apenas a levantar-se contra Israel, mas trata igualmente dos juízos que Deus traria às nações vizinhas.

O livro de Amós pode ser assim esquematizado:

1. Deus promete juízo contra as nações (cap. 1 e 2)

Nesta primeira parte, o profeta levanta-se contra seis nações pagãs e contra os reinos do Norte e do Sul.

- *Damasco é ameaçada por ter invadido Israel (Am. 1:13; II Re. 10:32,33);*

- *Gaza e Tiro, por conspirarem com Edom na invasão de Judá (Am. 1:6-9; II Cr. 2:16,17);*

- *Amom, por atacar Gileade (Am. 1:13);*

- *Moabe, por práticas pagãs (Am. 2:1; II Re. 3:27);*

- *Judá, por esquecer-se da Lei de Deus (Am. 2:4; II Cr. 36:19);*

- *Israel, por sua injustiça (Am. 2:6; II Re. 17:17-23).*

2. Deus promete juízo contra Israel (cap. 3-9)

Israel será castigado por suas iniqüidades (3), pela opressão ao pobre e pela idolatria (4). Há uma convocação para arrependimento (4-6). Nos capítulos 7-9 há várias visões que ilustram a desobediência de Israel.

3. Deus promete restauração futura (cap. 9)

Deus promete ao povo a restauração nacional e o Milênio – 9:11-15.

A frase chave: “Falsidade”.

O Símbolo: “Dedo empinando o nariz”.

V. Conclusão

Amós, Joel e Oséias proclamam mensagens de juízo num período que os reinos do Norte e do Sul estavam vivenciando equilíbrio político e, de maneira geral, também econômico.

O povo, por causa do seu espírito triunfalista, não cedeu às asseverações proféticas, por isto aconteceu o que os profetas disseram: os cativeiros assírio e babilônico. No entanto, os profetas mostram que Deus, mesmo assim, compadecer-se-á do seu povo e suas promessas de restauração concretizar-se-ão principalmente no Reino Milenar.

Notas e Referências:

(1) Tidwell, *op. cit.*, p. 106.

(2) Charles L. Feinberg, *Os Profetas Menores*, p. 12.

Avaliação

1. Relacione a linha superior com a inferior:

(1) Oséias (2) Joel (3) Amós

() O Dia do Senhor () Reino do Norte () Gômer
 () Reavivamento () Eliseu () Uzias
 () Amor de Deus () Lo-Ruama e Lo-Ami () Juízo contra várias nações

2. Por que os contemporâneos de Oséias, Joel e Amós não quiseram atender às suas asseverações?

Os Profetas Menores II

Lição

44

Leituras Diárias:

Segunda – Gênesis 25:24-34

Terça – Obadias 1

Quarta – Jonas 4:1-11

Quinta – Miquéias 6:1-16

Sexta – Miquéias 7:1-20

Sábado – Naum 3:1-19

Domingo – Habacuque 3:1-9

I. Obadias

O livro do profeta Obadias (“*servo do Senhor*”) é o menor do Antigo Testamento. Sua profecia tem um propósito único: trazer uma sentença contra a nação de Edom.

A nação de Edom é a descendência de Esaú: “*estas são as gerações de Esaú (este é Edom)*” (Gn. 36:1). Esaú é o irmão gêmeo de Jacó, para quem vendeu a sua primogenitura por um prato de lentilhas (veja Gn. 25:24-34).

Os edomitas habitavam o sul de Judá e tornaram-se os grandes inimigos dos israelitas, chegando mesmo a tornarem-se símbolo de todos os que se opõem ao povo de Deus. Eles não permitiram que Moisés atravessasse suas terras (Nm. 20:14-20), se opuseram a Saul (I Sm. 14:47), lutaram contra Davi (I Re. 11:14-17), opuseram-se a Salomão (I Re. 21: 14-25), Josafá (II Cr. 20:22) e Jeorão (II Cr. 21:8).

Por causa desta incessante oposição ao povo de Deus, foi decretada a extinção de Edom: “*Por causa da violência feita a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a confusão, e serás exterminado para sempre*” (Ob. 10).

As profecias de destruição de Edom já aconteceram – elas se concretizaram com o período dos caldeus, quando estes devastaram Edom (Jr. 49 e Ez. 35).

Mas, em 70 D.C. os edomitas foram totalmente destruídos pelos romanos, a ponto de desaparecerem das páginas da história.

Ryrie afirma: “*sua história e julgamento reforçam a promessa feita por Deus a Abraão de que os que amaldiçoassem os judeus seriam também amaldiçoados (Gn. 12:4)*” (1).

A frase chave do livro: “Julgamento contra Edom”.

O Símbolo: “Mão autenticando documento”.

II. Jonas

A. Ocasão

Jonas foi contemporâneo de Oséias e Amós, logo, viveu uma época de abundância por parte de Judá e Israel. Viveu durante o reinado de Jeroboão II (793-753 A.C.): “*Foi ele que estabeleceu os termos de Israel, desde a entrada de Hamate até o mar de Arabá, conforme a palavra que o Senhor, Deus de Israel, falara por intermédio de Seu servo Jonas*” (II Re. 14:25).

B. Tema

O livro do profeta Jonas não é um discurso contra os pecados do povo de Deus, mas é a narração de como Deus levou, através de um profeta desobediente, a salvação ao povo pagão de Nínive.

Jonas recebe dois chamados para ir e pregar o arrependimento ao povo nini-vita.

1. O primeiro chamado é marcado pela desobediência: “*Ora veio a palavra*

do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: *Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim. Jonas, porém, levantou-se para fugir da presença do Senhor para Társis*" (Jonas 1:1-3).

- Nínive era capital da Assíria, nação inimiga de Israel. Jonas, como um profeta nacionalista, queria ver a destruição de Nínive e não a sua continuação. Assim, se Deus mostrava-se pronto a varrer Nínive da face da Terra, melhor seria que isto acontecesse, considerava Jonas. Além disto, a Assíria, pelos profetas, havia sido apontada como a nação que levaria cativo o Reino do Norte.

- Os assírios eram conhecidos por sua violência e maldade. Jonas temia ser morto pelo povo ninivita quando levantasse sua voz contra seus pecados.

Por tudo isto, Jonas foi para o lado oposto de Nínive – para Társis.

O barco que ele toma enfrenta grande tempestade, e Jonas acaba sendo lançado ao mar pelos marujos do barco, que entendiam ser ele o alvo da ira divina (1:4-16). Jonas é salvo por Deus milagrosamente, através de um grande peixe que o engole e o lança na terra (1:17-2:10).

2. O chamado para pregar a Nínive é repetido literalmente (3:2). Nessa ocasião, Jonas não mais se opõe, mas obedece.

O povo ninivita arrepende-se dos seus pecados, mas Jonas mostra-se insatisfeito com o perdão de Deus voltado para os inimigos de Israel: *"Ah! Senhor! Não foi isso que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso é que me apressei a fugir para Társis, pois eu sabia que és Deus compassivo e misericordioso, longânimo e grande em benignidade, e que te arrependes do mal. Agora, ó Senhor, tira-me a vida, pois melhor me é morrer do que viver"* (Jn. 4:2,3).

A frase chave: "Compaixão para Nínive".

O Símbolo: "Mão estendida".

III. Miquéias

A. Ocasião

Miquéias profetizou entre 750 e 686 A.C., tempo correspondente aos reinados de Jotão, Acáz e Ezequias (Am. 1:1).

Esta era uma época de grande relaxamento moral e espiritual, tanto em Israel como em Judá – uma circunstância social semelhante àquela que o Brasil tem vivido nos últimos anos:

- Os ricos enriqueciam-se ainda mais através da exploração dos pobres: *"Ai daqueles que nas suas camas maquinam a iniquidade e planejam o mal... E cobiçam campos, e os arrebataam, e casas, e as tomam; assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança"* (Mq. 2:1,2).

- A liderança israelita vivia em grande corrupção, onde a "propina" era comum: *"Os seus chefes dão as sentenças por peitas, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro"* (Mq. 3:11).

- O comércio acontecia em parceria com a desonestidade: *"Justificarei ao que tem balanças falsas, e uma bolsa de pesos enganosos?"* (Mq. 6:11).

B. Tema

Miquéias vem pedir especialmente justiça e equidade para a vida do povo de Deus. Ryrie sintetiza da seguinte forma as profecias de Miquéias:

"No capítulo 1 ele previu a queda do reino do norte (a capital era Samaria - v. 6), assim como do reino de Judá, ao sul (v. 12)".

"No capítulo 2 ele expõe os pecados do povo; na capítulo 3 ele expõe os pecados dos governantes e falsos profetas, reiterando o tema do juízo iminente sobre Judá.

Miquéias 4:1-9 descreve as glórias do reino futuro de Cristo na terra”.

“O capítulo 5 prediz os eventos ligados à primeira (vv. 2,3) e à segunda (vv. 4,5) vindas de Cristo”.

“Os capítulos 6 e 7 contêm condenações formais contra o povo e termina com outra descrição das bênçãos que trará a vinda de Cristo (7:11-20)”.

A frase chave: “Equidade”.

O Símbolo: “Mãos imitando duas balanças”.

IV. Naum

A. Ocasão

O nome Naum significa “consolo” e é bastante compatível com o tipo de mensagem que ele se propõe a trazer. Contrário aos demais livros poéticos, Naum não traz uma só advertência contra o povo de Judá e/ou de Israel – antes é uma sentença exclusiva contra os assírios, representados no livro por sua capital, Nínive: “Oráculo acerca de Nínive. Livro da visão de Naum” (Na. 1:1).

Enquanto Jonas narra como a geração ninivita de sua época converteu-se dos seus pecados, Naum, mais de um século depois, narra a fatal destruição contra Nínive por causa de sua violência ao povo de Deus.

Naum viveu no tempo do último rei de Israel: Ezequias. Nesta mesma época, os assírios invadiram Israel e levaram as dez tribos do Norte cativas para a Assíria: “Assim foi Israel transportado da sua terra para a Assíria, onde está até o dia de hoje. Depois o rei da Assíria trouxe gente de Babilônia, de Cuta, de Ava, de Hamate e de Safarnaim, e a fez habitar em lugar dos filhos de Israel...” (II Re. 17:23,24).

B. Tema

Naum provavelmente fugiu para Judá e proclamou o juízo de Deus que cairia sobre Nínive, capital inimiga:

1. O juiz de Nínive (Na. 1:1-7)

Na primeira parte do livro, o profeta descreve a grandiosidade de Deus: “quem pode manter-se diante do seu furor? E quem pode subsistir diante do ardor da sua ira? A sua cólera se derramou como um fogo, e por ele as rochas são fendidas” (v. 6).

2. A sentença sobre Nínive (1:8-14)

Automaticamente, Naum passa da descrição da força de Deus para tratar do juízo que viria sobre Nínive. É como se ele perguntasse: “Diante deste Deus você pode resistir?”

3. A execução da sentença (cap. 2 e 3)

Nestes dois capítulos, Naum descreve o quadro de cerco, queda e desolação ninivita(2). Isto aconteceu menos de cinquenta anos depois: “Em 607 A.C. os medos destruíram Nínive, quando ela estava no seu apogeu. De acordo com a profecia de Naum, aconteceu uma súbita enchente do Tigre que fez ruir uma grande parede da muralha, o que ajudou a destruir a cidade (2:6). Ela foi também destruída parcialmente pelo fogo (3:13,15)”.

A frase chave de Naum é: “Execução de Nínive”.

O Símbolo é: “Dedo (como faca) cortando o peçoço”.

V. Habacuque

Habacuque escreveu o seu livro poucos anos antes de os babilônios invadirem Judá e levarem seu povo cativo.

O livro possui duas perguntas básicas que direcionam a análise do profeta:

1. Por que Deus não pune Judá já que está tão envolvida em pecado?

Habacuque olhava para seus contemporâneos e só percebia desobediência por parte deles: “Até quando, Senhor, cla-

marei eu, e tu não escutarás?... Por esta causa a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta; porque o ímpio cerca o justo, de sorte que a justiça é pervertida" (1:2,4).

Deus, então, responde que vai punir Judá com os babilônios (caldeus): *"Pois eis que suscito os caldeus, essa nação feroz e impetuosa..." (v. 6).*

2. Por que Deus punirá Judá com uma nação tão corrompida?

A resposta de Deus não agrada Habacuque, afinal, Deus não vê que o instrumento de sua ira é uma nação mais corrompida que os judeus: *"Por que olhas para os que procedem aleivosamente, e te calas enquanto o ímpio devora aquele que é mais justo do que ele?" (v. 13).*

Deus, finalmente responde que conhece bem os babilônios, e que não deixará de trazer juízo sobre aquele povo também: *"Pois a violência cometida contra o Líbano (Judá) te cobrirá... por causa do sangue dos homens, e da violência para com a terra, a cidade e todos os que nele habitam" (2:17).*

Por fim, Deus convoca Habacuque, depois de elucidar suas dúvidas, a confiar inteiramente em Deus, independentemente das situações: *"Ainda que a figueira não floresça; eu me alegrarei no Senhor" (3:17,18).*

A frase chave de Habacuque é: "Vivendo pela fé".

Notas e Referências:

(1) Ryrie, *op. cit.*, p. 113.

(2) Mears, *op. cit.*, p. 280.

Avaliação

Explique porque cada livro estudado nesta lição possui como frase chave a que está ao lado:

1. Obadias – "Julgamento contra Edom"

2. Jonas – "Compaixão para Nínive"

3. Miquéias – "Equidade"

4. Naum – "Execução de Nínive"

5. Habacuque – "Vivendo pela fé"

Os Profetas Menores III

Lição

45

Leituras Diárias:

Segunda – Sofonias 3:9-20

Terça – Ageu 1:1-14

Quarta – Ageu 2:1-9

Quinta – Zacarias 9:9-17

Sexta – Zacarias 12:10-14

Sábado – Zacarias 14:9-21

Domingo – Malaquias 3:7-12

I. Sofonias

A. Ocasão

Sofonias profetizou durante o reinado de Josias em Judá, antes do cativeiro babilônico e depois do cativeiro assírio. Os reinados antecedentes, de Manassés e Amom, tinham sido acompanhados de muitos pecados por parte do povo: *“Tinha Amom vinte e dois anos quando começou a reinar... e fez o que era mau aos olhos do Senhor, como havia feito Manassés, seu pai”* (II Cr. 33:21,22).

Josias, entretanto, levou o povo de volta ao Senhor (II Cr. 34,35) através de duas reformas: na primeira, destruiu os ídolos e altares em Judá, na segunda, graças à cópia do Livro da Lei encontrada no Templo, doutrinou o povo nos caminhos de Deus. Sofonias profetizou entre a primeira e a segunda reforma de Josias.

B. Tema

Sofonias fala de dois momentos nos atos futuros de Deus: condenação e restauração.

No primeiro capítulo, o livro trata das advertências contra Judá e sua respectiva condenação. O pecado principal aqui tratado é a idolatria:

“Estenderei a minha mão contra Judá; e contra todos os habitantes de Jeru-

salém; e exterminarei deste lugar o resto de Baal, e os nomes dos sacerdotes de ídolos... e os que sobre os telhados adoram o exército do céu e aqueles adoradores que juram ao Senhor e juram por Milcom, e os que deixam de seguir o Senhor” (1:4-6).

No terceiro capítulo, encontramos promessas futuras de restauração para o povo israelita: *“Naquele tempo vos trarei, naquele tempo vos recolherei: porque farei de vós um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu tornar o vosso cativeiro de diante dos vossos olhos, diz o Senhor”* (3:20).

A frase chave: *“Destruição e restauração”.*

O Símbolo: *“Mãos defendendo-se, depois adorando”.*

II. Ageu

Ageu foi um dos judeus que retornou juntamente com Zorobabel do cativeiro babilônico segundo o decreto do rei Ciro (Ed. 1:1-4).

Quando os judeus retornaram, se ocuparam da reconstrução do templo em Jerusalém, mas a obra foi interrompida por 14 anos, por causa das investidas dos inimigos que viviam na região da Palestina.

Aqueles anos de paralisação tornaram os judeus relapsos com a obra de reconstrução da casa de Deus. Aí é que Ageu entra em cena, conclamando o povo para terminar a obra de reconstrução do Templo de Jerusalém.

O livro pode ser assim dividido:

- 1:1-11 – Ageu censura o povo por haver abandonado a obra do Templo mas, em contraste, ter se dedicado a construir boas casas para si mesmo: *“Acaso é tem-*

po de habitardes nas vossas casas forradas, enquanto esta casa fica desolada?... Minha casa está em ruínas enquanto correis, cada um de vós à sua própria casa" (1:4,9).

- 1:12-15 – O povo reagiu positivamente aos apelos de Ageu e, sob a liderança de Zorobabel, pôs-se a trabalhar novamente: *"E o Senhor suscitou o espírito do governador de Judá, Zorobabel, e o espírito de todo o resto do povo; e eles vieram, e começaram a trabalhar na casa do Senhor dos Exércitos, seu Deus"* (1:14). A obra levou quatro anos. Este Templo ficou conhecido como o Templo de Zorobabel. O Templo de Salomão foi o primeiro, o de Zorobabel, o segundo, e o de Herodes, o terceiro (nos dias de Cristo)(1).

- 2:1-23 – Esta última parte contém uma mensagem de esperança para o povo, já que muitos estavam desanimados, pois, o novo templo de Culto era bem menor em tamanho e em riqueza, se comparado com o Templo de Salomão: *"A glória desta última casa será maior do que da primeira, diz o Senhor dos Exércitos; e neste lugar darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos"* (Ag. 2:9).

A frase chave: "Construindo o Templo".

O Símbolo: "Lançando tijolos".

III. Zacarias

Zacarias foi contemporâneo de Ageu e trabalhou com ele na tentativa de fazer o povo voltar à reforma do Templo: *"Ora, os profetas Ageu e Zacarias profetizaram aos judeus que estavam em Judá e em Jerusalém, em nome do Deus de Israel profetizaram"* (Ed. 5:1).

Nos primeiros oito capítulos, Zacarias traz estímulos ao povo para restaurar o Templo e também a vida de Judá como nação.

Nos demais capítulos, Zacarias fala do futuro – trazendo referências à primeira e à segunda vindas do Messias. Zacarias mostra que a primeira volta de Cristo seria

marcada pela humildade: *"Alegra-te muito, ó filha de Sião; exultai, ó filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei; ele é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montando sobre um jumentinho, filho de uma jumenta"* (9:9). Veja Lc. 19:28;

- Zacarias profetizou o arrependimento futuro dos judeus, quando Cristo voltar pela segunda vez: *"Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas; e olharão para aquele a quem traspassaram, e o prantearão como quem pranteia por seu filho único; e chorarão amargamente por ele; como se chora pelo primogênito"* (12:10);

- Zacarias fez referência ao Reino Milenar: *"E o Senhor será rei sobre toda a terra..."* (14:9).

A frase chave: "O Messias e o Templo".

O Símbolo: "Dedos andando para a torre".

IV. Malaquias

A. Ocasão

Foi o último dos profetas do Antigo Testamento e profetizou entre 430-420 A.C. O povo estava indiferente e cercado por uma religiosidade fria e mecânica, em parte porque tenderam a interpretar as promessas proféticas de um reino messiânico para uma época imediatamente posterior ao retorno do *cativoiro babilônico* – o que obviamente não aconteceu.

Assim, Malaquias viveu uma época em que a própria justiça divina foi posta em dúvida – os judeus aprenderam a lição e não voltaram à idolatria, mas uma onda de mundanismo cobriu a nação: *"Tendes enfadado ao Senhor com vossas palavras, e ainda dizeis: em que havemos enfadado? Nisto que dizeis: qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que ele se agrada; ou: onde está o Deus do juízo?"* (Ml. 2:17).

Os Evangelhos

Lição

46

Leituras Diárias:

Segunda – Mateus 28:16-20

Terça – Marcos 10:35-45

Quarta – Lucas 19:1-10

Quinta – João 20:30,31

Sexta – João 14:1-14

Sábado – João 14:15-26

Domingo – João 15:1-17

I. Introdução

Partiremos agora para a síntese do Novo Testamento. E começaremos com os Evangelhos.

A palavra *Evangelho*, do grego “*evangelion*”, era anteriormente utilizada para referir-se ao anúncio do nascimento de um novo imperador – eram “*as boas-novas*” de que um novo soberano veio ao mundo.

Esta palavra foi depois utilizada para os primeiros quatro livros do Novo Testamento que narram fatos e discursos de Jesus.

Antes dos Evangelhos, todo o conhecimento acerca da vida de Cristo era transmitido oralmente, ou seja, da boca dos apóstolos aos discípulos, e dos discípulos ao povo. Lucas mostra isto no início do seu Evangelho: “*Visto que muitos tem empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, segundo no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra*” (Lc. 1:1,2).

Uma questão que se levanta comumente é: Por que quatro evangelhos? Por que Deus não inspirou um único evangelho? Na verdade, cada Evangelho tem um propósito específico, com base na ênfase de cada escritor e no grupo que cada um deles tinha como destinatário.

Observe ainda o interessante texto transcrito abaixo, que tenta mostrar a relevância de quatro Evangelhos:

“Tem-se com freqüência afirmado que, visto a comunicação dos dias de Cristo estar dividida em quatro diferentes seções, três das quais pertencentes a diferentes raças, esse quádruplo registro era necessário para ir ao encontro das feições características dos vários povos. Mateus indubitavelmente escreveu para os judeus e esta é a razão porque há nele tantas referências ao Velho Testamento e citações dele. Marcos certamente foi escrito de modo a impressionar os romanos, porque, como os romanos em geral pouco se impressionavam com o ensino, mas se preocupavam bastante com a ação, os atos de Cristo são enfatizados neste Evangelho em vez de suas palavras. Lucas parece que tinha em vista especialmente os gregos (gentios), pois a perfeita humanidade é um aspecto especial do retrato que ele nos pinta de Cristo, e com o propósito definido de produzir fé em Cristo (Jo. 20:31), e, como tal, o seu Evangelho seria apropriado aos homens de todas as raças que exercem fé em Jesus. Assim, Mateus visava o mundo religioso; Marcos o mundo político; Lucas o mundo intelectual; e João, o mundo em geral. Assim, os quatro Evangelhos são narrativas paralelas acerca do mesmo homem, expondo em grande parte os mesmos fatos, porém com algumas diferenças”(1).

II. Resumo Geral

Se bem que os Evangelhos sejam biografias, pois, não trazem uma descrição detalhada da vida de Jesus Cristo, através deles podemos fazer um gráfico geral da vida e do ministério de Cristo(2):

Acontecimento	Mateus	Marcos	Lucas	João
A existência de Jesus antes da encarnação				1:1-3
O nascimento e a infância	1,2		1,2	
João Batista	3:1-12	1:1-8	3:1-20	1:6-42
O batismo de Jesus	3:13-17	1:9-11	3:21,22	
A tentação	4:1-11	1:12,13	4:1-13	
O primeiro milagre				2:1-11
O princípio do ministério (Judéia)				2:13-4:3
O Ministério na Galiléia	4:12-19:1	1:14-10:1	4:14-9:51	4:43-54; 6:1-7:1
Visita a Jerusalém				5:1-47
Ministério na Peréia e fim do ministério na Judéia	19,20	10	9:51 e 19:28	7:2 a 11:57
A última semana	21 e 27	11 a 15		12 a 19
O pós-ressurreição	28	16	24	20 a 21

É necessário que os locais citados anteriormente sejam procurados em um mapa da Palestina nos tempos de Jesus, o qual pode ser encontrado no final da maioria das Bíblias ou em um Dicionário da Bíblia.

III. O Evangelho de Mateus

A. *Autoridade e Ocasão*

Não há, de fato, uma declaração neste Evangelho que indique o seu autor. No entanto, sempre foi de acordo na Igreja Cristã considerar Mateus, o ex-cobrador de impostos, como sendo o responsável por sua autoria.

Além da opinião dos *Pais da Igreja* (primeiros líderes da fé cristã), de que Mateus é o autor deste Evangelho, “o consenso geral dos escritores primitivos está de acordo sobre o conhecido caráter de Mateus. Como publicano, deve ter sido letrado e estar acostumado a tomar notas, o que constituía parte das suas atividades profissionais”(2): “E Jesus passando adiante dali viu assentado na alfândega um homem, chamado Mateus, e disse-lhe: segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu” (Mt. 9:9).

B. *Data*

Em 24:2 nós lemos: “Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará pedra sobre pedra

que não seja derribada”. Neste verso está descrita a profecia de Cristo com relação à destruição do Templo. Mateus, quando registrou esta profecia, não fez nenhuma referência ao fato de ela já ter sido cumprida. Assim, devemos posicionar a autoridade do Evangelho de Mateus antes de 70 D.C., quando Tito destruiu totalmente Jerusalém, inclusive o Templo. Na verdade, o ano mais certo para o Evangelho de Mateus é 60 D.C.

C. *Propósito*

O propósito de Mateus é mostrar que Cristo é o Rei, o Messias esperado pelos judeus. Prova disto é o grande número de frases que associam a vida de Cristo com alguma profecia do Antigo Testamento. Por isto, são abundantes expressões como as que seguem:

- “E esteve lá até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta” (2:15).

- “Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias” (2:17).

- “Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta...” (21:4).

Desta forma, uma construção clássica no Evangelho é: “isto ou aquilo aconteceu para que se cumprisse esta ou aquela profecia”.

Broadus resume o propósito do livro da seguinte forma:

“O propósito central é demonstrar que Jesus é o verdadeiro Rei Messiânico, a esperança não só de Israel, mas também do mundo inteiro” (3).

A frase chave do livro é: “Cristo, o Rei”.

O Símbolo é: “Coroa na cabeça”.

IV. O Evangelho de Marcos

A. Autoria e Ocasão

Também no Evangelho de Marcos não encontramos a declaração de quem é seu autor. No entanto, Papias, que viveu no início do II século, afirmou que Marcos anotou em seu evangelho as reminiscências de Pedro sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. Desta forma, Pedro influenciou Marcos, também chamado de João Marcos, na elaboração deste Evangelho.

Marcos era primo de Barnabé e chegou a ir com ele e Paulo na Primeira Viagem Missionária (At. 13:5). No entanto, João Marcos retornou para Jerusalém no meio do trabalho (At. 13:13).

Depois do término da Primeira Viagem, Barnabé quis levar Marcos na Segunda Viagem Missionária, mas Paulo não aceitou, pois, Marcos *“não os tinha acompanhado no trabalho”* (At. 15:37-39). Houve então uma separação entre Paulo e Barnabé – assim Barnabé tomou Marcos e levou para Chipre, enquanto Paulo dirigiu-se para a Ásia.

No entanto, tempos depois as discordâncias tinham sido superadas, a ponto de Paulo referir-se a Marcos com as seguintes palavras: *“ele me é muito útil no ministério”* (II Tm. 4:11).

Marcos provavelmente serviu de base para delinear os Evangelhos de Mateus e Lucas – assim sendo, ele deve ter sido escrito aproximadamente em 50 D.C.

B. Propósito

Enquanto Mateus escreveu para judeus, Marcos escreveu para romanos. Prova disto é que ele traduziu expressões em aramaico, para um bom entendimento

por parte de seus leitores: *“E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talita cumi – que, traduzido, é: menina, a ti te digo, levanta-te”* (Mc. 5:41 – veja ainda 3:17, 7:34, 14:36 e 15:34)(4). Outra prova de que os destinatários desta carta são romanos é o fato de Marcos ter traduzido expressões gregas para o latim, que era a língua romana: *“uma pobre viúva deitou duas pequenas moedas, que valiam um quadrante”* (valor romano) – 12:42.

Marcos não se preocupa em narrar muitos discursos de Cristo, mas se detém mais nos acontecimentos.

O texto principal do Evangelho é 10:45, onde Cristo é apresentado como o Filho de Deus que veio servir o mundo: *“Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos”* (Mc. 10:45).

A frase chave do livro: “Cristo, o servo de Deus”.

O Símbolo: “Mãos suspensas, mostrando disposição em servir”.

V. O Evangelho de Lucas

A. Autoria e Ocasão

O autor deste Evangelho e de Atos dos Apóstolos é o mesmo (compare Lucas 1:1-4 com At. 1:1-4).

A data de autoria do Evangelho é antes de Atos – provavelmente em 60 D.C.

B. Propósito

O Evangelho de Lucas é dirigido a Teófilo, um gentio, uma pessoa de grande influência e que, provavelmente, não tinha ainda aceito a Cristo: *“Pareceu-me também a mim conveniente, ó excelente Teófilo, por sua ordem, escrevê-los a ti...”* (Lc. 1:3).

Este Evangelho, dirigido aos gentios, mostra que Jesus é o homem perfeito que veio para salvar o mundo: *“Por que o filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”* (19:10).

A frase chave: “Cristo, o Filho do homem”.

O Símbolo: “Embalando nenê”.

VI. O Evangelho de João

A. Autoria e Ocasão

Os três primeiros Evangelhos são conhecidos com o termo “*evangelhos sinóticos*”, ou seja, são Evangelhos que observam o ministério e a vida de Cristo de uma ótica bem semelhante (a palavra grega *sunoráo* significa ver junto)ga *sunoráo* significa ver junto”. O Evangelho de João é radicalmente diferente dos demais porque dá grande atenção aos discursos de Cristo e se detém a relatar os acontecimentos da última semana que antecedeu a crucificação.

João, um dos componentes do círculo íntimo dos Doze Apóstolos, foi o autor deste Evangelho.

Provavelmente, foi escrito antes de 70 D.C., apesar de alguns acharem que foi escrito entre 85 e 90 D.C. Verdade é que foi o último dos Evangelhos a ser escrito.

B. Propósito

Na parte final do livro nós podemos identificar o propósito dele ter sido escrito: “*Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, e, para que, crendo, tenhais vida em seu nome*” (Jo. 20:30,31).

Desta forma, João escreveu para motivar e confirmar a fé em Jesus Cristo

como Filho de Deus, com base nos sinais que Ele fez na Terra. João registra sete milagres que demonstram o poder de Cristo sobre diferentes áreas(5).

Milagre	Passagem	Área do Poder
Mudança da água em vinho	2:1-11	Qualidade
Cura do filho de um nobre	4:46-54	Espaço
Cura de um homem paralítico	5:1-9	Tempo
Alimentação dos cinco mil	6:1-14	Quantidade
Andando sobre as águas	6:16-21	Lei Natural
Cura de um cego	9:1-12	Infortúnio
Ressurreição de Lázaro	11:1-46	Morte

A frase chave: “Cristo, o cordeiro de Deus”.

O Símbolo: “Dedo apontando”.

VII. Conclusão

Diferentes perspectivas, diferentes propósitos, diferentes autores, diferentes destinatários. Os Evangelhos complementam-se no sentido de nos fornecerem uma visão mais abrangente de Cristo e de seu ministério.

Notas e Referências:

- (1) Ubirajara Cerqueira Crespo, Apostila “Vida de Cristo”, p. 5.
- (2) Henry H. Halley, Manual Bíblico, p. 267.
- (3) Broadus David Hale, Introdução ao Novo Testamento, p. 94.
- (4) Robert H. Gundry, Panorama do Novo Testamento, p. 89.
- (5) Tenney, op. cit., p. 198.

Avaliação

Com base nas informações conseguidas na lição, tente montar o gráfico abaixo:

	Mateus	Marcos	Lucas	João
Autor				
Destinatário(s)				
Data				
Propósito				
Frase chave				

Atos dos Apóstolos

Lição

47

Leituras Diárias

Segunda – Atos 1:1-4

Terça – Atos 2:1-21

Quarta – Atos 6:1-8

Quinta – Atos 13:1-5

Sexta – Atos 15:1-29

Sábado – Atos 28:1-16

Domingo – Atos 28:17-31

I. Introdução

Alguém já disse que o nome Atos dos Apóstolos não é o melhor título para este livro. Antes, ele deveria se chamar *Atos do Espírito Santo*. Esta é uma colocação com base, se considerarmos que os acontecimentos descritos neste livro não passam de ocasiões em que o Espírito Santo conduziu a Igreja a divulgar o Evangelho:

- *“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas...”* (At. 1:8).

- *“Ananias, porque encheu Satanás o teu coração para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo...”* (5:3).

- *“Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra”* (10:44).

- *“E servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que eu os tenho chamado”* (13:2).

- *“Atravessaram a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia; e tendo chegado diante da Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu”* (16:6,7).

Assim, o personagem principal de Atos é o próprio Espírito Santo.

II. Autoria e Ocasão

O autor de Atos participou em muitas das circunstâncias citadas neste livro. E tal percebemos pelo abundante uso da primeira pessoa do plural – “nós”:

- *“aconteceu que indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem possessa de espírito adivinhador”* (16:16).

- *“No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão...”* (20:7).

- *“Tendo nós chegado a Jerusalém, os irmãos foram conosco encontrar-se com Tiago e todos os presbíteros se reuniram...”* (21:17).

Assim, o autor deste livro foi um dos companheiros de Paulo, pois, o “nós” é citado em associação com este. Pela análise e eliminação dos companheiros de Paulo, chegamos ao nome de Lucas, o médico: *“Vê-se em Atos que o autor esteve com Paulo na viagem a Roma (27:1-28:16). De Roma Paulo escreveu Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon. Nestes, algumas informações acerca dos companheiros de Paulo podem ser encontradas. Aristarco, Marcos, Timóteo, Tíquico, Epafros, Epafrodito, Demas e Lucas são mencionados como estando com Paulo... Pelo fato de Aristarco (At. 19:29), Marcos (12:12), Timóteo (16:1) e Tíquico (20:4), terem seus nomes mencionados na narração de Atos, eles podem ser excluídos de consideração. Epáiras (Cl. 1:7,8) e Epafrodito (Fl. 2:25) não acompanharam Paulo na viagem*

a Roma. Demas (Co. 4:14) mais tarde abandonou Paulo (II Tm. 4:10)... Lucas é o único dos companheiros de Paulo que resta, e a tradição remota da igreja aponta para ele. Acrescente-se a esta tendência o uso de termos médicos e que Lucas é chamado de médico: 'Saúda-vos Lucas, o médico amado' (Cl. 4:14)"(1).

Lucas termina o seu livro de maneira abrupta: escreve até o momento em que o apóstolo Paulo, aprisionado em Roma, esperava ser julgado na presença de César. É lógico que Lucas escreveu até este momento, assim, podemos posicionar a autoria de Atos em cerca de 61 D.C.(2).

III. Propósito

O livro foi dirigido a Teófilo, como um tipo de continuação do primeiro tratado, com o objetivo de narrar o desenvolvimento do movimento que Cristo inaugurou e que foi continuado pelos Apóstolos após a ressurreição e ascensão do Messias(3): "Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer, e a ensinar, até ao dia em que, depois de haver dado mandamento por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolheira, foi elevado às alturas" (At. 1:1,2).

Atos é o elo que faz a ligação entre os Evangelhos e as Epístolas.

IV. Estrutura do Livro

Atos 1:8 declara a direção que os fatos narrados em Atos toma: era preciso dar testemunho em Jerusalém, na Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.

Desta forma, uma divisão simplificada de Atos seria a seguinte:

- Cap. 1-7 – Testemunho em Jerusalém.

- Cap. 8-12 – Testemunho na Judéia e Samaria.

- Cap. 13-28 – Testemunho através de todo o mundo romano.

A Igreja deu os passos de Jerusalém até Judéia e Samaria graças a uma perseguição: "Naquele dia levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria... entretantes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra" (8:1,4). Para começar o trabalho nos lugares mais distantes, Deus utilizou a Igreja que estava em Antioquia e, mais precisamente, de Paulo e Barnabé (At. 1:1-5).

Podemos enumerar os principais acontecimentos de cada um dos capítulos de Atos dos Apóstolos da seguinte maneira:

Capítulo 1 – O Cristo Ressurreto garante aos discípulos o Espírito Santo para que a Grande Comissão seja cumprida.

Capítulo 2 – O Espírito Santo, enviado com grandes prodígios, produz muitas conversões e funda a primeira igreja.

Capítulo 3 – A cura realizada por Simão é oportunidade para, no Pórtico de Salomão, haver pregação.

Capítulo 4 – A primeira prisão não é capaz de impedir a divulgação do Evangelho.

Capítulo 5 – O Espírito Santo continua a fazer maravilhas pelos Apóstolos: poder sobre a vida, capacidade de curar, e coragem para pregar.

Capítulo 6 – Problema da multiplicação dos discípulos exige a criação da função diaconal.

Capítulo 7 – Estêvão, cheio do Espírito Santo, após resumir a história de Israel, chama seus acusadores de assassinos e morre apedrejado.

Capítulo 8 – O Espírito Santo, através de Filipe, encaminha o Evangelho até Samaria e a outros recantos do mundo.

Capítulo 9 – O perseguidor Saulo torna-se o perseguido Paulo.

Capítulo 10 – Pedro leva o Evangelho aos gentios.

Capítulo 11 – Pedro se defende por ter pregado aos gentios.

Capítulo 12 – Pedro é preso por Herodes, porém, é libertado milagrosamente por um anjo.

Capítulo 13 – Paulo e Barnabé, separados pelo Espírito Santo, são enviados pela igreja de Antioquia à Primeira Viagem Missionária.

Capítulo 14 – Continuação da Primeira Viagem Missionária: Icônio, Derbe, Lистра, Antioquia e Perge.

Capítulo 15 – É realizado o Concílio de Jerusalém para resolver o problema da circuncisão dos gentios.

Capítulo 16 – Desenvolve-se a Segunda Viagem Missionária: Lистра, Icônio, Trôade e Filipos.

Capítulo 17 – Paulo e seus companheiros pregam em Tessalônica, Beréia e Atenas.

Capítulo 18 – Paulo, após fundar uma igreja em Corinto, volta para Jerusalém e depois inicia sua Terceira Viagem Missionária.

Capítulo 19 – O poder do Evangelho é tão grande em Éfeso que ocorre grande tumulto relacionado com a deusa Diana.

Capítulo 20 – Depois de pregar em Macedônia, Grécia, Trôade e Mileto, Paulo despede-se dos presbíteros da igreja de Éfeso.

Capítulo 21 – Paulo, de Mileto, vai para Tiro, e de lá para Jerusalém, onde é preso e espancado.

Capítulo 22 – Paulo diante da multidão em Jerusalém defende-se.

Capítulo 23 – Paulo, após defender-se diante do Sinédrio, é ameaçado de morte e, por isso, levado para o governador Félix.

Capítulo 24 – Paulo defende-se diante de Félix e é preso por dois anos.

Capítulo 25 – Paulo defende-se diante de Festo, havendo apelado para César.

Capítulo 26 – Paulo apresenta sua defesa diante de Agripa.

Capítulo 27 – A difícil viagem marítima de Paulo com destino a Roma.

Capítulo 28 – Paulo fica preso numa prisão albergue em Roma por dois anos, pregando, entretanto, o Evangelho.

Por fim, é importante observar que no decorrer de Atos há uma transição quanto àquele que é o personagem principal. Do capítulo 1 até o 8, Pedro recebe atenção no relato. Nos capítulos 9-12 Pedro e Paulo dividem as atenções e, nos demais capítulos, Paulo é a personagem em foco.

V. Conclusão

Atos dos Apóstolos revela como a igreja se expandiu depois da ascensão de Jesus Cristo. Ela avançou, cumprindo o programa pré-determinado: Jerusalém – Judéia – Samaria – Confins da Terra. O sucesso da igreja não se deve prioritariamente ao trabalho apostólico ou à força humana, mas aconteceu graças à intervenção do próprio Deus através do poder do Espírito Santo.

A igreja hoje tem a função de continuar em direção aos “confins da Terra”. O capítulo 29 de Atos do Espírito depende de mim e de você – poderá ser um capítulo glorioso de divulgação do Evangelho ou será um capítulo que descreve o fracasso e a incapacidade – depende da igreja de hoje.

Notas e Referências:

- (1) Broadus, op. cit., p. 172.
- (2) Gundry, op. cit., p. 240.
- (3) Tidwell, op. cit., p. 173

Avaliação

1. Qual o propósito de Atos dos Apóstolos?

2. Por que o autor de Atos é Lucas, o médico?

3. Procure no final de uma Bíblia ou num Dicionário Bíblico as Três Viagens Missionárias de Paulo e enumere o roteiro abaixo:

Primeira Viagem Missionária
Antioquia

Segunda Viagem Missionária
Antioquia

Terceira Viagem Missionária
Antioquia

Cartas Paulinas I

Lição

48

Leituras Diárias:

Segunda – Romanos 3:9-24

Terça – Romanos 5:1-11

Quarta – I Coríntios 1:10-31

Quinta – II Coríntios 12:11-13:13

Sexta – Gálatas 3:10-29

Sábado – Efésios 1:3-2:1 e 4:1

Domingo – Filipenses 4:4-8

I. Introdução

Paulo foi o homem que mais influenciou o pensamento doutrinário da Igreja em todas as áreas, depois do próprio Cristo, é claro. Ele é autor de cerca de metade do Novo Testamento – dos vinte e sete livros do Novo Testamento, ele escreveu ao menos treze.

Ele foi o primeiro sistematizador da doutrina cristã e seus escritos são a base teológica de toda igreja sadia. Muitas de suas cartas, como perceberemos, foram escritas antes mesmo dos Evangelhos.

Estudar *As Cartas Paulinas* é estudar a nossa própria fé.

Vejamos em duas lições, a ocasião e os propósitos dos escritos do maior teólogo de todas as épocas: Paulo.

II. Epístola aos Romanos

A. Ocasião

A igreja em Roma provavelmente não foi fundada por um Apóstolo. Apesar de alguns teólogos católicos afirmarem, tendenciosamente, que Pedro foi seu fundador, há motivos para crer que a igreja em Roma começou graças aos romanos de fé judaica, que estavam em Jerusalém por ocasião da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes (At. 2:6-11). Logo, os romanos que se converteram no Pentecos-

tes, retornaram a Roma e ali iniciaram uma igreja.

Paulo escreveu esta carta quando estava em Corinto, por ocasião da Terceira Viagem Missionária, no ano 56 D.C. (At. 19:21,22; 20:1-3).

Paulo tinha pretensões de visitar Roma, assim, escreveu antecipadamente àqueles irmãos para que melhor o conhecessem, bem como às suas doutrinas: *“Não quero, porém, irmãos, que ignoreis que muitas vezes propus ir ter convosco (mas até agora tenho sido impedido)... e assim, quanto está em mim, estou pronto para vos anunciar o Evangelho, a vós que estais em Roma”* (Rm. 1:13,15).

B. Conteúdo

Paulo, nesta carta, faz uma explanação lógica de alguns ensinamentos básicos do Cristianismo: ensino acerca do pecado, da salvação, da santificação, do povo de Israel e da vida cristã.

Poderíamos dividir o livro com base nestas ênfases(1):

1. Doutrina do Pecado – 1:18-3:20;
2. Doutrina da Salvação – 3:24-5:21;
3. Doutrina da Santificação – 6:1-8:39;
4. Doutrina dos tratos de Deus com Israel – 9:1—11:36;
5. Doutrina da Vida Cristã – 12:1-15:13.

Na primeira parte do livro (Doutrina do Pecado), Paulo vai concluir que todos os homens são pecadores: *“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”* (3:23).

Na segunda parte, Paulo mostra que os crentes em Cristo são justificados: *“sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo”* (5:1).

Na terceira parte da carta (Doutrina da Santificação), Paulo ensina a possibilidade e a necessidade de, uma vez justificados, andarmos em santidade: *“Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”* (6:21).

Na quarta parte, Paulo ensina que Deus não abandonou definitivamente Israel, antes voltará a trabalhar com este povo diretamente: *“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério: que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado; e assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o libertador e desviará de Jacó as impiedades”* (11:25,26).

A Frase chave de Romanos: “Justificados pela fé”.

O Símbolo: “O juiz com o martelo dando sentença”.

III. I e II Coríntios

A cidade de Corinto, por ser uma cidade portuária, tinha um grande contingente de marinheiros, mercadores, negociantes e refugiados de vários lugares. O problema é que cada um trazia os males de sua cidade de origem e somava estes pecados aos pecados dos demais. Na verdade, ser de Corinto era sinônimo de ser devasso. Mas, em meio a toda esta tormenta de imoralidade, foi o próprio Paulo que ali esteve e com Áquila e Priscila fundou uma igreja: *“E depois disto partiu Paulo de Atenas e chegou a Corinto... e todos os sábados disputava na sinagoga, e convencia a judeus e gregos”* (At. 18:1,4).

A primeira carta aos Coríntios foi escrita na primavera de 57 D. C., em Éfeso. E a segunda carta é do outono de 57 D. C., escrita na Macedônia.

I Coríntios foi escrita para responder ao relatório e às perguntas feitas

por parte de alguns membros da igreja de Corinto (leia 1:11 e 7:1). Na verdade, os capítulos 1-6 tratam das informações orais que recebeu sobre a igreja, e de 7 a 16 responde às questões que a ele chegaram por carta.

Os assuntos tratados, são os seguintes(2):

Cap.	Assunto
2	<i>Como o Espírito Santo nos ajuda a compreender a Bíblia.</i>
3	<i>Características de um cristão carnal (v. 1-4); o Tro no do juízo de Cristo (v. 11-15).</i>
5	<i>Um caso de incesto e a necessidade de disciplina na igreja.</i>
6	<i>Porque os crentes não devem processar uns aos outros (v. 1-8); a imoralidade (9-10).</i>
7	<i>Questões relacionadas com o casamento.</i>
8	<i>Não insista nos seus direitos.</i>
9	<i>Correr para ganhar.</i>
10	<i>Glorifique sempre a Deus.</i>
11	<i>O véu para as mulheres na igreja (v. 1-16); a Ceia do Senhor (v. 17-34).</i>
12	<i>Os diferentes dons da igreja.</i>
13	<i>O grande capítulo sobre o amor.</i>
14	<i>Correções quanto ao uso do dom de línguas.</i>
15	<i>A verdade sobre a ressurreição.</i>
16	<i>Diretrizes para a contribuição (v. 2).</i>

A Frase de I Coríntios: “Divisões na igreja”.

O Símbolo: “Mãos se separando”.

Na segunda carta, Paulo elogia a reação da maioria da igreja à sua primeira carta, mas critica os que ainda se opunham às suas advertências:

Cap. 1-7 – Paulo expressa alegria diante do arrependimento da igreja às suas asseverações: *“Agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus”* (7:9).

Cap. 8-9 – Paulo lembra aos coríntios da oferta que ele estava levantando para os irmãos pobres de Jerusalém.

Cap. 10-13 – Paulo defende sua autoridade apostólica contra os que se

opunham a ele: *“Rogo-vos pois que, quando estiver presente, não me veja obrigado a usar com confiança da ousadia que espero ter com alguns, que nos julguem, como se andássemos segundo a carne”* (10:3).

A Frase chave: “A defesa de Paulo”.

O Símbolo: “Braços estendidos, palmas abertas”.

IV. Gálatas

Esta foi a primeira carta de Paulo, escrita em 49 D.C., para combater os falsos ensinamentos dos judaizantes. Estes eram judeus cristãos que ensinavam a necessidade de guardar a Lei Mosaica, especialmente a circuncisão, para ser salvo(3).

Na primeira parte da carta (capítulos 1 e 2), Paulo defende a sua autoridade para poder ensinar: *“Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens”* (1:11).

Nos capítulos 3 e 4, Paulo defende que o cristão é justificado sem o mérito de qualquer obra que possa fazer. Ele evoca até mesmo os Patriarcas, especialmente Abraão, para demonstrar que o homem é justificado pela fé e nunca pelas obras: *“Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça”* (3:6).

Na última parte (cap. 5 e 6), Paulo mostra que não é pela observância da Lei Mosaica que somos santificados, mas pela operação do Espírito Santo em nossas vidas: *“Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne”* (5:16).

A Frase chave: “Liberdade em Cristo”.

O Símbolo: “Braços quebrando algemas”.

V. Efésios

A Epístola de Paulo aos Efésios, juntamente com aquelas endereçadas aos Filipenses, aos Colossenses e a Filemon, são

conhecidas como “As Epístolas da Prisão”, pois, elas foram escritas durante o período em que Paulo ficou sob prisão domiciliar em Roma, conforme Atos dos Apóstolos nos informa: *“E, logo que chegamos a Roma, o centurião entregou os presos ao general do exército, mas a Paulo se lhe permitiu morar sobre si à parte, com o soldado que o guardava... E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo”* (At. 28:30). Assim, Paulo escreveu a Carta aos Efésios entre 58 e 60 D.C.

A igreja de Éfeso atingiu uma grande importância, primeiro porque, depois de Roma, Éfeso era a cidade mais importante visitada por Paulo. E, em segundo lugar, foi o centro do trabalho realizado na Ásia, através do qual foram fundadas todas as demais igrejas asiáticas, inclusive as igrejas citadas nos primeiros capítulos do Apocalipse.

A Carta aos Efésios pode ser dividida em duas partes: A primeira vai do capítulo 1 a 3, e fala o que Deus fez pela igreja. A segunda cobre os capítulos 4 e 6, e aponta as obrigações que a igreja tem para com Deus.

O verso primeiro do capítulo quatro resume bem o tema desta carta: *“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno com a vocação para a qual fostes chamados”.*

A Frase chave: “Andando em Cristo”.

O Símbolo: “Dedos andando na palma”.

VI. Filipenses

Paulo foi um dos iniciadores desta igreja, por ocasião de sua Segunda Viagem Missionária (At. 16:10-20). A igreja de Filipos mostrou-se bastante atenta às necessidades do Apóstolo, pois, por duas vezes ela enviou donativos a ele (4:16) e, ao ouvirem falar da prisão de Paulo em Roma, fize-

ram nova remessa através de Epafrodito. O propósito inicial de Paulo ao escrever esta carta foi agradecer a atenção dos filipenses: *“Mas bastante tenho recebido, e tenho abundância: cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus”* (4:18).

O tema principal da carta é alegria, tanto é que esta palavra ocorre cerca de 16 vezes.

Na carta aos Filipenses não há asseverações sérias aos leitores da carta, mas apenas um aviso contra o legalismo: *“Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão”* (3:2).

A Frase chave: “Alegria”.

O Símbolo: “Sorriso”.

Notas e Referências:

(1) Ryrie, *op. cit.*, p. 134.

(2) Ryrie, p. 136-137.

(3) *Idem*, p. 139.

Avaliação

Relacione a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|------------------|--|
| (1) Romanos | () Carta dirigida à importante igreja asiática. |
| (2) I Coríntios | () Carta em resposta a perguntas e relatórios. |
| (3) II Coríntios | () Carta que combate os judaizantes. |
| (4) Gálatas | () Igreja que não foi fundada por apóstolo. |
| (5) Efésios | () Carta que faz referência à coleta para os pobres de Jerusalém. |
| (6) Filipenses | () Epístola que serve como carta de apresentação. |
| | () Carta marcada pela alegria. |
| | () Teologia sistematizada. |
| | () Carta onde a apostolicidade é defendida. |

Cartas Paulinas II

Lição

49

Leituras diárias:

Segunda – Colossenses 2:1-23

Terça – I Tessalonicenses 4:13-5:11

Quarta – II Tessalonicenses 2:1-17

Quinta – I Timóteo 3:1-16

Sexta – II Timóteo 3:10-4:5

Sábado – Tito 2:1-10

Domingo – Filemon 1

I. Introdução

Antes de observarmos o segundo e último conjunto de cartas escritas por Paulo, é preciso fazer uma breve observação:

As Cartas aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses e a Filemon são classificadas como “As Cartas da Prisão”, pois, foram escritas quando Paulo ficou preso por dois anos em Roma.

I, II Timóteo e Tito são denominadas “As Cartas Pastorais”, pois, foram escritas a pastores com a finalidade de melhor orientá-los em sua vida ministerial.

Feita esta explicação, avancemos em nosso estudo.

II. Aos Colossenses

A cidade de Colossos ficava 160 quilômetros a leste de Éfeso e, apesar de não ser uma cidade de grande importância para sua época, ficava localizada na rota comercial entre o Oriente e Roma.

A igreja em Colossos foi fundada por Timóteo ou por Epafras, que estavam em viagem de evangelização quando Paulo pregava em Éfeso: “segundo aprendestes de Epafras, nosso amado conservo, que por nós é fiel ministro de Cristo” (1:7).

Talvez por Colossos se encontrar em um local de grande movimento po-

pulacional, para lá afluíram falsos ensinamentos, heresias, que começaram a perturbar a boa doutrina da igreja que ali se encontrava.

A base principal da “heresia colossense” era a seguinte: toda a matéria é má – assim, o pecado residia na matéria, nos corpos – por isso, somos pecadores – porque possuímos um corpo. Desse pensamento de que os nossos próprios corpos são maus, surgiram quatro erros na estrutura doutrinária da igreja(1):

1. Se o corpo é mau, é preciso fazer penitência para sermos salvos: “Se morrestes com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos sujeitais ainda a ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies?... As quais tem na verdade alguma aparência de sabedoria, em culto voluntário, humildade fingida, e severidade para com o corpo, mas não tem valor algum no combate contra a satisfação da carne” (2:20,21,23).

2. Outros pensavam diferente: se o corpo é mau, não há jeito para salvá-lo, então, o melhor é entregar-se à imoralidade: “Exterminai, pois, as vossas inclinações carnis; a prostituição, a impureza, a paixão, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” (3:5,6).

3. Se a carne é má, Cristo não poderia ser a encarnação de Deus, senão Deus havia se tornado mau – pensavam aqueles colossenses. Paulo opôs-se totalmente, mostrando que Cristo, sendo Deus, teve um corpo e chegou a morrer: “Porque aprovou a Deus que nele (em Jesus Cristo) habitasse toda a plenitude, e que havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas” (1:19,20).

4. Já que nossos corpos são pecaminosos, nós não podemos chegar a Deus diretamente, sendo preciso intermediários – assim, surgiu na igreja de Colossos o “culto aos anjos”: *“ninguém atue como árbitro contra vós, alegando humildade ou culto aos anjos”* (2:18).

O propósito da carta é, enfim, defender a boa doutrina, principalmente no que se refere a entender que Cristo, mesmo com um corpo, é plenamente bom e totalmente divino(2).

- *Cristo perdoa pecados; os anjos não podem fazer isso* – 1:14.

- *Cristo criou o mundo* – 1:16.

- *Cristo é o cabeça da igreja* – 1:18.

- *Cristo ressuscitou dentre os mortos* – 1:18.

- *Em Cristo reside toda a sabedoria e conhecimento* – 2:3.

- *Cristo é plena e completamente Deus, todavia tornou-se também homem em sua encarnação* (2:9).

- *Só Cristo pode cancelar nossa dívida de pecado* (2:14).

A Frase chave é: “A primazia de Cristo”.

O Símbolo é: “Olhando para o céu”.

III. I e II Aos Tessalonicenses

Quando Paulo saiu em sua Segunda Viagem Missionária, levando consigo Silas e Timóteo, passou três semanas em Tessalônica (At. 17:1-14), onde houve muitas conversões – tanto de judeus como de gentios.

Mas, de fato, a igreja era basicamente gentílica, o que fica evidenciado pelas expressões que Paulo utiliza em sua carta: *“como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro”* (1:9).

Paulo escreveu as duas cartas aos tessalonicenses no final de 51 D.C., provavelmente quando estava em Corinto – estas cartas são separadas por poucos meses.

Paulo, depois que saiu de Tessalônica, deixando só a nova igreja, por estar cheio de preocupações, quando estava em Atenas, ainda na Segunda Viagem Missionária, enviou àquela igreja Timóteo, para que este pudesse trazer notícias ao Apóstolo: *“Pelo que não podendo mais suportar o cuidado de vós, achamos por bem ficar sozinho em Atenas, e enviamos Timóteo, nosso irmão, e ministro de Deus no Evangelho de Cristo para vos fortalecer e vos exortar acerca da vossa fé”* (3:2).

Nesse período em que ficou com os tessalonicenses, Timóteo percebeu que aquela nova igreja tinha algumas idéias errôneas quanto à volta de Cristo – *“Estavam preocupados com alguns que tinham morrido, receando que não tivessem parte no arrebatamento e na glória da volta do Senhor. Outros estavam tão empolgados que passaram a negligenciar os deveres diários* (4:10-12). *Desejando corrigir essas idéias errôneas e inspirar e consolar os novos convertidos, Paulo escreveu esta epístola”* (3).

Cada capítulo desta carta é encerrado com menções à volta de Cristo – 1:10, 2:19, 3:13, 4:13-18, 5:23.

Em II aos Tessalonicenses, Paulo vem corrigir alguns pontos da primeira carta que não tinham sido devidamente entendidos ou que tinham sido propositalmente torcidos:

- Alguns, que enfrentavam dificuldades na sua vida, achavam que a Grande Tribulação já havia começado. Paulo, então, mostra que a Grande Tribulação é um acontecimento futuro, pelo qual a Igreja não passará: *“e a vós, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do*

seu poder em chama de fogo" (1:7).

- Os tessalonicenses consideravam ainda que, já que a Grande Tribulação estava acontecendo, Cristo voltaria dentro de alguns dias ou meses. Paulo corrige: "Ora, quanto à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos-vos, irmãos, que não vos movais facilmente do vosso modo de pensar... como se o dia do Senhor estivesse já perto" (2:2).

- Ainda havia um grupo de preguiçosos que pensava: "Já que Cristo está chegando, é desnecessário trabalhar". Assim, eles queriam ser sustentados pelos demais. Paulo refutou duramente: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma" (II Ts. 3:10).

A Frase chave em I e II Tessalonicenses: "O Dia do Senhor".

O Símbolo: "Apontar para o relógio".

IV. I e II Timóteo

Timóteo era nativo de Listra. Sendo filho de pai grego e de mãe judia, foi criado na fé judaica e familiarizara-se com as Escrituras desde a mais tenra idade: "trazendo à memória a fé não fingida que há em ti, a qual habitou primeiro em tua avó Loide, e em tua mãe Eunice e estou certo de que também habita em ti" (II Tm. 1:5). Ele se tornou companheiro de Paulo, e participou das viagens de Paulo a partir da Segunda Viagem Missionária. Depois, Timóteo tornou-se pastor em Éfeso e foi de lá que recebeu as cartas de Paulo: "como te roguei, quando partia para a Macedônia, que ficasse em Éfeso" (I Tm. 1:3).

I Timóteo foi escrita depois dos dois anos em que Paulo ficou detido em Roma – provavelmente, escreveu esta carta estando na Macedônia em 63 D.C.

Esta primeira Epístola tem como propósitos principais:

1. Encorajar o jovem ministro Timóteo – 1:1-17. Exemplo: "Esta admoestação te dirijo, filho Timóteo, que segundo as profecias que houve acerca de ti, por elas peles a boa peleja" (1:18).

2. Advertir Timóteo sobre os falsos mestres – 4:1-16. Exemplo: "Mas o Espírito expressamente diz que nos tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios" (4:1).

3. Instruir acerca da administração da igreja (2:1-3, 16; 5:1-6:21). Exemplo: "Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, nutrido pelas palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido" (5:6).

Já II Timóteo foi escrita quando Paulo mais uma vez encontrava-se preso em Roma, em 67 D.C., um pouco antes de seu martírio.

Esta Epístola é a mais pessoal de todas – quando ele narra a seu discípulo seus sofrimentos e suas esperanças:

- Paulo estava sozinho – 4:10-12.

- Paulo aguardava a morte para muito breve – "quanto a mim já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida está próximo" (4:6).

- Paulo sentia-se desamparado: "na minha primeira defesa ninguém me assistiu, antes todos me desampararam" (4:16).

- Paulo estava numa prisão fria e desoladora – "quando vieres traze a capa que deixei em Trôade" (4:13).

Entretanto, Paulo mostra que se sentia consolado por ter dedicado sua vida à Obra do Evangelho:

"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia..." (4:7,8).

A Frase chave de I Timóteo:
“Orientações ao pastor”.

O Símbolo: **“Mãos ajustando nó de gravata”.**

A frase chave de II Timóteo:
“Adeus de Paulo”.

O Símbolo: **“Mão dando adeus”.**

V. A Epístola a Tito

Tito foi um outro companheiro de ministério de Paulo.

Tito tornou-se administrador das igrejas que estavam na ilha de Creta. Paulo dá orientações quanto à maneira que Tito deveria organizar as igrejas cretenses.

O livro pode ser assim dividido:

1. A obrigação de constituir Presbíteros – cap. 1.

2. A obrigação de pôr em ordem “A Casa” – cap. 2 e 3.

O propósito do livro é perfeitamente definido por 1:5: *“Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem o que ainda não o está, e que em cada cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei”.*

A Frase chave é: **“Arrumando a casa”.**

O Símbolo é: **“Varrer a casa”.**

VI. Carta a Filemon

“Filemon viveu em Colossos e era provavelmente um convertido de Paulo e um membro da igreja colossense. Onésimo era um escravo de Filemon que havia roubado o seu senhor (18) e havia fugido para Roma onde se converteu através da pregação (10). Esta carta foi escrita para noticiar a Filemon a conversão de Onésimo e fazer um pedido em favor dele. Através da bondade mostrada a Onésimo, é-nos revelada a grande bondade do coração do apóstolo. Ele não escreve a Filemon com autoridade de um apóstolo,

mas sim de um amigo para amigo, mostrando, assim, a sua grande cortesia. A carta é de valor inestimável pelo que mostra-nos sobre o poder do evangelho para vencer e transformar um pobre escravo e para suavizar as ásperas relações entre as diferentes classes da sociedade antiga. Os seus ensinamentos apontam para a necessidade da extinção definitiva de toda a escravidão de seres humanos” (4).

A Frase chave: **“Perdão”.**

O Símbolo: **“Braços estendidos para receber novamente”.**

VII. Conclusão

A riqueza de Paulo está na diversidade – suas cartas versam sobre todos os temas da Teologia Sistemática e da Teologia Prática: Ecclesiológia, Cristologia, Pneumatologia, Escatologia, Angelologia, Soteriologia, Hamartiologia, etc.

Conhecer os ensinamentos de Paulo é conhecer a doutrina cristã.

Notas e Referências:

(1) Tidwell, op. cit., p. 198.

(2) Ryrie op. cit., p. 144.

(3) Mears, op. cit., p. 460.

(4) Tidwell, op. cit., pp. 206,207.

Avaliação

1. Qual é a relação entre o tema da Epístola aos Colossenses e a localização geográfica de Colossos?

2. Qual era o problema central da “heresia colossense”?

3. Por que II Tessalonicenses foi preciso ser escrita?

4. O que diferencia I, II Timóteo e Tito das demais epístolas?

5. Por que Tito ficou em Creta?

6. Quais as pessoas citadas na Carta a Filemon e qual a participação de cada uma?

As Epístolas Gerais

Lição

50

Leituras Diárias:

Segunda – Hebreus 12:1,2

Terça – Tiago 2:17

Quarta – I Pedro 4:12,13 e 5:7

Quinta – II Pedro 3:18

Sexta – I João 1:3,4

Sábado – III João 11

Domingo – Judas 3

I. Introdução

Apesar de chamarmos este capítulo com o termo “Epístolas Gerais”, esta designação não cabe para a Epístola aos Hebreus nem para II e III João. Afinal, a expressão “Epístola Geral” foi aplicada às epístolas de Tiago, I e II Pedro, I João e Judas porque elas não contam com indicações dos destinatários, mas apenas do remetente. Desta forma, elas receberam os nomes de seus autores(1).

No entanto, formalizou-se chamar “Epístola Geral” (ou Epístola Católica – termo que nada tem haver com a Igreja Papal), ao conjunto de Epístolas desde Tiago até Judas, incluindo todas as Epístolas Joanninas.

II. A Epístola aos Hebreus

A autoria desta epístola é totalmente desconhecida. Muitos apontam para o Apóstolo Paulo como seu provável autor, mas esta ideia esbarra com o fato da linguagem e o estilo do livro serem diferentes da tradição paulina. Outros autores tem sido apontados: Barnabé, Lucas, Priscila e Apolo. A ideia de Apolo ter escrito Hebreus foi defendida pelo grande Pai da Reforma, Martinho Lutero, e esta é uma ideia interessante, considerando o alto grau de conhecimento do Antigo Testamento que Apolo possuía, conhecimento necessário para escrever a Epístola aos Hebreus: “Pois

com grande poder refutava publicamente os judeus, demonstrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo” (At. 18:28).

Esta carta foi escrita a judeus cristãos que, por causa de grande perseguição, estavam tentados a abandonar o Cristianismo e retornar para o Judaísmo: “Considerai pois aquele que suportou tal contradição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos canseis, desfalecendo em vossas almas” (12:3).

Desta forma, o propósito da Epístola fica claro: “Evitar a apostasia do Cristianismo em direção ao judaísmo. Para atingir este propósito, o autor mostra através de uma série de comparações, que a religião cristã é superior àquela que a precedeu”(2).

Hebreus vai demonstrar a superioridade do Cristianismo em três passos:

1. O Cristianismo é superior ao Judaísmo, pois, Cristo é superior aos mensageiros do Judaísmo:

- Ele é superior aos profetas – 1:1-3;
- Ele é superior aos anjos – 1:4-2;
- Ele é superior a Moisés – cap. 3-6.

2. O Cristianismo é superior ao Judaísmo porque o seu sacerdote é superior ao do Judaísmo:

- Cristo é superior ao sacerdote do Judaísmo – 1:1-8:6;
- A Aliança de Cristo é superior à do Judaísmo – 8:7-9;
- O Tabernáculo de Cristo é superior ao do Judaísmo – 10:1-18.

3. O Cristianismo é superior ao Judaísmo porque suas bênçãos são superiores:

- A liberdade para aproximar-se de Deus – 10-19-39;
- A base superior da fé – 11:12-29.

4. Conclusões práticas – cap. 13.

A Frase chave: “Superioridade do Cristianismo”.

O Símbolo: “Mãos posicionadas em dois níveis diferentes”.

III. Tiago

O autor desta Epístola é o meio-irmão de Cristo, cujo nome é citado nos Evangelhos: *“Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?”*. Tiago, no período da vida terrena de Cristo, não creu ser Ele o Messias mas, após a ressurreição do Mestre, abraçou o Cristianismo e tornou-se grande líder da igreja de Jerusalém (At. 15:13). Uma informação curiosa que temos a respeito de Tiago é que ele era apelidado de joelhos de camelo, por ter os joelhos endurecidos de tanto orar(3).

Esta Epístola se destaca pelo tom judaico em que foi escrita – podendo ser datada logo no início da Igreja, provavelmente em 49 D.C.

O propósito da epístola é bem simples: ela é uma exortação para que seus leitores possam viver uma vida cristã prática.

A epístola possui três divisões:

A primeira (1:1-2:16) é uma advertência contra a hipocrisia na vida cristã: *“e sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos”* (1:22).

A segunda (3:1-18) é uma advertência aos que querem ser mestres: *“meus irmãos, não sejais muitos de vós mestres, sabendo que receberemos um juízo mais severo”* (3:1).

A terceira (4:1-5:20) estimula o crente à santidade e à justiça.

A Frase chave: “Provas de uma fé verdadeira”.

O Símbolo: “Usando uma lupa”.

IV. As Epístolas de Pedro

Nas duas epístolas que escreveu, Pedro fez questão de se identificar como

autor: *“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo”* (I Pe. 1:1), *“Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo”* (II Pe. 1:1).

A primeira carta é posicionada em 63 D.C. e a segunda em 66 D.C. Foram escritas de Roma ambas as cartas, apesar de Pedro afirmar que estava na Babilônia (II Pe. 5:13) – mas ele estava fazendo referência ao estado espiritual de Roma.

A primeira carta tem como pano de fundo os maus tratos que sofriam os cristãos pelos seus vizinhos e conhecidos – isto porque os cristãos se recusavam a continuar, após a conversão, com as mesmas práticas pagãs que possuíam anteriormente: *“E acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento de dissolução, blasfemando de vós”* (I Pe. 4:4). Por causa disto, Pedro vem nesta carta consolar seus leitores em seus sofrimentos e exortá-los à fidelidade e ao dever(4): *“para que a prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo”* (I Pe. 1:7). Além disto, Pedro fortalece aqueles irmãos a vencerem as tentações às quais os incrédulos estavam submetendo-os: *“amados, exorto-vos como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências da carne, as quais combatem contra a alma”* (I Pe. 2:11).

A segunda carta é totalmente diferente quanto ao propósito – Pedro pretende advertí-los contra as heresias dos falsos mestres da época. Estas heresias eram basicamente três:

1. A negação de que a morte de Cristo poderia pagar pelos nossos pecados: *“Negando até o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição”* (II Pe. 2:1).

2. A negação de que Cristo voltaria a este mundo: *“Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”* (II Pe. 3:4).

3. A afirmativa de que cada um deveria viver como bem entendesse: *“andam em imundas concupiscências, e desprezam*

toda autoridade. Atrevidos, arrogantes, não receiam blasfemar das dignidades” (II Pe. 2:10).

Pedro, então, estimula seus leitores a uma atitude diversa: aguardar o cumprimento das promessas de Cristo e buscar a santificação: *“Pelo que, amados, como estais aguardando estas coisas (novos céus e nova terra), procurai diligentemente que por ele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz”* (II Pe. 3:14).

A Frase chave de I Pedro é: “Sofrimento e consolação”.

O Símbolo é: “Mão acariciando a cabeça”.

A Frase chave de II Pedro é: “Combate aos falsos mestres”.

O Símbolo é: “Punhos prontos para a luta”.

V. As Epístolas de João

A primeira Epístola Joanina propõe-se a apontar aos seus leitores certas provas, as quais indicariam como se pode alcançar a certeza de que se tem a vida eterna: *“estas coisas vos escrevo, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna”* (I Jo. 5:13).

A segunda Epístola Joanina tem como propósito advertir contra os falsos mestres, que ensinavam que Cristo não veio de fato num corpo humano. Esta heresia era semelhante à *“heresia colossense”*: *“Porque já muitos enganadores saíram pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne”* (II Jo. 7).

Na terceira Epístola, João escreve a um pastor chamado Gaio, para estimulá-lo a continuar sendo hospitaleiro e para censurar o petulante Diótrefes, que queria usurpar o poder sobre a congregação: *“escrevi, alguma coisa à igreja; mas Diótrefese, que gosta de ter entre eles a primazia, não nos recebe”* (III Jo. 9).

A Frase chave de I João é: “Prova de fé”.

O Símbolo é: “Marcando x nas opções”.

A Frase chave de II João é: “Os

falsos mestres negam a encarnação de Cristo”.

O Símbolo é: “Dedos beliscando o braço”.

A Frase chave de III João é: “Hospitalidade”.

O Símbolo é: “Mão estendida com sorriso”.

VI. A Epístola de Judas

Obviamente que o autor não é Judas Iscariotes, o traidor, mas é um irmão de Tiago, meio-irmão do Senhor Jesus Cristo: *“Judas, servo de Jesus Cristo, e irmão de Tiago”* (v. 1). Veja Mt. 13:55.

Judas escreveu, basicamente, acrescentando a isto a promessa do juízo que Deus trará àqueles que divulguem estes falsos ensinamentos: *“porque se introduziram furtivamente certos homens, que já desde há muito estavam destinados para este juízo, homens ímpios que convertem em dissolução a graça do nosso Deus e negam o nosso único soberano e Senhor, Jesus Cristo”* (Jd. 4).

A Frase chave é: “Batalha pela fé”.

O Símbolo é: “Punho cerrado”.

VII. Conclusão

Como percebemos, as Epístolas Gerais e a Epístola aos Hebreus tem como ingrediente semelhante a luta pela fé cristã.

Hebreus – mostra a superioridade desta fé;

Tiago – mostra a praticidade desta fé;

I Pedro – mostra os sofrimentos por esta fé;

II Pedro, II João e Judas – mostram a necessidade de se manter esta fé ausente de distorções;

I João – mostra o teste para avaliarmos se estamos com a fé verdadeira;

III João – mostra que devemos nos opor àqueles que negam a fé por desobedecerem às autoridades.

O Livro de Apocalipse

Lição

51

Leituras Diárias:

Segunda – Apocalipse 2:1-7

Terça – Apocalipse 2:2-11

Quarta – Apocalipse 2:12-27

Quinta – Apocalipse 2:18-27

Sexta – Apocalipse 3:1-6

Sábado – Apocalipse 3:7-13

Domingo – Apocalipse 3:14-22

I. Introdução

Começamos o nosso estudo sobre Síntese da Bíblia com o livro de Gênesis, e agora chegamos ao último livro: o Apocalipse.

Começamos com a criação do mundo, com o princípio de todas as coisas, com a formação dos céus e da terra, e terminaremos com o fim de todas as coisas, com a formação dos novos céus e da nova terra.

O Apocalipse, ou Revelação de Jesus Cristo, é o poslúdio que encerra magistralmente as Escrituras, as quais revelam o próprio Deus.

Neste estudo aprenderemos os fatos que apontam o Apóstolo João como o autor deste livro, apresentaremos a provável data de sua autoria, as diferentes linhas de interpretação, e também um resumo de seu conteúdo.

Com esta lição, além de termos acrescido o nosso conhecimento panorâmico das Escrituras, entenderemos melhor a própria Escatologia.

II. Natureza de Apocalipse

O Apocalipse situa-se na classe de *literatura apocalíptica*(1). Este tipo de literatura foi abundantemente escrita em época que a igreja sofreu perseguições, e ele tinha como propósito consolar e encorajar aqueles que sofriam pela sua fé.

No início da era da Igreja, surgiu uma série destes livros que não são canônicos, entre eles:

- *O Pastor de Hermas* – escrito no início do século II;

- *O Apócrifo de João* – metade do século II;

- *Apocalipse de Pedro* – metade do século II;

- *O Apocalipse de Paulo* – final do século IV.

Há muitos outros escritos posteriormente: O Apocalipse de Tomé, O Apocalipse de Maria, O Apocalipse de Estevão, etc.

Estes livros, escritos em época de sofrimento por causa da fé, tinham algumas características peculiares(2):

- *Crença na intervenção divina no futuro;*

- *Uso de linguagem simbólica, sonhos e visões;*

- *Predição de castigo catastrófico para os ímpios e livramento sobrenatural dos justos;*

- *Atribuição a algum personagem importante da história bíblica.*

O Apocalipse de João distingue-se dos demais *Apocalipses* que surgiram nos primeiros séculos de existência da Igreja porque foi inspirado pelo Espírito Santo, enquanto os demais não passam de escritos surgidos da vontade humana.

III. Autoria e Data

Como já foi dito, o autor deste livro é João, conhecido como *O Apóstolo do Amor* (Ap. 1:1).

Desde muito cedo, a Igreja aceitou a canonicidade do Livro de Apocalipse e indicou João como seu autor. Algumas dú-

vidas foram surgir apenas posteriormente, quando Dionísio levantou o seguinte problema: a gramática e o estilo entre os demais escritos joaninos (as cartas e o evangelho) e o Apocalipse são bem diferentes.

Quanto ao fato da gramática de Apocalipse ser *deficiente* com relação aos outros escritos joaninos, devemos lembrar que João estava em êxtase emocional quando redigiu esta obra e não dispunha de um amanuense, que era uma espécie de secretário que redigia o que o autor dizia. Provavelmente, João utilizou-se de amanuenses nos demais escritos, o que não aconteceu com o Apocalipse.

A data em que o Apocalipse foi escrito, provavelmente foi em 95 D.C., na época do Imperador Domiciano (81-96 D.C.). Há uma tradição que aponta Domiciano como aquele que prendeu e condenou João a trabalhar nas minas de Patmos, uma pequena ilha que ficava no mar Egeu, perto da cidade de Éfeso. Foi de lá que o Apóstolo escreveu: *“Eu, João... estava na ilha chamada Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus”* (1:9).

IV. Propósito

O Apocalipse foi escrito na época de César Domiciano. Este foi o primeiro imperador que, de fato, tentou forçar a prática de adoração ao imperador de Roma – tanto é que templos estavam sendo erigidos com esta finalidade em todo o império.

Domiciano começava a declarar-se divino, a corporificação da deusa do Império Romano, Roma. Assim, o teste de lealdade ao Império e ao Imperador era a saudação *“César é Senhor!”* (3). Mas, para os cristãos, o título de Senhor apenas pertencia a Jesus Cristo. Desta maneira, Roma passou a considerar o Cristianismo como uma grande ameaça.

O propósito inicial do Apocalipse, ao revelar a vitória de Deus sobre as hostes da maldade, era exatamente para convocar os cristãos que começaram a ser perseguidos duramente, para que suportassem

com paciência e esperança esta situação.

IV. Métodos de Interpretação

Por ser um livro basicamente preditivo e cheio de visões, muitos métodos de interpretação surgiram, entre eles:

A. Método Preterista

Esta Escola entende que o simbolismo do Apocalipse está relacionado apenas com a época em que o livro foi escrito. Os selos, as trombetas, as taças e todos os demais símbolos nada tem a ver com o futuro. Assim, as perseguições descritas no livro aos cristãos não passariam das perseguições do Império Romano, e a narrativa da vitória de Cristo refere-se exclusivamente à vitória deste sobre o Imperador.

B. Método Idealista

Esta Escola sustenta que os símbolos presentes no livro não podem ser identificados com acontecimentos no passado nem no futuro. O Apocalipse, segundo este pensamento, é apenas um quadro simbólico da luta constante entre o bem e o mal.

C. Método Histórico

A interpretação histórica afirma que o Apocalipse esboça todo o curso da história da Igreja, desde o Pentecostes até à volta de Cristo. Desta maneira, os símbolos descrevem em seqüência os grandes acontecimentos da história – os selos são a dissolução do Império Romano, a subida dos gafanhotos do abismo é um quadro das invasões maometanas, etc.

D. Método Futurista

Esta é a melhor posição, pois, interpreta o Apocalipse de maneira mais literal, ou natural, e considera o propósito

que o autor tinha ao escrever o livro. Nós, os futuristas, entendemos que os primeiros três capítulos do livro aplicam-se ao tempo em que o livro foi escrito (As Sete Cartas às Sete Igrejas) e que os capítulos subseqüentes dizem respeito ao período da história humana que começa com a Grande Tribulação; período este que ainda não estamos vivendo.

Parece que 1:19 apóia o Método Futurista de interpretar o Apocalipse: *“Escreve, pois, as coisas que tendes visto, as que são, e as que depois destas hão de suceder”*.

Aquilo que João já tinha visto é a visão do Cristo Ressurreto, no capítulo primeiro: *“Quando o vi, caí a seus pés como morto, e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo: Não temas: eu sou o primeiro e o último”* (1:17).

As coisas que são referem-se ao estado das Sete Igrejas, as quais ficavam na Ásia Menor, hoje Turquia, e descrito nos capítulos dois e três.

As coisas que viriam são descritas nos demais capítulos, e são acontecimentos que sucederão ao Arrebatamento da Igreja.

V. Conteúdo do Livro

Podemos sintetizar o Apocalipse da seguinte forma:

- **Capítulo 1** – Temos os assuntos intrudutórios. Consta nele a visão de Cristo como o Todo-Poderoso. Esta visão tinha como propósito destacar para as igrejas, que enfrentariam a onda de perseguição que se avizinhava, a majestade e o poder do Senhor Jesus Cristo: *“tinha ele na sua destra sete estrelas; e o seu rosto era como o sol, quando resplandece na sua força”* (1:16).

- **Capítulos 2 e 3** – Temos as Sete Cartas às Sete Igrejas. *“Como preparação para o grande conflito, cada igreja deveria reconhecer sua fraqueza, confessar o pecado e ser fiel àquele que a chamou”* (4). Cada uma dessas mensagens contém um endereço, uma designação do remetente, uma censura e uma promessa, conforme o gráfico abaixo:

Destinário	Designação de Cristo	Censura	Promessa aos Fiéis
Éfeso	Aquele que tem as 7 estrelas e anda entre os candelabros	Deixou o Primeiro Amor	Comer da árvore da vida
Esmirna	O Primeiro e o Último, o que morreu e reviveu		Não sofrerão a segunda morte
Pérgamo	Aquele que tem a espada aguda de dois gumes	Prostituição	Promessa de um novo nome
Tiatira	O Filho de Deus	Presença de Jezabel	Terá autoridade sobre as nações
Sardes	Aquele que tem os 7 espíritos e as estrelas	Está morto espiritualmente	Terá seu nome confessado diante do Pai
Filadélfia	O Verdadeiro, o que tem a chave de Davi		Estarão para sempre na Jerusalém Celestial
Laodicéia	A testemunha fiel, o princípio da criação de Deus	A igreja era altiva	Assentar-se-ão no Trono de Cristo

Os demais capítulos podem assim ser esboçados(5):

1. O Tribunal Celeste (4:1-5:14)

A. Adoração a Deus pelas quatro criaturas viventes e pelos vinte e quatro anciãos (4:1-11).

B. Aparecimento de Cristo como o Cordeiro, para tomar nas mãos o rolo com sete selos, e novos louvores (5:1-14)

2. As Pragas da Tribulação (6:1-16:21)

A. Os primeiros seis selos, derivados da depravação humana (6:1-17)

1. Primeiro Selo: Militarismo (6:3,4)
2. Segundo Selo: Guerra (6:3,4)
3. Terceiro Selo: Fome (6:5,6)
4. Quarto Selo: Morte (6:7,8)
5. Quinto Selo: Perseguição e Martírio (6:9-11)
6. Sexto Selo: Fenômenos Celestes (6:12-17)

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse

B. Selagem protetora dos 144 mil (7:1-8)

C. A multidão de branco dos santos vindo da Tribulação (7:9-17)

D. Sétimo Selo: Silêncio nos céus, trovões, relâmpagos e um terremoto (8:1-5)

E. As primeiras seis trombetas derivadas das atividades de Satanás e seus demônios (8:6-9:21)

1. Primeira Trombeta: Saraiva, fogo (ou relâmpago), sangue e queima da terça parte da verdura da terra (8:9)

2. Segunda Trombeta: Queda do vulcão em erupção no mar, transformação em sangue de uma terça parte da terra, com destruição da terça parte da vida marinha e dos navios (8:8,9)

3. Terceira Trombeta: Queda de um meteorito sobre a terça parte do suprimento potável da terra, tornando-a venenosa e causando enorme número de mortes (8:10,11)

4. Quarta Trombeta: Escurecimento de um terço do sol, da lua e das estrelas (8:12)

5. Quinta Trombeta: Os gafanhotos saídos do abismo (9:1-12)

6. Sexta Trombeta: Matança de um terço da humanidade pelos cavaleiros demoníacos (9:13-21)

F. Cancelamento dos sete trovões, para evitar maior demora (10:1-7)

G. João ingere um rolo de profecias sobre as nações (10:8-11)

H. As duas testemunhas (11:1-13)

I. Sétima Trombeta: transferência do governo mundial para Cristo, relâmpagos, trovões, um terremoto, um julgamento e galardões (11:14-19)

J. Proteção dada à mulher (Israel) que deu a luz a um menino (Cristo), para ela escapar do dragão (Satanás) (12:1-17)

L. As duas bestas (13:1-18)

1. A besta saída do mar, com sete cabeças e dez diademas (o redivivo império romano e seu líder, o anticristo) (13:11-18)

M. Os 144 mil com Cristo no monte Sião, entoando cânticos (14:1-5)

N. Três mensagens angelicais (14:6-12)

1. O evangelho eterno (14:6-12)

2. A queda de Babilônia (14:8)

3. A advertência para não se adorar a besta (14:9-12)

O. As duas colheitas (14:14-20)

1. Por alguém “semelhante ao Filho do homem” (14:9-12)

2. Por um anjo em meio a um derramamento de sangue (14:17-20)

P. As sete taças, derivadas da cólera divina (15:1-16:21)

1. Preparação (15:1-16:1)

2. Primeira Taça: Úlceras malignas (16:2)

3. Segunda Taça: Transformação do mar em sangue e morte de toda a vida marinha (16:3)

4. Terceira Taça: Transformação de todos os rios e fontes de água em sangue (16:4-7)

5. Quarta Taça: Calor escaldante (16:8,9)

6. Quinta Taça: Trevas e dores (16:10,11)

7. Sexta Taça: Convocação das hordas do oriente para a batalha do Armagedom (16:12-16)

8. Sétima Taça: Está feito, um terremoto, trovões, relâmpagos e a queda das potências pagãs (16:17-21)

3. Queda da Babilônia (Roma) e volta de Cristo (17:1-19:21)**A. Descrição da meretriz, Babilônia, com ênfase sobre seu paganismo e predição de sua queda (17:1-18)****B. Destruição de Babilônia, com ênfase sobre o seu comercialismo (18:1-19:5)****C. O banquete das Bodas do Cordeiro (19:6-6:10)****D. A descida de Cristo (19:11-16)****E. A derrota das hordas ímpias e o lançamento da besta e do falso profeta no lago de fogo (19:17-21)****4. O Reino de Cristo e de Deus (20:1-22:5)****A. Satanás é amarrado por mil anos (20:1-3)****B. O reinado milenar de Cristo e seus santos (20:4-6)****C. A soltura de Satanás, a rebelião geral e o abafamento da mesma (20:7-10)****D. O julgamento do Grande Trono Branco (20:11-15)****E. Nova Jerusalém, novos Céus e Nova Terra (21:1-22:5)****5. Conclusão (22:6-21)****A. O Apocalipse é uma revelação fidedigna, com advertências e um convite (22:6-20).****B. Bênção final (22:21).****VI. Conclusão**

Martinho Lutero considerou o Apocalipse um livro muito difícil de ser compreendido. Verdadeiramente, temos muitas limitações para, apropriadamente, entendermos cada detalhe, cada símbolo, cada sinal. No entanto, não deve faltar, de forma alguma, a disposição para estudarmos e melhor entendermos este importante livro da Bíblia.

A Frase chave de Apocalipse: “Consumação”.

O Símbolo: “Mãos formando globo”.

Notas e Referências:

(1) Tenny, *op. cit.*, p. 410.

(2) *Ibidem*.

(3) Broadus, *op. cit.*, p. 447.

(4) *Idem*, p. 449.

(5) Copiado de Gundry, *Panorama do Novo Testamento*, p. 425 e 426.

Avaliação

Responda:

1. Como pode ser caracterizado o Apocalipse literalmente?

2. Por que a linguagem e a gramática das Epístolas e do Evangelho de João são diferentes do Apocalipse?

3. Qual o propósito inicial do Apocalipse?

4. Qual o melhor método de interpretação deste livro e o que ele ensina?

5. Quais são as três divisões principais do livro?

Revisão

Lição

52

Leituras Diárias:

Segunda – Salmos 23

Terça – João 3:16-19

Quarta – Efésios 4:1

Quinta – Hebreus 1:1-4

Sexta – Romanos 13

Sábado – Apocalipse 21

Domingo – II Timóteo 3:16,17

1. Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) nas alternativas, e a seguir corrija a afirmativa caso ela seja falsa:

a. Jó foi escrito no período do retorno do cativo babilônico ()

b. O “drama amoroso” descrito em Cantares deve ser entendido como símbolo do relacionamento Cristo x Igreja ()

c. Eclesiastes deve ser entendido como o registro de Deus dos argumentos humanos ()

d. Oséias é um profeta do pós-exílio ()

e. O Dia do Senhor é a frase chave do livro do profeta Joel ()

f. Obadias detém-se a prometer o julgamento contra o reino do Norte, Israel, por causa de seus pecados ()

g. Naum fala do julgamento de Nínive ()

h. Ageu estimula o povo a concluir a Reforma do Templo por ocasião do Retorno do Cativo Babilônico ()

i. Em Mateus, Cristo é apresentado como “o homem perfeito”, idealizado pelo pensamento grego ()

j. João detém-se a narrar no Evangelho os milagres e os primeiros anos do ministério de Cristo ()

l. Atos dos Apóstolos é uma epístola escrita por Lucas ()

m. Atos 1:8 mostra a estrutura do livro de Atos dos Apóstolos ()

n. A personagem central da última parte da narrativa de Atos é Paulo ()

o. A Igreja em Roma foi fundada por Pedro ()

p. Corinto foi conhecida por seu alto grau de moralidade ()

q. A Carta a Filemon é uma das “Cartas da Prisão” ()

r. Romanos é a melhor sistematização da Teologia Paulina ()

s. A Epístola aos Hebreus é uma “Epístola Geral” ()

t. II Tessalonicenses foi escrita para combater os judaizantes ()

u. O melhor método para interpretar o Apocalipse é o idealista ()

v. A Epístola de Judas Iscariotes foi escrita para batalhar pela fé sadia ()

2. Relacione a segunda coluna com a primeira.

- | | |
|-------------------------|---------------------------------------|
| (1) Gálatas | () Sofrimento e Consolação |
| (2) Evangelho | () Ilha de Creta |
| (3) Salmos | () Jerusalém, Judéia, Samaria, etc. |
| (4) Provérbios | () “Boas Novas” |
| (5) Oséias | () Guerra aos Judaizantes |
| (6) Jonas | () Época de Dominiciano |
| (7) Malaquias | () Gômer |
| (8) Evangelho de Marcos | () Davi |
| (9) Atos dos Apóstolos | () Cidade de Éfeso |
| (10) II Coríntios | () Nínive |
| (11) Tito | () Defesa da apostolicidade de Paulo |
| (12) Timóteo | () Sabedoria |
| (13) Carta aos Hebreus | () Último livro do Antigo Testamento |
| (14) I Carta de Pedro | () Retorno ao Judaísmo |
| (15) Apocalipse | () Cristo, o Servo de Deus |

3. Responda:

a. Quais são ítems principais tratados nos livros poéticos?

b. Qual o contexto em que Amós escreveu?

c. O que é Evangelho Sinótico? Quais são os Evangelhos Sinóticos?

d. Por que Atos dos Apóstolos não pode ser visto como uma regra rígida de fé e prática?

e. O que foi “a heresia colossense”?

f. Do que trata II Timóteo?

g. Por que o Apocalipse de João tem uma gramática e um estilo diferentes do restante de seus escritos?

h. Qual a importância de estudarmos Síntese da Bíblia?

4. Revise a frase chave e o símbolo de todos os livros bíblicos estudados até esta oportunidade.

Bibliografia Básica

- BANCROF, E. H. Teologia Elementar. São Paulo, IBR, 1975.
- BERKHOF, L. Manual de Doutrina Cristã. Campinas, Luz Para o Caminho, 1985.
- BERKHOF, L. Teologia Sistemática. Campinas, Luz Para o Caminho, 1990.
- CHAFER, Lewis Sperry. Teologia Sistemática. Vol. I. São Paulo, IBR, 1986.
- CHAMPLIN, Russell Norman. O Novo Testamento Interpretado Versículo Por Versículo, 6 Vols. São Paulo, Milenium, 1983.
- DAGG, John L. Manual de Teologia. São José dos Campos, Ed. Fiel, 1989.
- ELWELL, Walter A. Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. 3 Vols. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1990.
- LANGSTON, A. B. Esboço de Teologia Sistemática. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.
- LINDSEY, Hal. Libertos Para Viver. São Paulo, Mundo Cristão, 1984.
- MUELLER, Enio R. I Pedro. São Paulo, Ed. Vida Nova e Mundo Cristão, 1988.
- THIESSEN, Henry Clarence. Palestras em Teologia Sistemática. São Paulo, IBR, 1987.
- CABRAL, J. Religiões, Seitas e Heresias. Rio de Janeiro, s/d.
- JACKSON, Paul R. A Doutrina da Igreja Local. São Paulo, IBR, 1965.
- LANDERS, John. Teologia dos Princípios Batistas. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.
- LEITE FILHO Tácito da Gama. Seitas Neopentecostais. Rio de Janeiro, JUERP, 1990.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. Seitas Orientais. Rio de Janeiro, JUERP, s/d.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. Seitas Proféticas. Rio de Janeiro, JUERP, 1985.
- LITTLE, Paul E. Saiba o Que Você Crê. São Paulo, Mundo Cristão, 1970.
- MAC ARTHUR, John F. Os Carismáticos. São Paulo, Ed. Fiel, 1981.
- MIRANDA, Siderval Vale. Teologia da Oração no Sermão do Monte. Atibaia, 1990.
- REIS, Aníbal Pereira. A Segunda Bênção. São Paulo, Caminho de Damasco, 1984.
- RYRIE, Charles Caldwell. Teologia Bíblica del Nuevo Testamento. Eua, Outreach Publications, 1983.
- SHEED, Russell P. Disciplina na Igreja. São Paulo, Ed. Vida Nova, s/d.
- STOTT, John R. W. Batismo e Plenitude do Espírito Santo. São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1986.
- THIESSEN, Henry Clarence – Palestra em Teologia Sistemática. São Paulo, IBR, 1987.
- VAN BAALER. O Caos das Seitas. São Paulo, IBR, 1977.
- WESLEY, John. Sermões Pelo Reverendo João Wesley. São Paulo, Imprensa Metodista, 1953, 54, 2 Vols.
- GUILEY, Paulo C. O Plano das Épocas. São Paulo, Missão Brasileira Messiânica, 1984.
- HOFF, Paul. O Pentateuco. São Paulo, Ed. Vida, 1983.
- LAAD, George. Apocalipse. São Paulo, Vida Nova e Mundo Cristão, 1982.
- MCCLAIN, Alva J. A Profecia das Setentas Semanas de Daniel. São Paulo, IBR, 1980.
- MEARS, Henrietta C. Estudo do Antigo Testamento. Flórida, Ed. Vida, 1982.
- MERKH, David. Síntese do Antigo Testamento. Atibaia, SBPV, 1988.
- PENTECOST, J. Dwight. Eventos Del Porvenir. Flórida, Ed. Vida, 1984.
- REIS, Aníbal Perreira. O Diabo. São Paulo, Edições Caminho de Damasco, 1976.
- REIS, Daniel. Apostila de Escatologia.
- RYRIE, Charles C. Guia Conciso da Bíblia. São Paulo, Candeia, 1989.
- SCHULTZ, Samuel J. A História de Israel no Antigo Testamento. São Paulo, Vida Nova, 1984.
- SILVA, Severino Pedro da. Escatologia. Rio de Janeiro, CPAD, 1988.
- TIDWELL, J. B. Visão Panorâmica da Bíblia. São Paulo, Vida Nova, 1985.
- FEINBERG. Os Profetas Menores. Edições Vida Nova.
- GLEASON L. ARCHER, Jr. Merece Confiança o Antigo Testamento? São Paulo, Vida Nova, 1979.
- GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento. São Paulo, Edições Vida Nova, 1981.
- HALE, Broadus David. Introdução ao Novo Testamento. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.
- MEARS, Henrietta C. Estudo Panorâmico da Bíblia. São Paulo, Ed. Vida, 1982.
- SHEDD, Russell P. Novo Dicionário da Bíblia. São Paulo, Edições Vida Nova.
- RYRIE, Charles C. Apocalipse. Barcelona, Publicações Portavoz Evangélico, 1981.
- RYRIE, Charles C. Guia Conciso da Bíblia. São Paulo, Ed. Candeia, 1984.
- TENNEY MERRIL C. O Novo Testamento. São Paulo, Edições Vida Nova, 1984.
- TADUÇÃO DE JOSÉ FERREIRA DE ALMEIDA. A Bíblia Sagrada. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1988.
- FOUKLES, Francis. Efésios. São Paulo, Vida Nova e Mundo Cristão, s/d.
- MERCK, David. Apostila de Efésios. Atibaia, SBPV, 1988.
- STOTT, John R.W. A Mensagem de Efésios. São Paulo, ABU Ed, 1986.
- KURT ALAND, MATTHEW BLACK, CARLO M. MARTINI, BRUCE M. METZGERAD. The Greek New Testament. Wast Germany, United Bible Societies, 1975.



O Comitê de Ação Social, incentiva as igrejas e seus membros a se envolverem em serviços sociais produtivos e a prática de uma Ação Social responsável. Encontra-se com suas portas abertas para servi-los e apresenta um material objetivo e especializado nas questões sociais. Esta coletânea auxiliará sua igreja a ser influência positiva nas estruturas sociais de sua comunidade, participando ativamente dos Conselhos Municipais, Conferências e debates públicos. Para que além de alcançar pessoas para Cristo, sua igreja trabalhe para a paz de sua Jerusalém, que é a sua Cidade.

acaosocial@batistas-mg.org.br

(31) 3429.2008

Adquira este material de qualidade para sua Igreja.

Proponha e promova palestra e discussões sobre estes assuntos!





Rumos é um programa da Convenção Batista Mineira, da Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora, em parceria com o Colégio Batista Mineiro e tem como finalidade apontar caminhos e aproximar a Convenção das igrejas com notícias, mensagens e informações.

Assista ao programa Rumos, exibido pela BAND aos sábados, às 8h25.



24 a 27 de julho de 2014
Primeira Igreja Batista de Acesita

Em 2014 os batistas mineiros se encontrarão em Acesita/MG
Informações:
Convenção Batista Mineira (31) 3429.2000 **CONTAMOS COM VOCÊ!**

CBTL - Centro Batista de Treinamento e Lazer

Quer desfrutar da natureza, descansar e se divertir?

O CBTL é um excelente local para você realizar piqueniques, retiros espirituais, treinamentos e congressos.

LOCALIZAÇÃO: BR 381 - KM 27,5 - após o trevo de Ravena a 150 metros - sentido Vitória, entrada a direita.

Aqui você encontra um ambiente familiar, muito verde, área de lazer com piscinas, campos e quadras.

OFERECEMOS:

- Auditório equipado com som e capacidade para 250 pessoas.
- Alojamentos coletivos com capacidade para 260 pessoas.
- Acomodações separadas para liderança.
- Amplo refeitório.
- Estacionamento.
- Na área de lazer, oferecemos:
 - 2 piscinas semi-olímpicas, 1 piscina média com toboágua, 1 piscina para crianças
 - Playground
 - Lanchonete
 - Vestiário
- Sauna.
- Quadras de futsal, voley e peteca.
- 3 campos de futebol socyte.

Entre em contato conosco e faça sua reserva.

(31) 3672.3317

(31) 8689-1733

(31) 9119-7904

(31) 3429.2000

Fale com Vilmar

Site: www.batistas-mg.org.br

E-mail: cbtl@batistas-mg.org.br - cbmg@batistas-mg.org.br

 **BATISTAS**
DO ESTADO DE MINAS GERAIS

CRESCIMENTO CRISTÃO

O Comitê do Programa para o Crescimento Cristão tem como visão sensibilizar e capacitar as igrejas para promover a valorização integral da pessoa, transformação de vidas e consequentemente da sociedade, cumprindo assim a missão da igreja que é: para Deus, para o mundo e para si mesma.

Assim o comitê trabalha em parceria com:

- **Associação dos músicos**
Adoração - Missão para Deus
- **Associação dos Educadores Cristãos**
Mordomia, EBD, Ministério Infantil, Família e comunhão - Missão para si mesma.
- **Intercessão e Discipulado**
Missão para o mundo

Literatura de apoio:



crescimentocristao@batistas-mg.org.br

(31) 3429.2006

www.batistas-mg.org.br

**Batistas
Mineiros**
na internet

Entre
que a casa
também é sua